

DA AUTORA BEST-SELLER DE *P.S. EU TE AMO* E *SIMPLESMENTE ACONTECE*

CECELIA AHERN

O Ano em que Te Conheci

Uma grande amizade pode ser encontrada
nos lugares mais inesperados





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Inverno](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Primavera](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Verão](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Outono](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Conheça outros sucessos de CECELIA AHERN](#)

[P. S. Eu te Amo](#)

[A Vez da Minha Vida](#)

[O Livro do Amanhã](#)

[O Presente](#)

[Simplesmente Acontece](#)

[A Lista](#)

[Como se Apaixonar](#)

[Notas](#)

Para minha amiga Lucy Stack.

Bem quando a lagarta achou que o mundo tinha acabado, transformou-se em borboleta...

“Nossa maior glória não reside no fato de jamais cairmos, mas sim em nos levantarmos após cada queda.”

Confúcio

Inverno

A estação entre o outono e a primavera, que no Hemisfério Norte compreende os meses mais frios do ano: dezembro, janeiro e fevereiro.

Um período de inatividade ou declínio.

Capítulo 1

Eu tinha cinco anos quando soube que ia morrer.

Até então, eu não tinha pensado que não viveria para sempre; e por que pensaria? O tópico da minha morte nunca fora mencionado casualmente.

Meu conhecimento sobre a morte não era fraco; peixes dourados morriam, eu aprendi por experiência própria. Eles morriam se você não os alimentasse, e também morriam se você desse comida de mais para eles. Cachorros morriam ao passarem correndo na frente de carros em movimento, ratos morriam quando eram tentados por biscoitos de chocolate na ratoeira no nosso lavabo sob a escada, coelhos morriam ao escaparem de suas jaulas e se tornarem presa de raposas malvadas. Descobrir essas mortes não me causou nenhum alarme pessoal; mesmo aos cinco anos eu sabia que eles eram bichos fofinhos que faziam besteira, coisas que eu não tinha a menor intenção de fazer.

Então fiquei muito perturbada ao descobrir que a morte também poderia me encontrar.

De acordo com minha fonte, se eu tivesse “sorte”, minha morte aconteceria da mesma forma que a do meu avô. Velho. Cheirando a fumaça de cachimbo e peidos, com bolas de lenço de papel grudadas na barba por fazer acima do lábio superior de tanto assoar o nariz. Linhas pretas de sujeira sob as pontas das unhas de tanto mexer no jardim; olhos se amarelando nos cantos, me fazendo lembrar da bolinha de gude da coleção de meu tio que minha irmã tinha a mania de chupar e engolir, fazendo com que meu pai viesse correndo para lançar os braços ao redor da barriga dela e apertá-la até que ela cuspsse a bolinha de gude de volta. Velho. Com calças marrons esticadas para cima da cintura, parando apenas no seu peito flácido e parecido com seios de mulher, revelando uma pança mole e testículos apertados de um lado do cavalo da calça. Velho. Não, eu não queria morrer como meu avô tinha morrido, mas morrer velho, minha fonte revelou, era a melhor alternativa.

Eu aprendi sobre minha morte iminente por intermédio de Kevin, meu primo mais velho, no dia do enterro do vovô, enquanto estávamos sentados na grama no fundo de seu quintal comprido com copos de plástico de limonada vermelha nas mãos e o mais longe possível de nossos pais de luto, que pareciam mais besouros-do-esterco naquele que foi o dia mais quente do ano. A grama estava coberta de dentes-de-leão e margaridas e muito mais comprida que o normal, já que a doença do vovô não havia permitido que ele arrumasse o jardim em suas últimas semanas de vida. Eu lembro que estava triste por ele, e queria defendê-lo também, já que, de todos os dias para exibir seu belo jardim a seus vizinhos e amigos, justo nesse dia as plantas não estavam a perfeição à qual ele sempre aspirou. Ele não teria se importado em não ter comparecido — ele não gostava muito de conversar —, mas pelo menos teria se importado com a apresentação do quintal, e então desaparecido para ouvir os elogios de longe, longe de todos, talvez no andar de cima da casa por uma janela aberta. Ele fingiria nem se importar, mas se importava, sim, um sorriso satisfeito no rosto para combinar com os joelhos manchados de verde da grama e as unhas preteadas. Alguém, uma velha senhora com um rosário de contas enroscado com força ao redor dos nós dos dedos, disse que sentiu a presença dele

no jardim, mas eu não senti. Eu tinha certeza de que ele não estava lá. Ele ficaria tão irritado com a aparência do jardim que não teria aguentado ficar por ali.

Minha avó pontuava o silêncio com frases como “Os girassóis dele estão em flor, Deus abençoe sua alma”, e “Ele nem conseguiu ver as petúnias florescendo”. Ao que meu primo espertinho Kevin disse:

— É, o corpo dele agora virou adubo.

Todo mundo segurou um sorrisinho; todo mundo sempre ria com as coisas que Kevin dizia porque Kevin era legal, porque Kevin era o mais velho, cinco anos mais velho que eu e que, no alto de seus dez anos, dizia coisas cruéis e malvadas que ninguém mais se atreveria a dizer. Mesmo se a gente não achasse engraçado, o negócio era dar risada porque, se não ríssemos, ele rapidamente nos transformaria em objeto de sua crueldade, e foi isso que ele fez comigo naquele dia. Naquela rara ocasião, eu não achei engraçado que o corpo morto do vovô estivesse debaixo da terra e ajudando as petúnias a crescerem, nem achei cruel. Eu enxerguei certa beleza naquilo. E uma plenitude e justiça adoráveis também. Era *exatamente* o que meu avô teria adorado, agora que seus dedos grossos como linguças não podiam mais contribuir para o florescer em seu jardim comprido e bonito e que era o centro de seu universo.

Foi o amor do meu avô pela jardinagem que inspirou a escolha do meu nome: Jasmine. Foi isso que ele levou para minha mãe no hospital quando nasci: um buquê de flores que tinha arrancado da moldura de madeira que ele mesmo havia construído e pintado de vermelho e que adornava a parede assombreada dos fundos, embrulhado em jornal e amarrado com um barbante marrom, a tinta da cruzadinha do *Irish Times* escorrendo com a água da chuva que havia ficado na haste das flores. Não era o jasmim de verão que todos conhecemos das velas perfumadas e caras e vaporizadores chiques de ambiente; eu nasci no inverno, e então o pequeno jasmim, com suas flores pequenas e amarelas como estrelas, estava em abundância no jardim dele para ajudar a iluminar o inverno sem graça. Acho que meu avô nem pensou no significado da flor, nem sei se ele se sentiu particularmente honrado com a homenagem de minha mãe em me dar o nome da flor que ele havia trazido. Eu acho que, para ele, era um nome estranho para dar a uma criança, um nome criado apenas para coisas naturais no jardim, e jamais para uma pessoa. Com um nome como Adalbert, em homenagem a um santo que fora missionário na Irlanda, e com Mary como nome do meio, ele não estava acostumado a nomes que não vinham da Bíblia. No inverno anterior, ele havia comprado urzes violáceas para minha mãe quando minha irmã nasceu e ela ganhou o nome de Heather^[1]. Um presente simples quando minha irmã nasceu, mas que me fez pensar nas intenções dele a respeito do meu nome. Ao pesquisar, descobri que o jasmim de inverno é um parente direto da urze que floresce no inverno — mais uma provedora de cores para os jardins de inverno. Não sei se é por causa dele ou do jeito que ele era, mas sempre acreditei esperançosamente que as pessoas quietas tivessem uma mágica e um conhecimento que pessoas menos contidas não têm; que o fato de *não* dizerem alguma coisa significa que pensamentos mais importantes estão passando pela cabeça delas. Talvez aquela simplicidade aparente contivesse um mosaico escondido de pensamentos fantásticos e, entre eles, meu avô Adalbert querendo que eu me chamasse Jasmine.

De volta ao jardim, Kevin interpretou erroneamente minha falta de riso à sua piada sobre a morte como reprovação, e não havia nada que ele odiasse ou temesse mais, então ele voltou seu olhar

selvagem em minha direção e disse:

— Você também vai morrer, Jasmine.

Sentada em um círculo de seis, eu, a mais nova do grupo, com minha irmã girando sozinha a alguns metros de distância e adorando ficar tonta e cair no chão, uma correntinha feita de margaridas presa ao redor do meu tornozelo, e um nó tão grande na garganta que eu não sabia se tinha engolido uma das abelhas gigantes enxameadas ao redor do bufê de flores ao nosso lado, tentei compreender o fato de meu futuro falecimento. Os outros ficaram chocados com o fato de ele ter dito aquilo, mas, em vez de me defenderem e negarem aquela declaração que mais parecia uma premonição, eles me lançaram um olhar triste e assentiram com a cabeça. “Sim, é verdade”, todos concordaram com aquele único olhar. “Você vai morrer, Jasmine.”

Em meu longo silêncio, Kevin traçou um plano ainda mais terrível para mim, enfiando a faca ainda mais fundo. Eu não apenas morreria, mas, antes disso, eu teria uma coisa chamada menstruação todo mês pelo resto da minha vida, o que causaria dor e agonia excruciantes. Então, aprendi como os bebês eram feitos, em uma descrição tão aprofundada que achei tão horrível a ponto de mal olhar meus pais nos olhos por uma semana e, então, para jogar sal em minha ferida aberta, fiquei sabendo que o Papai Noel não existia.

Você tenta esquecer coisas como essa, mas eu não consigo.

E por que estou falando desse episódio da minha vida? Bom, foi ali que *eu* comecei. Onde eu, como eu me conheço, como todo mundo me conhece, fui formada. Minha vida começou quando eu tinha cinco anos. Saber que eu ia morrer instilou algo em mim que ainda carrego comigo até hoje: a consciência de que, apesar de o tempo ser infinito, o *meu* tempo era finito, o *meu* tempo estava acabando. Eu percebi que minha hora e a de outra pessoa não eram a mesma coisa. Não podemos passar essa hora da mesma maneira, nem podemos pensar sobre ela do mesmo jeito. Faça o que quiser com a sua, mas não me arraste junto; não tenho tempo a perder. Se quiser fazer alguma coisa, você tem de fazer isso agora. Se quiser dizer alguma coisa, então precisa dizer agora. E, principalmente, tem de fazer você mesmo. A vida é *sua*, é você quem vai morrer, é você quem vai perder. Então me acostumei a levar as coisas à frente, a fazer acontecer. Eu trabalhava a um ritmo que muitas vezes me deixava sem fôlego, e mal tinha um momento para me reagrupar comigo mesma. Corria bastante atrás de mim, mas raramente me alcançava; eu era rápida.

Levei um monte de coisas comigo daquela reunião na grama daquela noite, e não apenas as margaridas que pendiam dos meus pulsos e tornozelos e que foram entrelaçadas em meus cabelos enquanto seguíamos as pessoas de luto queimadas do sol que se dispersavam na volta para casa. Eu estava com o coração cheio de medo, mas não muito tempo depois, da maneira que apenas uma criança de cinco anos poderia processar tudo isso, o medo foi embora. Eu sempre pensei na morte como meu avô Adalbert Mary sob a terra, ainda cuidando do jardim mesmo sem estar ali, e senti esperança.

Você colhe aquilo que planta, mesmo na morte. E então eu comecei a plantar.

Capítulo 2

Fui desligada do trabalho, eu fui demitida, seis semanas antes do Natal — o que, em minha opinião, é uma época muito indigna para se livrar de alguém. Eles tinham contratado uma mulher para me demitir por eles, uma dessas agências terceirizadas treinadas em demitir funcionários de maneira adequada, para evitar um escândalo, um processo ou sua própria vergonha. Ela tinha me levado para almoçar em um lugar tranquilo, me deixou pedir uma salada Caesar e pediu só um cafezinho preto, e então ficou sentada ali praticamente me assistindo engasgar com um *croûton* enquanto ela me informava a respeito de minha nova situação empregatícia. Eu acho que Larry sabia que eu não aceitaria a notícia dele, nem de ninguém, e que eu tentaria convencê-lo a mudar de ideia, que eu daria um tapa com luva de pelica nele com um processo ou simplesmente um tapa na cara dele. Ele tentaria me deixar morrer com honra, exceto pelo fato de eu não ter sentido muita honra ao ir embora. Ser demitida é um negócio público, eu teria de *contar* para os outros. E, se eu não tivesse de contar para os outros, é porque eles já sabiam. Morri de vergonha.

Comecei minha vida profissional como contadora. Em meus tenros vinte e quatro anos comecei a trabalhar para a Trent & Bogle, uma grande empresa onde fiquei por um ano, e então mudei de repente para a Start It Up, onde forneci aconselhamento e orientação financeira a indivíduos que queriam começar os próprios negócios. Com a maioria deles, eu havia aprendido que há sempre dois lados para cada história: a versão pública e a verdade. A história que conto para os outros é que dezoito meses depois eu larguei o trabalho para começar meu próprio negócio. Me senti tão inspirada pelas pessoas que passavam pelo meu escritório que o desejo de transformar minhas próprias ideias em realidade foi mais forte. A verdade é que fiquei irritada em ver as pessoas fazendo tudo do jeito errado, com minha busca por eficiência como força motriz, e então decidi começar meu próprio negócio. Eu me tornei tão bem-sucedida que alguém se ofereceu para comprá-lo. E então eu o vendi. E então montei outro negócio e o vendi de novo. Não demorei muito para desenvolver minha próxima ideia. Na terceira vez, eu nem tive tempo suficiente para desenvolver a ideia porque alguém adorou o conceito, ou odiou o fato de eu poder me tornar uma forte rival para o dele, e comprou a ideia de cara. Isso me levou a uma relação de negócios com Larry, na startup mais recente e o único emprego do qual eu havia sido demitida na vida. O conceito do negócio não era minha ideia inicial, e sim do Larry, nós desenvolvemos a ideia juntos, eu fui cofundadora e cuidei daquele bebê como se tivesse saído do meu próprio útero. Eu o ajudei a crescer. Eu o vi amadurecer, desenvolver-se muito além de nossos sonhos mais malucos, e então me preparei para o momento em que iríamos vendê-lo. Mas isso não aconteceu. Fui demitida.

O nome do negócio era Fábrica de Ideias; nós ajudávamos organizações a desenvolver as próprias grandes ideias. Mas *não* éramos uma empresa de consultoria. Nós pegávamos as ideias deles e as melhorávamos ou criávamos nossas próprias ideias, que então eram desenvolvidas, implementadas e monitoradas até o fim. A grande ideia podia ser o *Daily Fix*, um jornal para um café local com matérias da região, uma publicação que apoiava os negócios, escritores e artistas locais, ou a decisão de um sex shop vender sorvete — o que, como minha ideia, foi um sucesso estrondoso, tanto

pessoal quanto profissional. Nós não penamos durante a recessão, mas voamos alto. Pois se havia uma coisa que as empresas precisavam para se manter funcionando naquele clima era imaginação. Nós vendíamos nossa imaginação, e eu adorava aquilo.

Enquanto analiso o que aconteceu agora, em meus dias ociosos, posso ver que meu relacionamento com Larry tinha começado a ruir algum tempo atrás. Eu estava encaminhando, talvez às escuras, para a rota de vender a empresa, como já tinha feito três vezes, enquanto ele ainda planejava ficar com ela. Agora vejo que foi um grande erro. Acho que insisti demais, e até encontrei compradores interessados quando eu sabia que, lá no fundo, ele não tinha interesse em vender, e o coloquei sob pressão demais. Ele acreditava que “monitorar até o fim” significava manter a empresa crescendo, enquanto eu acreditava que isso queria dizer “vender o negócio e começar de novo com outra coisa”. Eu criava o negócio com uma visão de, um dia, me despedir, ele criava o negócio para mantê-lo. Se você visse como ele é com a mulher e a filha adolescente, saberia que essa era a filosofia dele para quase tudo. Segura aí, não larga, é meu. O controle não deve ser entregue a ninguém. Fazer o quê?

Tenho trinta e três anos e trabalhei lá por quatro anos. Nunca tirei sequer um dia de folga por ficar doente, nunca tive uma reclamação, nem uma acusação, nem recebi um aviso, nem mesmo tive um *affaire* inapropriado — pelo menos nenhum com resultado negativo para a empresa. Eu me doeie totalmente ao meu emprego, e notavelmente para meu próprio bem, porque era o que eu queria fazer, mas esperava que a máquina para a qual eu trabalhava pudesse me dar algo em troca, para honrar minha honra. Minha crença anterior de que ser demitida não era algo pessoal, baseava-se no fato de nunca ter sido demitida antes, mas ter demitido outras pessoas. Agora eu entendo que é pessoal, sim, porque meu emprego era minha vida. Meus amigos e colegas têm me dado um apoio incrível de certa maneira, o que me faz pensar que, se um dia eu tiver câncer, quero tratar da doença sozinha e sem que ninguém saiba. Eles me fazem sentir como uma vítima. Eles olham para mim como se eu fosse a próxima pessoa a embarcar em um avião para a Austrália para me tornar a próxima pessoa superqualificada para trabalhar em uma plantação de melancias. Mal se passaram dois meses e já estou questionando meu valor. Não tenho utilidade, nem nada para contribuir no dia a dia. Eu me sinto como se estivesse apenas me aproveitando do mundo. Eu sei que a situação é temporária, que posso interpretar meu papel de novo, mas é assim que me sinto no momento. O principal é que já faz quase dois meses e estou entediada. Eu sou daquelas que fazem e acontecem, e eu não tenho feito muita coisa.

Todas as coisas que eu sonhava fazer nos meus dias ocupados e estressados já foram feitas. Eu completei a maioria delas no primeiro mês. Fiz reservas para férias em um lugar ensolarado pouco antes do Natal e agora estou bronzeada e com frio. Encontrei minhas amigas, que agora são todas mães em licença-maternidade e licença-maternidade prorrogada e licença-não-sei-se-volto-um-dia, para tomar um café em uma hora do dia na qual eu nunca tinha tomado café em público. Parecia que eu estava matando aula, foi maravilhoso — pelo menos nas primeiras vezes. Então passou a ser menos maravilhoso, e voltei minha atenção àqueles que serviam café, limpavam as mesas, estocavam os *paninis*. Trabalhadores. Todos trabalhando. Eu me aproximei dos bebês fofinhos das minhas amigas, apesar de a maioria deles passar a maior parte do tempo deitados em tapetinhos coloridos que apitam e fazem outros barulhos se você pisa neles sem querer, enquanto os bebês não fazem muito mais além de erguer as perninhas gordas, segurar os dedos dos pés e rolar para os lados, esforçando-se para voltar à posição original. É divertido assistir nas primeiras dez vezes.

Recebi dois convites para ser madrinha em sete semanas, como se isso fosse ajudar a ocupar a mente da amiga que não está ocupada. Ambos os pedidos foram pensados com carinho e gentis, e fiquei emocionada, mas, se eu estivesse trabalhando, elas não teriam me convidado porque eu não as teria visitado tantas vezes, nem conhecido seus filhos, e tudo afinal remete ao fato de eu estar desempregada. Agora eu sou a moça para quem as amigas ligam quando estão tendo um ataque de nervos, com o cabelo oleoso e grudado na cabeça, fedendo a suor e vômito de bebê, quando me dizem ao telefone em uma voz sussurrada que me dá arrepios que estão com medo do que são capazes de fazer, e então saio correndo para segurar o bebê enquanto elas tomam um banho de dez minutos. Já aprendi que um banho de dez minutos e a dádiva de ir ao banheiro sem um cronômetro recupera muito mais os pais de primeira viagem que a simples higiene pessoal.

Ligo para minha irmã espontaneamente, algo que nunca pude fazer antes. Isso a tem deixado muito confusa, e, quando estamos juntas, ela pergunta sem parar que horas são, como se eu tivesse atrapalhado o relógio biológico dela. Fiz minhas compras de Natal com tempo de sobra. Comprei cartões de Natal de verdade e os coloquei no correio ainda em tempo — todos os duzentos cartões. Eu até me encarreguei da lista de compras do meu pai. Sou ultraeficiente, sempre fui. É claro que consigo ficar sem fazer nada — eu adoro duas semanas de férias, adoro deitar na praia e não fazer nada —, mas só quando a decisão é minha, nos meus termos, quando sei que há algo à minha espera depois. Depois desse fim de ano preciso de uma meta. Preciso de um objetivo. Preciso de um desafio. Preciso de um propósito. Preciso contribuir. Preciso fazer alguma coisa.

Eu adorava meu emprego, mas, para me fazer sentir melhor por não poder mais trabalhar lá, tento me concentrar naquilo de que não vou sentir falta.

Sempre trabalhei com homens na maior parte do tempo. A maioria deles era um saco, outros até que eram divertidos, e poucos se mostraram agradáveis. Eu não gostava de passar muito tempo com eles fora do trabalho, o que pode fazer com que minha próxima frase pareça não fazer sentido, mas faz. De uma equipe de dez, eu dormi com três deles. Dos três, me arrependo de ter dormido com dois; o único do qual não me arrependo se arrepende profundamente de ter dormido comigo. Que infelicidade!

Não vou sentir falta do pessoal do trabalho. As pessoas são a coisa que mais me irrita na vida. Fico irritada porque tantas não têm o mínimo senso comum, porque suas opiniões podem ser tão atrasadas e tendenciosas, e tão completamente frustrantes, equivocadas, mal informadas e perigosas que não consigo nem mesmo ouvi-las. Eu não sou irritada assim para tudo. Até gosto de piadas não politicamente corretas em ambientes controlados na situação adequada, e quando fica na cara que a piada tira uma da cara do ignorante que diria coisas como essas. Quando o final de uma piada é contado por alguém que realmente acredita naquilo como a verdade, não é engraçado, é ofensivo. Eu não gosto de um bom debate sobre aquilo que supostamente é certo ou errado; eu preferiria que alguém simplesmente nascesse sabendo o que é certo ou errado. Um teste do pezinho e uma vacina de senso comum.

Não ter um emprego me forçou a encarar aquilo que mais odeio no mundo e em mim. No trabalho eu podia me esconder e me distrair. Sem um emprego, tenho de encarar as coisas, pensar nas coisas, questionar as coisas, encontrar uma maneira de realmente lidar com as coisas que venho evitando há um bom tempo. Isso inclui o bairro para onde me mudei há quatro anos e com o qual não tenho nada a

ver até agora.

Isso também inclui aquilo que acontece à noite: não sei se, de alguma forma, eu conseguia ignorar isso antes, ou se ficou mais intenso, ou se minha falta do que fazer me levou a ficar mais fascinada e quase obcecada por isso. Mas são dez da noite e estou a algumas horas de minha distração noturna.

É véspera de Ano-Novo. Pela primeira vez na vida, estou sozinha. Escolhi fazer isso por alguns motivos: em primeiro lugar, o tempo está tão horrível que não conseguiria me forçar a sair depois de ser quase decapitada pela porta ao abri-la para pegar minha entrega de comida tailandesa do homem corajoso que enfrentou os elementos da natureza para trazer minha comida. Os chips de camarão tinham praticamente se dissolvido e ele havia derramado o molho dos meus bolinhos no fundo da sacola, mas não tive coragem de reclamar. O olhar longo e desamparado dele que atravessou a porta e foi encarar a segurança e o calor de minha casa impediu que eu mencionasse o estado da entrega.

Lá fora o vento uiva com tanta força que fico pensando se vai arrancar o telhado. O portão do jardim do meu vizinho ao lado bate sem parar e não sei se devo ir lá fora fechá-lo, mas isso envolveria ser levada pelo vento como as lixeiras com rodinhas batendo uma contra a outra na passagem lateral. É o tempo mais tempestuoso que este país — a Irlanda — já viu desde sempre. Está acontecendo a mesma coisa no Reino Unido e os Estados Unidos estão sofrendo também. Faz quarenta graus negativos no Kansas, as Cataratas do Niágara estão congeladas, Nova York foi atacada por uma corrente de ar densa e gelada conhecida como vórtice polar, e há trailers aterrissando nos topos dos morros em Kerry, ovelhas antes com as patas bem presas ao chão nas faces de penhascos íngremes estão sendo desafiadas e derrotadas, deitadas ao lado de focas trazidas pelo mar no litoral. Há alertas de enchentes, residentes de áreas costeiras foram aconselhados a ficar dentro de casa por repórteres encharcados e miseráveis, os lábios azuis ao vivo ao lado do mar. A rua que me leva para a maior parte dos lugares aonde preciso ir está inundada há dois dias. Bem na época em que eu quero e *preciso* me ocupar, a Mãe Natureza está me deixando ainda mais lerda. Eu sei o que ela está fazendo: ela está tentando me fazer pensar, e está ganhando essa parada. É por isso que agora todos os pensamentos a meu respeito começam com “Talvez...”, porque agora estou tendo de pensar em mim de maneiras que nunca tinha feito antes, e não sei se estou certa ao pensar sobre certas coisas.

O latido do cachorro do outro lado da rua é quase inaudível por sobre o vento, e acho que o dr. Jameson se esqueceu de colocá-lo para dentro de casa de novo. Ele está ficando cada vez mais distraído, ou está de mal do cachorro. Não sei o nome dele, mas é um Jack Russell. Às vezes vejo o cachorro correndo em meu jardim; às vezes ele faz cocô; algumas vezes ele resolveu entrar em minha casa, e tive de persegui-lo e entregá-lo de volta para o cavalheiro honroso do outro lado da rua. Eu o chamo de cavalheiro honroso porque ele é um homem excelente em seus setenta anos, clínico geral aposentado e, para se divertir, foi o presidente de todo clube possível: xadrez, bridge, golfe, críquete e agora da empresa de administração do nosso bairro, que se encarrega de máquinas de soprar folhas, reposição de lâmpadas nos postes de luz, vigilância da vizinhança e por aí vai. Ele está sempre elegante, as calças perfeitamente passadas, e camisas com suéteres com gola V, sapatos engraxados e cabelo arrumado. Ele fala comigo como se estivesse lançando as frases por sobre minha cabeça, o queixo erguido e narinas expostas, como um ator de teatro amador, mas nunca é descaradamente rude, o que não me dá motivo para reagir de maneira rude também, apenas distante.

Distância é tudo o que posso dar a alguém que não consigo compreender. Eu nem sabia até um mês atrás que o dr. Jameson tinha um cachorro, mas agora parece que eu sei até demais sobre meus vizinhos. Quanto mais o cachorro late por sobre o vento, mais eu me preocupo e fico pensando se o dr. Jameson caiu no chão, ou foi levado pelo vento para o quintal de alguém como os trampolins que pulam de um quintal para o outro durante as tempestades. Ouvi falar de uma menininha que acordou e viu um balanço e um escorregador no quintal, do nada; ela achou que o Papai Noel tivesse vindo de novo, mas, na verdade, os brinquedos tinham vindo de cinco casas de distância na mesma rua.

Não consigo ouvir a festa na rua, mas posso vê-la. O sr. e a sra. Murphy estão tendo seu arrasta-pé de Ano-Novo com a família. Sempre começa e termina com músicas irlandesas tradicionais e o sr. Murphy toca o *bodhrán*^[2] e a sra. Murphy canta com tamanha tristeza que mais parece estar sentada bem no meio de uma plantação de batatas pretas de tão podres. O restante de seus convidados se junta à cantoria como se estivessem pendendo de um lado para o outro a bordo de um navio da Grande Fome Irlandesa da Batata em águas tempestuosas a caminho das Américas. Não estou triste porque o vento está levando as vozes deles em outra direção. No entanto, estou ouvindo uma festa que não consigo ver, provavelmente a algumas ruas de distância; algumas palavras ouvidas daqueles malucos o bastante para fumar lá fora chegam pela minha chaminé, junto com um ritmo distante de música de festa antes de ser levado para longe de novo, sons e folhas circulando em um frenesi violento à porta da minha casa.

Fui convidada para três festas, mas não consegui pensar em nada pior do que ir de uma a outra, tentando encontrar táxis na véspera de Ano-Novo e nesse tempo, me sentindo assim. Além disso, a programação de TV é supostamente ótima na véspera de Ano-Novo e, pela primeira vez na vida, quero assistir-lhe. Eu me enroscro ainda mais no cobertor de casimira, tomo um gole de vinho tinto, me sentindo satisfeita com a decisão de ficar sozinha, pensando nas pessoas lá fora, nessa loucura. O vento uiva de novo e pego o controle remoto para aumentar o volume, mas, assim que faço isso, toda luz na casa, incluindo a televisão, se desliga. Mergulho na escuridão e o alarme da casa toca sem parar, com raiva.

Uma rápida olhada pela janela me mostra que a rua inteira está sem eletricidade. Mas, ao contrário das outras pessoas, nem cogito em acender velas. É mais uma razão para tatear pelas escadas e ir para a cama poucos minutos depois das dez. A ironia de estar sem eletricidade não passa despercebida. Assisto ao programa de véspera de Ano-Novo em meu iPad até a bateria acabar, e então fico escutando o iPod, que mostra uma bateria vermelha ameaçadoramente baixa e que acaba tão rápido que mal consigo aproveitar as músicas. Então apelo para o laptop, e, quando ele morre também, fico com vontade de chorar.

Ouçoo um carro na rua e sei que é hora de entrar em ação. Pulo da cama e abro as cortinas com tudo. A rua inteira está sem luz, vejo o lumiar das velas em algumas casas, mas a maioria está na escuridão; a maior parte dos meus vizinhos tem mais de setenta anos e está dormindo. Tenho certeza de que não posso ser vista porque minha casa também está às escuras; posso ficar de pé à janela com as cortinas abertas e assistir à vontade ao espetáculo que sei que está prestes a começar.

Eu olho lá para fora. E vejo você.

Capítulo 3

Não sou um stalker, mas é que você também torna muito difícil não ficar à sua espreita. Você é um ato circense completo e não consigo resistir em ser seu público. A gente mora um de frente para o outro, do outro lado da rua, nessa rua suburbana sem saída em Sutton, no norte de Dublin, que foi construído nos anos 1970 inspirado em um subúrbio americano. Temos grandes jardins à frente da casa, sem muitas nem cercas vivas para separar a calçada dos nossos jardins, sem portões, nada que impeça uma pessoa de andar diretamente até uma das nossas janelas da frente. Os jardins da frente são maiores que os quintais, e assim a rua inteira tem orgulho em manter o jardim da frente, cada um deles podado, tratado, adubado e regado a cada polegada. Todo mundo em nossa rua, a não ser os ocupantes da sua casa e da minha, é aposentado. Eles passam horas intermináveis nos jardins e, como estão sempre lá fora, na frente, todo mundo sabe quem sai e quem chega e a que horas. Mas não eu. Nem você. Não somos jardineiros, nem aposentados. Você provavelmente tem uns dez anos a mais que eu, mas juntos baixamos a média de idade da rua em uns trinta anos. Você tem três filhos, não sei quantos anos eles têm, mas acho que um é adolescente e os outros dois têm menos de dez anos.

Você não é um bom pai; nunca vejo você com eles.

Você sempre morou de frente para mim, do outro lado da rua, desde que me mudei para cá, e você sempre me incomodou de uma maneira tão intensa, mas ir trabalhar todos os dias e tudo o que aquilo implicava — distração e saber que há coisas mais importantes no mundo — me impediam de me importar, de reclamar e de ir marchando até sua casa e quebrar todas as luzes.

Eu me sinto como se estivesse vivendo em um aquário de peixe dourado e tudo o que posso ver e ouvir de cada janela da minha casa é você. Você, você, você. Então, às duas e meia da manhã, o que é até um horário bem respeitável para você voltar para casa, eu me vejo com os cotovelos sobre o peitoril da janela, o queixo sobre a mão, só esperando sua próxima pisada de bola. Eu sei que vai ser uma boa esta noite porque é véspera de Ano-Novo e você é Matt Marshall, locutor na maior estação de rádio da Irlanda e, apesar de não querer, escutei seu programa esta noite no meu celular antes de ele morrer também. Foi incômodo, nojento, repulsivo, intragável, abominável, sórdido e horrendo como os outros. Seu talk show *O Trombone de Matt Marshall*, que vai ao ar das onze da noite à uma da manhã, recebe o maior número de ligações de ouvintes de qualquer programa no rádio irlandês. Você está no comando de talk shows tarde da noite há dez anos. Eu não sabia que você morava nesta rua quando me mudei, mas, quando ouvi sua voz atravessar a rua um dia, soube na hora que era você. E todo mundo sabe quando ouve sua voz, e na maioria das vezes as pessoas ficam animadas, mas eu senti repulsa.

Você é tudo o que não gosto nas pessoas. Seus pontos de vista, suas opiniões, suas discussões que não fazem nada para consertar o problema que você finge querer consertar e na verdade só provocam ataques raivosos e comportamentos de gente baixa. Você fornece um ponto de encontro para que o ódio e o racismo ganhem voz, mas apresenta isso como liberdade de expressão. É por isso que não gosto de você; e, por razões pessoais, eu o abomino. Vou falar sobre elas mais tarde.

Você chega de carro, como sempre, a sessenta quilômetros por hora na nossa rua tão quieta quanto um asilo. Você comprou sua casa de um casal velhinho que queria morar em um lugar menor e mais fácil de cuidar, eu comprei a minha de uma viúva que morreu — ou pelo menos dos filhos dela, que estavam aproveitando o dinheiro. Eu me dei bem, e comprei a casa quando os preços ainda estavam baixos, quando as pessoas estavam aceitando o que podiam, antes de tudo aumentar de novo, e não vejo a hora de me livrar da hipoteca, uma ambição que tenho desde os cinco anos, querer que tudo o que é meu seja meu de verdade, e não à mercê dos outros e seus erros. Ambas as nossas casas pareciam um episódio de *The Good Life*^[3] e nós dois tivemos muito trabalho a fazer e fomos obrigados a brigar com a administradora que nos acusou de arruinar a aparência do local. Nós conseguimos entrar em um acordo. Nossas casas parecem *The Good Life* por fora; por dentro, reformamos tudo. Eu, no entanto, quebrei uma regra com meu jardim da frente, e ainda estou pagando por isso. Mais sobre isso mais tarde.

Você estaciona perigosamente perto da porta da garagem, como sempre, e sai do carro, deixando as chaves na ignição, o rádio no último volume e o motor ligado. Não sei se você esqueceu ou se não vai ficar muito tempo. Os faróis do carro estão ligados e são a única luz na rua; eles deixam a atmosfera ainda mais dramática, quase como se os holofotes estivessem sobre você. Apesar do vento, que diminuiu um pouco, consigo ouvir cada palavra da música do Guns N' Roses. É *Paradise City*; 1988 deve ter sido um bom ano para você. Eu tinha oito anos, você devia ter uns dezoito, e aposto que usava as camisetas deles e tinha o logotipo deles na mochila da escola; aposto que você escrevia o nome deles na sua agenda e ia ao The Grove^[4] e fumava e dançava a noite inteira e berrava cada palavra das músicas deles para o céu noturno. Você devia se sentir livre e feliz naquela época, porque toca bastante Guns e sempre quando está indo para casa.

Vejo uma luz se acender no quarto do dr. Jameson; deve ser uma lanterna porque não para de se mexer, como se a pessoa que a segura estivesse desorientada. O cachorro está latindo como louco e fico pensando se ele vai deixar o cão entrar antes que uma menininha acorde pela manhã e veja que o Papai Noel deixou um Jack Russell tonto em seu quintal. Vejo a lanterna se movendo pelos quartos no andar de cima. Aparentemente, o dr. Jameson gosta de estar no controle das coisas. Fiquei sabendo disso com meu vizinho aqui ao lado, o sr. Malone, que veio até minha porta para me dizer que o caminhão de lixo estava a caminho e que ele tinha notado que eu havia me esquecido de deixar minhas latas de lixo para fora. Acho que o sr. Malone e o dr. Jameson estão em desacordo sobre quem deveria estar à frente da administradora. Eu tinha me esquecido de levar as latas de lixo para fora porque, sem estar no trabalho, acabo confundindo os dias, mas fiquei irritada com a visita dele. Sete semanas depois, aquilo não me incomodaria mais. Acho útil. Naquela época, tudo o que era útil e próprio de uma boa vizinhança me incomodava. Eu não tinha espírito comunitário nenhum. E não é porque dei as costas a essas coisas, mas porque estava ocupada demais. Eu não sabia que isso existia, e então não precisava disso.

Você tenta a maçaneta da porta da frente e parece chocado e abismado com o fato de não estar destrancada para você ou algum bandido mascarado entrar livremente em sua casa. Você aperta a campainha. Isso nunca começa de maneira educada, é sempre rude, ofensivo. O número de vezes que você aperta a campainha, a quantidade de tempo que seu dedo fica ali, como se a campainha fosse uma metralhadora. Sua mulher nunca atende de cara. Nem seus filhos; fico imaginando se agora eles

nem acordam porque estão tão acostumados com isso, ou se ela está lá com eles, todos reunidos em um único quarto enquanto as crianças choram, dizendo umas às outras para ignorar os barulhos assustadores à porta. De qualquer maneira, ninguém aparece. E então você bate à porta. Você gosta de bater, e passa várias noites fazendo isso, aliviando sua raiva e sua tensão. Você dá a volta ao redor da casa inteira, batendo e socando cada janela que consegue alcançar. Você provoca sua mulher com uma voz cantada: “Eu sei que você está aí”, como se ela estivesse fingindo que não está. Eu não acho que ela esteja fingindo, eu acho que ela está deixando tudo bem claro. Fico pensando se ela está dormindo ou bem acordada e rezando para você ir embora. Eu acho que é a segunda opção.

E então você começa a berrar. Eu sei que ela odeia a gritaria porque, acima de tudo, é vergonhoso para ela, talvez porque sua voz seja tão característica — apesar de ninguém conseguir imaginar que poderia haver outro casal na rua se comportando assim. Eu não sei por que você ainda não entendeu isso, e não parte para a gritaria logo de cara. Ela permanece decidida — é a primeira vez que vejo isso acontecer. Você faz uma coisa nova.

Você volta para o carro e começa a buzinar. Vejo a lanterna do dr. Jameson indo do quarto para uma sala no térreo, e espero que ele não vá para fora tentar acalmar você. Sem dúvida você vai aprontar alguma coisa drástica. A porta da frente do dr. Jameson se abre e levo as mãos ao rosto, pensando se deveria sair correndo e impedi-lo, mas não quero me envolver. Vou ficar assistindo e, se o negócio ficar violento, então entro no meio, apesar de não ter a menor ideia do que fazer. O dr. Jameson não aparece. O cachorro vem correndo ao redor da casa a toda a velocidade e quase leva um tombo sobre a grama encharcada em uma corrida para conseguir entrar em casa. O cachorro corre lá para dentro e a porta bate. Eu rio, surpresa.

Você deve ter ouvido a porta batendo e pensado que é sua mulher, porque você para de buzinar e só se consegue ouvir Guns N’ Roses de novo. Ainda bem. Ficar buzinando foi a coisa mais irritante que você já fez até agora. Quase como se ela quisesse que você se acalmasse antes de entrar, a porta da frente se abre e sua mulher sai de roupão para a rua, parecendo agitada. Vejo a sombra escura de alguém atrás dela. À primeira vista, fico pensando que ela conheceu outra pessoa e fico seriamente preocupada com o que vai acontecer, mas então percebo que é seu filho mais velho. Ele parece mais velho, protetor, o homem da casa. Ela diz para ele voltar lá para dentro e ele vai. Ainda bem. Você não precisa piorar essa situação ainda mais. Assim que a vê, você pula para fora do carro e começa a gritar com ela por ter trancado você do lado de fora de casa. Você sempre diz isso gritando para ela. Ela tenta acalmá-lo enquanto o segue para a porta ainda aberta do seu jipe, e então tira a chave da ignição, o que desliga o rádio, o motor e os faróis. Ela chacoalha as chaves à sua frente, dizendo que você tem uma chave de casa no chaveiro. Ela já tinha dito isso a você. Você já sabia.

Mas eu sabia, assim como ela, que seu senso prático anda de mãos dadas com sua sobriedade, e no lugar dela está um homem desesperado e descontrolado. Você sempre acha que ficou trancado para fora, que você foi trancado do lado de fora *de propósito*. Que é o mundo contra você, ou mais você contra a casa, e que você precisa entrar de qualquer maneira.

Você fica quieto por um momento enquanto afasta as chaves dependuradas à frente do seu rosto e então cambaleia na direção dela, puxa-a para perto e a cobre de abraços e beijos. Eu não consigo ver o seu rosto, mas vejo o dela. É o retrato da complicação, de uma tortura interna e silenciosa. Você dá risada e bagunça o cabelo do seu filho ao passar por ele, como se tudo não passasse de uma

brincadeira, e eu o detesto ainda mais porque você é incapaz de pedir desculpas. Você nunca pede desculpas — não que eu tenha visto, de qualquer maneira. Assim que você entra em casa, a eletricidade volta. Você se vira e me vê, à janela, as luzes do meu quarto totalmente acesas acaba por me revelar em toda minha glória sorrateira.

Você arregala os olhos para mim, e então bate a porta com força e, mesmo depois de tudo o que você aprontou esta noite, me faz sentir como se eu fosse a pessoa estranha nessa história.

Capítulo 4

Uma das coisas de que gostei do feriado de Natal que acabou de passar é que ninguém estava trabalhando, e ficamos todos no mesmo nível. Todo mundo estava em clima de festa, e não precisei me comparar nem fazer um contraste meu em relação a eles, nem deles em relação a mim. Mas agora todo mundo está de volta ao trabalho, por isso estou me sentindo outra vez da mesma maneira como estava antes do feriado.

No começo, fiquei chocada, meu organismo inteiro ficou em choque, e então eu acredito que passei por um processo de luto enquanto chorava pela vida que perdi. Eu estava com raiva, é claro; achava que Larry, meu colega, o cara que me demitiu, fosse meu amigo. A gente ia esquiar juntos todo Ano-Novo, eu ficava na casa de veraneio dele em Marbella com ele e a família por uma semana todo mês de junho. Eu era uma das poucas pessoas convidadas à casa dele para a festa de debutante exagerada de sua filha. Eu fazia parte de um círculo interno muito restrito. Jamais havia considerado que ele fosse tomar essa atitude; nem que, apesar das discussões acaloradas, nosso relacionamento teria esse fim, que ele simplesmente teria coragem de *fazer isso comigo*.

Depois da raiva, passei a negar que uma coisa ruim tinha acontecido. Eu não queria que a perda do emprego tomasse conta de mim, nem que me definisse. Não precisava do meu trabalho, meu trabalho é que precisava de mim — e, coitadinho, tinha me perdido. E então veio o Natal e eu me perdi em eventos sociais; jantares, festas e comemorações regados a muita bebida que me fizeram sentir animada, amada e esquecida. Mas agora é janeiro e eu me sinto tão sem vida quanto o dia lá fora, já que estou sendo dominada por outro sentimento.

Eu me sinto inútil, como se uma parte muito importante de minha autoestima tivesse sido reduzida drasticamente. Fui roubada de minha rotina, de minha agenda que no passado determinava todas as horas do meu dia. Tem sido difícil estabelecer qualquer tipo de rotina; parece não haver regras para mim, enquanto o restante das pessoas marcha ao ritmo de sua própria batida. Fico com fome o tempo todo, tanto metafórica quanto literalmente. Tenho fome de algo para fazer, de algum lugar para onde ir, mas também quero comer tudo o que existe em minha cozinha porque está ali, dando sopa, bem ao meu lado todos os dias, e não tenho nada melhor a fazer do que comer. Estou morrendo de tédio. E, por mais que seja doloroso dizer isso, me sinto sozinha. Posso passar o dia inteiro sem nenhuma forma de socialização, sem conversar com ninguém. Às vezes eu fico pensando se sou invisível. Eu me sinto como os velhos que antigamente me irritavam engatando uma conversinha desnecessária, enquanto eu tinha de esperar na fila atrás deles, querendo chegar ao próximo lugar. Quando você não tem para onde ir, o tempo fica muito mais lento. Eu me pego notando mais as pessoas, cruzando mais olhares com o meu, ou procurando contato visual. Agora ando prontinha para uma conversa com qualquer um sobre qualquer coisa; meu dia ficaria muito melhor se alguém me olhasse nos olhos, ou se houvesse alguém com quem falar. Mas todo mundo está ocupado demais, e isso me faz me sentir invisível; e a invisibilidade, ao contrário do que eu pensava antes, não traz nenhuma sensação de leveza, nem de liberdade. Na verdade, ela me faz me sentir pesada. E então eu me arrasto por aí,

tentando me convencer de que não estou me sentindo pesada, invisível, entediada e inútil, e que estou livre. Eu não consigo me convencer muito bem.

Outra coisa ruim sobre ser despedida é que meu pai aparece sem ser convidado.

Ele está no jardim da frente de casa com minha meia-irmã Zara quando chego em casa. Zara tem três anos, meu pai, sessenta e três. Ele se aposentou do negócio de gráficas três anos atrás, depois de vendê-lo por um preço muito bom que permite que ele leve uma vida confortável. Assim que Zara nasceu, ele se tornou um marido e pai dedicado, enquanto sua nova esposa, Leilah, trabalha como professora de ioga em seu próprio estúdio. É ótimo que meu pai tenha encontrado uma segunda chance no amor, e também que ele tenha conseguido abraçar a paternidade de verdade pela primeira vez na vida. Ele encarou as trocas de fraldas, as mamadas noturnas, o desmame e tudo o mais que criar uma filha jogou no colo dele. Ele brilha todo dia com o orgulho que sente por ela, essa menininha notável que consegue fazer coisas incríveis sozinha. Crescer, andar, falar. Ele se admira com a genialidade dela, e conta histórias compridas sobre tudo o que ela fez naquele dia, as coisas engraçadas que disse, o desenho inteligente que fez, com tão pouca idade. Como eu disse, é ótimo. Ótimo. Mas ele vê tudo isso com a alegria da primeira vez, como um iniciante, alguém que nunca tinha visto essas coisas antes.

Nas últimas semanas isso me fez pensar — porque eu tive tempo para isso —, e fico imaginando onde estava a admiração dele, o total estado de choque quando eu e Heather estávamos crescendo? Será que esses sentimentos estavam escondidos pela máscara da inconveniência e de total desorientação? Às vezes, quando ele destaca alguma coisa maravilhosa que Zara tenha feito, eu quero gritar que outras crianças também fazem isso, sabe, crianças como Heather e eu, e como deve ter sido incrível a gente ter feito aquilo há mais de trinta anos. Mas não falo nada. Isso faria de mim uma pessoa amarga e esquisita, e não sou assim, e criaria uma energia ao redor de algo onde não há nada. Eu digo a mim mesma que é a falta do que fazer que leva a esses pensamentos frustrantes.

Muitas vezes me pego pensando: se minha mãe estivesse viva, o que acharia do meu pai como o homem que é hoje — fiel, aposentado, um pai e marido dedicado? Às vezes ouço a voz dela em seus dias de perdão e sabedoria, toda filosófica e compreensiva a respeito disso, e às vezes ouço a voz cansada da uma mãe solteira e exausta com a qual eu cresci, cuspiendo veneno sobre ele e sua falta de sensibilidade. A voz de minha mãe que ouço depende do meu humor. Ela morreu de câncer de mama aos quarenta e quatro anos. Jovem demais para morrer. Eu tinha dezenove anos. Jovem demais para perder a mãe. É claro que foi mais difícil para ela, ter de deixar este mundo quando não queria. Ela queria ver e fazer tantas coisas, coisas que ela vinha adiando para quando eu terminasse a escola, para quando eu me tornasse adulta, para que ela pudesse começar a viver a vida dela. Ela ainda não tinha terminado; na verdade, ela não tinha nem começado. Ela havia tido a primeira filha aos vinte e quatro anos, e então eu vim acidentalmente quando ela tinha vinte e cinco, e ela criou suas filhas e fez de tudo pela gente e deveria ter tido um tempo só para ela.

Depois que ela morreu, eu morei no campus da universidade e Heather ficou na casa de repouso para onde tinha se mudado enquanto a nossa mãe fazia tratamento. Às vezes fico pensando por que eu fui tão egoísta e não decidi cuidar da Heather eu mesma. Acho que nem me ofereci. Eu entendo que precisava começar minha própria vida, mas acho que não pensei nisso nem por um momento. Não é egoísmo não querer, mas é egoísmo nem sequer pensar sobre o assunto. Eu olho para trás e percebo

que poderia ter ajudado mais minha mãe naquela época também. Sinto como se a tivesse deixado passar por tudo aquilo sozinha. Eu deveria ter ficado ao lado dela, acompanhado mais, em vez de perguntar sobre tudo depois. Mas eu era uma adolescente, meu mundo era só eu naquela época, e eu vi minha tia apoiando minha mãe.

Heather é quase minha irmã gêmea: apenas um ano mais velha que eu. Mas ela me trata como se eu fosse sua irmãzinha caçula muito mais nova. E eu a amo por isso. Eu sei que fui um acidente, porque minha mãe não tinha nenhuma intenção de ter outro filho tão cedo depois de Heather nascer. Minha mãe ficou chocada, meu pai, consternado; ele mal podia lidar com um bebê para começo de conversa, ainda mais com síndrome de Down, e agora havia um segundo filho a caminho. Heather o assustava; ele não sabia como lidar com ela. Quando eu cheguei, ele se afastou ainda mais da família, procurando outras mulheres que tinham mais tempo para adorá-lo e concordar com ele.

Enquanto isso, minha mãe lidava com a realidade com muita força e confiança, embora ela fosse admitir mais tarde que fez tudo isso com aquilo que chamava de “pernas de Bambi”. Mas eu nunca a vi dessa maneira, nunca a vi tremer ou dar um passo em falso; ela sempre fez parecer como se tivesse tudo sob controle. Ela dizia brincando, e então se desculpava, que eu tinha me criado sozinha. Eu sempre soube que Heather era mais importante, que precisava de mais atenção; eu nunca me senti menos amada, era só o jeito que as coisas eram. Eu amava Heather também, mas sei que, quando minha mãe deixou esse mundo, a única pessoa que ela não queria deixar para trás era Heather. Ela precisava da minha mãe, minha mãe tinha planos para Heather, e então ela deixou este mundo com o coração partido por causa da filha que estava deixando para trás. Eu não tenho problema com isso, eu entendo. Meu coração se partiu não só por minha causa, mas por elas também.

Heather não está sempre feliz como se espera do estereótipo de pessoas com síndrome de Down. Ela é um indivíduo com dias bons e outros ruins, como todos nós, mas sua personalidade — o que não tem nada a ver com a síndrome de Down — é otimista. A vida dela está envolvida em uma rotina, e ela gosta disso porque é uma maneira de controlar a própria vida, e é por isso que quando apareço na casa dela ou quando ela está no trabalho fica confusa e quase agitada. Heather precisa de rotina, o que é algo que nos torna ainda mais parecidas e nada diferentes.



Zara está pulando de um paralelepípedo para o outro, tentando não pisar nas linhas entre eles. Ela insiste que meu pai faça a mesma coisa. Ele faz. Eu conheço essa faceta dele agora e, mesmo assim, ao olhar para ele, a barriga de Natal caindo sobre a calça e indo para cima e para baixo enquanto pula de pedra em pedra, não consigo evitar pensar que não sei quem é esse homem. Quando chego de carro, ele olha para mim.

— Eu não sabia que você vinha para cá — digo com uma voz suave. Tradução: você não me disse, e deve sempre me dizer.

— A gente estava dirigindo pela praia, olhando as ondas, né, Zara? — Ele a pega nos braços. — Conte para a Jasmine sobre as ondas.

Ele sempre faz com que Zara conte tudo para nós; eu sei que a maioria dos pais deve fazer o

mesmo, mas isso me deixa furiosa. Eu preferiria ter uma conversa com a Zara que não fosse ditada pelo meu pai. Escutar o que ela tem a dizer desse jeito é ouvir tudo duas vezes.

— As ondas eram enormes, não eram? Conte para a Jasmine como elas eram enormes.

Ela faz que sim com a cabeça. Olhos grandes. Abre os braços para mostrar o que seria uma onda decepcionantemente minúscula, mas num esforço gigante para ela.

— E elas não estavam quebrando nas pedras? Conte para a Jasmine.

Ela faz que sim com a cabeça de novo.

— Elas estavam quebrando nas pedras.

— E as ondas estavam espirrando na estrada em Malahide — diz ele, mais uma vez com sua voz infantil, e eu penso como seria bom se ele me contasse a história direto em vez de fazer esse joguinho.

— Uau — digo, sorrindo para Zara e abrindo os braços para ela.

Ela vem para mim imediatamente e enrosca os braços compridos e magrelos ao redor do meu corpo, me abraçando com força. Não tenho nada contra a Zara. A Zara é uma fofura. Não — a Zara é linda. Ela é perfeita de todas as maneiras e eu a adoro. Não é culpa da Zara. Não é culpa de ninguém, porque nada aconteceu e é só minha irritação com meu pai com esse hábito de aparecer em casa do nada desde que fui demitida que está criando algo que não existe. Eu sei disso. Eu digo isso ao meu “eu” racional.

— Cadê minha perninha de espaguete? — pergunto a ela, levando os dois para dentro de casa. — Faz um ano que não vejo você!

Enquanto falo, olho de relance para sua casa. Eu tenho feito isso bastante ultimamente, não consigo resistir. Agora isso se tornou um hábito, um TOC ridículo: não consigo entrar no meu carro sem olhar para o outro lado da rua, ou não consigo fechar a porta da frente sem olhar ou, às vezes, quando passo pela janela da frente, paro e fico olhando. Eu sei que preciso parar com isso. Nunca acontece nada durante o dia, não com você, pelo menos; você mal vem à superfície, é só sua mulher indo e vindo com seus filhos o dia todo. Às vezes vejo você abrindo uma cortina e indo para o carro, mas é isso. Não sei o que espero ver também.

— Você contou para seu pai que fizemos *cupcakes* juntas na semana passada? — pergunto à Zara.

Ela faz que sim com a cabeça mais uma vez e percebo que estou fazendo exatamente o que meu pai faz. Deve ser frustrante para ela, mas não consigo parar.

Meu pai e eu conversamos por meio da Zara. Nós dizemos a ela coisas que deveríamos estar dizendo um para o outro, então digo a ela que minha luz acabou na véspera de Ano-Novo, que eu encontrei Billy Gallagher no supermercado e que ele se aposentou, e muitas outras coisas que ela não precisa saber. Zara presta atenção por um tempo, mas a gente deixa a menina confusa, e ela sai correndo.

— Seu amigo está com problemas de novo — diz meu pai enquanto nos sentamos à mesa com uma xícara de chá e biscoitos que sobraram da minha gaveta enorme de gostosuras de Natal que estou

detonando aos poucos, e vemos Zara virar de ponta-cabeça a caixa de brinquedos que deixou ali para ela. O barulho do Lego caindo sobre o piso de madeira leva para longe a próxima frase dele.

— Que amigo? — pergunto, preocupada.

Meu pai aponta com a cabeça para a janela da frente que dá para sua casa.

— Aquele homem... Qual é o nome dele?

— Matt Marshall? Ele não é meu amigo — digo, enojada. Toda a conversa se volta para você.

— Bom, seu vizinho, então — diz meu pai, e ficamos os dois de olho em Zara de novo.

É só porque o silêncio se estende por tempo demais que acabo perguntando, porque não sei mais o que dizer:

— Por quê? O que ele fez?

— Quem? — pergunta meu pai, saindo de repente de um transe.

— Matt Marshall — respondo por entre os dentes cerrados, odiando ter de perguntar sobre você não apenas uma vez, mas duas.

— Ah, ele. — Como se meu pai tivesse tocado no assunto uma hora atrás. — Reclamaram do programa dele da véspera de Ano-Novo.

— Ele sempre recebe reclamações.

— Bom, mais do que o normal, suponho. Saiu nos jornais.

Ficamos em silêncio de novo enquanto penso no seu programa. Odeio seu programa, nunca escuto. Ou, melhor, eu nunca o escutava, mas ultimamente venho ouvindo para ver se aquilo sobre o que você fala tem alguma ligação direta com o estado em que chega em casa, porque você não chega bêbado todo dia da semana. Só umas três ou quatro vezes. De qualquer forma, até agora não consegui estabelecer nenhuma relação.

— Bom, ele tentou comemorar o Ano-Novo fazendo com que uma mulher tivesse um...

— Eu sei, eu sei — digo, interrompendo meu pai, não querendo que ele diga a palavra *orgasmo*.

— Bom, eu pensei que você havia dito que não tinha ouvido o programa — diz ele, todo na defensiva.

— Eu ouvi falar *sobre* o programa — resmungo, e vou para o chão brincar de Lego com Zara. Finjo que nossa torre é um dinossauro. Eu a uso para abocanhar os dedos das mãos e dos pés dela, e então derrubo a segunda torre com um urro bem alto. Ela gosta da novidade por um momento e então volta a brincar sozinha.

Para relembrar seu programa da véspera de Ano-Novo, você e sua equipe acharam que seria hilário começar o Ano-Novo com o som de uma mulher tendo um orgasmo. Um agradinho charmoso para seus ouvintes, na verdade, um agradecimento pelo apoio deles. Então você fez um *quiz* para diferenciar o som de um orgasmo falso do de um orgasmo real, e então uma discussão completa sobre homens que fingem ter orgasmo durante o sexo. Não foi ofensivo, não para mim, não quando comparado com a sujeira que você já disse em outros programas, e eu não sabia que homens fingiam

ter orgasmo, então foi levemente educativo, se não perturbador, talvez até pessoalmente esclarecedor — possivelmente em relação ao homem do qual não me arrependi no escritório, mas que se arrependeu de mim —, apesar de os imbecis que você convidou para o programa não terem a menor intenção de educar alguém. Pode parecer que estou defendendo você. Mas não estou. Não foi o pior programa. Pelo menos uma vez o assunto não era você e sua falta de charme, mas o direito de ouvir o som de uma mulher chegando ao clímax sem ser considerado ofensivo.

— E por que ele está com problemas? — pergunto momentos depois.

— Quem? — pergunta meu pai, e em minha cabeça eu conto até três.

— Matt Marshall.

— Ah. Ele foi demitido. Ou suspenso. Não sei direito. Para mim, ele está fora da rádio. Mas ficou lá por um tempo suficiente, de qualquer forma. Ele deveria deixar alguém mais jovem ter uma chance.

— Ele tem só quarenta e dois anos — digo.

Parece que estou defendendo você, mas não é nada pessoal. Tenho trinta e três anos e preciso encontrar um novo emprego, estou preocupada com essa coisa de idade no momento, particularmente a atitude em relação à idade no local de trabalho, é só isso. Penso em você sendo suspenso e fico feliz na hora. Eu nunca gostei de você, eu sempre quis que seu programa saísse do ar, mas agora me sinto mal e não sei por quê. Talvez seja por causa de seus filhos e de sua mulher tão boazinha, para quem passei a acenar toda manhã.

— Acontece que tinha uma mulher de verdade no estúdio — diz meu pai, parecendo ligeiramente desconfortável.

— Bom, não parecia mesmo um homem.

— Não, ela estava.... você sabe... de verdade. — Ele olha para mim e não faço a menor ideia do que ele esteja tentando me dizer.

Ficamos em silêncio.

— Ela estava dando prazer para ela mesma. Ao vivo, no estúdio — diz meu pai.

Fico de estômago virado, tanto porque acabei de ter essa conversa com meu pai, mas também porque posso ver você orquestrando tudo isso no seu estúdio, a contagem regressiva para a meia-noite, a equipe inteira rindo da cara da mulher, como um bando de idiotas.

E mais uma vez eu o desprezo.



Pego Zara no colo para colocá-la na cadeirinha do carro e dou um beijinho no nariz dela.

— Então, eu posso falar com Ted, se você quiser — diz meu pai de repente, como se estivesse continuando uma conversa que não me lembro de ter tido.

Faço cara feia.

— Que Ted?

— Ted Clifford. — Ele dá de ombros como se não fosse nada.

A raiva surge dentro de mim tão rápido que tenho de me controlar para não perder a cabeça. E foi por pouco. Meu pai vendeu a empresa dele para Ted Clifford. Ele poderia ter vendido o negócio por três vezes mais quando a economia estava indo bem, ele gosta de dizer para todo mundo, mas a situação não está lá essas coisas e ele se contentou com uma soma razoável que vai garantir viagens de férias de um mês no verão com Leilah e Zara e jantar fora quatro vezes por semana. Nem sei se ele já pagou o financiamento da casa, e isso me irrita. É a primeira coisa que ele deveria ter feito. Não sei como a minha situação e a da Heather fica com isso, mas não estou nem aí, apesar de parecer preocupada. No momento não tenho problemas financeiros. Estou mais preocupada com a Heather. Assim que ganhei dinheiro o suficiente, comprei o apartamento que ela estava alugando. Ela se mudou da instituição há cinco anos, e foi muito importante para ela e para todo mundo também. Ela mora com uma amiga, sob a observação de sua assistente de apoio, e elas se dão muito bem, embora isso não impeça de me preocupar a cada segundo de todos os dias. Comprei o apartamento a um preço bom; a maior parte das pessoas estava tentando se livrar de equidade negativa, daquela segunda propriedade que estava ficando difícil pagar. Era algo que eu esperava que meu pai fizesse quando se aposentasse, em vez de comprar um apartamento na Espanha. Ele achou que ela estivesse feliz na instituição, mas eu sabia que ela sonhava em ter sua própria casa, então assumi o controle da situação. Mais uma vez, não estou com raiva, é só que essas coisas me vêm à cabeça de vez em quando e não consigo não pensar nelas... Preciso de uma distração.

— Não — respondo abruptamente. — Obrigada. — Fim de conversa.

Ele olha para mim como se quisesse dizer mais alguma coisa. Para impedi-lo, continuo:

— Não preciso que você arrume um emprego para mim.

Meu orgulho. Facilmente ferido. Eu odeio ajuda. Preciso fazer tudo sozinha, o tempo todo. A oferta dele me faz me sentir fraca, me faz pensar que ele acha que sou fraca. Tem conotações demais.

— Tudo bem. Só para começar. Ted ajudaria você a qualquer momento.

— Não preciso de ajuda.

— Você precisa de um emprego. — Ele dá uma risadinha. Ele olha para mim como se estivesse se divertindo, mas eu sei que é isso que vem antes da raiva dele. Aquela risada que sai quando ele está irritado; não sei se ela deveria servir para provocar a pessoa que causou a irritação, o que acontece comigo agora e sempre aconteceu, ou se é o jeito dele de disfarçar a raiva. De qualquer maneira, reconheço o sinal.

— Tudo bem, Jasmine, faça do seu jeito, como sempre. — Ele ergue as mãos dramaticamente, em defesa, as chaves penduradas no dedo. Entra no carro e vai embora.

Ele diz isso como se fosse uma coisa ruim: *faça do seu jeito*. E isso não seria uma coisa boa? Quando é que eu um dia iria querer fazer alguma coisa do jeito *dele*? E então me vem à cabeça mais uma vez que parece haver um problema, quando na verdade não há problema nenhum, e isso me

assusta. Noto que estou aqui fora, no frio, olhando fixamente para o ponto na rua onde o carro estava, mas já desapareceu há muito tempo. Olho rapidamente para sua casa do outro lado da rua e penso ter visto um leve movimento na cortina do andar de cima, mas provavelmente é só minha imaginação.



Mais tarde, na cama, não consigo dormir. Eu sinto como se minha cabeça estivesse esquentando de tanto pensar demais, como meu laptop quando é usado por muitas horas. Estou com raiva. Ando tendo conversas pela metade com meu pai, com meu emprego, com o homem que roubou minha vaga de estacionamento hoje cedo, com a melancia que derrubei enquanto a carregava do carro para a casa, e explodiu no chão e manchou minhas botas de camurça. Tenho um discurso raivoso pronto para todos eles, vou deixar tudo nos conformes, estou xingando a todos e apontando os defeitos de todo mundo. O problema é que nada disso me ajuda, só faz me sentir pior.

Eu me sento na cama, frustrada e desidratada.

Rita, a mulher que aplica Reiki que vi hoje cedo, me disse que isso aconteceria. Ela me aconselhou tomar bastante água depois de nossa sessão pouco usual e que não pareceu fazer muita diferença para mim, e em vez disso eu tomei uma garrafa de vinho e fui dormir. Eu nunca tinha recebido Reiki antes e provavelmente não receberei de novo, mas minha tia me deu um voucher de Natal. Minha tia adora todo tipo de terapia alternativa; ela e minha mãe costumavam fazer esse tipo de coisa quando minha mãe estava doente. Talvez seja por isso que não acredito nisso agora, porque não funcionou e minha mãe morreu. Mas, na verdade, o remédio não funcionou para ela também, e reconheço isso. Talvez eu volte. Marquei a consulta para a semana quando todo mundo voltou ao trabalho, algo para fazer, algo com que me ocupar, algo para colocar na minha agenda Smythson amarela com minhas iniciais em dourado no canto direito inferior que geralmente já estaria cheia de compromissos e reuniões e agora é um retrato triste da minha vida atual: horários de batizados, cafézinhos com amigas e aniversários. Na sessão de Reiki, eu me sentei em uma pequena sala branca cheia de incenso e que me deixou com tanto sono que fiquei pensando se estava sendo drogada. Rita é uma mulher pequenininha como um pássaro e deve ter seus sessenta e poucos anos, mas dobrou as pernas em uma posição na poltrona que mostrou sua agilidade. Ela tinha um rosto leve, quase fora de foco, e não sei se fora a fumaça do incenso que deixou tudo borrado, mas na verdade eu não conseguia ver os contornos dela. No entanto, seus olhos eram bem atentos, pela maneira como me observaram e acompanharam toda palavra que eu disse a ponto de me fazer notar minha própria voz, e então me dei conta de como eu soava limitada e contida. De qualquer forma, a não ser pela conversa agradável com a mulher disposta a ajudar, e ficar deitada relaxando por vinte minutos em uma sala perfumada que mais parecia um útero, eu não me senti diferente em nada.

Ela me deu um conselho para minha cabeça tão ocupada. Eu o deixei de lado assim que fui embora, mas agora mal consigo formular um simples pensamento por tempo o bastante para analisar tudo, processar e me livrar dessas ideias, então aceito o conselho dela. Tiro as meias e ando descalça pelo carpete por um tempo, esperando me sentir “enraizada” para que minha cabeça saia por aí com pensamentos de raiva. Eu piso em algo pontiagudo — a ponta de um cabide — e xingo alto enquanto inspeciono o pé. Acolho meu pé entre minhas mãos. Não sei ao certo o que é estar

“enraizado”, mas não deve ser isso.

Ela sugeriu andar descalça, de preferência na grama, porém, se não fosse possível, andar descalça o máximo possível assim que eu voltasse para casa. A teoria científica por trás dos benefícios de andar descalço é a de que a Terra tem uma carga negativa; assim, ao andar descalço, você estaria conectando seu corpo a uma fonte de energia carregada negativamente. E, como a Terra tem uma carga negativa maior que a do seu corpo, você acaba absorvendo elétrons dela. O fato de andar descalço teria um efeito anti-inflamatório em seu corpo. Não sei até onde isso é verdade, mas preciso desligar a mente e, como estou tentando tomar menos remédio para dor de cabeça, vou tentar andar descalça.

Olho lá para fora. Não há grama no meu jardim. Essa foi a coisa terrível e indizível que fiz quando me mudei, há quatro anos. Nunca fui fã de jardins, eu tinha vinte e nove anos, estava ocupada e mal ficava em casa, e nunca ficava em casa o tempo bastante para notar a presença do meu jardim. Para evitar o esforço de ter de cuidar dele, substituí o jardim relativamente bonito que tinha por paralelepípedos. Ficou bonito, custou uma fortuna e deixou os vizinhos horrorizados. Eu coloquei uns vasos pretos bonitos dos dois lados da porta da frente com plantas que ficam verdes o ano inteiro, podadas em formatos retorcidos e modernos. Eu me importava um pouco com a maneira como isso afetava meus vizinhos, mas nunca estava em casa para discutir o assunto com eles a fundo, e então cheguei à conclusão de que eu economizaria com o jardineiro — porque eu não cuidaria do jardim sozinha; eu nem saberia por onde começar. Ainda há grama no caminho na lateral da minha casa, que é mantida pelo meu vizinho, o sr. Malone, que começou a cuidar da grama sem me falar nada. Acho que ele pensa que o caminho é dele porque ele chegou aqui primeiro e, de qualquer maneira, o que é que eu sei sobre grama? Sou uma desertora de grama.

Eu tinha pensado que comprar minha própria casa aos vinte e nove anos — uma casa geminada de quatro quartos — era uma coisa muito madura e pé no chão de se fazer. E quem diria que, ao escavar o jardim, eu estava me perdendo da coisa que me ajudaria a me manter com os pés no chão?

Dou uma olhada em sua casa e seu jipe não está lá. Todas as luzes estão apagadas. Eu nunca preciso me preocupar com a casa de mais ninguém. Pelo jeito nunca me importo. Visto um agasalho e vou lá para baixo descalça. Fico me sentindo uma detetive ao correr nas pontas dos pés pelos paralelepípedos e direto para a grama que cerca o caminho. Dou uma olhada para ver se não tem cocô de cachorro. Caracóis e lesmas também. Então ergo a barra da minha calça de moletom e permito que meus pés se afundem na grama molhada. Está fria, mas macia. Eu rio baixinho sozinha enquanto ando para lá e para cá, de olho na rua à meia-noite.

Pela primeira vez desde que me mudei para cá, me sinto culpada pelo que fiz com meu jardim. Olho para as casas e vejo como a minha é escura e cinza em meio a tanta cor. Não que haja muita cor nos jardins em janeiro, mas pelo menos as moitas, as árvores e a grama quebram o concreto cinza dos caminhos, o marrom e o cinza dos meus paralelepípedos.

Não sei se andar descalça na grama está ajudando alguma coisa além da possibilidade de uma pneumonia, mas pelo menos o ar gelado resfriou minha cabeça quente e a mil, e liberou um pouco de espaço. Esse comportamento não tem nada a ver comigo. Não o andar na grama à meia-noite, mas a falta de controle. É claro que eu tinha dias estressantes no escritório quando precisava me recompor, mas isso é diferente. Eu me sinto diferente. Ando pensando demais, concentrando-me em áreas nas

quais eu não precisava pensar muito antigamente.

Muitas vezes, quando estou em busca de alguma coisa, a única maneira de encontrá-la é falar em voz alta o que é, porque não consigo vê-la a não ser que registre e visualize em minha mente aquilo que estou procurando. Por exemplo, ao fuçar em minha bolsa gigante tentando encontrar minhas chaves, eu digo em minha cabeça ou em voz alta: “chaves, chaves, chaves”. Faço a mesma coisa em casa: vou de cômodo em cômodo dizendo ou resmungando: “batom vermelho, caneta, conta do telefone...”, ou seja lá o que for que eu esteja procurando. Assim que faço isso, encontro tudo mais rápido. Não sei por que isso acontece, mas sei que faz sentido, que é verdade, que Deepak Chopra seria capaz de explicar isso de uma maneira mais sofisticada, informada e filosófica, mas eu acho que quando digo a mim mesma o que estou procurando, então realmente sei o que devo encontrar. A ordem é dada e o corpo e a mente são obedientes e respondem.

Às vezes aquilo que estou procurando está bem à minha frente, mas não consigo ver nada. Isso acontece muito comigo. Aconteceu esta manhã quando eu procurava o meu casaco no guarda-roupa. Estava bem à minha frente, mas, como eu não disse “casaco preto com mangas de couro”, ele não apareceu para mim. Eu fiquei ali procurando à toa, os olhos passando pelas roupas sem encontrar nada.

Eu acho — na verdade, agora eu sei — que já apliquei esse tipo de pensamento em uma escala maior, à minha vida. Eu digo a mim mesma o que quero, o que estou procurando, e visualizo tudo para que seja mais fácil de encontrar, e então o encontro. Deu certo minha vida toda.

Então agora me vejo em um lugar onde tudo que visualizei e me esforcei tanto para conseguir foi tirado de mim, não é mais meu. A primeira coisa a fazer é recuperar tudo de novo, fazer tudo meu novamente, agora, imediatamente, e, se não for possível — e geralmente não é possível, porque sou realista, e não uma praticante de vodu —, então preciso arrumar outra coisa para buscar, outra coisa para conquistar. É claro que estou falando sobre um emprego. Eu sei que vou voltar a trabalhar logo, mas fui deixada no banco de reservas. Fiquei estagnada, e não há nada que possa fazer a respeito.

Estou na chamada “licença de jardinagem”, como a licença remunerada é chamada na Europa. Ainda bem que não tem nada a ver com jardinagem, ou eu teria de enfrentar um ano bem comprido usando uma mangueira de alta pressão e arrancando os matinhos do rejunte do meu jardim de paralelepípedos. “Licença de jardinagem” é a prática na qual o funcionário que deixou o emprego ou foi demitido é instruído a ficar longe do trabalho por um certo período, enquanto ainda continua recebendo o salário. Muitas vezes é usado para evitar que os funcionários levem informações recentes e talvez confidenciais quando deixam a empresa, especialmente se estão saindo para trabalhar para a concorrência. Eu não saí para trabalhar para a concorrência, como já expliquei, mas mesmo assim Larry achou que eu iria trabalhar para uma empresa com a qual estávamos em relativa competição, uma empresa à qual tentei convencer a comprar a nossa. Ele tinha razão. Eu teria trabalhado para eles. Eles me ligaram no dia seguinte quando fui demitida para me oferecer um emprego. Quando lhes falei sobre a licença, eles disseram que não poderiam esperar tanto tempo assim — *uma licença de doze meses!!!* —, então resolveram procurar outra pessoa. A duração da minha licença não só afugentou outras empresas como também não tenho nada para fazer enquanto espero. Parece uma sentença de prisão. Doze meses de licença. É uma sentença *mesmo*. Eu sinto como se estivesse acumulando poeira em uma prateleira enquanto o mundo continua rodando ao meu

redor e não há nada que eu possa fazer para impedi-lo ou me juntar a ele. Não quero que comece a crescer musgo na minha mente; vou precisar usar a mangueira de alta pressão nela o tempo todo, e mantê-la fresca e ativa.

Folhas de grama molhada grudam nos meus pés, subindo pelas minhas canelas enquanto ando para lá e para cá no pedacinho de grama. Então o que acontece se me deixam no banco de reservas por um ano inteiro e não há nada que eu possa fazer a respeito disso? O que vou fazer?

Ando para cima e para baixo sobre a grama molhada, meus pés começando a gelar, mas minha mente tinindo com uma nova ideia. Um novo projeto. Uma meta. Um objeto. Algo para fazer. Eu preciso corrigir esse erro. Vou arrancar pela raiz esse chão sobre o qual estou andando, o que vai ser fácil porque já fiz isso antes.

Vou dar um presente à vizinhança. Vou trazer o jardim de volta.

Capítulo 5

— Ele é lindo — sussurro, olhando para o bebê pequenino nos braços de minha amiga Bianca.

— Eu sei. — Ela sorri, olhando para ele com adoração.

— É incrível? — pergunto.

— É... é incrível. — Ela desvia o olhar, o sorriso meio mexido, os olhos fundos depois de duas noites sem dormir. — Ei, você já arrumou outro emprego?

— Não, não posso, você sabe, né? O negócio da licença.

— Ah, é — diz ela, e então estremece e fica quieta por um momento. Não me atrevo a interromper seus pensamentos. — Você vai encontrar alguma coisa — diz ela, dando-me um sorriso de compaixão.

Aprendi a odiar esse tipo de sorriso. Estou no Rotunda Hospital, e mais uma vez me vejo visitando alguém enquanto eles fazem outra coisa. Ultimamente me dei conta de que a maioria das minhas visitas tem sido assim. Ir ver uma amiga no trabalho, aparecer em uma das aulas da minha irmã para assistir, ver meu pai enquanto ele está cuidando da Zara, conversar com minhas amigas enquanto elas observam seus filhos nadando ou dançando ou em um parquinho. Ultimamente, toda vez que vejo alguém sou eu interrompendo a vida dele, ele ocupado com algo — cabeça distraída com um olho em mim e o outro na tarefa —, enquanto ao lado dele ou do lado oposto a ele lá estou eu, esperando pacientemente até que ele termine aquilo que está fazendo para me responder. Sou a pessoa paralisada em cada cena de minha vida e comecei a me ver como se estivesse fora do meu corpo cada vez que isso acontece, como se eu não estivesse mais em mim, como se observasse a mim mesma permanecer quieta e em silêncio enquanto os outros vão para lá e para cá, e cuidam de sua tarefa ou dos filhos. Desde que notei isso, venho tentando não encontrar ninguém durante o dia, quando todos estão envolvidos em alguma coisa e eu não. Tentei marcar compromissos à noite, jantares, drinques — no horário que sei que poderemos estar face a face, mano a mano. Mas é difícil, todo mundo anda tão ocupado, alguns não conseguem arranjar uma babá, e pelo jeito não conseguimos sincronizar uma noite fora que seja boa para todo mundo, e então fica mais difícil ainda marcar qualquer coisa. Levei semanas para organizar um jantar na minha casa este fim de semana. Eu estarei finalmente ocupada, e todos ficarão quietos. Enquanto isso, estou no hospital, sentada ao lado da cama de uma das minhas amigas mais queridas que acabou de ter o primeiro bebê, e, embora eu esteja feliz por ela, e é claro que estou, e comemorando secretamente os nove meses de licença-maternidade para poder ter companhia pelo resto do ano, sei que a realidade é que não vou vê-la com muita frequência, ou, se eu a vir, ela estará ocupada e eu quieta, vou me sentar do lado oposto a ela ou ao lado dela e esperar até que esteja pronta, com metade de sua atenção.

— Estávamos pensando, eu e o Tristan... — Bianca interrompe meus pensamentos.

Meu corpo fica rígido ao sentir o que está por vir.

— Ele não está aqui, mas tenho certeza de que ele não se importaria se eu perguntar a você...

Sinto pavor, mas tento fazer com que meu rosto mostre o que espero que seja a expressão perfeita de interesse.

— Você gostaria de ser a madrinha dele?

Tchã! É o terceiro em dois meses. Deve ser um recorde mundial.

— Ah, Bianca, eu adoraria. — Sorrio. — Obrigada; mas que honra.

Ela sorri de volta para mim, deliciada pelo pedido, um dos momentos mais especiais na vida dela, enquanto por dentro sinto como se fosse um ato de caridade. É como se elas tivessem feito um pacto de me convidarem para ser madrinha para que eu tenha algo a fazer. E o que é que vou fazer? Ir à igreja e ficar ao lado de todos eles enquanto seguram o bebê, enquanto o padre joga a água, enquanto todo mundo está fazendo alguma coisa e eu estou ali, parada, de braços cruzados.

— Você viu o que aconteceu com o filho do seu amigo?

— Que amigo?

— Matt Marshall — responde Bianca.

— Ele *não* é meu amigo — respondo, irritada. Então, decidindo que é melhor não discutir com uma mulher que acabou de dar à luz, pergunto: — O que o filho dele fez?

— Ele colocou um vídeo no YouTube dizendo ao mundo quanto odeia o pai. Humilhante, né? Imagine falar sobre um membro da família assim.

O bebê nos braços de Bianca solta um gritinho.

— Esse merdinha insiste em morder meu mamilo — diz ela entredentes, e fico imediatamente em silêncio enquanto o humor dela oscila de novo e a escuridão toma conta do quarto de hospital.

Ela coloca o filho de três dias de vida em uma posição diferente, segurando-o como uma bola de rúgbi, seu peito gigante maior que a cabeça dele e parecendo que está sufocando o coitadinho. O bebê suga e fica quieto de novo.

É quase um momento bonito, a não ser pelo fato de que, quando olho para ela, as lágrimas escorrem por seu rosto. A porta se abre e Tristan, o marido pálido, primeiro passa a cabeça pelo batente. Ele vê o recém-nascido e sua expressão fica mais suave, então olha para cima, vê a esposa, e seu rosto torna a ficar tenso. Ele engole em seco.

— Oi, Jasmine. — Ele entra e me cumprimenta.

— Parabéns, papai — digo com gentileza. — Ele é lindo.

— Ele tem uma boca cheia de presas, isso sim — diz Bianca, estremeando de novo.

O bebê grita quando ela o desgruda de seu mamilo machucado e vermelho, em carne viva.

— Fala sério, Tristan, isso é... Eu não posso... — O rosto dela fica amarrotado.

Deixo-os a sós.



Enquanto dirijo, digo a mim mesma que não estou interessada em ver seu filho no YouTube. Digo que não vou me rebaixar ao seu nível, que tenho coisas muito mais importantes para fazer do que pensar em você e me absorver em seu mundo, mas naquele dia só tenho de comprar as coisas para o jantar. Fazer compras para uma pessoa não me deprime, como acontece com outras amigas solteiras; fico feliz de estar sozinha e todo mundo precisa comer, mas a compra se resume a isso. Comer. Comer era algo que eu tinha de enfiar em meu dia supercheio por pura necessidade, para continuar viva. Agora é algo que rende, algo que transformo em uma tarde inteira. Nos últimos dias tenho preparado para mim refeições elaboradas. Ontem passei cinquenta e cinco minutos na Eason's olhando as estantes em busca de livros de receitas, sessenta minutos comprando os ingredientes e duas horas e meia preparando e cozinhando o prato. Comi tudo em vinte minutos. Foi meu dia inteiro de ontem. Gostei, mas o fator “novidade”, como com muitas outras coisas que eu estava animada para fazer enquanto estivesse “de folga”, já está passando.

Quando entro no estacionamento do supermercado, com o dia surpreendentemente ensolarado e claro pela primeira vez em semanas, apesar de ainda estar frio, tiro o celular da bolsa e vou direto para o YouTube. Digito Matt Marshall e imediatamente o resultado “filho de Matt Marshall” aparece como opção. Eu a seleciono. Postado ontem tarde da noite, já tem trinta mil visualizações — o que é impressionante.

Apesar de eu nunca ter visto seu filho de perto, a imagem dele é familiar para mim. É o que vejo na maior parte dos dias quando ele vai para a escola, escondido sob um capuz, cabisbaixo, fones de ouvido na cabeça, o cabelo ruivo querendo escapar por debaixo do capuz, enquanto ele anda de sua casa até o ponto de ônibus. Sou vizinha dele há quatro anos, e me ocorre que nem sei o nome dele, mas os comentários sob o vídeo me dizem que é Fionn.

É isso aí, Fionn!

Meu pai também é um imbecil, eu sei como vc se sente!

Seu pai deveria ser preso pelas merdas q ele diz.

Sou um psicólogo certificado e estou preocupado com sua explosão. Por favor, entre em contato comigo. Posso ajudar você.

Sou um grande fã do seu pai, ele ajudou meu filho quando ele estava sofrendo bullying na escola. Ele ajudou a lançar uma luz sobre as leis relativas ao bullying na Irlanda.

Que os anjos curem sua raiva interna.

Seu pai é um idiota e você é uma bicha.

Uma pequena amostra dos comentários de apoio que os espectadores fizeram.

Fionn tem 15 anos e pelo uniforme que ele usa toda manhã posso ver que estuda na Belvedere, uma escola particular cara em Dublin. Apesar de não ter assistido ao vídeo ainda, já sei que eles não gostarão disso. Aqui na tela eu posso ver os olhos castanhos dele, as bochechas e o nariz levemente sardentos. Ele está olhando para baixo na direção da webcam, o laptop posicionado num ângulo para

focalizá-lo por inteiro, e assim posso ver o clarão da luz na câmera. As narinas dele estão abertas e cheias de raiva. Há música ao fundo, acho que ele está numa festa, e deve estar bêbado. As pupilas estão dilatadas, apesar de ser devido à raiva. O que acontece em seguida é um discurso cheio de ódio sobre como ele gostaria de se separar oficialmente da merda do pai, você, que ele acredita não ser o pai verdadeiro dele. Ele diz que você é uma vergonha, um gastador, que a mãe é a única pessoa que leva a família à frente, que você não tem talento. E assim continua, um menino que sabe falar, tentando ser mais cruel do que é em um ataque mal construído contra você, explicando por que ele acredita que você deveria ser demitido e nunca mais contratado de novo. É um ataque bem humilhante que me deixa desconfortável e me faz assistir com a tela meio escondida. A música ao fundo fica mais alta, assim como as vozes masculinas. Ele olha rapidamente para trás e então o vídeo acaba.

Apesar da maneira como me sinto em relação a você, o vídeo não me entretém nem me deixa feliz. Eu me sinto mal por assistir a ele, eu me sinto mal por você, por todos vocês.

Faço uma compra rápida, carrancuda, enquanto passo rapidamente pelos corredores. Às vezes me esqueço por que me sinto desse jeito, eu simplesmente tenho esse sentimento de que alguma coisa ruim me aconteceu e afetou minha vida. Então me lembro de por que fico deprimida e tento me livrar dessa sensação, porque não tem nada a ver comigo. O problema é que, apesar de eu saber que é bobagem minha, não posso deixar de me sentir conectada com o que que aconteceu.

O jantar é simples — berinjela à parmegiana — e termino a última taça da garrafa de vinho tinto da noite anterior. Eu me ajito para pensar sobre seus problemas como se fossem meus. O que a gente deveria fazer sobre o Fionn, Matt? Não há nada acontecendo na sua casa. O carro da sua mulher não está lá, e vocês todos saíram. Nada.

A luz do quarto do dr. Jameson se apaga. Não tenho nenhuma solução, Matt.



Peguei no sono no sofá pela primeira vez na vida e acordo a certo ponto confusa sobre onde estou; a única luz na sala é a da TV sem som, piscando. Dou um pulo e chuto meu prato e os talheres no chão, quebrando a taça de vinho. Agora estou totalmente alerta, o coração aos pulos, e noto o que foi que me acordou. É o barulho familiar do seu jipe a toda a velocidade pela rua. Evitando o vidro quebrado aos meus pés, vou até a janela e vejo você dirigindo sem juízo, fazendo uma curva para estacionar em frente à garagem e chegando perigosamente perto da porta dela. Mas, desta vez, você não breca e bate direto na porta branca. A porta da garagem treme e vibra, o barulho ecoando escandalosamente para as casas onde todos dormem. Posso imaginar o dr. Jameson acordando de repente, Tateando no escuro para tirar sua máscara de cobrir os olhos. É tiro e queda: a luz do quarto do dr. Jameson se acende.

A porta da garagem está de pé, a casa não cai sobre seu carro. Uma pena, na verdade. Nada acontece por um tempo. *Paradise City* ainda está tocando no último volume. Posso ver você, no banco do passageiro e sem se mexer. Fico pensando se você está bem, se o airbag explodiu e o deixou desacordado. Penso em chamar uma ambulância, mas não sei se é necessário, e poderia ser

visto como perder o tempo dos serviços de emergência. Apesar de eu não querer sair desse porto seguro que é minha casa, sei que não posso simplesmente deixar você aí.

Você dormiu no carro na noite passada e nem se preocupou com a rotina de bater em todas as portas e janelas da casa, mas em algum ponto entre eu ter caído no sono e acordado, você conseguiu entrar. Fico pensando se seu filho deixou você entrar. Fico pensando se isso tudo ficou demais para ele, e ele está desobedecendo às ordens da mãe para ignorar você, e em vez disso ele abriu a porta e bateu de frente com você. Com a cabeça já quente por causa do vídeo que gravou, ele disse o que achava de você na sua cara. Eu gostaria de ter visto isso. Eu sei que é estranho.

Esta noite você está pior que o normal. Eu bem que achei que isso aconteceria. Tenho certeza de que você já sabe do vídeo no YouTube. Ouvi o rádio para ver se você tinha mesmo sido suspenso e havia outro locutor substituindo você e sua equipe. Você e sua equipe foram todos suspensos pela palhaçada malcriada de véspera de Ano-Novo, e vejo que você vem usando o tempo livre não para passar uma rara noite durante a semana em casa com sua família ou para pensar sobre suas ações, mas bebendo todas. Foi estranho não ouvir sua voz no ar; você se tornou sinônimo daquela hora da noite para a maioria das pessoas em casa, no carro, no local de trabalho, em vans e caminhões em fretes compridos durante a noite. Confirmar sua suspensão por incrível que pareça não me deixa tão feliz quanto eu imaginava, mas chego à conclusão de que é uma coisa boa. Pode ser que isso faça você pensar em todas as coisas baixas que já disse e discuti no seu programa, e como elas afetaram as pessoas, e como você pode melhorar e assim melhorar a vida de tantas pessoas sobre as quais você tem influência. Isso me faz pensar no que me faz odiar você, na razão pela qual eu sinto tanta raiva.

Dezesseis anos atrás, em outra estação e em outro horário, você promoveu um debate sobre síndrome de Down. Era sobre vários aspectos da síndrome de Down, e uma parte foi bem informativa, graças à mulher zangada, porém firme, que ligou da Down Syndrome Ireland para explicar a realidade da doença. Infelizmente, ela foi considerada calma e paciente demais para seu programa e você a deixou falando sozinha rapidinho. Os outros participantes eram ignorantes sem educação e desagradáveis que ganharam tempo demais no ar. A maior parte da discussão era sobre Amostragem de Vilosidades Coriônicas (AVC) e amniocentese, também chamado de exame do líquido amniótico, que é um procedimento médico usado em diagnóstico pré-natal de anormalidades cromossômicas e infecções fetais. A razão mais comum para fazer esse exame é determinar se o bebê tem algum distúrbio genético ou uma anormalidade cromossômica como a síndrome de Down. As mulheres que escolhem fazer esse exame são aquelas com risco mais elevado devido a problemas genéticos ou cromossômicos, em parte porque o exame é invasivo e envolve um risco pequeno de aborto. Eu consigo entender por que você quis ter essa conversa; vale a pena falar sobre isso, e poderia ajudar mulheres a tomar essa decisão, se a questão fosse abordada de uma maneira madura e honesta — mas não do seu jeito, não do jeito como seu programa lida com as coisas, tentando provocar controvérsia e drama. Em vez de lidar com a questão de uma maneira madura e sincera, você convidou um bando de lunáticos para mostrar o pior lado e dar voz a opiniões mal informadas sobre a síndrome de Down. Por exemplo, um idiota que não quis dar o nome, e que tinha acabado de descobrir que a namorada estava grávida de um bebê com síndrome de Down, queria saber que direitos ele tinha para interromper a gravidez.

Eu tinha dezessete anos e estava em uma festa com um cara que estava paquerando fazia um tempão. Todo mundo estava bêbado, os pais de alguém tinham ido viajar e, em vez de ouvir música, era mais legal escutar o programa do Matt Marshall. Na época, você não me perturbava; na verdade, eu achava que você fosse legal, porque era legal escutar as coisas que você estava discutindo quando ainda tentávamos encontrar nossa própria voz. Mas a conversa me deixou enojada. A conversa foi além dos alto-falantes e continuou na festa, e eu tive de ouvir meus amigos, que deveriam ter se comportado melhor, e pessoas que eu nem conhecia, e o cara de que eu gostava, dando opinião sobre o assunto. Ninguém queria ter um filho com síndrome de Down. Uma pessoa disse que preferia ter um bebê com aids. Fiquei enojada com aquilo que ouvi. Eu tinha uma irmã linda dormindo em casa, com uma mãe que estava passando por tratamento de câncer e que ficava mais preocupada em deixar minha irmã sozinha do que qualquer outra coisa na vida, e eu não conseguia suportar o que estava ouvindo.

Eu simplesmente me levantei e saí andando. Os guardas me pegaram na estrada costeira. Eu não estava bebaça, mas muito emotiva, e o álcool só deixou tudo ainda pior. Assim, eles me levaram para a delegacia para minha própria segurança, e me deixaram sair com uma permissão.

Minha mãe estava doente e precisava descansar. Eu não podia ligar para minha tia depois do que tinha acontecido nas semanas anteriores entre mim e o filho dela, Kevin, nem podia ficar na casa dela, então eles ligaram para meu pai. Ele tinha saído com a namorada nova, e eles vieram me buscar de táxi, ele de smoking e ela de vestido longo, e me levaram para o apartamento dele. Os dois ficaram se olhando e rindo baixinho no táxi a corrida inteira; dava para ver que eles estavam achando tudo divertidíssimo. Assim que chegamos ao apartamento, eles saíram de novo, o que foi uma bênção.

Então eu fico aqui à janela agora, vendo seu corpo imóvel no jipe, sem me preocupar se você consegue me ver ou não porque estou preocupada. No momento em que penso em ir lá fora te ajudar, a porta do jipe se abre e você cai para fora. Primeiro a cabeça, o rosto amassado como se você estivesse se apoiando contra a porta. Você escorrega lentamente e sua cabeça bate no chão. Seu pé está preso no cinto de segurança no banco de couro. Você não se mexe. Procuro meu casaco e então ouço você dar risada. Você se esforça para soltar o pé do cinto de segurança, e sua risada vai morrendo enquanto você se irrita e precisa se concentrar em se soltar enquanto o sangue corre para sua cabeça.

Você finalmente se liberta e começa a rotina de gritar/apertaracampainha/baternajanela, mas a casa fica em silêncio. Você buzina algumas vezes. Fico surpresa que nenhum dos vizinhos tenha gritado para você ficar quieto; talvez eles estejam dormindo e não consigam ouvir. Talvez estejam com medo, talvez fiquem de olho em você como eu, apesar de eu achar que não. Os Murphy dormem cedo, os Malone nunca parecem se perturbar com você, e os Lennon ao meu lado são tão tímidos que acho que ficariam com medo de encará-lo. Só mesmo o dr. Jameson e eu parecemos ser incomodados por você. Sua casa ainda está em silêncio e só noto agora que o carro da sua mulher não está estacionado na rua como sempre. As cortinas estão abertas em todas as janelas. A casa parece vazia.

Você vai para os fundos da casa e o ouço antes de vê-lo. Reaparece puxando uma mesa de madeira de seis lugares pela grama. As pernas da mesa destroem a grama, desenterram o solo e deixam marcas profundas como se você tivesse usado um arado. Ergue a mesa da grama para o concreto. A

madeira se arrasta pelo chão, pela entrada da garagem atrás do carro, guinchando com um barulho horroroso, e vejo as luzes dos Murphy se acendendo na rua. Depois de arrastar a mesa de madeira para a grama do jardim da frente, você some para o quintal de novo e faz três viagens para carregar as seis cadeiras. Na última viagem, volta com o guarda-sol e se esforça para encaixá-lo no buraco no meio da mesa. Você joga o guarda-sol longe, frustrado, e ele voa pelo ar, abre como um paraquedas e então aterrissa, aberto, em uma árvore. Sem ar, você pega uma sacola no carro. Reconheço o logo da loja de bebidas local. Você esvazia a sacola, enfileira as latas sobre a mesa e então se senta. Coloca as botas sobre a mesa de madeira, se sentindo em casa, e se ajeita como se não pudesse estar mais confortável. Você invade minha cabeça com sua voz e agora também é uma visão desagradável, bem em frente à minha casa.

Eu fico observando você por um tempo, mas ao final perco o interesse porque você não está fazendo mais nada além de beber e soltar anéis de fumaça do seu cigarro no céu parado da noite.

Vejo você observando as estrelas, tão nítidas esta noite que dá para ver Júpiter ao lado da Lua, e fico imaginando no que está pensando. O que fazer com Fionn? O que fazer a respeito do seu emprego? Será que somos tão diferentes assim?

Capítulo 6

São oito e meia da manhã e estou no jardim com um pedreiro chamado Johnny, um homem grande e de bochechas vermelhas que age como se me odiasse. Ninguém diz nada; ele e seu colega, Eddie, estão simplesmente apoiados sobre a britadeira e olhando para mim. Johnny dá uma olhada para você no jardim da frente, dormindo em sua cadeira de madeira com as botas sobre a mesa, e então ele desvia o olhar para mim de novo.

— Então o que você quer que a gente faça? Quer que a gente espere até ele acordar?

— Não! Eu...

— Bom, foi isso que você disse.

Foi exatamente o que eu disse.

— Não foi isso que eu disse — digo, firme. — Mas oito e meia não é meio cedo para começar a fazer tanto barulho? Eu pensei que o horário oficial de começar trabalhos de construção fosse às nove da manhã.

Ele olha ao redor.

— A maioria das pessoas já foi trabalhar.

— Não nesta rua — respondo. — Ninguém trabalha nesta rua.

Não mais.

É uma coisa estranha a dizer, mas totalmente verdadeira. Ele olha para mim, confuso, e então para o cara com a britadeira como se eu fosse louca.

— Olha, querida, você disse que precisava fazer isso imediatamente. Tenho dois dias para terminar esse trabalho e então preciso fazer outras coisas, então vou começar agora ou...

— Tá, tudo bem. Pode começar agora.

— Volto às seis para dar uma olhada.

— Mas aonde você vai?

— Para outro trabalho. O Eddie faz tudo, pode deixar.

Sem uma palavra, Eddie, que parece não ter mais que dezessete anos, coloca os fones de ouvido. Eu corro para dentro de casa. Fico à janela da sala de TV que dá para o jardim da frente da sua casa e vejo você à mesa, a cabeça tombada para trás, em um sono pacífico depois do estupor bêbado. Você está enrolado em um cobertor. Fico pensando se sua mulher fez isso ou se você pegou o cobertor no carro durante a noite depois de acordar congelado. Pelo senso comum, você deveria ter ficado no carro e ligado o aquecedor, mas você não escuta senso nenhum.

Alguma coisa parece estranha com certeza agora cedo. Além do fato de você estar dormindo no

meio do seu jardim destruído em móveis para jardim bambos e mal posicionados para todo mundo ver, sua casa a esta hora estaria cheia de movimento normalmente. As crianças estão na escola, sua mulher deveria estar indo para lá e para cá depois de deixá-las na escola e então resolver um monte de coisas, mas não tem nada acontecendo esta manhã. Não vi nenhum sinal de vida em sua casa, as cortinas estão exatamente como estavam ontem pela manhã. O carro de sua mulher não está lá. O guarda-sol ainda está preso à árvore. Não há sinais visíveis da sua família em casa.

De repente, a britadeira começa e até dentro da minha casa o barulho é tão alto que sinto as vibrações no meu peito. Penso pela primeira vez que deveria ter alertado os vizinhos sobre a obra que vai durar alguns dias enquanto eles escavam meu jardim perfeitamente cimentado para abrir caminho para a grama. Eles teriam feito isso por mim, com certeza.

Você pula da cadeira, braços e pernas no ar, e olha ao redor como se estivesse sob ataque. Demora um pouco para perceber onde está, o que está acontecendo, o que você fez. E então você olha para o pedreiro no meu jardim. Você vem correndo imediatamente para minha casa. Meu coração dá pulos, mas não sei exatamente por quê. Nós nunca nos falamos antes, nem mesmo um “oi” ou mesmo um tchauzinho. A não ser na vez quando você me flagrou observando-o na véspera de Ano-Novo, você nunca reconheceu minha existência, nem eu a sua, porque eu detesto você e tudo o que você representa, porque você não poderia entender como qualquer mãe, ainda mais uma mãe que estava morrendo, poderia ficar triste por ter de deixar a filha com síndrome de Down no mundo sem ela. Vivo novamente os comentários que você e os ouvintes que ligaram para seu programa fizeram naquela noite em que comecei a odiá-lo, e, quando você chega ao meu jardim, estou pronta para a briga.

Posso ver você gritando com o Eddie. O Eddie não pode ouvir com o barulho e os fones de ouvido, mas pode ver o homem à frente dele, a boca se abrindo e fechando cheia de raiva, uma mão no quadril, a outra apontando para a casa, exigindo ser ouvido. Eddie o ignora e continua abrindo um buraco em meu piso caro. Eu ando em direção ao hall de entrada e ando para lá e para cá em frente à porta, esperando que você me chame. Pulo quando a campainha toca. Só uma vez. Não há nada de mal-educado nisso. Um único toque, um animado “ding-dong”, nada parecido com a rotina que você tem com sua mulher.

Abro a porta e ficamos cara a cara pela primeira vez na vida. Isso é pela minha irmã, isso é por você, Heather, pela minha mãe, pela injustiça em ter de deixar para trás a filha que nunca queria ter deixado. Digo isso a mim mesma sem parar, abrindo e fechando as mãos, pronta para brigar.

— Pois não? — digo, e a pergunta sai agressiva.

Você parece se surpreender com meu tom.

— Bom dia — diz você de maneira condescendente, como quem diz “é assim que se começa uma conversa”, como se você soubesse ter uma conversa educada, por mais diminuta que seja. Você estende a mão: — Meu nome é Matt, eu moro do outro lado da rua.

Isso é muito difícil para mim. Não sou uma pessoa mal-educada, mas olho para sua mão e então para seu rosto com a barba por fazer, seus olhos vermelhos, o cheiro de álcool emanando de cada poro, sua boca que eu desgosto tanto por causa das palavras que saem dela, e enfio as mãos nos bolsos do meu jeans. Por você, Heather. Por você, mãe.

Você olha para mim, incrédulo. Você recolhe a mão e a enfia no bolso do casaco.

— Perdi alguma coisa? São oito e meia da manhã e você está destruindo o jardim! Será que é uma coisa sobre a qual todos nós deveríamos saber? Talvez uma reserva de petróleo que todos nós poderíamos dividir?

Você ainda está bêbado, dá para ver. Apesar de seus pés estarem plantados firmemente no chão, seu corpo está fazendo um movimento circular como aquele passo de dança do Michael Jackson em que ele parece se inclinar até quase cair no chão.

— Se está incomodando você tanto assim, talvez seja mais fácil você acampar no quintal pelos próximos dias.

Você olha para mim como se eu fosse a maior vaca louca do mundo e então sai andando.

Há muitas coisas que eu poderia ter dito. E várias, várias maneiras pelas quais eu poderia ter expressado minha decepção com o jeito como você discutiu a síndrome de Down. Uma carta. Um convite para tomar café, talvez. Uma conversa adulta. Mas, em vez de tudo aquilo, eu disse isso na primeira vez que nos encontramos. Eu me arrependo na hora, não porque posso ter magoado você, mas porque posso ter perdido uma oportunidade para fazer algo realmente importante nesse sentido. E então penso pela primeira vez que você provavelmente nem se lembra daquele programa em particular. Você já apresentou tantos, e eles provavelmente não significam nada para você. Eu sou apenas uma vizinha intragável que não avisou você sobre a obra no jardim.

Vejo você atravessar a rua até sua casa. Eddie ainda está ignorando o mundo e detonando o chão, o barulho da britadeira latejando em minha cabeça. Você anda no redor da casa, olhando pelas janelas, tentando descobrir como entrar. Você cambaleia um pouco, ainda bêbado. E então você vai até a mesa e acho que vai se sentar de novo, mas em vez disso você pega uma cadeira e a carrega até a porta da frente. Você a lança com toda a força uma, duas, três vezes, contra a janela ao lado da sua porta da frente, quebrando o vidro. Ninguém escuta nada além do barulho da britadeira. Você vira o corpo de lado, sua silhueta atarracada não facilita na hora de tentar entrar pelo espaço estreito que você criou, mas finalmente consegue entrar em casa.

Apesar do fato de eu ter testemunhado tudo isso, mais uma vez você me fez sentir como se eu fosse a pessoa irracional nessa história.

Capítulo 7

Eddie trabalha sem parar por duas horas e então desaparece por três horas. Durante esse tempo a máquina fica largada ali no meu jardim, que agora mais parece uma cena de terremoto. Ele fez a maior zona e odeio olhar para aquilo, mas não consigo evitar porque fico observando pela janela para ver não você — sei que você vai ficar sumido por horas —, mas o Eddie, que saiu andando com seu capacete de proteção pela rua e nunca mais voltou. Eu ligo para o Johnny, que não atende e o celular dele não tem serviço de mensagem. Isso não é um bom sinal. Ele foi recomendado a mim pelo paisagista que eu contratei para meu jardim, o que também não é um bom sinal.

Meu celular toca e é um número privado, então não atendo. Minha tia Jennifer me disse, bêbada no dia de Natal, que meu primo Kevin estava vindo para casa no Ano-Novo e queria entrar em contato comigo. Já estamos em janeiro e venho tratando as ligações que recebo como a CIA. Kevin foi embora da Irlanda aos vinte e dois anos, primeiro para viajar pelo mundo, e então resolveu sossegar na Austrália, apesar de eu achar que ele não possa *sossegar* algum dia na vida. Ele foi embora para se encontrar depois de um dramalhão de família e nunca mais voltou, nem mesmo para Natais ou aniversários. Esse é o mesmo Kevin que disse que eu ia morrer quando eu tinha cinco anos — e que disse estar apaixonado por mim quando eu tinha dezessete.

Minha tia estava viajando no fim de semana com minha mãe num desses retiros para ajudar minha mãe e, como eu sempre fazia naquela época, passei a noite na casa deles. Meu tio Billy estava vendo TV e Kevin e eu estávamos no balanço no quintal, abrindo o coração um para o outro. Eu falava para ele sobre a doença da minha mãe, e ele me escutava. Ele me escutava muito bem mesmo. E então ele me contou seu segredo: que tinha acabado de descobrir que era adotado. Disse que se sentiu traído, depois de todo esse tempo, mas de repente tudo fez sentido para ele, todos os sentimentos que ele vinha tendo. Por mim. Ele estava apaixonado por mim. Quando dei por mim, ele veio para cima, as mãos para todo lado, a respiração quente e uma língua escorregadia em minha boca. Sempre que pensava nele depois daquilo, eu lavava a boca por um tempão. Ele poderia não ser meu primo de sangue, mas era meu *primo*. A gente tinha brincado de *O Senhor das Moscas* nas árvores do quintal dele, nós amarramos o irmão dele, Michael, e assamos o menino de brincadeira em um espeto, brincávamos de vestir fantasias e montávamos shows andando nos beirais das janelas. Tínhamos feito coisas de *família* juntos. Toda lembrança que eu tinha dele estava relacionada ao fato de ele ser meu *primo*. Fiquei com nojo dele.

Não nos falamos depois daquilo. Nunca contei nada para minha tia, mas eu sabia que ela sabia. Minha mãe deve ter contado para ela, mas ela nunca discutiu isso comigo. Depois daquele primeiro ano, ela deixou de se desculpar nervosamente sobre o que tinha acontecido para simplesmente ficar irritada comigo. Acho que ela pensava que o perdão que eu deveria dar a ele seria a única coisa que o traria de volta para ela. Ele ainda não tinha saído do país à época, mas Kevin nunca quis fazer parte de qualquer coisa, nem de ninguém, nem mesmo de sua família; ele sempre tinha sido meio perturbado, sempre tinha se mostrado pouco à vontade com ele mesmo e todo mundo ao seu redor.

Naquele período eu estava tendo de lidar com muita coisa; os problemas dele eram demais para mim. Talvez isso seja cruel, mas aos dezessete anos eu não queria compreender os problemas dele; ele era meu primo adotado e nojento, cheio de problemas, que tinha me beijado, e eu mais queria é que ele ficasse bem longe de mim. Agora ele voltou e um desses dias vou ter de encará-lo. Não tenho mais problemas com ele, nem preciso mais lavar a boca quando penso nele. Mesmo assim, apesar de não ter nada de importante para fazer, posso arrumar maneiras melhores de passar meus dias do que embarcar em uma conversa desconfortável com um primo que tentou me dar um beijo de língua no balanço do jardim dezesseis anos atrás.

Enquanto observo pela janela e espero Eddie voltar, meu telefone fixo toca. Ninguém mais tem o número além do meu pai e da Heather, e é geralmente a Heather que me liga, então atendo.

— Posso falar com Jasmine Butler, por favor?

Faço uma pausa, tentando reconhecer a voz. Não acho que seja Kevin. A essa altura ele já deve ter um sotaque australiano, mas talvez não. De qualquer forma, acho que não é ele. Tia Jennifer teria de ser incrivelmente cruel para dar meu número a ele. Há um sotaque que não consigo reconhecer por trás de um sotaque de Dublin, de algum lugar fora de Dublin, mas ainda na Irlanda. Uma melodia de leve do interior.

— Quem está falando?

— Estou falando com Jasmine Butler? — pergunta ele.

Sorrio e tento esconder meu divertimento.

— Você poderia dizer quem está falando, por favor? Aqui é a empregada da senhorita Butler.

— Ah, me desculpe — diz ele, perfeitamente feliz e charmoso. — E qual é o seu nome?

Quem é que está falando? *Ele* ligou *para mim* e agora está tentando assumir o controle, mas não de maneira rude; ele é altamente educado e tem um tom adorável. Não consigo identificar o sotaque. Não é de Dublin. Também não é do Norte. Nem do Sul. Do meio do país? Não. Mas é charmoso. Provavelmente um vendedor. E agora eu preciso pensar em um nome e fazer com que ele desligue. Olho para a mesinha do hall ao meu lado e vejo a caneta sob a base do carregador do meu celular.

— Canê — digo, e tento não rir. — Caê. Caetana, mas todo mundo me chama de Caê.

— E às vezes de Canê? — pergunta ele.

— É. — Sorrio.

— E qual é o seu sobrenome?

— Você está fazendo uma pesquisa?

— Ah, não, é só em caso de eu ligar de novo e a srta. Butler não estiver em casa. Difícil, mas caso isso aconteça.

Rio novamente do sarcasmo dele.

— Ah. — Olho outra vez para a mesa e vejo o bloco de notas ao lado da caneta. Viro os olhos.

— Bloco. — Tento não cair na risada. — Bloconson.

— Tudo bem, Caetana Bloconson — repete ele, e tenho certeza de que ele sabe. Se ele tiver o mínimo de noção, então sabe. — Você sabe a que horas a srta. Butler estará em casa?

— Não sei dizer. — Sento-me no braço do sofá, ainda olhando lá para fora, e vejo o dr. Jameson à porta da frente de sua casa. — Ela está sempre para lá e para cá. Com o trabalho. — O dr. Jameson está olhando pelo vidro quebrado. — Sobre o que é?

— É um assunto particular — diz ele num tom educado e afável. — Eu prefiro discutir com ela mesma.

— Ela te conhece? — pergunto.

— Ainda não — diz ele. — Mas talvez você poderia dizer a ela que eu liguei?

— Claro. — Pego a caneta e o bloco para anotar tudo.

— Vou tentar ligar no celular dela — diz ele.

— Você tem o celular dela?

— E o número do trabalho, mas liguei para o escritório e ela não estava disponível.

Isso me deixa sem ação. Alguém que me conhece bem o bastante para ter todos os três números e ainda não sabe que fui demitida. Fico perplexa.

— Obrigado, Caetana, você ajudou muito. Tenha um bom dia. — Ele desliga e fico escutando o tom de discagem do telefone, confusa.

— Jasmine — digo a mim mesma numa voz cantada —, um maluco acabou de ligar atrás de você.

O dr. Jameson está atravessando a rua em minha direção.

— Olá, dr. Jameson — eu o cumprimento, vendo o envelope branco em sua mão e pensando o que é que todos da rua têm em mente agora e quanto vou ter de desembolsar.

— Oi, Jasmine.

Ele está perfeitamente vestido como sempre, camisa e suéter com gola V, calças com a prega perfeita no meio, sapatos engraxados. Ele é menor que eu, e com um metro e setenta e dois centímetros me sinto uma criatura exótica e estranha ao lado dele. Meu cabelo é de um ruivo vivo, ruivo-caminhão-de-bombeiros, ou *intensificador poder escarlata*, segundo a L'Oréal. Minha cor natural é o castanho, mas nem eu nem o resto do mundo a viu de novo desde que fiz quinze anos, e as únicas pistas agora são minhas sobrancelhas, já que estão brotando mais cabelos grisalhos que castanhos em meu couro cabeludo. O ruivo, dizem, faz a cor dos meus olhos saltar ainda mais que o normal; eles são de um tom de turquesa, e já me acostumei com todo mundo comentando sobre eles. Meus olhos e meu cabelo são as primeiras coisas que as pessoas veem em mim. Se estou no trabalho ou em uma festa, eu sempre, absolutamente sempre, saio de lápis supermegapreto nos olhos. Sou olhos e cabelos. E peitos. Eles também são bem grandes, mas não faço nada de estranho para deixá-los em evidência, eles se destacam sozinhos — como são espertos.

— Eu sinto muito pelo barulho agora cedo — digo, de maneira realmente sincera. — Eu deveria ter avisado o senhor com antecedência.

— Não se preocupe... — Ele abana a mão como quem diz “deixa pra lá”, como se mal pudesse esperar para dizer outra coisa. — Eu estava do outro lado da rua, procurando nosso amigo, mas parece que ele está ocupado — diz ele, como se o nosso amigo (você) estivesse no quintal fazendo bichos com balões de festa para um grupo de crianças e não desacordado no piso do banheiro em uma poça de seu próprio vômito. Só estou tentando adivinhar. — Amy deixou isso comigo para o sr. Marshall... Mas podemos chamá-lo de Matt, certo? — A maneira como ele olha conspirativamente para mim me faz pensar que ele sabe que estou de olho, e o tempo todo. Mas ele não pode saber disso, a não ser que esteja me observando também, e eu sei que isso não é verdade porque também fico de olho nele.

— Quem é Amy?

— A esposa do Matt.

— Ah. Sim. É claro. — Como se eu soubesse e tivesse esquecido. Mas eu não sabia.

— Acho que ele precisa receber isso o mais urgente possível — ele mostra o envelope branco —, mas não está atendendo à porta. Eu poderia deixar na... hum... janela aberta, mas não sei se ele a receberia com certeza. Além disso, há uma cópia que eu gostaria de dar a você. — Ele estende o envelope para mim.

— Uma cópia do quê?

— Da chave da casa. Amy mandou fazer duas cópias extras para os vizinhos. Ela pensou que pudesse ser útil — diz ele, surpreso, como se nós dois soubéssemos que é a coisa mais óbvia e razoável de que já ouvimos falar. — Acho que ela não está em casa, e que não vai aparecer por um tempo — conclui ele, os olhos cravados nos meus.

Ah. Entendi.

Afasto minhas mãos da chave e do envelope que ele está empurrando para mim.

— Acho que é melhor o senhor ficar com essas coisas, dr. Jameson. Não sou a pessoa certa para cuidar disso.

— Por que não?

— O senhor sabe como é a minha vida, eu não paro. Ando tão ocupada. Com o trabalho e... você sabe, outras *coisas*. Acho que seria melhor deixá-las com alguém que fica mais em casa.

— Ah. Eu tinha a impressão de que você... Bom, que você ficasse mais em casa hoje em dia.

Essa doeu.

— Bom, sim, mas ainda acho que é melhor você ficar com elas. — Insistirei até o fim.

— Eu já tenho uma chave, mas vou viajar por duas semanas. Meu sobrinho me convidou para sair de férias com a família dele. Esta é a primeira vez. — O rosto dele se ilumina. — Foi muita educação por parte deles, apesar de eu ter certeza que ele foi convencido pela Stella. Uma moça maravilhosa. E fico muito agradecido. Espanha — diz ele, com os olhos brilhando. — Bom, de qualquer modo... — o rosto dele volta a escurecer. — Você ter de deixar essas chaves com alguém. — Ele parece extremamente perturbado com isso.

Por mais que isso faça eu me sentir culpada, não posso. Não posso ficar com as chaves de outra pessoa. As chaves de um estranho. É estranho. Não quero me envolver. Quero ficar na minha. Eu sei que fico vigiando você, mas... Não posso. Não vou me sensibilizar, apesar do rosto preocupado e confuso dele. Se eu tivesse um emprego, não estaria nessa confusão suburbana agora, tendo de me preocupar com os problemas que essas pessoas deveriam resolver sozinhas.

— Talvez você possa deixar as chaves com o sr. e a sra. Malone. — Nem sei o nome deles. Eu moro ao lado deles há quatro anos e ainda não sei, apesar de eles mandarem um cartão de Natal para mim todo ano com o nome deles assinado.

— Bem, é uma ideia — responde ele hesitante, e sei o motivo. Ele não quer incomodar os dois. Quando você fica trancado para fora de casa bêbado e com raiva, não quer depender do sr. e da sra. Malone, que têm mais de setenta anos, para lidar com seus problemas. Pode-se dizer o mesmo dos Murphy e dos Lennon. Ele tem razão, e sei disso, mas não posso. — Você tem certeza de que não pode mesmo? — pergunta ele mais uma vez.

— Certeza absoluta — digo com firmeza, fazendo que não com a cabeça. Não vou me envolver nisso.

— Eu entendo. — Ele faz que sim com a cabeça, os lábios apertados, e pega o envelope de volta com as duas mãos. Ele me olha de um jeito e sei que ele testemunhou a mesma cena que eu ontem à noite. — Eu entendo *mesmo*.

Ele se despede e tenho de sair correndo para impedir que ele atravessasse a rua quando uma ambulância chega a toda a velocidade. Nós automaticamente olhamos para sua casa, pensando que alguma coisa deve ter acontecido, mas a ambulância para em frente à casa dos Malone e os paramédicos vão correndo para a porta.

— Ai, meu Deus — diz ele. Nunca vi alguém dizer tantos puxa, minha nossa, veja só, meu deus e tudo bem como o dr. Jameson.

Ainda ao lado dele, fico assistindo enquanto a sra. Malone é levada em uma maca, uma máscara de oxigênio sobre o rosto, e colocada na parte de trás da ambulância. Um sr. Malone com o rosto cinzento segue atrás deles. Ele parece chocado. Meu coração fica partido na hora. Espero que não tenha sido culpa minha. Espero que a britadeira em meu jardim não tenha provocado um ataque cardíaco nela quando quase deu um ataque em você também.

— Vincent — diz ele ao avistar o dr. Jameson. — Marjorie. — Pelo jeito é o nome da mulher dele, e me sinto horrível por nunca ter sabido disso antes. Pobre Marjorie. Espero que ela esteja bem.

— Vou tomar conta dela, Jimmy — diz o dr. Jameson. — Duas vezes por dia? A comida está no armário?

— Sim — responde o sr. Malone sem ar enquanto os paramédicos o ajudam a subir na parte de trás da ambulância.

Não. Não é a mulher.

As portas se fecham e a ambulância sai correndo, deixando a rua vazia como antes, como se nada

tivesse acontecido, a sirene cada vez mais baixa à medida que se afasta.

— Puxa vida — diz meu vizinho, parecendo abalado também. — Mas que coisa.

— O senhor está bem, dr. Jameson?

— Pode me chamar de Vincent, por favor. Eu não pratico a medicina há dez anos — diz ele, distraído. — É melhor eu ir dar comida para a gata. Mas quem vai dar comida para ela enquanto eu estiver viajando? Talvez eu não deva ir. Primeiro isso — ele olha para o envelope e a chave na mão dele —, agora os Malone. É, talvez eu precise ficar aqui.

Não sinto mais nada além de culpa e pavor, e certo rancor porque o universo parece estar conspirando contra mim. Seria falta de educação sugerir outro vizinho a essa altura, apesar de ser isso que quero fazer. Dois “nãos” em um dia não ajudariam em nada minha reputação.

— Pode deixar que dou comida para a gata enquanto o senhor estiver viajando — digo. — Mas o senhor precisa me mostrar onde ficam as coisas.

— Tudo bem. — Ele faz que sim com a cabeça, ainda abalado.

— Como é que a gente entra? — Olho para a casa vazia, perfeita com seus anões de jardim, plaquinhas com os dizeres “travessia de leprechauns”, portinhas de mentira nas árvores para os netos deles, um caminho de paralelepípedos ao redor do jardim para explorar atrás das árvores e sob os chorões. As persianas são dos anos 1980, bege e salmão, amassadas no topo das janelas, há peças de porcelana floridas nos beirais das janelas e uma mesa próxima à janela cheia de porta-retratos. É como uma casa de boneca que parou no tempo, decorada e cuidada com todo o carinho.

— Eu tenho a chave — diz ele.

É claro que tem. Parece que todo mundo tem a chave de todo mundo nessa rua, menos eu. Ele olha para o envelope de novo, sua única chave lá dentro, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Percebo que as mãos dele estão tremendo.

— Vincent, pode deixar que fico com isso — digo com gentileza, pousando uma mão sobre a dele enquanto tiro o envelope de suas mãos.

E é assim que eu acabo ficando com a carta de sua mulher para você e uma chave reserva de sua casa.

Se você ainda não entendeu, eu nunca quis ficar com nada disso.

Capítulo 8

Eddie volta e trabalha por mais duas horas. Eu sei disso porque estou ocupada usando um garfo para servir a comida de gato na tigelinha da Marjorie quando ela dá um pulo gigante de medo do barulho da britadeira e então desaparece. Até penso em procurar por ela, mas não quero andar pelos outros cômodos da casa e invadir a privacidade deles, e ela é uma gata e vai ficar bem. Eddie está trabalhando duro quando Johnny volta para inspecionar a obra, e é como se ele nunca tivesse saído dali. Ele escuta minha reclamação a respeito de Eddie sem piscar, nem comentar, inspeciona o trabalho, declara que está tudo seguindo como o programado e eles vão embora em uma van vermelha e velha meia hora antes porque têm outro trabalho a fazer. Eles não vão muito longe: dão ré na entrada da sua garagem e saem da van. Tenho consciência de que virei uma “Fifi da janela”, mas não consigo resistir, estou curiosa. Johnny mede a janela quebrada ao lado da porta da frente e então eles tiram uma tábuia de madeira da van e não posso ver, mas consigo ouvi-los serrando a tábuia. São só cinco e meia da tarde e já está escuro lá fora. Eles estão trabalhando meio que na escuridão, apenas com a ajuda da luz da varanda, e há um brilho fraco vindo da parte de trás da casa, da cozinha. Você deve estar acordado.

Eles passam dez minutos instalando a tábuia de madeira na sua janela, e então entram na van vermelha e vão embora. Meu jardim está muito longe de ficar pronto.

A sua carta está na minha mão. O dr. Jameson me fez prometer entregá-la a você pessoalmente. Eu e ele temos de ter certeza que você a recebeu para que ele possa dizer à Amy. Deixei a chave da sua casa sobre o balcão da minha cozinha: é estranho, mas não consegui pensar em outro lugar. A chave parece se destacar, quase como se estivesse pulsando sobre o balcão; onde quer que eu esteja ou me sente, meus olhos são atraídos por ela. Olho para a carta. Acho que sua mulher, Amy, enfim largou você, e deixou com os vizinhos a tarefa de garantir que o raciocínio e as palavras dela — tenho certeza que ela demorou bastante para escrever tudo meticulosamente — cheguem até você. Eu sinto como se tivesse uma dívida com ela de fazer com que você receba esta carta. Eu deveria sentir prazer ao entregá-la a você, mas não sinto, e fico feliz por isso. Não sou imune às emoções humanas como você.

Coloco meu casaco e pego o envelope. Meu celular toca, um número que não reconheço. Deve ser aquele vendedor esquisito, e atendo.

— Oi, Jasmine. É o Kevin.

Meu coração afunda quando vejo você sair de casa, entrar no seu carro e ir embora enquanto escuto o primo que tentou me beijar dizer que está em casa.



Não consigo dormir. Não só porque marquei de encontrar com meu primo Kevin em alguns dias —

em outro lugar, e não na minha casa porque assim posso ir embora quando quiser —, mas porque estou tentando imaginar todas as situações possíveis que podem acontecer mais tarde, quando você voltar. Eu entregando a chave para você, a carta, eu abrindo sua porta, você me atacando, bêbado, tacando uma cadeira em mim, gritando comigo, vai saber. Não queria me envolver nisso, mas minha responsabilidade de vizinha fez me sentir obrigada.

Estou bem acordada quando você chega em casa. *Paradise City* está tocando a todo o volume de novo. Você breca antes de bater na porta da garagem, tira as chaves da ignição e cambaleia até a porta, tropeça sobre os próprios pés algumas vezes antes de se concentrar nas chaves pendendo das suas mãos. Demora um pouco, mas você consegue colocar a chave na fechadura. Você cambaleia lá para dentro e fecha a porta. A luz do hall se acende. A luz do patamar depois do primeiro lance de escadas se acende. A luz do corredor se acende. A luz do seu quarto se acende. Cinco minutos depois, a luz do seu quarto se apaga.

De repente, meu quarto fica assustadoramente silencioso e percebo que estava segurando a respiração. Eu me deito, sentindo-me confusa.

Estou decepcionada.



No fim de semana, recebo meus amigos para jantar. Somos em oito. Esses são meus amigos mais próximos. Bianca não está aqui, ela está em casa com o filho recém-nascido, mas Tristan veio. Ele está dormindo na poltrona ao lado da lareira antes mesmo de a gente se sentar para comer as entradas. Nós o deixamos ali e começamos sem ele.

A maior parte da conversa gira em torno dos filhos deles. Eu gosto disso, me distrai. Aprendo bastante sobre cólica e faço cara de preocupação quando elas falam sobre como é não poder mais dormir; então elas falam sobre a fase de introduzir alimentos sólidos, discutindo as frutas e os vegetais mais adequados. Ganho uma exclusiva de meia hora de Caroline sobre sua vida sexual com o namorado novo depois de se separar do marido, que era um cachorro. Também gosto disso, me distrai. É a vida real, são coisas que quero saber. A atenção se volta para mim e para meu emprego, e, apesar de eles serem meus amigos e eu adorá-los e serem gentis ao abordar o assunto, não consigo me fazer falar sobre isso abertamente. Digo a eles que estou aproveitando a folga e concordo com eles que é ótimo receber para ficar fazendo nada em casa. Eles dão risada enquanto tento deixá-los com inveja com histórias exageradas de dormir até tarde e ler mil livros e com o luxo do *tempo* que tenho para fazer o que eu quiser. No entanto, soa forçado e fico desconfortável, como se estivesse representando um papel, porque não acredito em uma palavra do que estou dizendo. Nunca fiquei tão agradecida ao ouvir o barulho do seu jipe. Espero que você esteja mais mamado que o normal.

Não contei para meus amigos sobre suas palhaçadas de bêbado tarde da noite. Não sei por quê. É a fofoca perfeita. Eles adorariam saber tudo, e o assunto é ainda mais suculento porque você é famoso. Mas não consigo me forçar a contar nada para ninguém. É como se fosse meu segredo. Escolhi proteger você, não sei por quê. Talvez eu leve seu comportamento e sua situação a sério demais para fazer piada disso durante um jantar. Você tem filhos, uma mulher que acabou de largá-lo.

Eu o desprezo, todo mundo que me conhece de verdade sabe disso, e nada sobre você me faz querer dar risada. Fecho as cortinas para que elas não possam ver você.

Ouçõ você batendo, mas, como todo mundo continua conversando — dessa vez uma discussão sobre quem deveria ter as trompas ligadas e quem deveria fazer uma vasectomia —, ninguém nota o barulho. Elas acham que estou brincando quando digo que gostaria de fazer uma vasectomia, mas eu não estava concentrada na conversa.

De repente, tudo fica quieto lá fora. Não consigo me concentrar e fico agitada, nervosa com a possibilidade de eles ouvirem você, que os meninos queiram ir lá para fora e vejam você, tirem uma da sua cara ou tentem ajudá-lo, e acabem com o lance pessoal que tenho com você. Eu sei que é estranho. Isso é tudo o que eu tenho, e somente eu entendo realmente o que acontece com você à noite. Não quero ter de explicar.

Tiro os pratinhos de sobremesa da mesa; meus amigos estão conversando e rindo, o clima está ótimo e Tristan ainda está dormindo na poltrona, assando ao lado da lareira. Caroline me ajuda e passamos mais alguns minutos na cozinha enquanto ela conta tudo sobre as coisas que ela e o namorado novo vêm fazendo. Eu deveria ficar chocada com que estou ouvindo, ela quer que eu fique chocada, mas não consigo me concentrar, continuo pensando em você lá fora. A chave está ao meu lado no balcão, ainda latejando. Quando Caroline vai ao banheiro, consigo escapar; pego a carta e a sua chave, ponho o casaco e vou lá para fora sem ninguém perceber.

Ao cruzar a rua, posso ver você sentado à mesa. São onze da noite. É cedo para você chegar em casa. Você está comendo alguma coisa de um saco de papel do McDonald's. Fica me olhando cruzar a rua e fico com vergonha. Enrosco os braços ao redor do corpo, fingindo sentir mais frio do que estou sentindo, com o álcool me aquecendo. Paro à mesa.

— Oi — digo.

Você olha para mim, os olhos cansados. Eu nunca vi você sóbrio de perto. Também nunca o vi bêbado de perto; você estava meio bêbado quando nos falamos naquela manhã, então não sei exatamente se você está bêbado agora ou não, mas você está sentado no jardim da frente comendo McDonald's às onze da noite com a temperatura a três graus, o cheiro de álcool pesando no ar, então você não pode estar totalmente normal.

— Oi — responde você.

É um bom começo.

— O dr. Jameson me pediu para entregar isso para você. — Estendo o envelope.

Você pega o envelope e o coloca sobre a mesa.

— O dr. J viajou?

— Ele disse que o sobrinho dele o convidou para viajar para a Espanha.

— É mesmo? — Você acorda. — Até que enfim.

Fico surpresa. Eu não sabia que você e o dr. Jameson eram próximos. Não que sua resposta indique proximidade, mas pelo menos algum tipo de relacionamento.

— Você sabe que a esposa do dr. Jameson faleceu há quinze anos, eles não tinham filhos, o irmão dele e a esposa também faleceram, e a única família que ele tem ainda é o sobrinho, que nunca faz uma visita, nem convida o dr. J pra fazer nada — diz você, obviamente irritado com isso. E então você dá um arrote. — Desculpe.

— Ah — é tudo o que sei dizer.

— Você mora do outro lado da rua?

Fico confusa. Não sei se você está fingindo que nunca nos conhecemos ou se realmente não se lembra. Tento descobrir.

— Você mora. No número três, não é?

— É — finalmente respondo.

— Meu nome é Matt. — Você estende a mão.

Não tenho certeza se é um novo começo: pode ser uma brincadeira, e você vai puxar a mão e mostrar a língua para mim assim que eu estender a mão para você. Qualquer que seja o motivo, se você esqueceu da minha falta de educação de alguns dias atrás, essa é uma oportunidade nova em folha para eu fazer algo que deveria ter feito.

— Jasmine — respondo, e estendo a mão para apertar a sua.

Não é bem como apertar a mão do diabo, como eu tinha pensado. Sua mão está gelada, e sua pele é áspera como se tivesse rachado por causa do frio do inverno.

— Ele também me deu uma cópia da chave da sua casa. Sua mulher fez cópias para ele e para mim. — Estendo a chave a você.

Você olha para ela cautelosamente.

— Não preciso ficar com a chave se você não quiser.

— E por que eu não ia querer?

— Não sei. Você não me conhece. Bom, de qualquer forma, aqui está. Agora você pode abrir a casa e ficar com ela, se quiser.

Você continua olhando para mim e começo a ficar desconfortável. Não sei ao certo o que fazer; você claramente não tem intenção nenhuma de se mexer, então vou até sua porta e a abro.

— Está tendo uma festa? — pergunta você, olhando para os carros estacionados do outro lado da rua.

— É só um jantar.

Então me sinto mal. Você está comendo algo de um saco de papel do McDonald's; será que eu deveria convidar você? Não, não nos conhecemos, e você tem sido meu inimigo desde minha adolescência; não posso convidar você.

— O que você está fazendo no seu jardim?

— Vou colocar grama.

— Por quê?

Dou uma risada leve.

— Boa pergunta.

Você pega o envelope.

— Você pode ler isso para mim?

— Não.

— Por que não?

— Por que *você* não lê?

— Eu mal consigo enxergar direito.

Mas você não parece tão bêbado assim e está falando direito.

— E deixei meus óculos lá dentro — você completa.

— Não. — Cruzo os braços e me afasto. — É pessoal.

— Como você sabe que é pessoal?

— É para você.

— Pode ser uma coisa de vizinho. O dr. J está sempre organizando alguma coisa. Um churrasco.

— Em pleno inverno?

— Então uma recepção com drinques sobre reciclagem. — Você adora a piada e dá uma risadinha.

Posso ouvir os cigarros em seu peito, uma risada suja e enferrujada.

— Ele disse que é da sua mulher.

Silêncio.

De certos ângulos, até consigo ver que você é um cara bonito. É a maneira como você inclina a cabeça quando está pensando, ou talvez seja a luz da lua, mas, seja o que for, há momentos em que você se transforma. Olhos azuis, cabelo loiro-avermelhado, nariz pequeno e bonitinho. Ou talvez essa seja sua aparência sempre e minha antipatia por você contamine seu rosto também.

Você coloca o envelope sobre a mesa e o empurra com um dedo em minha direção.

— Leia.

Eu pego o envelope e olho para ele. Viro-o na mão algumas vezes.

— Não posso. Desculpe. — Eu o coloco sobre a mesa. Você olha fixamente para ele e não diz nada. — Boa noite.

Volto para casa, direto para o barulho das risadas escandalosas dos meus amigos. Tiro meu casaco. Tristan ainda está dormindo na poltrona. Acho que ninguém nem notou minha saída. Eu me junto a eles de novo à mesa com mais uma garrafa de vinho e me sento por um momento, antes de me levantar para abrir as cortinas de leve. Você ainda está sentado à mesa. Você olha para cima e me vê

e então se levanta e entra em sua casa, fechando a porta. Ainda posso ver o envelope branco sobre a mesa, brilhando sob a luz da lua.

Começa a cair uma chuva fina.

Fico olhando o envelope à medida que a chuva engrossa. Não consigo me concentrar. Rachel está falando sobre alguma coisa agora, todo mundo está escutando, os olhos dela estão rasos d'água, eu sei que é importante, é sobre o pai dela, que está doente, eles acabaram de ficar sabendo que ele está com câncer, mas não consigo me concentrar. Continuo olhando para o envelope pela janela enquanto a chuva aperta. O marido de Rachel dá a mão para ela, para ajudá-la a continuar. Eu resmungo alguma coisa sobre ir pegar um lenço de papel para ela, e então vou lá para fora sem o casaco, atravesso a rua correndo e pego o envelope. Eu não o conheço, e não devo nada a você, mas sei que todos nós temos um botão de autodestruição e não posso deixar você fazer isso. Não enquanto eu estiver de olho em você.

Capítulo 9

Johnny e Eddie finalmente acabaram de tirar meu piso, uma semana depois do combinado, e dando tantas desculpas e razões técnicas que nem sei como discutir com eles, mas pelo menos eles liberaram cem metros quadrados para a grama e o restante do meu jardim ainda está coberto pelo meu lindo piso. Meu pai me aconselhou a ficar com os paralelepípedos arrancados e quebrados porque acha que eles podem render alguma coisa, então eu os deixo guardados em uma pequena caçamba na entrada da minha garagem. Ele acha isso por causa da boa vontade repentina de Johnny de ajudar a “me livrar deles”. Fico tentando pensar em maneiras de usá-los, mas realmente não faço a menor ideia, e suspeito que provavelmente vou acabar jogando tudo fora.

Meu pai e Leilah convidaram a mim e à Heather para almoçar na quinta. Às segundas-feiras, Heather trabalha em um restaurante, limpando mesas e colocando os pratos na lava-louças; às quartas, ela trabalha no cinema, levando as pessoas até seus assentos e limpando a bagunça de pipoca depois da sessão, e às sextas no escritório de um advogado local, ela toma conta da correspondência e da papelada que precisa ser fragmentada e fotocopiada. Heather adora todos esses empregos. Nas manhãs de sábado, tem aula de teatro e música, e às terças vai a uma missa durante o dia, onde encontra os amigos. Isso só deixa as quintas e os domingos livres para a gente, e, quando eu trabalhava, domingo era o nosso dia. Tem sido assim pelos últimos dez anos. Eu iria até o fim do mundo para não perder esse dia com ela. Nossas atividades variam; às vezes ela tem objetivos bem específicos em mente, em outras está mais quieta e me deixa tomar a decisão. Vamos bastante ao cinema: ela adora animações e sabe todos os diálogos de *A Pequena Sereia*. Às vezes tudo o que ela quer fazer é sentar-se no chão em frente à TV e assistir a esse filme sem parar. Meu presente de Natal para ela foi uma viagem para ver o espetáculo *Disney on Ice*. Eles dedicaram o primeiro ato inteirinho para *A Pequena Sereia*, em minha vida inteira eu nunca vi Heather tão quieta, tão completamente absorta em algo. Foi lindo, e estar com ela é sempre lindo. Quando Úrsula, a bruxa do mar, apareceu no palco, um polvo inflável gigante deslizou pelo gelo, a música dela tocou a todo o volume e a risada maldosa ecoou pela arena. Um monte de crianças começou a chorar e fiquei preocupada que Heather fosse ficar com medo, mas ela apertou minha mão e sussurrou para mim: “Vai dar tudo certo, Jasmine”, para eu saber que ela é quem estava tomando conta de mim, que ela é quem estava preocupada com a possibilidade de eu ficar com medo. Ela é minha irmã mais velha e está sempre me protegendo, mesmo quando acho que eu é que estou cuidando dela. Quando o show acabou e as luzes se acenderam, a bagunça de bebidas mequentas e pipoca se revelou e a magia foi embora, ela olhou para mim, as mãos sobre o peito, onde fica o coração, os olhos rasos de lágrimas por trás de seus óculos gigantes e de aro grosso, e disse: “Estou emocionada, Jasmine. Estou tão emocionada”.

Amo minha irmã, amo tudo sobre ela. A única coisa que mudaria nela é o desconforto que ela sente por causa do hipertireoidismo, que às vezes se manifesta como fadiga, letargia e irritabilidade. Se eu pudesse, ficaria de olho nela sempre, mas ela não deixa. Depois de anos tentando ensiná-la de maneira que ela não poderia entender, o que finalmente aprendi com minha irmã é que Heather

sempre foi e sempre será a professora, e eu sua aluna. Muitas vezes fica difícil entender o que ela diz, embora eu a entenda em geral, mas ela tem dificuldades com a audição e a coordenação motora, mas Heather é capaz de dizer o nome de cada personagem da Disney em todos os filmes da Disney, e os autores e cantores de todas as músicas. Ela ama música. Ela tem uma coleção respeitável de vinis — apesar de eu tê-la apresentado a iPods e iPads —; Heather é uma garota à moda antiga e prefere seus discos. Ela sabe o nome dos músicos tocando cada instrumento e quem produziu e arranjou cada canção. Ela lê as letrinhas miúdas de cada álbum e oferece essas informações a qualquer momento. Quando vi que ela tinha um apetite por isso, eu passei a alimentá-lo e continuo fazendo isso, comprando discos para ela, levando-a a shows ao vivo. Quando eu tinha catorze anos, levei Heather para brincar com um menininho chamado Eddie, que também tinha síndrome de Down. Eddie também amava música, principalmente a faixa *Blue Suede Shoes* do Elvis. Ao conversar com a irmã dele, aprendi que, como ele gosta dessa música, eles deixam que ele a ouça no *repeat* o dia todo, o que acabou irritando todo mundo na casa. No entanto, nenhum deles poderia ter se irritado tanto quanto eu; fiquei fula da vida porque eles não eram capazes de reconhecer que esse menino tinha um amor por música, e não apenas por aquela canção. Eles não estavam ajudando a encorajar o melhor que havia nele. Quando Heather compartilha seu conhecimento, as pessoas sempre se surpreendem e ficam impressionadas. E o que acontece quando ela percebe que estão impressionadas com ela? Como todos nós, ela floresce.

A coisa mais admirável e mágica sobre Heather é sua consciência sobre as pessoas, especialmente a noção que ela possui sobre o que as pessoas pensam dela. Posso ver as visões das pessoas refletidas no próprio comportamento dela. Ela saca estranhos como ninguém mais que já conheci na vida. Ao falar com alguém que sente pena ou quer se afastar dela, Heather se encolhe, quase desaparece, ela se torna uma pessoa com síndrome de Down porque sabe que é só isso que eles enxergam nela. Entretanto, quando está na companhia de alguém que não está nem aí com a síndrome de Down — como crianças antes de aprenderem a provocar os outros —, ou que tem experiência com a doença dela, ela brilha, ela floresce, ela se torna Heather, a pessoa. Muitas vezes ela sente as coisas antes de mim, e aprendi a compreender estranhos, ou pelo menos as opiniões deles, por intermédio da Heather. Ela tem a habilidade de ir direto para a verdade. Isso é algo que muitas crianças têm, mas que talvez a gente perca à medida que envelhece. Mas Heather, por sua vez, vem afiando essa habilidade com a idade e tem como resultado seu “sensor” de certo e errado que funciona tão bem.

Levo Heather de carro para onde meu pai, Leilah e Zara moram, um apartamento de três quartos em Sutton Castle. Construído em 1880 pela família Jameson — sem parentesco com o dr. Jameson, pelo menos que eu saiba —, é um local prestigiado em sete acres de jardins bem cuidados que dão para a Baía de Dublin. O castelo era um hotel aonde íamos almoçar aos domingos quando éramos crianças; ele foi reformado durante o *boom* imobiliário e a casa principal foi dividida em sete apartamentos. É uma casa impressionante, mantida lindamente por Leilah e seu estilo *bohemian*. Aos trinta e cinco anos, Leilah tem mais ou menos a mesma idade que Heather e eu, e mesmo assim parece muito longe de se tornar uma amiga para mim. Ela é a mulher mais nova que se casou com meu pai e, por causa disso, sempre vou me perguntar o que há de errado com ela. Não tenho nenhum problema de fato com a Leilah, mas a distância é minha amiga e é lá que a mantenho. Por outro lado, Heather gostou dela de cara, segurando a mão de Leilah na primeira vez que se conheceram, o que

fez Leilah corar. Mesmo sem Leilah ou meu pai saberem, foi o maior cumprimento que ela poderia ter dado. Heather já entendeu meus sentimentos em relação a Leilah direitinho e, apesar de nunca termos discutido o assunto, ela tenta encontrar coisas que Leilah e eu temos em comum, como uma mãe tentando ajudar duas menininhas a fazer amizade em uma festa. É bonitinho e doce, e adoro isso nela. Mesmo que nós duas tenhamos de prosseguir puramente por causa de Heather, de uma maneira estranha acaba nos ajudando a nos comunicar.

Zara abre a porta vestida de pirata. Ela soca o ar com um gancho de plástico na ponta da mão e berra:

— Arrrrgh, marujos!

Eu sinto Heather hesitar ao meu lado. Heather adora Zara, mas ainda não fica totalmente à vontade. Aos três anos, Zara às vezes pode ser meio temperamental. Quando ela grita para protestar, explode em lágrimas de repente ou até mesmo quando está inquieta demais, Heather fica perturbada.

— Arrrrgh para você também! — Fico de joelhos para dar um abraço nela, brincando com as frases de pirata dela e suas tentativas para andar na prancha, e acabo no chão com ela sobre mim, a ponta do gancho em meu pescoço. Heather desvia rapidamente e, como não quer nada, segue pelo hall de entrada até a sala.

Zara pressiona o gancho de plástico contra minha pele, e empurra seu rosto contra o meu.

— Se você vir o Peter Pan, diga a ele que o procuro... ele e aquela fadinha que o acompanha. — Ela arregala os olhos para mim fazendo cara de má e então pula e sai correndo pelo corredor.

Fico no chão sozinha, rindo.

Desta vez eu trouxe um conjuntinho para fazer pulseiras para Heather e ela se ajeita à mesa para se concentrar em encaixar contas em um pedaço de barbante. Zara está a fim de brincar disso também, e apesar de dizermos a ela com toda a calma do mundo que não se trata de um brinquedo, e que pertence à Heather, e que Zara deveria brincar com seus próprios brinquedos — e o novo kit de veterinária que eu trouxe para ela —, ela tem um faniquito, o que deixa Heather extremamente tensa. Posso ver os ombros dela travando enquanto ela tenta se concentrar nas contas, suas bochechas esquentando à medida que os gritos de Zara ficam mais altos. A voz de Leilah é calma e firme enquanto ela leva Zara para fora da sala. Fico ao lado de Heather, meu cotovelo sobre a mesa para apoiar minha cabeça, e a observo atentamente.

— O que você está fazendo, Jasmine? — pergunta ela.

— Observando você.

Ela sorri.

— Por que você está me observando, Jasmine?

— Porque você é linda — digo, e ela sorri com vergonha e faz que não com a cabeça.

— Jasmine!

Dou risada e continuo observando minha irmã. Ela dá uma risadinha, mas por fim desaparece na zona-de-concentração-na-criação-de-pulseiras. Zara volta à sala em silêncio, a ausência do tapa-

olho revela dois olhos vermelhos. De pirulito na mão, ela se ajeita no cantinho da sala e brinca com o novo kit de veterinária que eu trouxe para ela, falando sozinha em frases mal construídas com palavras aleatórias que ela ouviu da gente. Heather olha rapidamente para ela e volta a se concentrar nas pulseiras. Tudo fica em paz por vinte minutos enquanto as duas meninas se concentram e Leilah termina de fazer o almoço. Não estou sendo preguiçosa, nós duas sabemos que é melhor eu ficar na sala com Zara e Heather em caso de conflito.

O cheiro de alho vem da cozinha enquanto Leilah massageia o cordeiro com alho e manteiga. Ela corta alguns talinhos de alecrim do jardim de ervas na sacada e, depois de lavá-los, faz pequenas aberturas no cordeiro e coloca os ramos lá. Meu pai não está em casa; ele foi jogar golfe e vai voltar a tempo para o almoço, então eu coloco *Enrolados* no DVD, o único filme que Zara aceita assistir, e me sento no sofá para uma hora sem fazer nada. Eu acordo com beijinhos delicados de borboleta no rosto. Heather está sorrindo para mim, e ver o rosto da minha irmã é a maneira mais linda de acordar.

— O papai chegou, Jasmine — diz ela.

Estou meio grogue, sem os sapatos, e meu vestido veio parar na minha cintura, e quem mais acompanha meu pai à sala de estar senão Ted Clifford? Ted tem mais de um metro e oitenta de altura e é bem largo. Ele preenche o batente da porta e sinto Heather congelar ao meu lado, seu corpo tenso. Na verdade, todo mundo fica tenso, incluindo Leilah, cuja aparente compostura falha por um momento para mostrar que não tinha a menor ideia de que Ted viria também.

— Ted — diz ela, sem esconder a surpresa. — Seja bem-vindo.

— Oi, Leilah — diz ele, dando um beijo molhado nela e um abraço familiar demais. — Espero que você não se importe comigo invadindo seu almoço, mas Peter perdeu no golfe, o que quer dizer que ele tinha de me convidar! — Ele dá uma gargalhada alta.

Leilah sorri, mas posso ver a verdade por trás do sorriso, a boca tensa, os sinais de alerta em seus olhos. Meu pai fica meio balançado.

— E esta deve ser a Zarinha — diz Ted, olhando para a menina no chão. De sua posição, ela olha para ele como se Ted fosse o gigante de *João e o Pé de Feijão*. Ela olha para Leilah ainda desconfiada, uma expressão entre o sorriso e o choro no rosto, mas Ted ignora os sinais e a pega no colo para dar um grande beijo em seu rosto. Leilah diplomaticamente tira Zara dos braços dele e Zara enrosca as pernas com toda a força ao redor da cintura da mãe e enterra a cabeça no pescoço dela para se esconder do gigante. Enquanto isso, meu pai simplesmente sorri, e eu fico fervendo de raiva porque não se trata de uma coincidência: eu e Ted na mesma sala depois de nem duas semanas do meu pai ter levantado o assunto de pedir a ele para encontrar um emprego para mim. Leilah trabalha meio período duas vezes por semana para que possa passar as tardes com Zara, meu pai está aposentado, eu estou desempregada, Heather tem um dia de folga: para nós, faria mais sentido almoçarmos juntos em uma quinta, mas não faz sentido ver Ted ali. Ele deveria estar trabalhando, mas, em vez disso, está aqui para conversar comigo. Sinto a raiva fervilhando dentro de mim e mal posso olhar meu pai nos olhos.

— Você já conhece minha filha Jasmine — diz ele, fazendo um gesto com a mão para me apresentar.

Ted me olha de cima a baixo e comenta como eu cresci desde a última vez que nos vimos. Ted tem sessenta e cinco anos, e não há desculpa para tratar uma mulher de metade da sua idade como se ela tivesse acabado de chegar à puberdade, e para o bem dele. Está na cara que ele não está surpreso por eu estar aqui. Estou paranoica ou certa a respeito dessa situação. Aperto a mão dele para cumprimentá-lo, e pretendo deixar por isso mesmo, mas ele me puxa para me dar um beijo molhado e me pego limpando a bochecha imediatamente. Leilah olha para mim com compaixão.

— E esta é a Heather — diz meu pai.

Como algo à parte. Sem “esta é minha *filha* Heather”, sem estender o braço, sem gesto nenhum. Sou muito sensível quando o assunto é Heather — muito; e acho que já deixei isso bem claro na maneira como trato você —, então não tenho sempre certeza se aquilo que sinto em relação a como outras pessoas a tratam é real ou exagerado ou simplesmente eu projetando meus medos. Todo mundo provavelmente sempre vai pisar na bola com a Heather, sob minha ótica. No entanto, eu acho que, em trinta e quatro anos, meu pai fez muito pouco para superar o embaraço que sente ao apresentar Heather a estranhos, principalmente pessoas que ele admira, pessoas como Ted, por quem ele sempre teve uma admiração muito forte como se fosse um menino ainda na escola, tentando agradar-lhe constantemente, vender a empresa para ele e por um preço mais baixo porque é o Ted e ele não gostaria que Ted achasse que ele não é um cara legal. Isso não significa necessariamente que ele tenha vergonha de Heather, ele não tem o coração tão gelado assim, mas ele tem consciência de que algumas pessoas se sentem desconfortáveis perto de Heather. Ele lida com isso dando o mínimo de atenção possível a ela, fazendo o mínimo possível dela, fazendo com que tudo sobre ela se torne menos importante, como se todo mundo fosse se sentir mais confortável assim. É claro que essa aparente falta de afeição pela filha tem o efeito oposto. Já falei sobre isso com ele várias vezes, mas ele acha que sou emocional e irracional demais nesse assunto.

— Ah — diz Ted, olhando para Heather de um jeito que eu não gosto. — Olá! — cumprimenta ele com uma voz estranha. — Bom, não posso deixar você de fora, não é? — Ele estende a mão para apertar a dela.

É um movimento arriscado.

Como estudante da Heather, aprendo que todos os indivíduos, independentemente da deficiência, são seres sexuais. Garantir que Heather, cujo desenvolvimento físico ultrapassa o emocional, entenda os aspectos físicos e, principalmente, psicológicos da sexualidade sempre foi uma preocupação minha. É uma lição sempre em andamento, e mais do que nunca agora que ela quer um namorado. A última coisa que quero é que ela seja rejeitada ou ridicularizada, muito menos abusada.

Para lidar com isso, desde cedo aprendemos o conceito dos Círculos, um sistema que ajuda a categorizar os vários níveis de relacionamentos pessoais e intimidade física. Fico preocupada com uma pessoa como Ted porque ele tem uma abordagem equivocada de intimidade, basta ver como ele beijou e pegou no colo uma menina de três anos, apertou a esposa de alguém, me olhou de cima a baixo e agora não quer que Heather se sinta deixada de fora. Acho que desta vez Heather ficaria mais do que feliz em ficar de fora.

O Círculo Roxo Particular representa o indivíduo; nesse caso, Heather. O Círculo Azul do Abraço vem em seguida. Ele representa as pessoas mais próximas da pessoa no círculo roxo, tanto física

quanto emocionalmente, e é onde os abraços apertados são a norma; esse círculo inclui a mim, meu pai, Zara e Leilah. Em seguida vem o Círculo Verde do Abraço de Longe. Amigos próximos e outros membros da família fazem parte dele. Às vezes os amigos podem querer se tornar mais próximos que isso, mas Heather precisa dizer a eles qual é sua posição exata. E então vem o Círculo Amarelo do Aperto de Mão, para amigos e conhecidos cujo nome ela conhece, seguido pelo Círculo Laranja do Aceno, para conhecidos mais distantes, como crianças que querem abraçar e beijar Heather quando ela sabe que não deve, mas que deve acenar para elas em vez disso. Nenhum contato físico ou emocional está envolvido nesse nível de intimidade. E finalmente vem o Círculo Vermelho dos Estranhos. Não há nenhum tipo de contato físico, nem conversa com as pessoas nessa categoria, a não ser que a pessoa seja identificada por um crachá ou uniforme reconhecível. Se alguém tenta tocar Heather quando ela não quer ser tocada, ela deveria dizer “Pare”. Algumas pessoas permanecem estranhas para sempre. Heather e eu fazemos questão de manter as coisas assim, por mais que deixe os outros desconfortáveis de vez em quando. Meu pai sabe que o código de círculos existe; nós aprendemos com nossa mãe. Meu pai nunca se envolveu nesse tipo de coisa.

Vejo Heather olhar para a mão estendida dele com a expressão confusa. Eu sei que ela sabe o que fazer, mas ela olha para mim em busca de apoio.

— Laranja, Heather. — Apesar de que, pessoalmente, eu gostaria de deixá-lo na zona vermelha.

Heather faz que sim com a cabeça e então se vira para ele e acena.

— Só um tchauzinho para mim? — pergunta ele, como se estivesse falando com uma criança, e não com uma mulher de trinta anos de idade.

Ele se aproxima e estou prestes a dar um passo à frente dele e dizer para ele parar, quando Heather ergue a mão.

— Pare. Você não está no meu Círculo Azul do Abraço.

Mas Ted não a leva a sério. Ele dá uma risadinha, não levando nada do que ela disse em consideração, e enrosca os braços ao redor dela num abraço de urso. Heather começa a gritar imediatamente e pego nos braços dele para que se afaste dela.

— Jasmine! — diz meu pai, enquanto fica só me vendo tentar livrar Heather dos braços de Ted. Leilah reclama com meu pai. Zara começa a chorar e Heather está berrando alto.

Ted se afasta, leva as mãos ao alto como se fosse a vítima de um assalto:

— Tudo bem, tudo bem, só queria ser seu amigo — acaba dizendo por sobre todo o barulho.

Meu pai pede desculpas a Ted, tentando fazer com que ele se sente à mesa, vociferando para Leilah para que ela vá buscar uma bebida para ele e fazer com que ele se sinta confortável, mas Leilah não está prestando atenção.

— Tudo bem, Heather? — Leilah está ao meu lado.

Heather ainda está berrando, aconchegada em meus braços, e sei que a melhor coisa agora é irmos embora. Ela não vai querer se sentar à mesa para almoçar com ele ali, depois que ele quebrou uma de suas regras mais sérias.

— Não precisa exagerar — diz meu pai, vindo atrás da gente no hall de entrada. Heather está escondendo a cabeça em meu peito, aconchegando-se em mim, e o que eu mais queria é que meu pai calasse a boca. Ele está falando comigo, mas Heather pode achar que ele está dizendo essas coisas para ela.

— Pai, ela disse “não” para ele.

— Foi só um abraço, pelo amor de Deus.

Mordo a língua. Não sei nem como começar a dar uma bronca nele, mas, antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ele explode.

— Esta é a última vez que isso acontece. Não vamos mais fazer isso. Já é o suficiente — diz ele, a raiva em erupção como eu não via fazia anos. — Chega disso! — Ele aponta para mim e para Heather e então para a mesa do almoço, como se essa situação inteira já tivesse acontecido antes e fosse culpa nossa.

— Você só estava precisando de uma desculpa — contra-ataco e saio do apartamento.

Eu me ofereço para levar Heather para casa comigo, para passar a noite lá em casa, mas ela diz que não, me dando um tapinha maternal no rosto antes de sair do carro, como se ela estivesse se sentindo mal por isso tudo ser demais para mim. Ela fica mais feliz na própria casa, cercada pelas coisas dela.

Volto para casa sozinha.

Capítulo 10

Fico decepcionada quando Heather não quer passar a noite na minha casa por várias razões: em primeiro lugar, porque gosto da companhia dela; em segundo, porque quero me assegurar de que ela está bem depois do incidente na casa do meu pai; e, em terceiro, porque seria uma ótima maneira de cancelar meu tão temido encontro com meu primo Kevin, marcado para amanhã. Talvez até levá-la para ver o Kevin comigo, mas Heather está ocupada demais com o trabalho de sexta no escritório do advogado.

Nosso encontro está marcado para o meio-dia na Starbucks da Dame Street, ao lado do Museu de Cera. Um monte de turistas, nada íntimo. Vou poder ir embora quando quiser.

No fundo eu sei que vai dar tudo certo. Ele vai pedir desculpas pelo Kevin de vinte e poucos anos e me dizer como sempre se sentiu perdido e sozinho, um forasteiro que usava a força e o medo para controlar uma vida que ele sabia estar fora de controle. Ele vai me contar que tentou encontrar seu “eu” em viagens — teve um diário, começou a escrever um romance, ou talvez ele tenha ficado “maluco beleza” e tenha se tornado um poeta. Bom, por outro lado, talvez ele tenha acabado trabalhando em um banco. Ele provavelmente conheceu uma mulher — ou talvez um homem, vai saber —, e agora está satisfeito com a pessoa que é, é capaz de encarar quem ele foi e pedir desculpas pelo incidente tantos anos atrás. Eu sei que o gelo vai se quebrar rapidamente e poderemos continuar a conversa, dando risada de como ele amarrou seu irmão Michael em uma árvore, dançou ao redor dele vestido de índio e sem querer atirou uma flecha na perna dele; ou de como ele roubou as roupas de Fiona enquanto ela nadava pelada e as largou sobre as pedras, para que ela fosse obrigada a escalar tudo descalça e pelada. Pode ser que eu mencione a conversa do “você vai morrer, Jasmine” que mudou minha maneira de pensar para sempre, e talvez eu mencione até mesmo o Papai Noel.

Quando o vejo, me surpreendo com a aparência dele. Não sei bem o que esperar, mas não é aquilo que vejo. Ele deve ter uns trinta e oito anos e eu deveria ter me preparado para isso. Vê-lo me faz sentir velha; agora nós somos adultos. De repente tudo desaparece e só sinto um bem-querer por ele. Meu primo. Tantas lembranças me invadem, e tantas que também incluem minha mãe, e fico estupefata com o fato de me sentir tão abalada. Fazia muito tempo que eu não me deparava querendo minha mãe; isso me deixa sem ar e perdida e me sentindo meio como criança outra vez, como se estivesse tentando tocar algo que está além do meu alcance. Por um momento o cheiro dela permaneceu em nossa casa e eu me enroscava na cama dela em uma tentativa de me aproximar; outras vezes eu sentia o perfume dela em outra pessoa e parava no meio do caminho, quase hipnotizada ao ser transportada e aprisionada em uma lembrança vívida dela. Tudo o que antigamente me fazia lembrar dela, tudo o que eu via e ouvia — restaurantes, lojas, ruas por onde a gente tinha passado de carro, ônibus que a gente tinha pegado, músicas no rádio, frases ouvidas sem querer em conversas por aí —, absolutamente tudo, me levava de volta para ela de alguma maneira. É claro que isso acontecia; ela morreu jovem, quando ainda era o centro do meu mundo, antes de eu ter a chance de

fazer minha vida. Como eu tinha ficado na mesma cidade onde todas aquelas memórias foram criadas, pensei que jamais as perderia. Sempre que eu precisava dela — a minha dose de mãe —, voltava aos mesmos lugares, esperando trazê-la de volta, convocando a energia dela. Mas, em vez disso, o ato de retornar acabou criando novas lembranças, e, toda vez que eu voltava, acabava adicionando mais uma camada sobre a lembrança dela, até que por fim acabei enterrando todas completamente e todos aqueles lugares deixaram de ser referências do meu passado e se tornaram meu presente. É muito raro, doze anos depois, que eu fique tão abalada assim, e sei que é por causa dele, porque não o vejo desde que minha mãe faleceu, então tudo ligado a ele está ligado a ela também. Ele me olha e me vê, e sorri. Eu estou bem. Isso vai ser bom, nostálgico. Eu me sinto culpada imediatamente por ter escolhido a Starbucks e fico pensando se devemos ir para um restaurante próximo dali.

Ele pegou uma mesa pequena, com duas cadeiras onde vamos ter de nos sentar diagonalmente para que nossos joelhos não se toquem. Eu esperava chegar aqui primeiro e pegar duas poltronas fofas bem longe uma da outra. Ele me dá um grande abraço, longo, quente. O cabelo dele está rareando, tem rugas ao redor dos olhos, acho que ele é a única pessoa que já passei tanto tempo sem ver. É um grande desafio para o cérebro e estranhamente desconcertante.

— Uau — digo ao me sentar e olhar fixamente para aquele rosto familiar olhando para mim por trás daquela máscara estranha do tempo. Não sei por onde começar.

— Você não mudou nada. — Ele sorri. — Ainda tem cabelo ruivo.

— Tenho. — Dou risada.

— E esses olhos. — Ele me fita atentamente, e então faz que não com a cabeça e dá risada.

— Hum. É. Eu decidi ficar com os olhos. — Rio. Nervosamente.

— Então...

O silêncio se encomprida enquanto encaramos um ao outro. Ele está sorrindo e continua fazendo que não com a cabeça como se não conseguisse acreditar. Eu já entendi, mas agora já deu, vamos seguir em frente. Mais uma vez fico feliz por não termos combinado de sair para almoçar.

— Café? — pergunto, e ele se assusta.

Olho para ele enquanto ele faz o pedido no balcão. Calças de veludo marrom, suéter com gola em V, camisa, bem conservador, não exatamente a última moda, mas respeitável, responsável, muito diferente do cara de jeans rasgados e cabelo comprido que só aprontava.

Quando ele se senta, as perguntas de rotina começam. Empregos, vida, há quanto tempo você está aqui, você ainda mantém contato com a Sandy, você ainda vê o Liam, você se lembra da Elizabeth? Quem se casou com quem, quem está tendo filhos com quem, quem largou quem. Como a tia Jennifer está feliz com o retorno dele. Eu sabia que não deveria ter dito aquilo assim que disse. Foi algo fácil de dizer, mas eu deveria ter mantido o clima mais leve, mais vago, vazio de qualquer coisa relacionada a um problema. Mencionar a mãe “adotiva” dele, que Kevin não tinha cruzado o oceano para ver em mais de dez anos — apesar de ela tê-lo visitado —, não era território seguro. Eu queria me chutar. A postura dele muda.

— Ela está feliz por eu estar aqui, é claro, mas está achando as circunstâncias difíceis. Eu voltei para encontrar meus pais biológicos — diz ele, as mãos ao redor da caneca gigantesca de café. Ele está olhando para baixo, e tudo o que posso ver são os cílios longos e negros, e quando ergue os olhos de novo eu reconheço aqueles olhos perdidos e confusos de cachorro que caiu da mudança. Ele ainda está procurando, apesar de parecer menos zangado, o olhar rancoroso desapareceu. Falamos um pouco mais sobre a busca dele pela mãe biológica, sobre seu senso de identidade há muito perdido, sua inabilidade de sossegar e ter os próprios filhos sem compreender sua própria linhagem, sobre não conseguir manter relacionamentos, sobre se sentir amarrado a outra pessoa, a outro lugar o tempo todo. Espero estar tranquilizando meu primo. E então chegamos ao momento embaraçoso.

— O que eu disse no balanço... — começa ele, como se fizesse cinco minutos e não dezesseis anos — ...foi um erro. Eu era jovem, estava tão confuso, assustei você, sei disso, e peço desculpas. Fui embora e tentei entender, tentei entender tudo na verdade, e disse a mim mesmo que eu devia ter me confundindo com nossa amizade. A gente sempre teve tanta coisa em comum, eu sempre senti que você me entendia. E a coisa toda com você e seu pai... — O que me confunde de novo, porque não havia nada entre mim e meu pai, mas, deixa para lá. — Eu fui embora e tentei esquecer você, mas, quando fui embora, todas as outras mulheres...

E a conversa fica desconfortável por um tempo enquanto escuto ele falar sobre sua longa lista de conquistas, com a qual ele não se sente em paz, e então PÁ!

— Eu não consegui parar de pensar em você. O tempo todo, minha mente insistia em voltar para você. Mas eu sabia como você se sentia em relação a mim. Como a família toda se sentia em relação a mim. E é por isso que eu não podia voltar. Mas agora... Jasmine, eu nunca mudei de ideia desde aquele momento no balanço. Eu sou totalmente apaixonado por você.

Geralmente sou uma pessoa emocionalmente estável. Eu acho que lido bem com as coisas. Não sou dramática, sou racional, e tenho ótimos argumentos. Mas isso... Não posso. Não agora, no meio dessa fase. Eu peço desculpas, e então me levanto e vou embora.



Quando chego em casa mais tarde, vejo o paisagista carregando a van. Apesar de os dias estarem se prolongando um pouquinho por vez, o céu já está preto de novo. A grama nova ainda está enrolada como um tapete, empilhada na entrada da minha garagem à luz da rua.

— O que você está fazendo? — pergunto a ele. Ele pode ouvir o nervoso em minha voz; parece meio intimidado. — Você disse que a grama estaria pronta hoje.

— Demorei mais para preparar o solo do que eu esperava. Vou ter de voltar na segunda.

— Segunda? Você me disse que trabalha nos fins de semana. Por que você não pode vir amanhã?

— Tenho outro serviço, infelizmente.

— Outro serviço — digo com uma voz sibilante e perturbadora. — Por que as pessoas não acabam um serviço antes de começar outro? — Ele não diz nada, então dou um suspiro. — Eu pensei que a grama devesse ser plantada até no máximo um dia depois da entrega.

— Ela está guardada à sombra, e não há previsão de geada para este fim de semana. Condições perfeitas. — Ele observa a grama em meio a um silêncio comprido, como se estivesse esperando que ela fosse falar por ele. Ele dá de ombros. — Se você precisar, é só abrir os rolos e regá-los.

— Regar os rolos? Faz uma semana que não para de chover.

— Bom, então. — Ele dá de ombros de novo. — Vai ficar tudo certo.

— Mas, se não ficar, você vai me pagar pela grama nova.

Eu o vejo ir embora na van. Fico de pé em meu jardim, as mãos nos quadris, olhando fixamente para ele como se meu olhar fosse fazer com que ele parasse a van e terminasse o serviço. Mas não faz. Examino a pilha de grama ao meu lado. Amanhã é o primeiro dia de fevereiro. Quase três semanas esperando para esse jardim ficar pronto, e eu poderia ter usado esse dinheiro para viajar, para me sentar na grama de outra pessoa.

Você está saindo de casa e acena para mim. Eu o ignoro porque estou brava com você de novo, estou brava com todo mundo e você é sempre o primeiro da minha lista, você sempre sente minha fúria. Você entra no jipe e vai embora. O dr. Jameson está viajando, e a sra. Malone ainda está no hospital; o sr. Malone está com ela. Eu não dou comida para a gata o tempo todo, só quando o sr. Malone me pede, o que não é tão ruim assim, já que Marjorie se revelou uma gata muito falante. Olho ao meu redor. Não sei se os outros vizinhos estão em casa, mas me parece uma rua vazia. Não há nada que eu possa fazer a respeito do jardim, a não ser rezar para que uma geada poderosa não caia de repente sobre minha grama.

Não consigo dormir naquela noite. Fico me revirando na cama com raiva do meu pai: o jeito como ele trata Heather, a tentativa dele de me indicar para um emprego em sua antiga empresa — estou convencida de que é isso que ele está fazendo. Fiquei ainda mais perturbada com a declaração de amor de Kevin por mim de novo e a bagunça no meu jardim me irrita. Tudo parece mal terminado — ou pior: destruído, como se tudo tivesse sido arrancado e deixado desarrumado. É uma maneira peculiar de explicar, mas é assim que me sinto. Não consigo ficar tranquila com todos esses pensamentos em minha mente, esses pensamentos cheios de raiva que não podem ser contidos, nem arquivados em outro lugar enquanto eu durmo. Não tenho nada para me distrair. Geralmente eu teria uma reunião para a qual me preparar, uma meta, um objetivo, uma nova ideia, uma apresentação — alguma coisa, *qualquer coisa* para tirar da minha mente esses pensamentos inúteis que circulam em minha cabeça. Eu me levanto, vou lá para baixo e ligo as luzes de segurança em meu jardim. Elas são tão brilhantes que mais parecem holofotes. O que eu vejo me deixa ainda mais louca da vida. Ineficiência. Meu sangue ferve.

Visto o casaco sobre o pijama e vou lá para fora. Olho para os rolos empilhados de grama e então para o quadrado de terra vazio à minha direita. Se você quer algo feito do jeito certo, faça você mesmo: sempre foi minha filosofia. Não deve ser tão difícil assim.

Pego o primeiro rolo de grama e é mais pesado do que eu esperava. Eu o largo no chão, xingo e espero que não o tenha quebrado. Fico encarando o espaço vazio e tento descobrir como fazer isso. E então o desenrolo. Duas horas depois, estou suja e suada. Já tirei o casaco, que estava restringindo meus movimentos, e coloquei um moletom velho. Estou coberta de lama, grama, suor e, a certo ponto, até lágrimas de frustração: pela grama, pelo emprego, por Kevin e por Heather e pela mãe, e pela

unha que quebrei ao dar um encontrão na caçamba. Estou tão perdida em mim mesma, em minha tarefa, que quase dou um pulo quando ouço uma tosse quebrando o silêncio.

— Desculpe. — Ouço sua voz de repente.

São três da manhã. Olho para o outro lado da rua, para seu jardim, mas não consigo ver nada. Vejo os contornos dos móveis de jardim, mas o resto é escuridão, todas as luzes da casa estão apagadas. Meu coração está aos pulos enquanto meus olhos procuram furiosamente no escuro. E então vejo o brilho de um cigarro, acendendo enquanto é inalado. É você. Há quanto tempo você estava aí? Eu não ouvi, nem vi o jipe chegando, e ainda não o vejo, o que significa que você estava aí o tempo todo. Quero chorar. Quer dizer, eu estava chorando, e alto, pensando que ninguém pudesse me ouvir.

— Fiquei trancado para fora — você diz, quebrando o silêncio.

— Há quanto tempo você está aí? — pergunto. Agora que sei que você está aí, começo a ver seu contorno, sentando na cadeira à cabeceira da mesa, a mesma cadeira de sempre.

— Há algumas horas.

— Você deveria ter dito alguma coisa.

Vou para dentro de casa pegar a chave reserva e, quando volto, você está de pé à sua porta.

— Por que está tão escuro aí?

— A luz do poste está quebrada.

Olho para cima e finalmente entendo por que não conseguia ver você. O dr. Jameson vai ficar irritado com isso quando voltar. No chão bem abaixo do poste está o vidro quebrado e um dos meus tijolos da caçamba está no meio da rua. Fico pensando como não ouvi quando isso aconteceu, eu tinha certeza de que não havia caído no sono. Lanço um olhar de acusação para você.

— Era brilhante demais. Eu não conseguia dormir — responde você mansamente.

Você não parece tão bêbado, você está calmo, teve tempo para ficar sóbrio — em minha companhia, mesmo sem eu saber que você estava ali —, mas ainda sinto o cheiro de álcool.

— Cadê o seu jipe?

— A polícia prendeu os pneus com uma trava.

Dou a chave para você. Você abre a porta da frente e me devolve a chave.

— Você deveria ter falado alguma coisa — digo de novo, finalmente olhando-o nos olhos, e então desviando o olhar, me sentindo tão vulnerável.

— Eu não queria te incomodar. Você parecia ocupada. Triste.

— Não estou triste — rosno.

— Claro que não. São quatro da manhã, você está mexendo no jardim, eu estou quebrando a luz do poste, estamos muito bem. — Você dá aquela risadinha pretensiosa que eu odeio. — Além disso, foi bom não estar sozinho aqui fora, pelo menos uma vez.

Você me dá um sorrisinho antes de fechar a porta com cuidado. Ao voltar para casa, percebo que

minhas mãos estão tremendo, minha garganta está seca e fechada, e sinto um aperto no peito. Não consigo ficar quieta. Não percebo o furor em que estou até ver minhas pegadas confusas de lama em círculos no chão, a trilha de uma mulher maluca.

É de madrugada, mas não resisto: pego o telefone.

Larry atende com a voz grogue, ele sempre atende. Ele deixa o celular ligado a noite inteira, sempre esperando ouvir as piores notícias possíveis sobre a filha toda vez que ela sai para ir a uma balada ou dormir na casa de uma amiga usando uma saia curta demais e hesitando sobre os sapatos de salto alto nos quais ela não consegue se equilibrar. Esse estresse por causa dela vai acabar matando o Larry.

— Larry, sou eu.

— Jasmine — responde ele, perdido. — Jesus. Que horas são? — Eu o ouço tentando se levantar. — Está tudo bem?

— Na verdade, não. Você me demitiu.

Ele suspira. Ele tem a decência de parecer envergonhado na resposta gaga, meio grogue e respeitável que me dá, mas eu o interrompo.

— Tá, tá, você já disse isso antes, mas escuta aqui, preciso conversar sobre outra coisa. Essa licença. Não está funcionando para mim. Precisamos cancelar isso. Parar com isso.

Ele hesita.

— Jasmine, era parte do contrato. Nós concordamos...

— É, nós concordamos quatro anos atrás, quando eu não achava que você fosse me demitir e então me forçar a ficar de bunda na cadeira por um ano inteiro sem fazer nada. Preciso que você pare com isso. — Minha voz soa desperta, tensa, como se eu precisasse de uma dose de alguma coisa. Estou desesperada. — Isso está me matando, Larry. Você não sabe o que essa merda faz com sua cabeça.

— Jasmine — ele está alerta agora, a voz estável —, você está bem? Você está com...

— Estou ótima, tá, Larry? Escuta aqui... — Arranco um pedaço da unha quebrada com os dentes e percebo que puxei demais; o ar atinge a carne viva exposta e arde e me faz sugar o ar fazendo um barulho alto. — Não estou pedindo para ter meu emprego de volta, estou pedindo que você reconsidere. Na verdade, reconsiderar, não, mas parar com essa coisa da licença. É desnecessária, é...

— Não é desnecessária.

— É, sim. Ou pelo menos é comprida demais. Deixe essa licença mais curta. Por favor? Já faz dois meses. Tudo bem. Dois meses não tem problema. Várias empresas têm essas licenças por dois meses. Preciso me ocupar... Você me conhece. Não quero virar esse cara que mora do outro lado da rua, uma coruja noturna maluca que...

— Quem mora do outro lado da rua?

— Não importa. O que estou dizendo é o seguinte: preciso trabalhar, Larry. Preciso...

— Ninguém espera que você não faça nada, Jasmine. Você pode assumir projetos.

— Uma merda de projeto? Tipo o quê? Construir um vulcão de papel machê? Isso aqui não é a escola, Larry. Tenho trinta e três anos, porra. *Eu não posso NÃO trabalhar por um ano.* Você sabe como vai ser difícil voltar no ano que vem? Depois de um ano inteiro? *Quem vai querer alguém que não trabalhou por um ano?*

— Tudo bem. Então onde você vai trabalhar? — Ele está ficando mais combativo, agora que está totalmente acordado. — Exatamente que linha de negócios você tem em mente? Amanhã, se você pudesse voltar para o mercado e arrumar um emprego, diga para mim, para onde você iria? Ou você prefere que eu te ajude a responder a essa pergunta?

— Eu... — Hesito porque ele está insinuando alguma coisa, e me confundindo. — Não sei do que você está falan....

— Nesse caso, então, eu digo para você. Você iria direto para o Simon...

Congelo.

— Eu não iria falar com o Simon...

— Iria sim, Jasmine, iria. Porque eu sei que você se encontrou com ele. Eu sei que vocês foram tomar um café juntos. Direto depois que você saiu daqui, você entrou em um restaurante com ele. Foi nos Salões de Chá da Grafton, não foi? — Agora ele está bravo e posso ouvir a sensação de traição na voz dele. — O mesmo lugar onde vocês costumavam se encontrar quando você estava tentando vender a empresa que não deveria estar vendendo. Não é verdade?

Eu não estava esperando que ele fosse parar de falar tão de repente e meu silêncio é como uma admissão. Quando finalmente estou pronta para falar por mim, ele já começou de novo:

— Está vendo, Jasmine? Você tem de tomar cuidado, não é mesmo? Nunca se sabe quem está de olho em você. Você acha que eu não ia ficar sabendo sobre isso? Porque eu fiquei, na verdade, muito puto da vida, para ser honesto. Eu sei que ele te ofereceu um emprego e que você aceitou, mas que ele não trabalharia com você sob os termos da licença. Eu sei disso porque o pessoal do departamento legal dele entrou em contato com o nosso para perguntar detalhes específicos. Pelo jeito um ano é tempo demais para ele. Não vale a pena esperar tanto por você. Então, não venha me ligar agora, me implorando para facilitar as coisas para você, não quando você estava prestes a me trair...

— Com licença, e quem é você para falar sobre traição? Nós fundamos uma empresa juntos, Larry, *juntos...*

Continuamos falando um por cima do outro, a mesma conversa que tivemos onze semanas atrás quando fui demitida. Na verdade, a mesma conversa que tivemos antes de eu ser demitida, quando ele ficou sabendo que eu estava fazendo os preparativos com Simon para nos deixar em uma boa posição para vender a empresa.

É inútil, e nenhum dos dois está preparado para ceder até que ouço a mulher dele ao fundo, uma interrupção sonolenta e zangada, e Larry se desculpa em voz baixa e então volta para o telefone, falando alto e claramente, cheio de raiva.

— Não vou perder meu tempo com essa conversa. Mas escute o que estou dizendo de uma vez por todas, Jasmine. Não. Vou. Acabar. Com. A. Sua. Licença. Agora, se eu pudesse deixar você de licença por *dois anos*, bem que deixaria. Pouco me importa o que você vai fazer com este ano — vá viajar, vá para uma merda de retiro, experimente *terminar algo que você começou* pelo menos uma vez na vida — eu não estou nem aí, só não ligue para a porra do meu celular de novo, e principalmente não a esta hora. É um ano. Uma merda de um ano, e então você pode voltar a começar e vender e nunca terminar nada, como sempre, tá?

Ele bate o telefone na minha cara, e fico tremendo e desorientada de tanta raiva.

Ando pela cozinha, resmungando sobre terminar coisas que comecei, fazendo uma lista de todas as coisas que consigo me lembrar. Ele tocou em um nervo exposto. Foi repentino e me pegou de surpresa, e me magoou mais que qualquer outra coisa que ele disse, mais do que o ato de me demitir. Na verdade, é a coisa mais horrível que alguém já disse para mim em minha vida e não consigo parar de tremer. Continuo discutindo esse ponto com ele em minha cabeça, mas é inútil, já que sou eu e ele nessa conversa imaginária, e eu, sendo eu, sempre venço. Olho para a bagunça no jardim, o que me leva de volta para uma espiral de raiva. Vou lá para fora e chuto um rolo de grama, meu pé fura o rolo e então piso sobre ele, derrubando-o da pilha e fazendo com que se abra. A grama se parte no buraco onde chutei o rolo. Com vergonha do que fiz, e surpresa, olho para cima e vejo suas cortinas se mexendo. Vou para dentro de casa e bato a porta.



Passo um tempão no chuveiro, chorando de frustração, a água quente queimando minha pele e deixando-a vermelha e em carne viva. Termino o banho com uma promessa bem clara na mente. Não vou me rebaixar e virar sua companhia, principalmente à noite. Acredito que este tenha sido meu ponto mais baixo e não vou chegar a esse nível de novo. Vou me levantar apesar de tudo isso e de você. Não foi só a conversa com Larry que me deixou nervosa assim. O que me pegou de cara foi você. Foi você quem me fez voltar correndo para casa, pegar o telefone e ligar para ele. Porque foram suas palavras que me fizeram olhar para mim, para minha situação, e me fizeram querer sair dessa.

Ouçó sua voz sem parar: *foi bom não estar sozinho aqui fora, pelo menos uma vez*. Você me trouxe para seu mundo, sem minha permissão, sem minha autorização, você me incluiu em sua crise, em seu estado de espírito e me comparou a você. E ao fazer isso você me deixou envergonhada, porque sempre acreditei que suas palavras fossem veneno, que fossem a pior coisa em você, que fossem perigosas.

Mas, quando baixei a guarda, suas palavras me deram calor. *Foi bom não estar sozinho aqui fora, pelo menos uma vez*. Quando você disse essas palavras, elas me confortaram. E então também não me senti sozinha.

Não vou deixar você fazer isso comigo de novo.

Capítulo 11

Pela primeira vez depois de muito tempo, acordo e meu quarto está cheio de uma luz amarela e uma sensação de calma. É estranho, diferente da luz azul-cinza que mal iluminou o quarto nos últimos meses. É o primeiro dia de fevereiro e, apesar de a primavera ainda não ter florescido, me dá razões para acreditar que eu possa vencer essa batalha. Essa sensação está no ar, ou talvez seja porque é a primeira vez em muito tempo que acordei tarde. Não gosto de dormir demais, isso faz eu me sentir preguiçosa; mesmo depois de ir dormir tarde, sempre achei que uma caminhada comprida pela baía fosse a única cura para mim, mas, depois de todo o esforço físico de minha jardinagem na madrugada de ontem, estou exausta. Assim que me mexo, sinto meus membros doloridos.

O rádio me diz que dormi por oito horas e mais uma vez o país foi atacado por tempestades, e estamos nos acostumando com o novo termo “fábrica de tempestades”, assim como “vórtice polar” — sem dúvida, nomes para bebês em 2015. Eles avisam que vamos ter mais duas semanas de loucura nos céus, graças ao clima instável vindo do Atlântico. A calma lá fora me engana. Três cidades estão debaixo d’água, há ondas de cinco metros na previsão, e a conversa na maioria das estações se volta para o aquecimento global e o derretimento do gelo polar que está alimentando as tempestades. O nível de chuva em janeiro foi 70% acima do normal, e a previsão para fevereiro não é muito diferente. Mas não hoje. Olho pela janela e me sinto renovada pelo céu azul e limpo, algumas nuvens finas aqui e ali. Apesar de ainda estar dolorida pela minha malhação tarde da noite no jardim, e com vergonha por você ter assistido a tudo, enterro tudo em algum lugar da mente.

Examino meu trabalho árduo e fico desapontada, não, arrasada com o que vejo. À primeira vista, parece que alguém veio e saqueou deliberadamente minha grama recém-plantada, mas, ao examinar de perto, percebo que a culpada disso sou eu mesma. Com a vista que tenho da janela do meu quarto, posso ver que o jardim representa perfeitamente meu estado de espírito ontem à noite enquanto eu trabalhava nele. O jardim parece uma colcha de retalhos mal costurada e não terminada, e fico horrorizada com o que vejo. É como se meu diário tivesse sido deixado aberto para todo mundo ler sobre meus pensamentos mais profundos e sombrios, e agora preciso fechá-lo rapidamente antes que me revele para o mundo. Não posso esperar até segunda para o paisagista voltar e consertar a bagunça que fiz. E não vou conseguir aguentar dois dias disso com meu estado mental tão frágil representado no jardim da frente, para todo mundo ver.

Uma pesquisa on-line — algo que eu deveria ter encontrado tempo para fazer ontem à noite, em vez de deixar a adrenalina e a raiva tomarem conta de mim — é a resposta. E me ensina exatamente como resolver o problema. Uma hora depois, estou de volta da loja de jardinagem, armada e pronta. Nunca faça algo que não possa ser desfeito, é o que sempre digo a mim mesma, e repito isso agora enquanto analiso a tarefa à minha frente. Uma bagunça, demorada, desafiadora e frustrante, mas possível. O paisagista já tinha preparado perfeitamente o solo para mim; ele demorou mais que o esperado, mas terminou o serviço. Apesar de eu ter feito a besteira de andar por toda a grama ontem à noite, o que percebo hoje que não deveria ter feito, eu enrolo com cuidado cada rolo de grama de

novo antes de “plantá-lo” no lugar correto. Desenrolo a primeira fileira ao longo da extremidade reta onde o solo encontra os paralelepípedos, com todo o cuidado para minimizar os danos. Aquele em que eu fiz um buraco com meu chute ainda está à entrada da minha garagem como um cadáver em uma cena de crime. Coloco o próximo rolo ao lado do primeiro e garanto um bom contato com o solo dando batidinhas firmes com a parte de trás de um ancinho. Agora sei que deveria ter feito tudo isso ontem à noite, mas também sei que não teria tido a paciência necessária. A noite passada foi para eu me mexer, para fazer alguma coisa — mas não necessariamente da maneira certa.

Enquanto corrijo meus erros nesse dia tão estranhamente calmo, sinto uma quietude tomando conta de mim. Eu me esqueço de tudo o que me deixou tão irritada nos últimos dias e semanas e dedico toda a minha concentração ao trabalho à mão. Distração. Minha mente se acalma enquanto continuo o processo por algumas horas, cobrindo a área em um padrão de tijolos. Estou prestes a começar a trabalhar nas laterais, aparando as pontas com uma tábua de cantos retos e uma ferramenta de corte em meia-lua, ambas compradas exatamente para isso, quando um carro passa em frente à casa. Não reconheço o motorista como um dos meus vizinhos, mas isso acontece bastante nos fins de semana, quando as pessoas saem para dirigir ao longo do litoral e então exploram as ruas residenciais que ficam por perto. Estou acostumada a ver carros passando por aqui, os assentos cheios de crianças, seus rostos pressionados contra o vidro, de boca aberta, e casais mais velhos dando uma espiada em seus passeios tranquilos de carro no domingo. Nós temos a rua sem saída perfeita apenas para olhar: é bonita, acolhedora, o tipo de lugar onde as pessoas gostam de se imaginar morando um dia.

O motorista tem de fazer uma manobra para virar o carro, já que a rua é curta. Vejo-o checando os números das casas, o que não é uma tarefa fácil já que todo mundo resolveu mostrá-los de maneiras diferentes e em locais diferentes. Você tem uma placa preta com flores cor-de-rosa bonitas para mostrar seu número, enquanto o dr. Jameson tem um ganso voando e a casa ao lado tem um anão de jardim com uma mão segurando um número 2, e a outra, a calça dele, que caiu para mostrar uma cueca samba-canção enorme com coraçõezinhos vermelhos e brancos. O meu é o menos emocionante de todos: uma caixa de correio preta presa à parede mostrando o número 3.

Ele para do lado de fora da minha casa e sai do carro. Tenho certeza de que ele não está procurando por mim, então continuo trabalhando no jardim, mas não consigo me concentrar sabendo que ele está olhando ao redor. Então me dou conta de que os olhos dele estão sobre mim. Ouço barulhos de passos à medida que ele se aproxima.

— Com licença, estou procurando por Jasmine Butler.

Olho para cima, enxugo o suor da minha testa encardida. Ele é alto, moreno e tem as maçãs do rosto altas e bem formadas. Os olhos dele são de um verde impressionante, que combinam com seu tom de pele, e o cabelo estilo afro sobe e então cai sobre os olhos dele em cachinhos que mais parecem saca-rolhas. Ele está usando um terno preto, camisa branca, gravata verde e sapatos pretos e brilhantes. Ele me faz me lembrar de respirar.

Da maneira como estou olhando para ele estupefata, ele acha que não escutei o que disse.

— Você é Jasmine Butler?

Ele é notavelmente familiar, mas nunca o vi antes; eu me lembraria dele. E então percebo que reconheci a voz. É o vendedor que me ligou.

— Ou talvez você seja a Caetana Bloconson — diz ele, e então aperta os lábios para não sorrir, duas covinhas enormes aparecendo em suas bochechas.

Sorrio, sabendo que fui pega no pulo.

— Eu sou a Jasmine — digo, e minha voz sai como um coxo. Limpo a garganta.

— Meu nome é Monday O'Hara. Eu liguei para você algumas vezes nas últimas duas semanas.

— Você não deixou seu nome, nem número de contato — digo, pensando se ouvi o nome dele direito.

— Verdade. É um assunto pessoal. Eu queria falar com você mesma, e não... com sua faxineira.

Continuo olhando para ele. Até agora ele não falou o bastante para eu abandonar minha grama ou recebê-lo em minha casa.

— Eu trabalho para a Diversified Search International. Fui contratado pela David Gordon White para encontrar candidatos adequados para uma nova vaga, e acho que você vai além de preencher os requisitos que eles estão procurando.

Eu me sinto flutuar enquanto ele continua.

— Liguei para seu escritório várias vezes, mas não consegui falar com você. Não deixei nenhuma mensagem lá, não se preocupe. Eu não queria causar alarme, então disse a eles que era assunto pessoal. Mas eles foram mais difíceis de lidar do que eu esperava; você pode ou não ficar feliz ao saber disso.

Eu não sei bem como responder a isso. Ficou claro quando nos falamos ao telefone que ele não sabia que eu tinha sido demitida. Não sei por que ninguém contou para ele, talvez porque tecnicamente eu não tenha sido demitida, e ainda estou ligada à empresa contratualmente, apesar de eles não me deixarem passar pela porta da frente.

— Você é uma mulher difícil de encontrar — diz ele, com um sorriso que é uma coisa linda de admirar. Duas covinhas bem definidas e uma lasca bem pequenina no dente da frente: até a imperfeição dele é perfeitamente perfeita. Na minha humilde opinião.

Minha casa está uma zona. Ainda não consegui limpar a lama que espalhei pelo chão durante meu faniquito na noite passada e minhas calcinhas sujas estão em uma pilha no chão da cozinha em frente à máquina de lavar, esperando que minhas toalhas terminem seu ciclo. Não posso levá-lo para dentro de casa.

— Sinto muito incomodá-la em pleno sábado, mas acho que as horas de folga são o melhor momento para lidar com as pessoas. Tenho plena consciência de que é necessário evitar que seu escritório fique sabendo sobre nosso contato.

Ainda estou pensando no estado da casa, fazendo uma pausa longa que ele interpreta erroneamente como desconfiança, então ele se desculpa e enfia a mão no bolso e tira de lá um cartão de visitas. Ele tem de esticar seus braços compridos por sobre a grama para me alcançar; ele sabe que não deve pisar na grama e gosto disso. Examino o cartão. *Monday O'Hara. Headhunter. Diversified Search International.* Aquilo tudo me faz sorrir.

— Não precisamos conversar agora, eu só queria fazer um primeiro contato e...

— Não, não, agora é perfeito. Bom, não *neste momento*... — Passo a mão sobre meu cabelo sujo e penteado para trás e encontro uma folha seca nele. — Você se importaria se eu tirasse vinte minutos para trocar de roupa? Poderíamos nos encontrar no Marine Hotel aqui perto?

— Perfeito.

Vejo um flash daquele sorriso lindo, mas então tudo se fecha naquela mandíbula bem quadrada e ele faz que sim com a cabeça, muito profissional, para mim, e se encaminha para o carro. Tenho de me controlar para não sair dançando pela casa.



Eu me sento no sofá de tamanho exagerado no lobby do Marine Hotel, sentindo-me renovada e parecendo mais humana, enquanto Monday sai em busca de um garçom. Fico nervosa e animada com o que está por vir. Até que enfim, alguma coisa que parece um passo à frente. Ele não tem a menor ideia de que fui demitida, nem que não trabalho mais naquela empresa e, se o assunto vier à tona, ele não precisa saber que não foi minha decisão sair de lá. Sei exatamente por que não vou contar nada: porque quero brincar. Quero entrar na brincadeira, e me sentir a mulher desejada com duas empresas lutando por ela, em vez da perdedora, demitida do emprego e sem nada no horizonte. Ou talvez, só talvez, em um ataque embaraçoso de ego e fraqueza, não quero que o homem bonito me veja como a fracassada demitida que me sinto ultimamente.

Uma mulher e uma menininha, filha dela e que deve ter uns quatro anos, estão sentadas à mesa em frente à nossa. A menina pega a colher e a bate de leve no copo.

— Eu queria fazer um finde — diz ela, e a mãe dela quase rola de tanto rir.

— Um *brinde*, Lily.

— Ah. — Ela dá uma risadinha. — Eu queria fazer um *brinde*. — Ela bate no copo de novo, estica o pescoço e assume uma expressão séria de gente chique.

A mãe cai na risada outra vez.

A menininha é engraçada, mas é a reação da mãe que me faz rir também. Ela está gargalhando tanto que chega a chorar, e toca nos cantos dos olhos para enxugar as lágrimas.

— E o seu brinde é para quê?

— O brinde gostaria de agradecer — diz Lily com uma voz grave e refinada — à manteiga e à geleia.

A mãe rola no sofá, rindo.

— E ao ovo, por deixar tudo amarelinho.

Lily percebe que estou escutando e para, envergonhada.

— Não se preocupe comigo — digo a ela. — Você está fazendo um ótimo trabalho.

— Ai. — A mãe dela se senta e enxuga os olhos, tentando recuperar o fôlego. — Você acaba comigo, Lily.

Lily faz mais alguns discursos, que me fazem dar risada sozinha. Fico quieta enquanto elas se divertem juntas, mas não vou ficar quieta e sozinha por muito tempo. Meu *headhunter* volta. Esse homem me “caçou”, o que confere um aspecto meio animal a tudo isso. Eu me sinto corar e tento parar com essas bobagens na minha cabeça. Concentro toda a minha atenção no Monday, e todos os pensamentos sobre a menininha desaparecem.

— Pedi um chá verde para você — diz ele, checando.

— Perfeito. Obrigada. Então, seu nome é Monday. Nunca conheci alguém com esse nome antes.

Ele se inclina para a frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos. Agora ele está bem perto de mim, mas sentar-me um pouco para trás seria falta de educação, então eu me perco naquele rosto e tento me lembrar de que não deveria estar fazendo aquilo, que na verdade eu deveria estar me concentrando nas palavras que saem por aquele dente branco levemente quebrado e daquela boca suntuosa, e na razão para estar aqui. Porque ele me encontrou, veio atrás de mim e acha que sou uma pessoa altamente qualificada e maravilhosa.

Ou alguma coisa assim.

Posso perceber que ele fica totalmente à vontade com minha pergunta, e sem dúvida já teve que responder a ela um milhão de vezes.

— Minha mãe é louca — diz ele com um ar de finalidade, e dou risada.

— Eu esperava mais do que isso.

— Eu também — responde ele, e nós dois sorrimos. — Ela era violoncelista na Orquestra Sinfônica Nacional. Agora ela dá aula em um trailer em Connemara, no jardim de uma casa na qual ela se recusa em morar porque está convencida de que viu o fantasma do pai dela. Ela me deu esse nome porque eu nasci em uma segunda-feira. Meu nome do meio é Leo porque nasci no fim de julho. O'Hara é o sobrenome dela, e não o do meu pai. — Ele sorri e os olhos dele deixam de observar os meus e se voltam para meu cabelo. — O cabelo dela é ruivo como o seu, apesar de eu não ter herdado isso. Só as sardas dela.

É verdade, ele tem uma camada bem leve de sardas pelo nariz e no topo das bochechas. Imagino uma mulher ruiva com sardas e pele bem branca em um campo em Galway com um violoncelo entre as coxas. Talvez um pouco sensual demais.

Minha vez.

— Meu avô levou um buquê de jasmim de inverno do jardim dele para minha mãe no hospital quando eu nasci. Então ela me deu o nome de Jasmine.

Ele parece surpreso.

— As pessoas raramente me contam a história do nome delas também.

— Se você tem uma história sobre seu nome, então precisa contar — digo.

— Geralmente eu não tenho escolha — diz ele. — Uma mera apresentação requer uma explicação. É a mesma coisa para minha irmã, Thursday.

— Você não tem uma irmã chamada Thrusday!

— Não. — Ele ri, satisfeito com minha reação.

— Bom, eu tenho uma irmã. Meu avô levou um buquê de urzes para minha mãe quando ela nasceu. Então ela recebeu o nome Heather.

— Mas que previsível — provoca ele, curvando o lábio.

— Acho que sim. Meu irmão Capim é que teve sorte.

Ele estreita os olhos, desconfiado, e então dá risada.

— E de onde é seu pai?

— Marinheiro espanhol.

— Você não tem cara de espanhol.

— É brincadeira. Bom, de qualquer forma, é um termo equivalente que minha mãe arrumou. Ele era um vendedor que viajava muito a trabalho, aparentemente. Eu nunca o conheci, não tenho a menor ideia de quem ele seja, ela nunca contou a ninguém. Mas meus amigos e eu achávamos que fosse todo cara negro que a gente via quando éramos crianças, e é óbvio que não havia muitos em Galway. Era uma brincadeira: “adivinha quem é o pai do Monday”. Havia um cara que tocava saxofone na Quay Street; meus amigos falavam de brincadeira que era ele. Quando eu fiz doze anos, fui lá perguntar para ele. — Ele ri. — Não era ele, mas ele disse que poderia conhecer minha mãe se eu quisesse.

É triste, mas nós dois damos risada, e então ele de repente muda a conversa e entra em “modo negócios”.

— Então. O trabalho. — Ele coloca uma pasta de couro sobre a mesa e abre o zíper. — Fui contratado pela DavidGordonWhite. Você já ouviu falar deles? Se não, olha só.

Ele coloca uma pasta da empresa à minha frente. Muito corporativa, muito séria, com aparência bem cara: uma foto de um homem e uma mulher em ternos de risca de giz em frente a um prédio espelhado, os dois olhando para o céu por sobre a câmera, como se um meteoro estivesse indo na direção deles, mas eles não estão nem aí. Meu coração canta. Eles me querem. Eles precisam de mim. Eles acham que sou altamente qualificada e maravilhosa. Eles acham que sou necessária, que sou valiosa. Eles querem me pagar para me distraírem do mundo e dos problemas da vida real. Estou sorrindo, não consigo me segurar.

— Eles são uma empresa de consultoria fiscal — digo.

— Entre as dez maiores do mundo. Isso mesmo. Você sabe que corporações como essas têm programas corporativos de responsabilidade social.

— Exercícios de relações públicas — digo.

— Você pode não querer mencionar isso na entrevista. — Ele sorri, e então a expressão profissional está de volta. — Se fosse apenas um exercício de relações públicas, então não se

qualificaria como uma instituição de caridade, que é o que eles têm em mente: a Fundação DavidGordonWhite, uma instituição de caridade que luta pela justiça climática: direitos humanos e mudanças climáticas. Eles querem que você trabalhe para eles... — Ele faz uma pausa, obviamente esperando para ver se vou fazer alguma pergunta ou se ele pode continuar. Estou tão decepcionada que não sei o que dizer. Não é um emprego de verdade; eles querem que eu trabalhe para uma instituição de caridade. — Vou continuar falando sobre tudo, e você me interrompe se tiver alguma pergunta, tá?

Faço que sim com a cabeça. Estou irritada. Com a DavidGordonWhite. Com ele, por me enganar com toda sua beleza e seus elogios, me fazendo pensar que estava me oferecendo um emprego de fato. Sinto minhas bochechas corarem. Ele fala e fala e fala sobre a vaga. Nada que ele diz desperta meu interesse.

Por fim, ele para de falar e olha para mim:

— Devo continuar?

Quero dizer “não”. Quero dizer mais que isso, estou com a cabeça quente, mas não devo descontar minhas frustrações pessoais neste homem, por mais lindo que ele seja.

— Ainda não entendi por que eles me selecionaram — digo a ele. — Nunca trabalhei com ou para uma instituição de caridade. Eu crio startups, faço delas um sucesso arrebatador e então as vendo pelo valor máximo possível.

Até eu sei que se trata de uma maneira horrorosa de descrever o que faço. Na verdade, soa como algo que Larry disse aos berros para mim no passado, quando na realidade sou incrivelmente apaixonada pelo meu trabalho. Há muito mais coisa envolvida além daquilo que eu disse, mas quero fazer esse trabalho parecer o mais distante possível de uma instituição de caridade. Ele pisou na bola. Como é que meu nome apareceu no sistema quando ele digitou “caridade”, além do fato de eu estar começando a me sentir um caso de caridade mesmo?

Ele parece um pouco surpreso com minha explosão, mas reserva um momento maduro para escolher suas próximas palavras, me lançando um olhar eu-me-importo-e-entendo-o-que-você-está-dizendo:

— Você seria responsável pelo controle geral e pela gerência da instituição. É um negócio como outro qualquer e está começando do zero. — Ele consegue ver a incerteza no meu rosto e está tentando me vender o peixe.

Ele segue falando sobre o que fiz pelos meus negócios, como se eu mesma não soubesse, mas é uma decisão inteligente, é uma massagem no ego, e ele pesquisou tudo sobre mim direitinho. Ele me admira abertamente, apoia minhas decisões e bom trabalho, e me sinto tão lisonjeada como se não houvesse no mundo alguém mais inteligente que eu. Mordi a isca e ele está enrolando minha linha. Ele me conta que, quando perguntou por aí quem seria o melhor candidato, meu nome apareceu em algumas ocasiões diferentes. A beleza dele ajuda, porque quero agradar-lhe, porque quero que ele ache que sou talentosa e inteligente e todas essas coisas; ele é a pessoa perfeita para ser headhunter, capaz de encher as pessoas de autoconfiança, e convencê-las de que há algo muito melhor para elas no mundo do que aquilo que estão fazendo no momento. Ele quase me pega de jeito. Quer dizer, ele

me pega, *sim*, mas o emprego... nem tanto. Não estou com aquele frio na barriga que sempre sinto quando tenho uma ideia para um novo projeto, ou encontro uma ideia de outra pessoa que posso melhorar.

Ele olha para mim cheio de esperança.

Meu chá verde chega. Enquanto o garçom coloca o chá à minha frente, tenho tempo para pensar. Esse emprego não é para mim, mas não estão me oferecendo mais nada também. Fico dividida entre demonstrar interesse e ser honesta. E eu gosto dele, o que deveria ser algo à parte, e realmente é, mas ao mesmo tempo é inevitável. Ser demitida acabou com minha autoconfiança, me fez questionar o como, o quê e o porquê de cada decisão que tomo. Espero pela coisa certa ou agarro a primeira que apareceu, só por precaução?

Ele me estuda intensamente, aqueles olhos amendoados olhando profundamente nos meus, e sinto que estou caindo neles, sendo sugada para dentro deles. E então me sinto uma idiota porque ele só está olhando para mim e eu é que estou exagerando. Interrompo esse olhar fixo, apesar de ele continuar me observando. Estou convencida de que ele sabe, que ele consegue enxergar minha alma a fundo. Não posso fazer isso, não posso mentir para ele, essa pessoa que está me oferecendo a luz do sol no meio de um dos meus invernos mais longos.

— Na verdade, Monday, eu sinto muito... — Esfrego o rosto, envergonhada. — Parece que houve um mal-entendido. Eu não trabalho mais para a Fábrica de Ideias. Eu perdi o emprego há dois meses. Um desentendimento entre mim e o cofundador. — Sinto meus olhos brilharem enquanto falo. — Então, eu não tenho um emprego no momento. — Já não sei mais o que dizer. Sentindo minhas bochechas corarem, tomo um gole do chá verde só para me dar alguma coisa para fazer. O chá queima minha língua e minha garganta e é tudo o que posso fazer para não reagir, mas pelo menos isso me distrai das lágrimas que estavam prestes a chegar.

— Tudo bem — diz ele tranquilamente, a postura dele relaxando e se transformando. — Bom, então é uma coisa boa, certo? Eles não precisam roubar você da outra empresa. Mas você está procurando outro emprego, não é?

Tento parecer concentrada e fico pensando se devo mencionar minha licença. Não posso fazer isso. Não posso ficar vendo a única oportunidade que tenho de trabalho ir por água abaixo ao admitir meu segredinho sujo: que estou na folha de pagamentos do Larry por mais dez meses, o que me impede de trabalhar. Mas também *não* posso deixar de contar para ele, um headhunter. Ele toma a decisão por mim preenchendo o silêncio.

— Vou deixar isso com você... — Ele faz a pasta deslizar sobre a mesa. — São informações sobre a vaga. Você pode ler tudo e então me ligar. A gente pode se encontrar de novo, discutir quaisquer perguntas que você possa ter.

Olho para a pasta, repentinamente desolada, desamparada. O que começou como uma massagem no ego, me deixando nas alturas, agora me deixa estatelada no chão. Não é um emprego que eu queira, mas sei que preciso de um. Pego a pasta e a seguro contra o peito. Ele bebe o expresso em um gole só e tento tomar meu chá escaldante para que a gente possa ir embora.

— Podemos nos encontrar de novo antes da entrevista — diz ele, me levando até a porta e a

abrindo para mim.

Dou um sorriso.

— E quem disse que vai haver uma entrevista?

— Tenho certeza de que haverá uma — diz ele com confiança, mas de um jeito agradável. — Meu trabalho é saber que você é a pessoa certa para a vaga, e por acaso sou muito bom no que faço. — Ele me dá um grande sorriso para amenizar o discurso de vendas, mas sem sucesso. Algo me diz que ele é ótimo naquilo que faz. A voz dele assume uma nota mais branda quando ele completa: — E seria bom para você, Jasmine.

Estamos do lado de fora. O tempo virou, e o vento sopra forte de novo; no espaço de uma hora as árvores começaram a chicotear de um lado para o outro, violentamente, como se estivéssemos em uma ilha tropical — mas não estamos. Isso aqui é a Irlanda, e é fevereiro. Tudo está esquelético e cinza, as pessoas andam por aí com a cara fechada, os lábios roxos, as mãos tensas e azuis brilhando à luz pálida ou enfiadas nos bolsos.

Eu o observo caminhar até o carro.

Não me incomodei quando ele fingiu me conhecer e me elogiou, mas fico incomodada com o fato de ele fingir que me conhece e que está falando a verdade. Porque, apesar de nos conhecermos há apenas uma hora, ele provavelmente tem razão. Na minha situação, um emprego — qualquer emprego — seria bom para mim. Pode ser a única coisa capaz de me impedir de cair seja lá no que for que tenho caído ultimamente.

Capítulo 12

A tempestade que atacou naquela noite chegou a um nível de furacão, com ventos em algumas partes do país atingindo os 170 quilômetros por hora. De acordo com o noticiário, há 260 mil pessoas sem eletricidade. Há relatos de acidentes nas estradas, caminhões tombando, árvores caindo sobre carros, imagens de destruição nas casas das pessoas, telhados sendo levados pelo vento, janelas quebradas pelos detritos voadores. A costa leste não foi muito afetada. Vejo galhos caídos na rua, folhas, latas de lixo no chão, rendidas, e brinquedos de criança onde não deveriam estar, mas, em comparação com as casas inundadas, nós temos muita sorte. No entanto, foi uma noite selvagem para nossa rua, e por muitos motivos diferentes.

Enquanto eu tentava ler as informações sobre a empresa e descobrir a relação entre direitos humanos e mudança climática, fui interrompida por você. Foi diferente das interrupções de sempre. Você não chega em casa com a música no último volume: você já está em casa; na verdade, você está completamente sóbrio. Isso não é totalmente inédito, você não fica de porre toda noite, e nem sempre no mesmo nível. Desde que sua mulher te deixou, você anda mais quieto; não tem ninguém com quem berrar, e, apesar de algumas noites você se esquecer disso e gritar como se ela estivesse aí, você se lembra rapidamente que não tem ninguém para escutá-lo e se ajeita para dormir no carro ou à mesa do jardim. Enquanto todos os móveis de jardim da vizinhança estão voando por aí nessas tempestades terríveis — um dos anões favoritos dos Malone caiu para a frente e quebrou a cara literalmente —, os seus permanecem entrincheirados no pântano que agora é seu jardim da frente. A mesa está meio inclinada para um lado, as pernas do lado direito mais afundadas na grama que as do lado esquerdo, e vi você fazendo algo que o ajuda a concentrar em seja o que for que sua mente tanto martela: você sempre coloca seu isqueiro sobre o lado mais alto da mesa torta e o observa rolar para a palma aberta da sua mão no lado mais baixo. Não sei se você percebe que está fazendo isso; a expressão no seu rosto sugere que sua cabeça está em um lugar totalmente diferente.

Na maioria das noites, você se lembra de que tem uma chave, ou vai embora de novo quando não consegue encontrá-la, mas tive de ajudar você a entrar em casa com a chave reserva três vezes ao todo. Todas essas vezes, você entrou cambaleando em casa e bateu a porta na minha cara, e eu sabia que você não se lembraria disso no dia seguinte. É irônico, pelo menos para mim, que o que mais me faz odiar você é algo de que você nem se lembra, e que as coisas que alimentam esse ódio nem passam pela sua cabeça quando você acorda de novo.

Às três da manhã não é seu carro que perturba minha leitura, mas seu filho, Fionn. O vento está soprando tão alto que não consigo entender as palavras, mas os gritos estão sendo chicoteados pela ventania e às vezes são soprados em minha direção: palavras aleatórias que não fazem sentido o bastante para revelarem o assunto da discussão. Olho pela janela do meu quarto e vejo você e Fionn no jardim, os dois berrando, balançando os braços. Consigo ver seu rosto, mas não o de Fionn. Nenhum de vocês está usando um casaco, o que me diz que vocês não estavam planejando ter essa discussão ao ar livre. Fionn é um menino de quinze anos alto e magrelo que é quase levado embora

cada vez que há uma rajada de vento; ou pelo menos é a impressão que eu tenho, até perceber que não tem nada a ver com o vento: ele está caindo de bêbado. Você é uma parede: alto, largo, com os tênis firmemente plantados no chão; seu corpo é largo e, pelo jeito, não faz muito tempo que você estava em forma antes de ficar meio caído. Posso ver os pneuzinhos, e sua barriga ficou um pouco mais inchada desde que sua mulher foi embora, ou talvez seja apenas o vento soprando sua camisa contra sua cintura e revelando um corpo que normalmente eu não vejo. Você tenta agarrar os braços de Fionn quando eles voam perto de você, mas, toda vez que você tenta se aproximar, ele bate os braços como um maluco, os punhos cerrados, tentando bater em você.

Você consegue pegá-lo pela cintura e puxá-lo em direção à casa, mas ele se dobra para a frente e consegue se soltar. Ele dá um soco, e o punho dele encontra alguma parte de seu corpo, já que você cai para trás como se estivesse machucado. Mas não é isso que me faz me mexer: são as duas crianças de pé à porta da frente, parecendo tão aterrorizadas em seus pijamas, uma apertando um ursinho de pelúcia contra o peito, o que me faz sair da cama e vestir meu conjunto de moletom antes de eu pensar duas vezes. Quando destranco a porta da frente, quase caio para trás com a força do vento sobre ela, de tão forte. Tudo no corredor — o bloquinho de anotações sobre a mesa do telefone, chapéus, casacos — parece levantar voo, debandando para os cantos mais afastados da casa como ratos quando se acende a luz. Tenho de lutar para conseguir fechar a porta atrás de mim; usando as duas mãos, puxo com toda a força. O vento é gelado, selvagem, zangado. Ele sopra com raiva e, do outro lado da rua, vocês dois tentam se pegar como se inspirados pela fúria da Mãe Natureza.

Vejo isso acontecer, a coisa pela qual você nunca vai se perdoar, e, apesar de não ser sua maior fã, eu sei que não foi intencional. Você não quer bater no seu filho, mas é isso que faz. Enquanto você tenta se aproximar dele e, ao mesmo tempo, se proteger de seus punhos, de alguma maneira você toca o rosto dele. Estou olhando para seu rosto bem nesse momento e, antes de eu saber o que você fez, sua expressão diz tudo. Alguém que não viu seu rosto pode não entender que foi um acidente, mas eu vi. De repente, seus olhos ficam assustados, horrorizados — chocados. A reação é tão forte que você parece que vai vomitar. Você está desesperado para se aproximar dele e protegê-lo, mas ele está berrando e empurrando-o para longe, segurando o nariz sangrando, gritando com você, acusando você, chamando você por nomes que um pai jamais gostaria de ver um filho usar contra ele mesmo. Agora as crianças à porta estão chorando e você está tentando mantê-las calmas, e enquanto isso a tempestade não para; as cadeiras de jardim, que até então pareciam enterradas no chão, de repente saem voando, como se desempenhassem também um papel nesse drama familiar. Uma cadeira cai para trás, outra é erguida e derrapa pelo chão como se não pesasse nada, aterrissando perigosamente perto da janela. Minha intenção é proteger as crianças, trazê-las para dentro e distraí-las. Não planejo intervir nessa briga entre pai e filho — eu sei que não acabaria bem para mim, mas, enquanto vou em direção a vocês dois, seu filho anuncia que nunca mais colocará os pés em sua casa novamente e sai andando pela rua, sem casaco, bêbado, contra um vento de 100 quilômetro por hora, com o rosto cheio de sangue — e isso muda tudo.

E é assim que seu filho acaba dormindo no quarto de hóspedes da minha casa na noite mais tempestuosa que o país já viu. Ele não quer conversar, e tudo bem, também não estou no clima. Limpo o rosto dele, agradecida pelo nariz dele não estar quebrado. Dou a ele toalhas limpas, um copo d'água e um comprimido para dor de cabeça, uma camiseta gigante do NYPD que alguém me deu de presentes anos atrás, e o deixo em paz. E então passo a noite acordada, bebendo chá verde e

escutando ele fazer suas viagens até o banheiro, onde vomita sem parar.

Pouco antes das quatro da manhã, acordo com o barulho de um passarinho. Isso me confunde; tenho certeza de que o passarinho está em apuros, que roubaram seu ninho no meio da noite. Mas não: enquanto escuto, percebo que ele está simplesmente cantando. Parece que foi em outra vida que ouvi um passarinho cantar às quatro da manhã. O dia clareia às sete, o ar está parado, nada de vento, nem de chuva, está agradável, a Mãe Natureza a mais insuspeita possível, enquanto pelo país todo as pessoas têm de lidar com a devastação e a destruição que ela lançou durante a noite.

Com uma xícara de café na mão, examino meu jardim da frente, aliviada por ter plantado a maior parte da grama. Os rolos que ainda sobram estão destruídos, quebrados e rasgados, presos sob o pneu do meu carro.

No momento em que você me vê, sua porta da frente se abre e você atravessa a rua, como se tivesse esperando eu abrir a porta a noite inteira.

— Ele está bem? — pergunta você, a preocupação gravada em seu rosto. Eu fico com dó de você, de verdade.

— Ele ainda está dormindo. Ficou a noite inteira acordado vomitando.

Você faz que sim com a cabeça, digerindo a informação, um olhar distante no rosto.

— Que bom. Que bom.

— Bom?

— Assim ele não vai ficar animado para fazer isso de novo logo.

Examino os rolos de grama detonados.

— Todo o seu trabalho árduo — você diz.

Eu dou de ombros, como se não fosse algo importante, ainda envergonhada por você ter testemunhado meu trabalho árduo, que também poderia ter sido descrito como um ataque total de nervos. Meu jardim é plano mas se inclina para um nível mais baixo, que segue pelo lado da casa e então para os fundos. O segundo nível é coberto com os mesmos paralelepípedos da entrada da garagem, e esse declive está uma bagunça, ainda sem grama. Eu não tinha conseguido chegar àquela parte. Outra tarefa não terminada. Penso em Larry e sinto uma onda quente de ódio.

— Você poderia fazer um arranjo com essas pedras — você diz, apontando para os paralelepípedos quebrados na caçamba. — Meus avós tinham um morro no jardim. Eles transformaram o morro inteiro em um arranjo de pedras e plantaram outras coisas entre elas. Eu poderia pedir para o Fionn ajudar. Elas devem ser pesadas.

Minha cabeça responde com uma dúzia de coisas sarcásticas e mal-agradecidas para dizer a essa, francamente, ideia ridícula, mas fico quieta. Você está olhando para minha casa, com esperança de receber um convite.

— Você deveria deixá-lo dormir para tudo isso passar — digo.

— Eu sei. Eu até iria, mas a mãe dele vai chegar logo.

— Ah. Quando?

Você checa o relógio.

— Em uns quinze minutos. Ele tem um jogo de rúgbi.

— Que dia para ficar de ressaca. — Mais um motivo de preocupação para a escola Belvedere. — O que aconteceu? — Eu não quero saber, mas ao mesmo tempo, quero sim.

— Eu deveria pegá-lo no rúgbi ontem, mas ele não estava lá quando cheguei. Ele tinha saído com os amigos. E chegou em casa meio “alto”. Bom, alto, não. Bêbado. Eu acho. — Você faz cara feia de novo, olhando para minha casa. — E começou a vir para cima de mim.

— Olha, todos nós já passamos por isso — digo, lembrando-me das vezes que exagerei quando eu era adolescente. E não entendo mesmo porque estou te consolando. Você, o homem que já chegou em casa bêbado mais vezes do que tomou café na padaria. Você parece agradecer o gesto. — Olha — limpo a garganta —, eu ainda estou com a carta...

De repente, o carro de Amy para em frente à sua casa. Você fica tenso.

— Ele está no quarto de hóspedes, no andar de cima, à esquerda.

— Obrigado. — Você segue para minha casa.

Eu a vejo entrar na casa, a porta se fecha e tudo fica quieto. Momentos depois, você desce as escadas, seguido de perto por Fionn, que está com uma aparência péssima. Uma mancha roxa quase preta no nariz, sangue pisado e seco ao redor dele.

Apesar de eu ter feito o máximo para limpar o rosto dele, o nariz deve ter sangrado durante a noite. Ele está pálido e quieto, exausto e com a maior ressaca. Assim que a luz vinda da porta aberta o atinge, ele estremece. As roupas dele estão amassadas e tenho certeza que ele nem usou a camiseta do NYPD. Ele vem vacilando atrás de você e sua mulher aparece à porta da frente da sua casa com as mãos na cintura.

Não quero ver mais nada. Não quero ser chamada para contar meu lado da história, quero ficar fora de sua vida, mas por algum motivo continuo sendo puxada para dentro dela. Em minha casa, fico nervosa esperando a campainha tocar, com medo de que você venha continuar a batalha aqui, então vejo uma imagem na televisão que me faz congelar.

É a menininha. Do hotel de ontem. A loirinha magra de quatro anos com seu rosto de fada, olhos azuis, nariz de batatinha, que queria fazer um brinde. A televisão está no mudo para que eu pudesse ouvir caso Fionn me chamasse, então não sei o que eles estão dizendo, mas não pode ser coisa boa. A foto dela é seguida por uma imagem de sua mãe. Sorrisos largos nas duas, a menininha — Lily, eu me lembro — está sentada no colo da mãe, os braços da mãe ao redor da filha; elas olham para a câmera como se alguém tivesse dito algo engraçado. Atrás delas, uma árvore de Natal de algumas semanas atrás. E então vejo a imagem de um carro e um caminhão na rodovia, o carro amassado, o caminhão tombado, e tenho de me sentar. Aumento o volume e escuto os fatos — as duas morreram, o motorista do caminhão está em estado crítico — e eu fico arrasada.

Quando a campainha toca, eu a ignoro, ainda escutando as notícias. Ela toca de novo. E de novo. Ainda chorando, e com raiva dessa intrusão, vou até a porta e a abro com tudo. Sou recebida por três

rostos assustados.

— Eu sinto muito — diz Amy, sua mulher. — Eu vim em um momento ruim.

A raiva que consigo sentir nela se dissipa imediatamente.

— Não... É que eu... Acabei de ver uma notícia horrível.

Eles olham por sobre meu ombro. Deixei a porta para a sala de estar aberta e a televisão ainda está ligada no noticiário.

— Ah, eu sei. Não é terrível? Elas moravam aqui perto, é a mulher do Steven Warren. — Ela olha para você. — Você ficou sabendo? A Rebecca morreu. E a menininha...

— Lily — digo, o nome dela entalado em minha garganta.

— Eu não sabia — você emenda.

Estamos todos perdidos em nossos pensamentos silenciosos por um momento. Fionn, achando que é a deixa para falar, diz de repente com uma voz rouca:

— Hum, obrigado por ontem à noite.

— De nada — digo a ele, sem saber exatamente o que Amy acha que aconteceu.

Aliviado por estar fora da linha de fogo, Fionn atravessa a rua de volta para sua casa, arrastando os pés, as calças amassadas caídas e mostrando a cueca. Você e sua esposa estão olhando para minha TV. Amy está assistindo ao programa, enquanto você está tentando descobrir outra coisa.

— Eu vi as duas ontem à tarde... Rebecca e Lily — digo o nome das duas como se as conhecesse, o que me parece uma mentira, mas é verdade.

— Aconteceu ontem à tarde. Você deve ter sido uma das últimas pessoas a vê-las — diz Amy, e aquela afirmação me atinge. Não é uma acusação, eu sei disso, não é nada de mais, ela está só pensando em voz alta, mas me dá uma sensação de responsabilidade. Não sei o que fazer com isso. É como se eu fosse responsável por elas, e por aquele último momento na vida delas. Será que eu deveria narrar o que aconteceu no hotel para que as pessoas certas possam compartilhar o momento que tive com elas? E deixar tudo do jeito que deveria ter acontecido? Estou analisando isso demais, eu sei, enquanto vocês estão ali, olhando para mim, mas acho que é o choque. E estou cansada, não dormi muito com medo de o Fionn ter um treco, bater a cabeça, sufocar com o próprio vômito ou sair andando no meio da noite, e então eu estaria em apuros por perder um menor de idade.

— Matt, você conhece as duas também. — Amy se volta para você.

— Na verdade, eu não...

— Conhece sim, você jogava badminton com ele.

De todas as coisas que eu poderia ter ouvido, essa me faz erguer uma sobrancelha para você.

— Faz muito tempo.

— Ele sempre pergunta por você.

Ela se volta para mim:

— O Matt pode ir lá com você — oferece ela.

— Como é?

— Ele vai com você. Para oferecer suas condolências. Não é? Vai fazer bem para você — diz ela, e não de uma maneira legal. — De qualquer forma, sinto muito pelo incômodo, só queria agradecer por você ter cuidado do Fionn.

Ela se afasta. Você permanece à porta, olhando para mim à espera da próxima instrução, fazendo o que a mulher que o largou acabou de mandar você fazer, como se tivesse esperanças de que, ao obedecer a essas vontades, pudesse ganhar pontos com ela. Ou talvez eu esteja enganada. Você está mandando uma mensagem para mim. Olho mais fundo em seus olhos. Tento descobrir o que é. Você quer que eu te defenda. E diga a ela o que vi. Eu a chamo.

— Amy... Sobre ontem à noite. O soco foi um acidente. Matt não teve a intenção de...

Paro de falar porque, pelo jeito que ela arregala os olhos para você, da maneira como ela olha para você com tanto ódio e nojo, acho que ferrei com tudo. Ela não sabia que você tinha batido nele.



Amy começa a enfiar as crianças no carro e você sai correndo para se despedir deles. O motor está ligado, ela está pronta para ir, os cintos de segurança estão devidamente afivelados, as portas, fechadas. Você tem de puxar a fechadura, forçando-a a destravar a porta para que você possa abri-la e enfiar a cabeça dentro do carro para dar um beijo nas duas crianças no banco de trás. Você dá um tapinha sem graça no ombro de Fionn, mas ele não olha para você. Você fecha a porta, dá dois tapas no teto no carro e acena. Ninguém acena para você; na verdade, ninguém nem se vira para olhar para você. Fico com pena e não sei por quê, pois testemunhei tudo pelo que sua mulher passou, pelo menos do lado de fora: as madrugadas na rua, a bebedeira... Não entendo por que ela não te largou antes, e mesmo assim fico vendo você de pé sozinho, do lado de fora da casa, as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça jeans vendo sua família ir embora, deixando você sozinho na casa enorme onde, com certeza, eles deveriam estar morando, e não você, e meu coração se compadece.

— Vem — eu chamo.

Você olha.

— Vamos até a casa do Steven.

Eu suspeito que é a última coisa que você queira fazer, mas você precisa se distrair. Eu sei que é a última coisa que eu quero fazer, mas eu também poderia usar algum tipo de distração.

Você pega seu casaco, eu pego o meu, e nos encontramos no meio da rua.

— Desculpe pelo que eu disse — digo. — Eu não deveria ter falado nada. Eu só estava tentando...

— Tudo bem, ela teria descoberto mesmo assim. Melhor que tenha vindo de mim primeiro.

Na verdade, não foi isso que aconteceu, mas eu acho que você quer dizer é que veio do seu *lado*, e não sei bem como fui parar do seu lado da discussão quando toda noite que via você batendo nas

portas, trancado para fora, eu torcia para ela não te deixar entrar.

— Onde Amy e seus filhos estão ficando? — pergunto, enquanto andamos pela rua.

— Na casa dos pais dela.

— Ela vai voltar?

— Não sei. Ela não fala comigo. Aquelas frases que você ouviu foram as únicas que ela disse em um tempão.

— Ela escreveu a carta para você.

— Eu sei.

— Você deveria ler.

— Foi isso que ela disse.

— Então por que você não lê?

Você não responde.

— Aqui. — Entrego a carta a você. Você olha para ela, surpreso por um momento, e então a pega e a enfia no bolso. Não acredito que você vá lê-la, mas pelo menos eu te dei a carta. Minha tarefa está cumprida. Sinto um pouco de alívio, mas não fico satisfeita. Você nem a abriu.

— Você vai ler a carta?

— Jesus, qual é o seu problema com essa carta?

— Se eu tivesse recebido uma carta da mulher que acabou de me largar, eu gostaria de saber o que diz.

— Você é lésbica?

Viro os olhos.

— Não.

Você dá uma risadinha.

— Notei que você não está trabalhando — você diz. — Está tirando uma folga ou...

— Estou de licença — corto o assunto antes de ter de ouvir o termo ofensivo que você está prestes a usar.

— Certo. — Você sorri. — Mas nem por isso você tem de mexer no seu jardim.

— É claro que eu sei disso. E você? Li em algum lugar que você perdeu o emprego — digo isso na lata, sem cuidado algum, e você olha para mim e me estuda daquela maneira confusa, curiosa e ofendida que sempre usa quando perco a paciência com você, o que acontece frequentemente quando me lembro de que não gosto de você.

— Eu não perdi meu emprego — você diz. — Estou de licença também, na verdade. Mas, ao contrário de você, resolvi usar a minha para ficar sentado.

— Tomando banho de lua — digo.

Você dá risada:

— É.

Heather e eu sempre usávamos esse termo quando éramos mais novas: tomar banho de lua. Pensar na Heather me faz lembrar da minha opinião sobre você e fico quieta. Eu sei que você nota a mudança em mim, a maneira como eu mudo de atitude com você em questão de segundos.

— Mas a licença é só temporária. Depende de uma investigação da minha conduta — explica você com uma voz formal.

Leio as entrelinhas.

— Você foi suspenso.

— Eles estão chamando isso de licença.

— Por quanto tempo?

— Um mês. Você?

— Um ano.

Você respira fundo.

— O que você fez para levar essa?

— Não é uma sentença de prisão. Eu não *fiz* nada. É para impedir que eu trabalhe para a concorrência.

Você me estuda em um silêncio comprido que preciso para recuperar a compostura.

— Então o que você vai fazer?

— Tenho algumas ideias — respondo. — É bom ter um ano para pensar sobre elas. — Não acredito em uma palavra do que acabei de dizer. — E você?

— Vou voltar quando for liberado. Eu tenho um programa de rádio.

Olho para você para ver se está brincando, mas não está. Eu acharia que você simplesmente pensa que todo mundo sabe quem você é, que você usa seu nome no peito como um selo de honra — apesar de não saber ao certo de onde essa honra vem —, mas você não está de brincadeira. Você não achou que eu sabia quem você era. Eu gosto disso em você, e isso me faz odiá-lo ainda mais. Você não vai ganhar essa de jeito nenhum.

— Eu já ouvi seu programa — digo com uma voz de desaprovação que faz você dar aquela risada funda e tossida de tanto cigarro.

— Eu sabia!

— Sabia o quê?

— Esse é o motivo para você agir comigo desse jeito. Tensa. Agressiva. Sempre na defensiva.

Se meus amigos fossem me descrever, não usariam essas palavras. Fico chocada ao ser descrita dessa maneira. Não gosto da ideia de alguém pensar de mim assim, e, por alguma razão, não quero que você ache isso de mim, apesar de saber que é exatamente assim que tenho agido com você. Eu tinha me esquecido de que você não saberia que nem sempre sou assim; você não entenderia o esforço que tenho de fazer, me afastando do meu “eu” verdadeiro para ser mal-educada com você. Meus amigos me descreveriam como um espírito livre; eu sempre faço o que quero, nunca vou na cola dos outros, e nunca fui. Eles podem dizer que sou teimosa, cabeça-dura na pior das hipóteses, mas eles só conhecem meu lado mais fácil de se conviver, enquanto você traz à tona o pior em mim.

— Você não é fã do programa.

— É bom mesmo você achar que não sou fã — digo, estourando de novo.

— Qual programa ofendeu você? — Você enfia um chiclete de nicotina na boca.

— Como assim? — Meu coração martela. Depois desses anos todos, chegamos aqui, ao ponto onde posso explicar. Chegou. Minha mente trabalha sem parar para encontrar as palavras para explicar como você me machucou.

— Qual programa? Qual assunto? O que foi que eu disse que você não concordou? Sabe, tenho um instinto para ouvintes que odeiam o programa. Assim que entro em uma sala, sou capaz de dizer se alguém é fã ou não. Meu sexto sentido. É o jeito como eles me olham.

Sua arrogância me irrita. Só você mesmo para pegar algo negativo — as pessoas te odeiam — e transformar em algo positivo.

— Talvez seja você, e não o programa — digo.

— Sabe, esse é o tipo de coisa da qual estou falando. — Você sorri e estala os dedos. — *Esse* tipo de comentário baixo. Não sou eu, Jasmine. É o programa. Eu só lidero a discussão. O programa não representa meus pontos de vista pessoais. Eu chamo os convidados no ar para o debate.

— Você joga lenha na fogueira.

— Mas tenho de fazer isso. É assim que as pessoas ligam para o programa. E o debate continua.

— E você acha que esses debates são necessários? — pergunto. A esta altura, já parei de andar e estamos frente a frente do lado de fora da casa de Steven, onde o gramado desapareceu por baixo de uma onda de flores e presentes, ursinhos de pelúcia, velas e cartões escritos à mão. — Não é como se o seu programa fizesse alguma coisa para educar as pessoas sobre os fatos. Você só convida um monte de loucos para dar suas opiniões opressivas, racistas e ignorantes.

Você me olha com uma cara séria.

— Toda pessoa, toda voz no programa é verdadeira. Elas representam o que as pessoas de verdade do país estão pensando. Eu acho que as pessoas têm de ouvir isso. Não adianta passar o tempo todo com seus amigos politicamente corretos, pensando que o mundo é um lugar maravilhoso, aberto e cheio de compreensão, só para comparecer às urnas e de repente descobrir que não é. Nosso programa dá voz a todo mundo. Como resultado do nosso programa, alguns desses assuntos são discutidos no Parlamento irlandês: bullying, casamento homossexual, nós já fechamos creches e asilos perigosos... — Você começa a listar coisas contando nos dedos.

— Você acha mesmo que está prestando um serviço ao país? — pergunto, chocada. — É claro que isso só se aplica se há um debate decente. Não quando é um bando de idiotas meio bêbados ou drogados, ou que escaparam de algum hospício. Permitir que essas pessoas coloquem suas opiniões no ar é uma boa coisa? Eles deveriam ser silenciados, isso sim.

— Boa ideia, Kim Jong-un. A liberdade de expressão é ruim — você diz, claramente irritado.

— Talvez você deva convidá-lo para seu programa; dar a ele uma chance de compartilhar suas ótimas opiniões. De qualquer forma, de acordo com aquilo que os jornais dizem, parece que seu programa não vai voltar ao ar — digo com o queixo erguido e andando pelo caminho de paralelepípedos no chão até a porta, esperando que isso o faça ficar quieto, que a última palavra seja minha. Meu último comentário defensivo, agressivo, tenso e de má vontade.

— Ah, mas volta, sim. Eu e o Bob somos assim. — Você me mostra os dedos cruzados, como quem diz “unha e carne”. — Bob é o chefe da rádio, e está comigo desde o começo. Ele só está fazendo isso para seguir um procedimento. Não pareceria profissional se ele não fizesse. Quando um programa recebe tantas reclamações quanto nós recebemos, você tem de fazer tudo direitinho.

— Você deve ficar tão orgulhoso — digo, apertando a campainha.

— Eu devo ter deixado você pê da vida mesmo — você diz, sua respiração próxima de minha orelha. Quando olho para você, seus olhos estão piscando como os de quem vai aprontar alguma. E então percebo que você gosta do fato de eu não gostar de você e, por alguma razão doentia, eu também.

Não gostar de você me deu alguma coisa em que eu possa me concentrar. Não gostar de você se tornou meu emprego em tempo integral.

De repente, a porta se abre, e uma mulher com os olhos e nariz vermelhos, um lenço de papel amassado nas mãos, nos atende. Ela reconhece você de cara, parece feliz e honrada de ver você à porta, e o convida para entrar na mesma hora. Fico de queixo caído — será que as pessoas não ouvem o que eu ouço? Você é cavalheiro o bastante para me deixar entrar primeiro.

Lá dentro, a cozinha está cheia de gente de pé em longos silêncios que ocasionalmente são interrompidos por uma conversa rápida, lembranças e risadas nervosas. A mesa está transbordando de comida: lasanha, bolos e sanduíches trazidos pelos vizinhos. Ela nos leva até a sala de estar, onde um homem está sentado sozinho em uma poltrona, olhando fixamente através da janela. As paredes estão cheias de fotografias tiradas em estúdio da jovem família: retratos em preto e branco de Steven, Rebecca e Lily. Mamãe e papai de camisa polo preta contra um plano de fundo branco, e a pequena Lily em um belo vestidinho branco, brilhando sob as luzes do estúdio como um anjo, mostrando um grande sorriso com dentes pequeninhos. Há uma foto de Lily segurando um pirulito, uma de Lily girando, outra de Lily rindo, e uma de Lily mostrando a língua enquanto o papai e a mamãe observam com um grande sorriso no rosto.

Reconheço Steven das fotos e como alguém que vejo de vez em quando perto de casa, no supermercado, no açougue, correndo na praia...

— Matt — diz ele, levantando-se e oferecendo um abraço a você.

— Eu sinto tanto, Steven — você diz, e vocês dois se abraçam por um bom tempo. Amigos de badminton. Olho ao redor e então fico olhando envergonhada para o chão enquanto espero.

— Essa é minha vizinha, Jasmine — você diz, oferecendo a minha mão, que ele aceita.

— Obrigado — diz ele, solenemente. — Você é amiga da Rebecca?

— Eu... Não... Na verdade... — Sinto-me uma boba. Não sei por onde começar. Talvez isto seja um erro. Não tenho certeza. A responsabilidade que eu senti mais cedo minguou e agora me sinto uma intrometida. A mulher que atendeu a porta está na sala também e sinto todos os olhos sobre mim. — Eu vi as duas ontem às três da tarde. No Marine Hotel.

Ele parece confuso. E se vira para a mulher. Ela parece confusa.

Os dois olham para mim. Eles não acreditam em mim.

— Não sei ao certo se elas estavam lá... — diz ele, fazendo cara feia.

— Lily estava tomando um chocolate quente. “Paradinha para o chocoquente,” foi assim que ela disse.

Ele sorri, cobre a boca e o queixo com a mão e se senta no braço da poltrona.

— Ela estava muito feliz. A Rebecca não conseguia parar de rir. Ouvi a voz dela assim que entrei no lobby. Lily estava tentando fazer um brinde.

Ele olha para a mulher, que agora entendo que é a irmã dele; posso ver como eles se parecem.

— Por causa da festa na semana passada, Beth — diz ele, e ela faz que sim com a cabeça, feliz, os olhos marejados.

Steven olha de volta para mim, o rosto aberto, gentil, mal podendo esperar por mais. Você está me observando também e isso me incomoda um pouco, não sei por que você me deixa tão nervosa, mas tento ignorar sua presença ali e falo apenas com o Steven. Quanto mais olho para ele, mais vejo a semelhança com a Lily nos cílios loiros e em seu rosto de elfo. Então eu fico ali de pé, uma total estranha na casa dele, e conto para ele sobre o brinde, sobre os muitos brindes, sobre a conversa que ela estava tendo com a mãe, sobre a conversa que eu tive com ela. Digo a ele exatamente tudo o que me lembro. Destaco as risadas, a felicidade, a pura alegria de sua hora juntas antes de elas entrarem no carro e começarem a jornada para visitar os pais de Rebecca em um dia de tempestade. Conto porque eu gostaria de saber.

Steven absorve tudo, quase como se estivesse em um transe e, ao mesmo tempo, saboreando cada palavra que digo, me estudando enquanto eu falo, provavelmente tentando descobrir se estou falando a verdade, com a esperança de que eu esteja mesmo, até por fim acreditar que estou. Ele observa meus olhos, meus lábios e, quando acha que não estou olhando, me olha de cima a baixo. E então, quando termino, se faz um silêncio e provavelmente para ele é como se elas tivessem morrido de novo, como se elas estivessem ali e, de repente, não estivessem mais. O rosto dele se contrai e ele cai em prantos. Eu congelo, sem saber o que fazer, querendo confortá-lo, mas sabendo que não cabe a mim fazer isso. A irmã dele entra em ação. Você dá um tapinha no ombro dele e sai da sala. Eu vou atrás, sentindo-me uma peça sobressalente, desconfortável; todos os meus movimentos são mecânicos, estou convencida de que cometi um erro ao vir aqui e compartilhar minha história, mas

não tenho certeza. Quero que você me tranquilize, mas ao mesmo tempo não quero apoio vindo de alguém como você.

Lá fora, você joga fora o chiclete de nicotina e acende um cigarro. Meu rosto arde de tão vermelho enquanto andamos, mas você não fala nada até chegarmos à minha casa. Quando paramos, você olha para mim e talvez tenha sentido minha confusão interna, e talvez tenha visto meu estado de desconforto, ou talvez meu rosto seja um retrato do desespero que sinto, porque seus olhos se demoram por um momento, seu rosto bonito estudando o meu, gentil, cuidadoso, ainda curioso e estudioso como sempre, tentando entender as coisas, como se eu fosse um quebra-cabeça, mas engraçado.

Você joga fora a bituca do cigarro.

— Eu também teria gostado de saber — você diz. — Foi uma coisa boa. — Você estende o braço e aperta meu ombro.

Percebo que estava segurando o ar o caminho inteiro e finalmente o solto. O alívio que sinto me surpreende: *você* fez isso por mim, você é importante para mim, mas isso vai totalmente contra a maneira como sempre me senti a seu respeito.

— Jasmine! — Uma voz familiar invade meus pensamentos e me viro para ver Heather sentada na minha varanda da frente. Ela se levanta e vem em nossa direção.

Minha cabeça dá voltas quando percebo que você está prestes a ficar face a face com a pessoa que tentei proteger de você toda a minha vida adulta.

Capítulo 13

Um domingo por mês o círculo de suporte da Heather se encontra. A gente tem essas reuniões desde que ela era adolescente; na verdade, foi minha mãe que organizou tudo isso e, mesmo quando ela estava em tratamento, continuou indo às reuniões, até se estivesse muito doente. Quando eu era adolescente, tinha coisas melhores para fazer com meu tempo, mas ela insistia que eu fosse também. Apesar de não gostar muito dessa história na época, hoje fico feliz por ter ido a esses encontros, porque quando minha mãe morreu eu já sabia exatamente como tudo funcionava e a direção que precisávamos seguir. O planejamento centrado em pessoas é um grupo que se encontra regularmente para ajudar alguém a alcançar aquilo que gostaria de fazer com sua vida. Heather é quem convida os participantes e também decide o assunto da reunião. Falamos sobre a “PAAS” da Heather: Planejando Amanhãs Alternativos com Sucesso — sobre os sonhos dela, como ela pode alcançá-los e os próximos passos que precisa tomar. Falamos sobre como podemos transformar os sonhos dela em realidade.

Quando ela estava fazendo planos para a escola, ensino médio e o que ia estudar na faculdade, as reuniões eram semanais — no final das contas, ela acabou indo para uma faculdade residencial para aprender como viver de maneira independente, como pegar transporte público sozinha, como fazer supermercado e comprar outros itens essenciais, como cozinhar e também se preparar para o local de trabalho. Era importante manter a regularidade das reuniões enquanto ela escolhia uma direção para a vida, mas, mais tarde, foi a própria Heather quem quis tornar os encontros mensais.

Entre as pessoas que frequentavam esses encontros no passado estavam professores, sua assistente de suporte — que a própria Heather entrevistou —, alguém da faculdade dela, o conselheiro de carreiras, seus funcionários e sempre eu. Meu pai veio algumas vezes, mas ele não lida bem com essas situações. Ele não entende o objetivo. É sobre planejamento, sim, e é sobre colocar tudo em ação também. Mas também é escutar o que a Heather tem a dizer a respeito de como ela se sente sobre seu lugar no mundo e onde ela quer chegar. Meu pai não tem paciência para escutar esse tipo de coisa. Se ela quer um emprego, ele arruma um para ela; se ela quer fazer uma atividade, ele pode resolver isso para ela. Mas o que aprendi com esse processo é que me ajuda a desvendar a mente da Heather. Quero ouvir as explicações dela para o como, o porquê e o quando. Como na vez em que ela anunciou que queria largar o emprego de empacotadeira no supermercado local, apesar de ter se preparado por um tempão para fazer esse trabalho. Meu pai estava na reunião e queria resolver tudo correndo e arrancá-la de lá quanto antes porque ele odiava que ela trabalhasse no mercado. Ele nem se ligou que a razão pela qual ela queria sair do emprego era porque alguém no mercado estava sendo malvado com ela. A caixa passava tudo rápido demais, estava sempre reclamando que Heather não era rápida o bastante, fazendo com que ela sentisse que não estava fazendo um bom trabalho, e empacotando tudo ela mesma quando achava que Heather não estava sendo rápida o bastante. É exatamente esse tipo de coisa que precisamos ouvir de Heather nas reuniões.

A reunião estava marcada para as duas horas da tarde e, mesmo assim, aqui está ela à uma hora,

vindo em nossa direção, face a face com o homem que representa tudo do que venho tentando protegê-la desde criança. Palavras não podem descrever como me sinto neste momento, mas vou tentar. Passei daquele sentimento quentinho e consolador vindo das suas palavras mais uma vez, uma consolação que eu estava deliberadamente buscando em você — o que me deixa muito confusa —, para querer proteger minha irmã contra você. Não é à toa que você não consegue me entender.

Concentro toda minha atenção em Heather, e dou um passo em direção a ela para que não se aproxime mais de você, me posicionando de maneira que ficam duas contra um, meu braço ao redor dos ombros dela de maneira protetora. Não consigo olhar em seu rosto; não quero ver como você pode tirar um sarro ou julgar ou analisar, ou tentar calcular outra parte de mim ao olhar para ela. Só olho para ela, sorrio para ela cheia de orgulho, exalando amor por ela por cada poro meu, esperando que você se ligue, se lembre do seu programa, se sinta péssimo por isso e então reavalie você mesmo, seu emprego e sua vida toda. Eu invisto toda essa energia. Tenho certeza de que Heather vai perceber como você é nojento, como você é deplorável e injusto e malvado e preconceituoso. Apesar do que você disse sobre usar aquelas palavras apenas para deixar a discussão fluir, elas passaram pela sua boca, você é a fonte, a raiz, o criador. A Heather tem esse talento de sacar as pessoas, e não existe um momento melhor que agora para ver essa habilidade em ação. Quero que você estenda sua mão para ela, quero que ela a negue a você como fez com Ted Clifford. Quero ver você ficar incomodado e mostrar aquela expressão de surpresa que tem quando respondo sem educação para você, quando minha atitude muda totalmente em questão de segundos.

— Olá — ouço você dizer.

— Oi — responde Heather.

Ela olha para mim, e então me cutuca, querendo ser apresentada.

— Essa é minha irmã, Heather — digo. — A pessoa mais incrível do mundo.

Ela dá uma risadinha.

— Heather, esse é o Matt. Meu vizinho — digo sem animação.

Você lança aquele olhar intrigado, curioso, estudioso uma vez para mim.

Você conhece meus extremos, meu estado entre os dois.

Você acena para ela. Isso me irrita, porque é o comportamento correto para alguém no Círculo Laranja do Aceno. Então, Heather estende a mão. Eu me viro para ela, surpresa, mas ela está olhando para você com um sorriso educado no rosto. Quero interromper essa troca, esse aperto de mão com o diabo, mas não sei explicar por que estou fazendo isso para a Heather, principalmente depois da confusão na casa do meu pai — que ainda não falou comigo depois daquilo.

— Prazer em conhecê-la, Heather — diz você, apertando a mão dela. — Que legal a sua bolsa.

Ela está usando a bolsa que dei para ela de aniversário cinco anos atrás. Ela a usa todos os dias e mesmo assim a bolsa parece nova, já que ela sempre limpa e arranca todas as linhas soltas. É uma bolsa de DJ estilo retrô, geralmente usada para levar os discos junto com o toca-discos portátil. Como ela prefere ouvir discos de vinil, achei que seria um bom presente para que ela pudesse carregá-los sempre que quisesse. E ela leva mesmo os discos para quase todos os lugares. A imagem

na bolsa é de um disco de vinil, então, mesmo quando ela não está transportando sua coleção, ela a usa para levar a carteira, o almoço e um guarda-chuva para o trabalho e depois para casa. Sempre essas três coisas; imploro em vão para que ela leve também o celular.

— Obrigada. Foi presente da Jasmine. Aqui cabem meus discos e meu toca-discos portátil.

— Você tem um toca-discos portátil?

— Um Audio Technica AT-LP60 preto totalmente automático com correia — diz ela, abrindo o zíper da bolsa para mostrar para ele.

— Nossa, que legal — diz você, dando um passo à frente para ver, mas sem se aproximar demais.
— E você tem alguns discos de vinil aí também.

Você fica genuinamente surpreso, e verdadeiramente interessado nela, e quer mesmo ver o que ela tem na bolsa de DJ.

— É. Stevie Wonder, Michael Jackson... — Ela vai passando os dedos pela coleção e observo seu rosto.

— Grandmaster Flash! — Você dá risada. — Posso...? — Você estica a mão em direção à bolsa dela e me preparo para ela dizer não.

— Claro — diz ela, feliz.

Você tira o disco da bolsa e o estuda.

— Não acredito que você tem Grandmaster Flash!

— And the Furious Five — ela o corrige. — *The Message*, com a participação de Melle Mel e Duke Bootee, gravado no Sweet Mountain Studios, produzido por Sylvia Robinson, Jiggs Chase e Ed Fletcher. Sete minutos e onze segundos de duração — continua ela.

Você olha para mim, impressionado, e então de volta para ela. Não consigo não brilhar de tanto orgulho.

— Isso é incrível, Heather! Você sabe tudo sobre esses discos?

E Heather continua, desta vez para falar de seu disco do Stevie Wonder: quando foi gravado, todas as músicas do álbum — ela sabe o nome até dos músicos e cantores que só deram uma palinha. Você fica superimpressionado, animado, entretido, e diz isso a ela. E então você conta para ela que é radialista. Que trabalha no rádio. Heather se interessa a princípio, pelo menos até ficar sabendo que, na maior parte do tempo, você só fala no rádio. Ela diz que não gosta de ouvir conversa no rádio, ela gosta de música. Você pergunta a ela se ela já foi a um estúdio de gravação para ver como os músicos gravam as faixas e ela diz que não, e então você diz a ela que poderia levá-la, se ela quisesse. Heather fica inacreditavelmente animada, mas nem eu consigo falar nada: também estou chocada com essa conversa. Isso não é nada como eu imaginava que essa conversa aconteceria. Nunca. Começo a me afastar, levando Heather para casa, digo tchau de um jeito meio vago, enquanto vocês dois, já muito amigos, prometem manter contato por intermédio de mim. Por intermédio de mim. Quando entramos, Heather só fala naquilo que você prometeu a ela, e começo a ficar com raiva, já pensando em maneiras de machucá-lo se você não fizer o que prometeu. E, quando tudo fica

violento demais em minha cabeça, tento pensar em maneiras de fazer a Heather se esquecer do que você disse, preparando-a para a grande possibilidade de que não vá acontecer, graças à probabilidade muito forte de que não vou deixar isso acontecer.

Presentes na reunião daquele dia, além de eu e Heather, estão sua assistente de apoio Jamie, cuja única concessão ao guarda-roupa de inverno é usar meias grossas com sandálias, Julie, sua chefe no restaurante, e Leilah, que veio pela primeira vez. O que eu gosto na Leilah é que ela nem tenta se desculpar pelo meu pai; na verdade, ela nem menciona o nome dele, e respeito isso. O bom da Leilah é que ela nunca se intromete. E isso acontece em boa parte porque nunca houve nada em que se intrometer, mas a presença dela é um gesto muito gentil e acho que, para entender o que aconteceu na casa dela na semana passada, ela precisa entender mais a Heather.

Enquanto os outros estão esperando na sala de estar, preparo um bule de chá e canecas de café. Heather está ao meu lado.

— Heather... — começo, tentando manter a leveza na voz. — Por que você apertou a mão daquele homem lá fora?

— Matt? — pergunta ela.

— É. Não há nada de errado, não precisa parecer tão preocupada, mas você não o conhece e só fiquei pensando... Pode contar para mim.

Ela pensa no assunto.

— Porque eu vi você falando com ele. E você parecia muito feliz. E pensei “ele deve ser um cara legal para deixar minha irmã feliz”.

Heather nunca para de me surpreender.

Eu me concentro em organizar a bandeja enquanto tento aceitar a conversa entre você e Heather. O que preciso fazer agora é me livrar de você em minha cabeça. Essas reuniões são muito importantes para Heather e igualmente importantes para mim.

— Então é com você, senhorita Butler — digo como a apresentadora de um programa brega de TV. Heather dá uma risadinha.

— Jasmine — diz Heather, envergonhada, e então se recompõe. — Eu gostaria de propor uma nova atividade. — Ela olha para mim e eu sei que isso é sobre o Jonathan, o nome que vivo ouvindo agora. Meu coração começa a palpitar.

Jonathan tem sido amigo de Heather há algum tempo. Ele também tem síndrome de Down, e sei que ela está apaixonadinha por ele, o que me assusta porque sei que ele também sente a mesma coisa por ela. Posso ver quando ele olha para ela. Posso sentir quando eles estão na mesma sala. É uma coisa linda, mas que me assusta.

— Jonathan está trabalhando como assistente em uma aula de taekwondo — ela explica para os outros. Eu já sei disso porque fui com ela uma semana vê-lo dar aula para alunos menores de sete anos e não fui autorizada a dizer uma palavra para ela por medo de ela perder algum movimento dele. — Eu quero aprender taekwondo.

Jamie e Leilah são maravilhosas e se mostram verdadeiramente interessadas nisso e fazem um monte de perguntas para ela. Enquanto isso, só me preocupo. Heather tem trinta e quatro anos de idade e com certeza não é ágil, assim como eu também já não sou tão ágil quanto era, e então essa aula me preocupa. No entanto, pelo jeito sou a única com receio, e então me vejo concordando que ela experimente uma aula no próximo sábado de manhã, em vez de sua aula de cerâmica e pintura, da qual ela se enjoou depois de dois anos.

— Tenho uma ideia — oferece Leilah. — Se você não gostar do taekwondo por algum motivo, você pode fazer uma das minhas aulas de ioga. Quem sabe eu possa ensinar você e o Jonathan juntos?

Heather sorri para a sugestão e eu também. Gostei dessa ideia: passar tempo com o Jonathan na companhia de Leilah me deixa mais sossegada, e Heather começa a planejar um lugar para a ioga e o taekwondo na semana dela, que já é bem ocupada. Anoto tudo na agenda, observando como as atividades dela preenchem minhas páginas vazias.

— Próximo — digo, e ela ri de novo.

— Jonathan e eu gostaríamos de viajar de férias juntos — diz ela, seguida por um silêncio atônito que nem mesmo Jamie sabe como preencher. Elas todas olham para mim. Quero dizer não. Não, não, não... Mas não posso.

— Nossa. Bom. É... Ã-hã. Bem. — Tomo um gole de chá. — Aonde vocês gostariam de ir?

— Para o apartamento do papai na Espanha.

Leilah arregala os olhos para mim.

— O pai deixou?

— Não perguntei para ele. Ele não pôde vir aqui hoje — responde Heather.

— Hum, bom, é que não sei se o apartamento está vago. Está, Leilah? O apartamento está vago?

— Não sei — diz Leilah lentamente, não gostando do fato de tê-la colocado em uma saia-justa com um assunto tão importante, e sem perceber que quero que ela diga que não, ou percebendo e mesmo assim não querendo mentir.

— Ela ainda não disse a data — diz Jamie, sem esquecer sua infelicidade com a direção que essa coisa está tomando.

— Na primavera — responde Heather. — Jonathan disse que o verão é quente demais.

— O Jonathan está certíssimo — digo, e minha cabeça está a mil. Eu sei como meu pai se sentiu quando eu disse a ele que passaria as férias pela primeira vez com meu namorado. E então me lembro de como me senti tentando abordar o assunto com ele, e olho para Heather e finalmente relaxo. — Heather. Você e o Jonathan nunca viajaram juntos antes, e a Espanha é bem longe para *sua primeira viagem* — enfatizo bem essas palavras para que ela não ache que estou jogando areia em tudo de vez. — Por que vocês não passam uma noite ou duas primeiro em algum lugar lindo na Irlanda que ainda não conhecem? Vocês podem pegar um trem ou um ônibus e ficar perto de casa, mas não perto demais?

Ela parece não ter certeza disso. Ela e Jonathan já devem ter economizado para a passagem, assim

como devem estar decididos a ir para Espanha. Fazê-la desistir de algo tão importante requer bastante persuasão, mas Heather escuta, ela escuta a todos nós, sempre, ela é uma mulher inteligente e leva em consideração a opinião de todos.

Nas últimas semanas, pensei em levar Heather para a ilha de Fota, que fica na baía de Cork e abriga o único parque de vida selvagem da Irlanda. E sugiro esse lugar agora, porque não consigo pensar em mais nenhuma outra opção na hora. Ela fica imediatamente convencida. A Espanha fica esquecida. Jonathan ama animais, ele adora trens, é perfeito. Mesmo assim, fico triste porque o lugar para onde eu estava animada para levá-la será uma experiência que ela vai compartilhar com outra pessoa.

— Então. — Respiro fundo. — Os quartos.

Posso ver que Heather fica com vergonha dessa parte, então assumo o controle.

— As opções são: dois quartos ou um quarto com duas camas de solteiro. Ou... — Não consigo dizer. Jonathan e Heather são duas pessoas com desejos e paixões como quaisquer outras, mas eu me sinto como uma mãe superprotetora cuja filha acabou de anunciar que adora meninos. Eu respiro fundo de novo e me forço a dizer: — Ou uma cama de casal em um quarto... mas o Jonathan pode ser um cara diagonal, vai saber! — completo a frase com um jeito brincalhão. — Ele pode pegar a cama inteira e você pode rolar para o chão no meio da noite.

Heather dá risada.

— Ou talvez ele ronque — diz Jamie. — Assim.. — Ela faz um barulho alto como o de um porco e todo mundo dá risada.

— Ou talvez ele tenha chulé — diz Leilah, tapando o nariz.

— O Jonathan não cheira mal — diz Heather, fazendo bico, as mãos na cintura.

— Uuiiii, o Jonathan é tão perfeito — tiro um sarro.

— Jasmine! — Heather dá um gritinho, e todos caímos na risada.

As risadas se acalmam e a sala fica em silêncio de novo, esperando a decisão dela.

— Quartos separados — diz ela baixinho, e passamos para outro assunto rapidamente. Enquanto Jamie fala sobre a logística para chegar até lá, dou uma piscadinha para Heather, e ela me responde com um sorriso tímido.

Não é a primeira viagem da Heather: ela já viajou antes com grupos de amigos, mas sempre com a assistente de apoio ou outro adulto que conheço como acompanhante. Essa será sua primeira vez sozinha, com um homem, e tenho de lutar contra a bola de tensão que está se formando em meu estômago e em minha garganta, e contra as lágrimas que estão se acumulando em meus olhos.

Seguimos em frente para discutir outro assunto, que é o seguinte: apesar de ela ser muito agradecida pelos três empregos que tem durante a semana, o principal amor dela é a música, e nenhuma de suas atividades parece envolver isso. Ela adoraria trabalhar em uma estação de rádio ou em um estúdio de gravação, e conta a todo mundo sobre a conversa que teve com Matt Marshall. Todo mundo diz como se trata de uma coincidência maravilhosa ela tê-lo conhecido bem no dia em

que queria discutir esse assunto.

— Jasmine, talvez a gente pudesse convidar Matt Marshall para a próxima reunião para discutir essas possibilidades? — sugere Jamie.

Heather fica empolgada com a ideia.

Eu sempre quero que essas reuniões sejam positivas, então reúno toda a animação que consigo ter.

— Talvez a gente possa planejar isso para a próxima vez. Talvez. Quem sabe? Depois que eu falar com ele e ver se ele pode fazer alguma coisa. Se ele tem tempo, apesar de ele estar de licença do trabalho no momento. Então... tá. Talvez — digo finalmente.

Leilah olha meio torto para mim. Ainda bem que podemos passar para o próximo assunto.

Com o coração pesado, fecho a porta depois que a reunião acaba e vou para meu quarto. Não estou com inveja da minha irmã, nem nunca fiquei. Eu sempre quis uma vida melhor para ela, apesar de saber que ela é feliz com a vida que tem. Hoje, no entanto, me ocorreu pela primeira vez desde que ela sempre soube a direção que queria tomar na vida, ela sempre teve uma equipe para dar ajuda, conselho, orientação. Ela sempre teve tudo resolvido. Ao contrário de mim. Sou eu que, de repente, não tenho a menor ideia do que estou fazendo, sou eu quem não tem “PAAS”. Essa percepção me atinge como um saco de tijolos e não consigo recuperar o fôlego. Eu não seria capaz de dizer quais são meus sonhos se alguém me perguntasse agora, nem minhas esperanças e desejos. Se me pedissem para colocar um plano em ação, eu não saberia por onde começar.

Eu me sinto totalmente perdida.

Primavera

A estação entre o inverno e o verão, e que no Hemisfério Norte compreende os meses de março, abril e maio.

A habilidade de recuperar a forma depois que algo foi pressionado, esticado ou torcido.

Capítulo 14

Minha vida inteira sempre segui e respeitei placas. Ao dirigir por um conjunto de casas e ver placas de “crianças brincando”, eu diminuo a velocidade. Ao ver uma placa mostrando um cervo enquanto estou dirigindo pelo Phoenix Park, eu sei que preciso ficar esperta caso um apareça de trás de uma árvore e cruze a rua correndo. Eu sempre paro nas placas de “Pare”, eu dou preferência quando preciso. Eu acredito em placas. Acredito que elas sejam precisas — a não ser quando um vândalo obviamente entorta uma placa para fazê-la apontar para a direção errada. Acredito que as placas estejam do meu lado. E é por isso que fico confusa com pessoas que dizem acreditar em sinais, como se fosse algo iluminado e notável, porque como não acreditar quando uma flecha aponta para alguma coisa e instrui você a fazê-la? É como dizer “eu acredito em leite”. Mas é claro que acredita; é leite. Acho que a maioria das pessoas que diz acreditar em sinais, na verdade, quer dizer que acredita em símbolos.

Símbolos são coisas visíveis que representam algo invisível. Um símbolo é usado de maneira abstrata. Uma pomba é uma ave, mas também um símbolo de paz. Um aperto de mão é uma ação, mas também um símbolo de relação amistosa. Os símbolos representam alguma coisa por associação. Os símbolos muitas vezes nos forçam a descobrir o que é a coisa invisível, já que não é sempre óbvio. Enquanto corro pela baía de Dublin em direção à minha casa no dia 1º de março, o primeiro dia da primavera, vejo um arco-íris lindo, que de longe parece aterrissar bem em cima da minha casa, passando pelo meu telhado e para dentro da minha casa, ou aterrissando no quintal. Isso não é um sinal. Não está me instruindo a fazer nada. É um símbolo. Assim como as flores que lutaram para se erguer do chão em janeiro e fevereiro, baixinhas, bonitas e tímidas, como se não estivessem fazendo nada de mais, como se fazer o que faziam, conquistar o que conquistavam, não fosse nada de mais. Elas faziam tudo parecer tão fácil.

Monday O’Hara é outro exemplo. Ele apareceu em minha vida, me ofereceu um trabalho e acha que valho a pena. Isso representa algo invisível também. Sempre penso nele, não só porque ele é lindo, mas por causa daquilo que ele representa. Já nos falamos ao telefone duas vezes desde nossa reunião e nunca quero desligar. Ou ele é muito dedicado ao trabalho, me concedendo tanto de seu tempo, ou não quer desligar também. O mês que ele me deu para pensar sobre a vaga acabou. Não vejo a hora de vê-lo novamente.

O arco-íris por cima da minha casa, as flores, o tapete de crocos roxos no jardim lateral dos Malone e Monday O’Hara são símbolos para mim. São todas coisas visíveis representando algo invisível: esperança.

Começo o dia me livrando daquilo que não preciso mais. Antes que eu me dê conta, a casa já está uma zona tão grande que percebo que preciso de uma caçamba — que tenho, mas na entrada da garagem, cheia de paralelepípedos caros que atraem uma série de tipos estranhos que insistem em bater à minha porta oferecendo ajuda para me livrar deles. Então, para encher a caçamba com minhas tralhas, eu preciso primeiro tirar os tijolos dali, mas onde posso colocá-los? É então que me lembro

da sua sugestão do arranjo de pedras. Apesar de ficar irritada ao seguir seu conselho — e pior, você ver que segui seu conselho, já que a caçamba está à frente da minha casa, diretamente alinhada com sua vista —, eu sei que é o que preciso fazer. É tarde demais para pedir ajuda ao paisagista. Quando ele apareceu depois da tempestade, esperando encontrar a pilha de grama destruída pela chuva e pelo vento e descobrindo meu gramado não muito perfeito, eu disse a ele que terminaria o resto do jardim sozinha. Que terminaria o que tinha começado, para variar. Não que eu daria à Larry a satisfação de saber que o comentário dele tinha me encorajado a fazer algo por mim.

Abandonando a casa revirada que acabei deixando ainda mais cheia de coisas na tentativa de me livrar delas, eu me concentro no jardim. Vou fazer esse jardim direito, ele vai receber minha atenção total. Faço uma lista e vou para a loja de jardinagem comprar aquilo de que preciso. Estou focada. Estou no ritmo, no ritmo da jardinagem. Recebo duas mensagens de texto de amigas sugerindo um cafezinho e, quando estou prestes a dizer “sim” para a primeira — algo que comecei a fazer automaticamente, pulando de alegria com a possibilidade de companhia no meio da semana ou do dia —, me dou conta de que estou ocupada de verdade. Tenho muito trabalho a fazer antes que as nuvens de tempestade comecem a se reunir de novo. A segunda mensagem é fácil de mandar: estou ocupada. Muito ocupada. E que sensação boa!

Hoje é o dia ideal para fazer isso porque o solo está seco. Ao perceber que meus “paralelepípedos de arenito indiano natural” não vão fornecer aquele look meio rústico que tinha planejado para o meu arranjo de pedras, peço para entregarem pedras mais naturais — e ideais. Bem na hora marcada, o moço solícito da loja de jardinagem, que vem me ensinando tanta coisa a cada visita minha, aparece no carro dele, puxando as pedras em uma caçamba. Ele olha para meu arenito.

— É uma pena jogar isso fora — diz ele.

Nós ficamos ali, de mãos na cintura, olhando fixamente para as pedras.

— Você poderia fazer um caminho de pedras — diz ele, finalmente. — Como seu vizinho fez.

Nós dois olhamos para o jardim perfeito dos Malone e vemos o caminho de pedras em formato de coração que leva a uma casinha de fadas. Eddie não foi exatamente cuidadoso com a britadeira, então minhas pedras têm formatos irregulares. O moço da loja de jardinagem vai embora, me deixando sozinha para levar as pedras para cá e para lá sobre minha grama nova. Eu improviso, usando a ponta do meu ancinho para decidir a profundidade de cada uma. E então meço meu passo e coloco a pedras para que haja uma pedra a cada pé de distância para cada passo. Pego minha ferramenta de corte em meia-lua ao lado e a uso ao longo das pedras, e piso sobre ela para cortar completamente as raízes da grama. Faço um contorno da pedra e então arranco o torrão de relva. Cavo até uma profundidade igual à espessura da pedra, e então repito o processo para as dez pedras que vão me levar pelo caminho da minha casa até onde o arranjo de pedras vai ficar. Misturo pó de pedra com água em meu novo carrinho de mão até obter uma consistência de massa de bolo. Adiciono dois dedos da mistura em cada buraco, para que a pedra não se mexa, nem afunde, e então coloco a pedra em seu lugar e dou uma batidinha nela com um martelo de borracha. Uso um nivelador para posicionar cada pedra direito. E tudo isso demora.

Às seis da tarde já está escuro e estou suada, com fome, com o corpo dolorido, cansada — e mais satisfeita do que havia me sentido em muito tempo. Perdi completamente a noção do tempo, apesar de

às vezes ter consciência de ter visto o sr. Malone cuidando das rosas e aparando os arbustos enquanto me dizia com uma voz alegre que deveria ter feito aquilo em janeiro e fevereiro mas não pôde, não com a Elsa tão doente.

Quando me largo na cama naquela noite, relaxando nos lençóis recém-trocados com o perfume de “brisa do verão” do amaciante, percebo que um dia inteiro se passou sem me dar um minuto para me preocupar com meus problemas atuais. Minha mente estava bem e realmente focada na tarefa à mão. Talvez sejam os genes que herdei de meu avô, ou talvez seja o fato de ser irlandesa, com essa compulsão de mexer na terra e cavar, e o próprio ato de cavar traz a vida de volta para mim. Eu posso ter chegado ao meu jardim hoje cedo toda tensa, mas, assim que comecei a trabalhar, a tensão desapareceu sozinha.

Quando eu tinha sete anos, minha mãe comprou minha primeira bicicleta, branca e roxa, com uma cestinha de vime na frente, e uma campainha que eu adorava tocar mesmo quando estava só sentada na grama com a bicicleta no chão ao meu lado. Eu adorava aquele som, que parecia a voz da minha bicicleta. Eu fazia uma pergunta e a resposta vinha com um *triiim*. Passava o dia todo andando de bicicleta na rua, fazendo círculos, subindo e descendo guias, rápido, devagar, brecando, quase como se eu fosse uma patinadora no gelo, fazendo piruetas com o público assistindo a mim, os juízes erguendo plaquinhas com as notas e todo mundo comemorando. Eu ficava até o mais tarde possível na rua, só entrava para jantar e comia tão rápido que a comida ficava entalada no meu peito, doendo, para poder voltar correndo para a bicicleta. À noite, eu chorava ao deixá-la para trás. Eu estacionava a bicicleta no jardim e ficava olhando para ela ali, sozinha, enquanto esperava por mim e por nossa próxima aventura. Agora eu me sinto como aquela criança de novo, olhando fixamente através da janela para meu jardim já escurecido, sabendo exatamente o que será colocado onde, imaginando cada detalhe, como posso moldá-lo e cuidar dele, todas as possibilidades.

Estou tendo o sonho mais delicioso do mundo com Monday O’Hara. Ele está listando, de queixo caído, todas as coisas que consegui fazer em meu jardim — que não é mais meu jardim, mas o jardim da mansão Powerscourt, em Wicklow. Eu dou de ombros para os elogios dele, dizendo que sou uma flor de inverno, e é isso que flores do inverno fazem, não têm nada de mais, nós somos duronas, nos forçamos pelo solo, como punhos sendo erguidos no momento da vitória. As coisas começam a ficar quentes entre nós quando o som de *Paradise City* se intromete no sonho, saindo de um sistema Tannoy amarrado na van do jardineiro oficial enquanto ele tenta mandar todo mundo embora do jardim porque é hora de fechar. Você está olhando para mim e sorrindo, um sorriso que cresce e se transforma em uma risada que fica cada vez mais alta enquanto a música toca no último volume. De repente, acordo com *Paradise City* ainda tocando. Aperto os olhos fechados com força, na esperança de voltar para meu sonho com Monday, para continuar de onde paramos antes de o jardineiro arruinar tudo, mas, quando consigo cair no sono de novo, me vejo em um sonho diferente, com Kevin sentado na grama, fazendo correntinhas de margaridas. Todo mundo ao nosso redor está vestido de preto e ele está falando e agindo como se tivesse dez anos de novo, apesar de parecer o homem que encontrei na Starbucks, e, quando ele coloca a corrente de margaridas na minha mão, descubro que na verdade ela é feita de rosas, e os espinhos cortam minha pele.

Acordo com as vozes lá fora. Saio cambaleando da cama, desorientada, e olho pela janela. Você está sentando à mesa no seu jardim da frente com o dr. Jameson. A mesa agora está tão gasta que a

madeira está se desintegrando e descascando. A madeira precisa ser tratada — e por que isso me parece mais importante que ver o dr. Jameson sentado lá fora com você às 3h10 da manhã me deixa ainda mais confusa. O dr. Jameson está virado para minha casa; você está à cabeceira da mesa, como sempre. Há uma montanha de latinhas sobre a mesa e você vira mais uma, seu rosto paralelo ao céu enquanto espreme a lata até a última gota. Ao terminar, você amassa a lata e a joga numa árvore. Você não a acerta e imediatamente pega uma lata cheia e a lança com violência em direção à árvore. Você acerta o alvo e a cerveja sai cheia de espuma da latinha quebrada.

O dr. Jameson faz uma pausa para ver onde a lata aterrissou, e então continua falando. Não estou entendendo. Talvez ele tenha perdido a chave de sua casa e vocês dois são educados demais para vir pedir a outra cópia para mim. Mas acho isso altamente improvável. Você arrota tão alto que o arroto parece quicar na parede da rua sem saída e fazer um eco. Não consigo ouvir as palavras do dr. Jameson, apesar de querer, e acabo caindo no sono ouvindo as pequenas variações do tom gentil da voz dele.

Dessa vez sonho que estou conversando com o vovô Adalbert. Apesar de ser adulta no sonho, me sinto uma criança de novo. Estamos no jardim dele e ele está me mostrando como plantar sementes. Sob o olhar observador dele, salpico sementes de girassol, cubro-as com terra e então as rego. Está falando comigo como se eu ainda fosse criança. Está me mostrando como podar os jasmims de inverno, que ele me diz que devem ser podados quando as flores estão totalmente murchas. Ele me mostra como podar qualquer ramo danificado necessário para aumentar a estrutura ou a cobertura da planta, e então apara todos os ramos laterais da moldura principal para dois dedos em relação aos galhos principais. Isso encoraja novas mudas a florescer no próximo inverno.

— Bastante crescimento, Jasmine — diz ele, ocupando-se com flores murchas.

— Isso não é um sinal, vô — digo a ele com uma voz de criancinha que faço de propósito, porque não quero magoá-lo ao lembrá-lo de que agora sou adulta. Pode ser que ele perceba que está morto há muito tempo, o que o deixaria triste. — Isso não me diz em qual direção seguir — digo, mas ele se vira de costas para mim para continuar trabalhando.

— É mesmo? — diz ele, como se eu estivesse balbuciando e não dizendo coisa com coisa.

— É, vô. O jasmim foi podado, mas agora está pronto, pronto para crescer, e isso não é um sinal; é um símbolo.

Então ele se vira e, apesar de eu saber que é um sonho, tenho certeza que é ele, que é ele mesmo de verdade. Ele sorri, seu rosto fica enrugado, os olhos quase se fecham enquanto as maçãs do rosto dele se levantam com um sorriso sincero.

— Essa é a minha Jasmine — diz ele.

Acordo com uma lágrima rolando pelo meu rosto.

Capítulo 15

É sábado e, assim que abro os olhos para a luz dourada que invade o meu quarto, quero pular da cama, colocar um conjunto de moletom e sair correndo para o jardim, como o menino em *The Snowman* mal pode se conter, tão animado que está para ver seu novo amigo. É claro que, no meu caso, não é um boneco de neve, mas uma pilha de pedras que preciso colocar em meu jardim bagunçado.

Enquanto estou lá fora olhando para as pedras, Amy chega com os filhos. Eles saem do carro e se afastam dela se arrastando pela rua. Você abre a porta da frente e, antes que consiga ir até o carro cumprimentá-la, ela se vai. Você fica vendo sua mulher ir embora. Não é um bom sinal. As crianças abraçam você — exceto por Fionn, que só arrasta os pés pela entrada da garagem e então para dentro da casa. Finalmente há silêncio, e eu gosto disso, apesar de não durar muito. O sr. Malone está no jardim dele e posso ouvi-lo limpando as pedras do piso.

— É melhor você não usar a mangueira de alta pressão — diz ele, ao notar que eu o observo. Ele está de joelhos, esfregando as pedras com a mão. — Acaba com a pedra. Estou arrumando a casa para Elsa. Ela volta amanhã.

— Que notícia boa, Jimmy.

— Não é a mesma coisa — diz ele, levantando-se com esforço e vindo me encontrar bem no meio, onde os arbustos e a grama dele terminam e meu carro e meu piso começam.

— Sem ela?

— Com ela, sem ela. Ela não é mais a mesma pessoa. O derrame... — Ele faz que sim com a cabeça para ele mesmo, terminando a frase em sua própria mente e concordando com ela. — Ela não é mais a mesma. Mesmo assim, a Marjorie vai ficar contente em vê-la. Vou arrumar lá dentro também, mas acho que ela não vai notar muita coisa.

Minha tarefa de alimentar Marjorie acabou assim que o dr. Jameson voltou de férias, mas notei que Jimmy não está segurando as pontas muito bem sem a mulher por perto. A pia da cozinha estava cheia de louça suja e um cheiro horrendo emanava da geladeira. Não deu muito trabalho e não foi invasivo, mas lavei a louça e joguei fora as verduras emboloradas e o leite azedo da geladeira, que ficou bem vazia depois. Ele estava tão acostumado a ser cuidado em casa que não tinha notado, ou pelo menos não tinha comentado. Mesmo assim, depois que o dr. Jameson voltou aos seus deveres de vizinho, tinha certeza que eles não incluiriam lavar a louça. Apesar de os deveres dele com você, se foi isso que eu vi, terem ido até as 3h30 da madrugada de ontem. O que vocês falaram até aquela hora — você, bêbado como um gambá, cantando e gritando, e o dr. Jameson na jaqueta dele da North Face e todo bronzeado — é um mistério para mim.

Fico só no silêncio respeitoso, apesar de saber que ele não esperava uma resposta. Então, pergunto:

— Jimmy, qual é a melhor época para plantar uma árvore?

Ele sai daquele estado sentimental, animando-se na hora com a pergunta.

— Ah, a melhor época para plantar uma árvore?

Faço que sim com a cabeça, e no mesmo momento me arrependo de ter perguntado. Provavelmente vou ter de ouvir uma resposta bem comprida.

— Ontem — diz ele, e então dá uma risadinha, a tristeza ainda nos olhos dele. — Como todas as outras coisas. E, se não deu ontem, então *agora*. — E ele volta a limpar as pedras.

A sua porta se abre e Fionn sai, todo vestido de preto, o capuz do moletom cobrindo a maior parte do rosto, mas as espinhas e sardas adolescentes entregam a tentativa de se vestir de um jeito tão misterioso. Ele vem direto até mim.

— Meu pai me mandou te ajudar — diz ele.

— Ah. — Não sei o que responder. — Eu, hum... não preciso de ajuda. Está tudo bem, de verdade. Mas obrigada. — Eu gosto da paz de fazer isso sozinha. Não quero ter de puxar assunto ou explicar o que quero fazer. Prefiro fazer eu mesma.

Ele olha para as pedras com um olhar nostálgico.

— Elas parecem pesadas.

Elas parecem pesadas mesmo. Digo a mim mesma que não preciso de ajuda, eu nunca peço ajuda. Prefiro fazer as coisas sozinha.

— Não quero voltar para lá — diz ele tão baixinho que, quando o vejo olhando fixamente para as pedras, é como se ele não tivesse dito nada, e fico imaginando se ouvi aquilo.

Como posso dizer não a ele? E fico pensando de quem mesmo foi essa ideia de me ajudar. Duvido que tenha sido sua.

— Vamos começar com esta — digo. — Quero colocá-la ali.

Com o Fionn por perto, faço tudo mais rápido e tomo decisões mais depressa do que se estivesse sozinha. No começo, peno para encontrar coisas para dizer a ele — coisas legais, coisas engraçadinhas, coisas “jovens” —, mas, à medida que o tempo passa e as respostas monossilábicas dele continuam, percebo que ele, como eu, também não quer saber de conversa. E então trabalhamos em silêncio, começando do pé do morro e seguindo acima, a única comunicação sendo uma palavra aqui e outra ali sobre mover uma pedra para a direita ou para a esquerda — esse tipo de coisa. Enquanto as horas passam, ele começa a oferecer sugestões de onde colocar as coisas.

Por fim, damos alguns passos para trás, suando e sem fôlego, e examinamos as pedras. Satisfeitos com a posição delas, começamos a afixar cada uma em seu lugar de um jeito seguro, com pelo menos metade da pedra enterrada no chão. Misturamos adubo e areia para garantir que não saiam do lugar. No próximo nível, levamos as pedras menores, deixando várias caverninhas para as plantas crescerem. A cada etapa, damos um passo para trás e observamos de todos os pontos de vista.

Fionn não fala nada.

— Vai ficar melhor com as plantas e as flores — digo meio insegura, e já protegendo meu jardim.

— É — responde ele em um tom que não consigo interpretar. A voz dele é monótona, sem expressão, parecendo se importar e não dar a mínima ao mesmo tempo.

— Estou pensando em colocar um chafariz também — digo. Já pesquisei sobre isso e fiquei animada ao encontrar um vídeo que mostra como construir um chafariz em oito horas. Estou ainda mais animada para ver se posso usar minhas pedras de arenito para o chafariz.

Ficamos em silêncio enquanto examinamos o jardim em busca de um lugar para ele.

— Você poderia colocar o chafariz ali — sugere ele.

— Eu estava pensando mais para cá.

Ele fica quieto por um momento e então diz:

— Onde é a tomada mais próxima?

Dou de ombros.

— Você vai precisar de uma tomada para ligar a bomba. Olha: você tem luzes. — Ele dá uma volta pelo jardim, procurando a fonte de eletricidade para as luzes. — Aqui. Seria melhor colocar o chafariz aqui.

— É — concordo, minha voz tão equilibrada quanto a dele; sem querer, é claro, mas é viciante. É tão mais fácil não se esforçar! Dá para entender por que ele faz isso. — Vou colocar um cano no meio das pedras assim, olha. — Empilho as pedras de arenito uma por cima da outra para mostrar para ele. — A água vai passar aqui pelo meio.

— E tipo, explodir?

— Não, tipo... borbulhar.

Ele assente uma vez, não muito impressionado.

— Você vai fazer isso agora?

— Amanhã.

Ele parece desapontado, apesar de ser difícil saber ao certo, já que ele fica entre a indiferença e a tristeza total. Eu não o convido para voltar amanhã. A companhia dele não me atrapalha, mas prefiro fazer isso sozinha, principalmente porque não sei o que estou fazendo. Quero descobrir como fazer isso sozinha, sem ter de discutir nem explicar nada. Não que haveria muita discussão com Fionn.

— Você vai usar todas?

— Metade.

— Posso ficar com a outra metade?

— Para quê?

Ele dá de ombros, mas está na cara que ele tem algo em mente.

Olho para ele, querendo mais informações.

— Para quebrar tudo.

— Ah.

— Posso pegar isso emprestado? — Ele aponta para meu martelo de borracha. Nunca vi o olhar dele tão cheio de esperança.

— Tá — respondo, sem muita certeza.

Ele coloca as pedras no carrinho de mão e as leva para o outro lado da rua, para sua mesa. E então volta para buscar mais. Nessa hora, você vem para a rua ver o que ele está fazendo. Você pergunta o que ele está fazendo, mas ele o ignora e volta ao meu jardim para pegar mais pedras. Você fica observando seu filho por um momento e então vem atrás dele.

— Oi — diz você, andando pelo caminho de pedras até mim, as mãos enfiadas nos bolsos. Você examina o arranjo de pedras. — Ficou bonito.

— Obrigada. Ah, não — digo de repente, ao ver meu primo Kevin virar a esquina, andando como se não tivesse fazendo nada de mais, olhando para a esquerda e para a direita enquanto procura pela minha casa. — Não estou aqui — digo, largando tudo e entrando correndo em casa.

— O quê?

— Não estou aqui — repito, apontando para Kevin, e então abrindo a porta da frente. Deixo uma fresta aberta; quero ouvir o que ele tem a dizer.

Kevin se aproxima da entrada da minha garagem.

— Oi — ele cumprimenta você e Fionn, que está colocando as pedras no carrinho de mão com todo o cuidado, apesar de sua aparente intenção de acabar com elas.

— Oi — você responde, como se tivesse uma “voz de telefone” reservada especialmente para estranhos. Vou até a janela lateral e fico espiando por cima do peitoril. Kevin mais parece um padre: costas retas, calça de veludo marrom, um casaco de chuva. Tudo preciso, arrumadinho e em tons terrosos. Posso imaginá-lo usando sandálias no verão.

— A Jasmine não está — diz você.

— Ah. — Kevin olha para a casa e me esconde. — Mas que pena. Você tem certeza? Parece que... bom, a porta está aberta.

Por um momento fico com medo que ele vá entrar em minha casa procurando por mim, como quando a gente era criança e eu não queria que Kevin me encontrasse de jeito nenhum. Naquela brincadeira em que quando uma pessoa te acha e também se esconde com você até todo mundo encontrar vocês dois. Kevin sempre conseguia me achar primeiro, empurrando o corpo dele contra o meu, se enfiando no espaço bem apertado comigo, a ponto de eu sentir a respiração dele no meu pescoço, e o coração dele batendo contra minha pele. Mesmo quando a gente era criança ele já me deixava desconfortável.

Você fica mudo. Fico surpresa por você ainda não ter inventado alguma mentira. Tenho provas de que você é um mentiroso, mas faço tão pouco de você na maioria das vezes que simplesmente achei que mentir seria algo natural para você. É Fionn quem aparece para me salvar.

— Ela deixou a porta aberta para a gente. Somos os jardineiros dela — diz ele, e a falta de emoção e a atitude *blasé* fazem com que seja fácil acreditar nele. Você olha para seu filho com o que parece ser admiração.

— Ah, tá. Tudo bem. Vou tentar ligar para ela no celular, então — diz Kevin, começando a se afastar. — Caso eu não consiga falar com ela, vocês podem dizer que o Kevin passou por aqui? Kevin — repete ele.

— Kevin; tudo bem — diz você, claramente desconfortável por se encontrar nessa posição.

— Claro, Kieran — diz Fionn, levando o carrinho de mão de novo para o outro lado da rua.

— É Kevin — repete ele de boa vontade, mas um pouco preocupado.

— Beleza — diz você, e Kevin volta vagarosamente para o lugar de onde quer que tenha vindo, olhando por cima do ombro sem parar para a casa só para garantir que não vou aparecer. Mesmo quando ele some de vista, não me sinto segura.

— Ele foi embora — diz você, e bate à porta.

Abro a porta lentamente, e deslizo me posicionando bem ao seu lado, rezando para que você bloqueie a vista caso ele volte.

— Obrigada.

— Namorado?

— Meu Deus, não. Mas quer ser.

— E você não quer.

— Não.

— Parece um cara legal.

Preciso acabar com essa conversinha o mais rápido possível. Não quero discutir minha vida amorosa — ou ausência dela — com você.

— Ele é meu primo — digo de repente, esperando colocar um ponto final na conversa sobre o Kevin.

Você arregala os olhos:

— Jesus.

— Ele é adotado.

— Ah.

— Mesmo assim — digo em minha defesa —, é e sempre será uma coisa nojenta para mim.

Silêncio.

— Eu tenho uma prima: Eileen — diz você, de repente. — Ela tinha o maior par de peitos do mundo, mesmo quando éramos crianças. Quando penso nela, só consigo me lembrar de... — Você leva as mãos ao peitoral e faz um gesto de “peitão!”. — Sempre tive uma queda por ela. Tetas de

Migalhas, era como a gente a chamava, porque tudo caía ali, sabe? Como uma prateleira.

Estamos olhando para Fionn enquanto você fala, e não um para o outro. Estamos de costas para a casa, olhando para a frente.

— Agora ela já tem filhos. Os peitos já estão um pouco mais caídos hoje em dia... — Você abaixa as mãos e seus peitos imaginários caem para o nível de sua cintura. — Mas se ela me dissesse amanhã que foi adotada... Eu pensaria no caso, sabe?

— Matt — suspiro.

Olho para você e vejo que você tem aquele olhar de quem está aprontando. Faço que não com a cabeça. Não sei se a história é verdadeira ou não, mas você está tirando uma da minha cara. Não mordo a isca.

— A sua irmã, ela...

— Tem síndrome de Down — antecipo o que você ia dizer, cruzando os braços, pronta para a briga. Sempre pronta: *O que você falou sobre minha irmã?* A causa da maioria das minhas brigas adolescentes. Certas coisas não mudam nunca.

Você parece ficar chocado comigo e relaxo a postura um pouco.

— Eu ia dizer que sua irmã gosta mesmo de música.

Estreito os olhos para você, desconfiada, e chego à conclusão de que você está falando sério.

— Ah. — Pausa. — É, ela gosta.

— Ela provavelmente sabe mais de música que eu.

— Está na cara.

Você sorri.

— Organizei algo para ela na semana que vem. Um passeio pela estação de rádio. Você acha que ela ficaria interessada? Eu achei que sim, já levei outras pessoas antes, mas nunca alguém como ela, que realmente aproveitaria o passeio. O que você acha?

Fico olhando fixamente para você, chocada, mas consigo fazer que sim com a cabeça.

— Que bom. Espero que não tenha problema perguntar, mas eu só queria saber: qual é a maneira correta de fazer isso? Eu a levo de carro até lá, ou você a leva? Ou ela vai sozinha?

Continuo encarando você, surpresa. Não o reconheço. O fato de você ter organizado um passeio para ela e se importar o bastante para pensar na logística está além da minha compreensão.

— Você organizou um passeio para ela?

Você parece confuso.

— Eu disse que iria. Tudo bem? Será que devo cancelar?

— Não, não — respondo rapidamente. — Ela vai ficar tão feliz. — Esforço-me para encontrar as próximas palavras. — Ela pega o ônibus sozinha — digo, na defensiva de novo. — Ela é

perfeitamente capaz disso, sabe?

— Que bom. — Seus olhos examinam os meus. Odeio isso.

— Mas eu poderia levá-la — digo —, se você concordar.

— É claro. — Você sorri. — Você é uma irmã mais velha bem protetora.

— Mais nova — respondo.

Você faz cara feia.

— Ela é mais velha que eu.

Parece que caiu a ficha. Você parece que finalmente entendeu alguma coisa. Mas não passa de sarcasmo.

— Faz sentido. Ela parece mais madura mesmo.

Um sorriso faz cócegas nos cantos de minha boca, mas me recuso a deixá-lo acontecer. Olho para Fionn. Você segue meu olhar. Ficamos olhando Fionn pegar o martelo de borracha.

— Você não se importa mesmo de ele fazer isso? — pergunta você.

— E *você*?

— As pedras não são minhas.

— Uma lasca poderia voar no olho dele — digo.

Silêncio.

— Poderia cortar o braço dele. Pegar uma artéria.

Você sai correndo atrás dele e atravessa a rua.

Não sei o que você diz para seu filho, mas pelo jeito ele não lidou bem com a situação. Antes mesmo de terminar uma frase, Fionn está quebrando minhas pedras de arenito tão caras sobre sua mesa de jardim. Você dá um pulo para trás para que os pedaços não te atinjam. É como se, para ele, você não estivesse lá.

Por vinte minutos ele reduz tudo a pedacinhos minúsculos, as bochechas rosadas por causa do esforço, o rosto contorcido de raiva. Sua filha, a loirinha que dança por aí em vez de andar, está observando o irmão de dentro do jipe, o mais perto que você a deixou chegar, e você está à porta da frente, de braços cruzados e com as costas retas, assistindo a tudo com menos vergonha e mais preocupação enquanto ele detona minhas pedras caras. Ao terminar, ele examina o trabalho, os braços ficam pendurados ao longo do corpo, relaxados, livres de tensão. Então ele olha para cima e para os lados, notando pela primeira vez os arredores e as pessoas de olho nele, como se estivesse saindo de um coma. Ele fica tenso de novo, levanta o capuz, a tartaruga desaparecendo dentro do casco. Ele larga o martelo no carrinho de mão e o traz de volta para mim.

— Valeu — resmunga ele, antes de sair andando de novo, com a cabeça baixa ao passar pela família e empurrar você para passar pela porta. Do outro lado da rua, posso ouvir uma porta batendo no andar de cima da casa.

Isso me faz lembrar que deveria ligar para meu pai.

Deveria. Mas não ligo. Estou de licença há alguns meses, mas percebo que já bati aquela porta há muito tempo; nem sei quando aconteceu — quando eu bati a porta e quando me dei conta —, mas agora fica óbvio para mim: ainda não estou pronta para sair do meu quarto.

Capítulo 16

Acordo no meio da noite com as mesmas vozes baixas sendo carregadas pela brisa calma para minha casa, carregando as palavras especialmente para mim. Sei que não vou conseguir pegar no sono novamente por um bom tempo, apesar do fato de eu estar exausta, um caco completo e absoluto. A jardinagem de ontem foi tão cansativa e intensa que sinto os efeitos cada vez que me mexo, mas é uma dor que me deixa satisfeita. Não é a dor de cabeça que eu tinha depois de passar tempo demais falando ao celular, uma dor que me deixava com a orelha e a bochecha quentes, ou a dor nos olhos depois de ficar olhando para a tela do computador o dia inteiro, ou os problemas com a lombar e o ombro direito devido à minha má postura à mesa, debruçada sobre o computador. Essa dor não é nada como as outras, e também não se iguala à dor que sinto depois de voltar a malhar. Essa sensação é tão diferente e satisfatória que quase fico empolgada. Apesar de eu estar exausta, minha mente está ativa. É revigorante, estou a mil, e parte disso se deve ao fato de minha alma se sentir alimentada pela terra, mas, na verdade, minha cabeça acorda porque não consigo entender por que o dr. Jameson está fazendo companhia a você de novo à mesa no jardim, sentado ao ar frio da noite até uma da manhã. O que é tão importante que não pode ser discutido à luz do dia? E o que é ainda mais intrigante: o que vocês podem ter em comum? Você dois são os candidatos menos prováveis para uma aliança nesta rua, talvez até menos prováveis que você e eu — e isso já é dizer muito. Por fim, chego à conclusão de que você é um pobre coitado e o dr. Jameson é alguém que precisa limpar tudo, consertar tudo. Você deve ser parte do projeto dele de vigilância na vizinhança; talvez ele o considere uma ameaça às pessoas nesta rua depois que você quebrou a luz do poste, a janela e a garagem. Jogo as cobertas para longe e admito minha derrota. Vocês me convenceram.

Atravesso a rua usando minhas botas Ugg e meu casaco Puffa, carregando uma garrafa térmica de chá e algumas canecas.

— Ah, mas se não é ela — anuncia o dr. Jameson, como se vocês estivessem falando sobre mim.

— Viu, só? Eu falei para você: ela não aguenta ficar longe de mim — diz você secamente, mas não de maneira convincente.

— Oi, dr. Jameson. Chá?

— Por favor. — Os olhos cansados dele brilham à luz da lua, sua segunda noite na rua depois da meia-noite.

Nem me dou ao trabalho de oferecer chá para você. Você está tomando conta de um copo de uísque e a garrafa sobre a mesa já está na metade. Não sei quantas doses você já tomou. Duas ou três, talvez, desta garrafa. Há um cheiro forte de uísque no ar, mas pode estar vindo da garrafa aberta, e não de seu hálito. Você está com uma energia diferente esta noite; parece derrotado, sem forças para lutar. Mas isso não o impede de tirar uma com minha cara, apesar de acontecer com menos vigor que o normal.

— Pijaminha bonitinho — diz você.

— Não estou de pijama. — Eu me dou o trabalho de checar se há lascas de pedra na cadeira, as quais estão espalhadas por todo o canto apesar de Fionn ter varrido tudo na noite de ontem, obviamente contra a vontade pelo barulho nervoso das cerdas da vassoura batendo no concreto. — São calças de ficar em casa — respondo, e você dá risada.

Eu me sento à sua frente, à outra ponta da mesa, e seguro a caneca de chá com as duas mãos para me aquecer.

— Agora o chá do chapeleiro louco está completo — diz você. — Já é hora de chorar?

Ele me provoca, mas não mordo a isca.

— Acho que nosso amigo gosta de contar uma piada — diz o dr. Jameson, de maneira conspiratória e jovial. — Eu não ligaria muito.

— É para isso que me pagam — responde você.

— Não mais. — Olho para você por sobre minha caneca. Talvez eu esteja procurando briga, mas não tenho certeza. Eu estava tentando usar seu tom, mas não funciona quando sou eu fazendo isso. Você me dá um olhar petrificante que me surpreende e sei que coloquei o dedo em uma ferida. E adoro isso.

Sorrio. Hora do troco.

— O que aconteceu, Matt? Bob não vai arrumar tudo para você? Eu pensei que vocês dois fossem assim. — Cruzo os dedos como você tinha feito daquela vez.

— Bob teve um ataque cardíaco — diz você, sombrio. — Ele está no hospital, ligado a uma máquina de suporte à vida. Achemos que ele não vai sair dessa.

Eu me sinto horrorosa. Meu sorriso desaparece rápido.

— Ai, meu Deus. Matt. Eu sinto muito. — Gaguejo ao tentar me desculpar, me sentindo terrível.

— Bob foi demitido — diz o dr. Jameson. — Matt, por favor.

Você dá uma risadinha, mas não parece muito feliz, e estou pé da vida por você ter feito eu me sentir daquele jeito, e me desculpar para você.

— Dr. J, essa mulher tem mais altos e baixos que uma dançarina de pole dance.

— Vamos parar com isso — avisa o dr. Jameson.

Não posso discutir esse fato — as variações de humor, a parte sobre o pole dancing. Quando estou com ele, é verdade mesmo.

— Então seu amigo foi demitido — digo, tomando meu chá em um gole só, me sentindo de volta ao topo. — Não é uma boa notícia para a investigação de rotina de sua conduta, é?

— Não, não é. — Você me encara.

— A não ser que eles contratem outro amigo seu para o lugar dele. Alguém disposto a fazer vista grossa para seus erros extremos de julgamento. De novo.

Você me lança um olhar perigoso e toma o uísque num gole só. Eu deveria ler os sinais, mas não

leio, ou leio e continuo mesmo assim. Pensei que você fosse um homem à beira do abismo antes, mas você estava perfeitamente normal em comparação a isso. Quero esticar meu dedo e empurrar você. Para mim, é como se fosse terapia.

— Ops! — digo sarcasticamente, lendo o olhar dele. — Eles contrataram alguém que não gosta de você. Que chocante. Onde será que acharam esse cara?

— Mulher, na verdade — diz o dr. Jameson. — Olivia Fry. Uma inglesa. De uma rádio muito bem-sucedida no Reino Unido, acho.

— Uma rádio horrível — afirma você, esfregando o rosto, obviamente estressado.

— Então você não é fã da rádio? — pergunto.

— Não — você me lança aquele olhar sombrio de novo.

Tomo outro gole de chá.

— Não precisa ficar tão triste assim por causa disso, Jasmine.

Jogo as mãos para o alto.

— Sabe, Matt, eu posso entender, de uma maneira estranha, como você pode pensar que aquilo que faz é para o bem de todos...

Você tenta me interromper.

— Espera aí — levanto a voz.

— Shhhh — diz o dr. Jameson. — Os Murphy.

Baixo a voz mas mantenho o foco.

— Mas na véspera de Ano-Novo? Aquela mulher no seu estúdio? O que foi aquilo?

Há um silêncio longo. O dr. Jameson olha para mim e para você e então para mim de novo. Dá para ver que ele está curioso para ver se você vai me dar uma resposta honesta.

— Eu estava fora de mim — responde você finalmente, mas desta vez não é uma defesa, mas uma constatação. Olho para o dr. Jameson com surpresa. — Eu tomei meu remédio para ansiedade com álcool por engano antes do programa.

— E você não deveria fazer isso. — O dr. Jameson faz que não com a cabeça com força, já sabendo dessa história. — Aqueles comprimidos são fortes, Matt. Você não deveria estar bebendo, para começar. Você não pode misturar os dois. Na verdade, você não deveria estar tomando aquele remédio.

— Eu já tinha misturado os dois antes e achei que não teria problema, mas é que os comprimidos para dormir ainda estavam no meu sistema desde a manhã daquele dia — você explica.

O dr. Jameson leva as mãos à cabeça, horrorizado.

— Então você admite que seu programa da véspera de Ano-Novo foi um erro — digo, mais surpresa por você ter admitido o que fez que com a mistura de drogas que tomou.

Você olha para mim com a sobrelance erguida, nada impressionado com minhas provocações. Quando vejo que você não vai repetir o que disse, olho para o dr. Jameson.

— Bom, e como o senhor foi de férias?

— Ah, tudo bem. — Ele se recompõe. — Foi muito bom ver as crianças e...

— Choveu por duas semanas, eles ficaram enfiados no apartamento e fizeram o dr. J de babá o tempo todo.

— Não foi tudo tão terrível assim.

— Dr. J, o senhor me diz para encarar os fatos, e é hora de o senhor fazer o mesmo. Eles usaram o senhor.

Dr. Jameson parece derrotado.

O que ainda lateja em meus ouvidos é você dizendo *o senhor me diz para encarar os fatos*. É uma pequena amostra de seu relacionamento com o bom doutor; encarar os fatos não é algo que eu achava que você estivesse fazendo a essa hora, no seu jardim.

— Eu sinto muito — digo ao dr. Jameson.

— É que... você sabe... eu esperava passar o Natal com eles, sabe, mas não. Agora isso não vai mais acontecer.

— O dr. J passa o dia de Natal sozinho há quinze anos.

— Um pouco menos que isso — diz ele. — Eu tinha esperança de este ano ser diferente. Mas — ele se anima — não tem problema.

Sentamos em silêncio, cada um de nós perdido em seus próprios pensamentos.

— Você fez um ótimo trabalho no seu jardim — diz o dr. Jameson.

— Obrigada. — Fito a grama, orgulhosa.

— Ela está de “licença remunerada” — você diz, e então ri e diz tossindo “demitida” no seu copo de uísque.

Sinto a raiva se acumulando dentro de mim.

— Fionn me ajudou com o arranjo de pedras. Ele queria ficar longe do pai — digo.

Dr. Jameson se diverte com nossa discussão. Eu não.

— Ele tem quinze anos. Ninguém quer ficar com o pai quando se tem quinze anos — diz você.

Concordo.

— E não há nada para fazer aqui — você continua. — Os três só querem passar o dia inteiro brincando nos iPads.

— Então faça *alguma coisa* com eles — digo. — Pense em alguma coisa. Ele gosta de ficar ao ar livre, invente um projeto para fazer com ele.

Olho para a mesa.

— Por que você não lixa e enverniza isso aqui? Isso vai mantê-lo ocupado. Façam isso juntos. Pode ser até que vocês se comuniquem.

Finjo que estou de queixo caído com a ideia, sarcasticamente.

Silêncio de novo.

— Então você está de licença, Jasmine — diz o dr. Jameson. — Por quanto tempo?

— Um ano.

— E você trabalhava onde?

— Eu fui a cofundadora de uma empresa chamada Fábrica de Ideias. A gente criava e implementava ideias e estratégias para outras empresas.

— Consultoria? — pergunta você.

— Não. — Faço que não com a cabeça.

— Então publicidade?

— Não, não — contesto.

— Bom, não fica muito claro exatamente o que vocês...

— Não era falar alto para todo mundo ouvir, Matt, com certeza não era isso — dou uma resposta atravessada.

— Ui, ui, ui — você canta com sarcasmo, sabendo que tocou na ferida aberta e reagiu exatamente como você esperava, caindo nas suas mãos. — Eu ofendi a moça, dr. J, de alguma maneira, em algum momento — você explica.

— E por que parar em uma vez só? Por que você não pode falar o tempo todo só para ofender? — Eu sei que isso não é mais verdade e me sinto mal. Penso nas vezes em que suas palavras me confortaram. Olho para meu jardim, a única coisa que me faz pensar em algo diferente esses dias, a única coisa que vai me tirar dessa conversa e me impedir de dizer algo de que posso me arrepender. Você estava tranquilo até agora, mas sei que, se continuar a provocá-lo, você pode explodir, e eu também.

— O que você vai fazer? — pergunta o dr. Jameson, e é como se eu tivesse de voltar de um lugar muito distante para responder a ele.

— Estou pensando em construir um chafariz — digo.

— Não quis dizer com o...

— Ela sabe muito bem o que você quis dizer. — Você me observa, pensativo.

— O casal que mora ao meu lado, dr. J — digo, sem perceber que agora estou usando o seu apelido para ele até você reagir.

— Os Lennon — lembra-me ele.

— Eu vi os dois indo de porta em porta ontem. O que eles estavam fazendo?

— É um grupo secreto de swing de casais — diz você. — Bem debaixo do nosso nariz.

Ignoro você.

— Acho que ela gosta de mim — diz você ao dr. J.

— Você é tão infantil.

— Você é tão fácil de irritar que é quase um pecado não fazer isso.

— Não normalmente. Só com você.

— Os Lennon estavam se despedindo — diz o dr. Jameson, como se nossa discussãozinha infantil não estivesse acontecendo. — Eles decidiram alugar a casa e fazer um cruzeiro por alguns meses. Depois do que aconteceu com Elsa Malone, eles agora querem aproveitar a vida enquanto ainda têm chance.

— Quem vai alugar a casa?

— O seu primo — diz você.

— Jura? Pensei que fosse sua mulher — atiro de volta.

— Um homem de negócios. Sozinho. As empresas pagam uma verdadeira fortuna para os diretores, não é? Ele vai se mudar na semana que vem. Eu o vi dando uma olhada na casa. Ele é jovem.

Você faz um ruído com a boca que percebo que foi para mim. Uma brincadeirinha de moleque.

— Nunca se sabe, Jasmine. — Você pisca para mim.

— Por favor.

— O tempo está passando, e você não está ficando mais nova. Tique-taque, tique-taque, você precisa começar a fazer esses bebês logo, logo.

Sinto a raiva queimando dentro de mim. Você tem um talento, isso eu admito, para cutucar as fraquezas das pessoas.

— Não quero ter filhos — digo, com nojo de você e sabendo que não deveria responder, mas não posso dar a você a satisfação de pensar que está ganhando essa parada. — Nunca quis.

— É mesmo? — pergunta você, interessado.

— Mas que pena — diz o dr. Jameson, e quero me levantar e ir para longe desses dois homens que de repente acham que podem ter uma opinião sobre aquilo que devo ou não fazer. — Já vi mulheres mais velhas se arrependerem dessa decisão. Você deveria pensar no assunto, e considerar essa possibilidade com calma — diz ele, olhando para mim como se eu tivesse simplesmente dito aquelas palavras sem nunca ter pensado na questão.

Eu sempre soube que não queria ter filhos. Desde criança.

— Não faz sentido eu me arrepender agora por algo que posso não me arrepender mais tarde —

digo, como sempre digo a pessoas como o dr. Jameson que falam exatamente a mesma coisa. — Então eu vou continuar com minha decisão, já que é a melhor para mim.

Você ainda está olhando para mim, mas evito seus olhos.

— Os Lennon se despediram de você? — pergunto a você.

Você faz que não com a cabeça.

— Por que eles não se despediram de nós? — pergunto para ninguém em particular. — Você e eu estávamos no meu jardim enquanto eles iam de porta em porta. Eles passaram direto pela gente.

Você dá uma risadinha, mexe o uísque no copo. Você mal bebeu desde que cheguei aqui, o que é bom porque seus filhos estão em casa, para a única noite da semana com o papai, e você está aqui fora, bêbado.

— E por que eles se despediriam de você? Você passa longe de ser a vizinha do ano. Dois meses cavoucando o jardim para se recuperar de um colapso psicótico...

Eu já estou farta de você e sei que não deveria. É exatamente isso que você quer, jogar lenha na fogueira para que todo mundo à sua volta exploda — a não ser por você. Magoar as pessoas. Mas não consigo me conter, estou magoada também.

— Então o que um locutor demitido faz da vida? As outras estações estão fazendo uma fila à sua porta?

— Eu não fui demitido.

— Ainda não. Mas vai ser.

— Eles prolongaram minha licença por um período ainda não definido — diz você, com um brilho maroto nos olhos. — Então pelo jeito estamos presos aqui, juntos. Você e eu.

Alguma coisa estala em minha cabeça. Mais como se algo estivesse se partindo. Percebi algo e sinto o calor da raiva me queimando.

— Mas você ainda vai poder ir à estação na semana que vem? — pergunto.

— Não — responde você lentamente, deixando de encarar o uísque para olhar para mim. — Eles estão planejando uma reestruturação da estação. Não vou pisar naquele lugar até que eles me digam o que vai acontecer com meu emprego.

— Mas você prometeu à minha irmã que ia levá-la para um passeio pela rádio.

Você me estuda para ver se estou falando sério, e então, quando eu não sorrio, ou respondo, você bate o copo sobre a mesa, o que faz eu e o dr. Jameson darmos um pulo.

— Você acha mesmo que estou ligando para sua irmã agora?

A raiva explode dentro de mim e corre pelas minhas veias como veneno. Por todo lugar. Ódio. Raiva. Repulsa. Ira.

— Não, na verdade, não.

Percebo que o dr. Jameson olha para mim, sentindo algo em minha voz que eu sinto, mas você não

escuta.

— Tenho três filhos aqui. E uma mulher que eu gostaria muito que voltasse para mim. É com eles que estou preocupado neste momento.

— É mesmo? Que interessante. Porque agora são duas e quinze da madrugada e você está tomando uísque no jardim quando deveria estar lá dentro com eles. Mas responsabilidade não é algo que combina com você, não é mesmo?

Eu provavelmente deveria parar por ali, mas não consigo. A Heather só falou na visita à rádio a semana inteira. Todos os dias. Sem parar. Ela até fez uma pesquisa. Ela é capaz de ditar a programação inteira da rádio, quem trabalha em qual programa e em que horário; ela sabe até o nome dos produtores e dos pesquisadores. Ela me ligou todos os dias para contar. Na última ligação, disse que poderia parar de trabalhar no escritório de advocacia que sempre amou tanto para tentar trabalhar na rádio, se o sr. Marshall pudesse ajudá-la. É como se ela pudesse notar que eu não estava gostando daquela história. Mas não é que eu não estivesse gostando: eu só estava reticente, hesitante de embarcar nessa porque tinha medo que algo como isso pudesse acontecer. Mas isso só fez com que ela insistisse em vender a ideia para mim ainda mais, tentando me fazer enxergar como ela se importava com o assunto, mostrando toda a empolgação para que eu não pudesse intervir e cancelar tudo. Meu ódio está borbulhando à flor da pele, e sinto que estou prestes a entrar em erupção.

— Sua mulher te largou, você perdeu o emprego, seus filhos não te suportam...

— Cale a boca — você resmunga, fazendo que não com a cabeça e olhando para a mesa.

Decido continuar porque quero magoá-lo. Quero magoá-lo como você me magoou todos aqueles anos atrás.

— Seus filhos nem aguentam ficar perto de você...

— CALE A BOCA! — grita você de repente. Pega o copo e o atira em mim. Posso ver a ira em seus olhos, mas sua mira é péssima e nem preciso me esquivar do míssil. O copo passa voando por mim e aterrissa no chão, em algum lugar atrás de mim. Não sei o que você vai fazer agora. Talvez tentar de novo com algo maior, como com aquela cadeira que você usou para quebrar a janela, ou talvez com seu punho, como você fez com seu filho, mas dessa vez não será accidental.

— Chega, chega — diz o dr. Jameson em um sussurro mais alto. Ele está de pé, como todos nós agora, e estica o braço para nos separar, como um juiz de boxe, e apenas o comprimento da mesa mantém a distância entre nós.

— Sua vaca louca! Como você ousa dizer essas coisas? — você me ataca.

— E você é um bêbado — digo, engolindo a última palavra enquanto a coragem vai embora e a tristeza e o horror se instalam. — Desculpe, dr. J, mas ele prometeu à minha irmã. Ele deveria manter sua promessa.

Então, me viro e deixo os dois ali, meu corpo tremendo dos pés à cabeça de ódio e de medo. Nem me dou ao trabalho de pegar a garrafa térmica e as canecas, pensando, enquanto me afasto, se a qualquer momento essas coisas virão voando atingir a parte de trás da minha cabeça.

Capítulo 17

Como um trabalho de escola, enquanto a gente estudava mitologia grega, nos pediram para escrever nossa própria versão da história de Aquiles. Então nos pediram para ler as redações em voz alta, e quando, um por um, meus colegas de classes leram suas histórias, histórias verdadeiras de pessoas ao longo dos séculos, líderes derrubados por suas fraquezas, percebi que não tinha interpretado muito bem a proposta do exercício. Escrevi sobre uma bruxa que odiava crianças por causa de seus corações cruéis, e pelas coisas horríveis que diziam sobre seu gato favorito. Ela fez um plano para capturá-las, matá-las e comê-las, mas o problema é que ela tinha medo de pirulitos e parecia que, toda vez que ela se aproximava de uma criança, ela estava com um pirulito na boca, que servia como um campo de força protetor e doce ao redor dela. A fofoca se espalhou e logo todas as crianças sempre levavam um pirulito com elas, quase esfregando os doces na cara dela, grudentos e doces, e ela ficou com tanto nojo que foi obrigada a fugir e se esconder das crianças para sempre.

Levei um C+, o que foi irritante, mas o mais vergonhoso foi as crianças rindo de mim enquanto eu lia a redação, algumas pensando que fosse mesmo uma piada para irritar o professor, mas a maioria achava que era simplesmente um lixo. O professor me deu um C+ não porque eu não tinha entendido a tarefa, mas porque eu falhei ao tentar compreender o significado da história. Os pirulitos não podiam ser o calcanhar de Aquiles da bruxa, ele me disse; os pirulitos eram algo que ela temia, mas que não foram responsáveis pela derrota dela. Ele nunca me deu a oportunidade para responder — isso não acontecia na escola; você simplesmente entendia ou não —, mas ele é quem estava errado, e não eu, porque o pirulito não era a fraqueza da bruxa, mas de seu gato. Em sua tentativa de proteger o gato, ela acabou sendo expulsa da comunidade e ficou sozinha para sempre.

Eu escrevi aquela história aos dez anos. Já sabia na época o que só consigo encarar agora: Heather é a minha fraqueza. Qualquer briga, desentendimento, relacionamento que não deu certo ou até um relacionamento possível para o qual eu nunca dei uma chance estão relacionados, sem exceção, a uma reação, um comentário, uma observação ou alguma coisa que tenha a ver com Heather. Eu não seria capaz de me envolver com uma pessoa que demonstrasse arrogância ou ignorância, sendo inocente ou não, em relação à minha irmã. Um olhar atravessado para Heather e a pessoa era cortada na hora da minha vida. Eu nunca tentava conversar sobre os processos de pensamento ou sobre as crenças dessas pessoas, eu não tinha paciência, nem tempo para isso. Namorados. Meu pai. Amigos. Eu cortei todo mundo. Não sei se sempre fui assim ou se porque nossa mãe morreu, então me comporto da maneira que acho que ela gostaria que eu reagisse. Tenho uma memória, uma sensação de que ela era tão protetora com Heather quanto eu sou, mas mesmo assim não tenho nenhuma lembrança de verdade ou exemplos para corroborar essa possibilidade. Pela primeira vez, paro para pensar que minhas ações vêm sendo ditadas por algo que não tem nenhuma substância, que é totalmente injustificado. Isso me deixa balançada.

Sentindo-me horrorosa depois das coisas horrendas que disse a você esta noite, mesmo assim eu me forço a bloquear tudo. O sono vem fácil, porque minha mente não gosta da alternativa de encarar

o que eu disse. Meu último pensamento antes de cair no sono é se o gato da bruxa seria mais feliz se ela não fosse tão superprotetora com ele. Afinal, o descontentamento da bruxa não o ajuda em nada.



Estaciono na esquina da casa da tia Jennifer. Meu plano é ir até lá e... acaba por aí. Nem sei se devo entrar ou não. Será que sei o que estou fazendo com Heather, com *tudo*, ou não? É uma pergunta importante para mim, eu que já estive tão certa disso. De dentro do carro, fico observando a casa, minha mente a mil e vazia ao mesmo tempo. Meu plano é sair do carro e... acaba por aí.

Nunca preciso ligar para tia Jennifer com antecedência. A casa dela é uma daquelas casas que estão sempre ocupadas com os quatro filhos entrando e saindo, além das esposas e os netos, todos sem avisar, e agora que ela também é mãe adotiva temporária para algumas crianças, muitas vezes há pessoas na casa dela que nem conheço. Sempre foi esse tipo de casa, e eu sempre me senti bem-vinda aqui — e ainda bem, porque eu não tinha outro lugar para ir quando minha mãe ficou doente. O acordo era de que, quando minha mãe morresse, eu me mudaria para lá, mas então aconteceu o incidente com o Kevin, que infectou para sempre a visão que eu tinha da casa, meu relacionamento com Kevin e, ao longo do tempo, com tia Jennifer também.

Posso ver agora o tamanho do estresse que foi para ela à época, perder o filho e a sobrinha que ela tinha prometido à irmã que estaria a salvo com ela. Na verdade, ela não perdeu a gente, estávamos bem ali, mas, quando Kevin se mudou para longe, eu ainda não conseguia ficar bem naquela casa, e decidi morar no campus da Universidade de Limerick, para dar um tempo de todo mundo e um começo novo em folha para mim. Eu via Heather a cada duas semanas. Eu morava com meus amigos e acabamos criando nossa própria família, e me permiti ser mimada pelas famílias dos amigos nos feriados. Heather estava feliz na acomodação que minha mãe tinha arranjado para ela antes de falecer, e nas festas de família nós ficávamos na casa da tia Jennifer, e meu pai vinha jantar e conversar com a Heather, como se fosse a base de nosso relacionamento. Tudo funcionava bem para todos, para mim também e, enquanto tudo isso acontecia, criei uma mãe para Heather em minha mente que não sei se necessariamente existia, conferindo a ela ideais que não sei se ela tinha de verdade.

Ando lentamente até a porta. Meu plano é andar até a porta e... acaba por aí.

— Jasmine — diz tia Jennifer, surpresa ao abrir a porta e me encontrar ali.

Ela tem cabelo ruivo, tingido, e num corte bem curto até onde consigo me lembrar. Usa tons terrosos, verdes e marrons sem graça em peças de veludo molhado, vestidos hippies compridos com leggings por baixo, sapatos que sempre têm a sola grossa como botes, colares grandes e pesados. Os lábios dela estão sempre pintados da mesma cor do cabelo, apesar de o ruivo dela estar mais para mogno que o meu vermelho-carro-de-bombeiro.

— Mas que surpresa boa! Entre, entre. Ah, que pena que eu não sabia que você vinha, senão teria pedido à Fiona para ficar. Ela foi à missa com Enda. Sabe, não me olhe assim, ninguém nesta casa tem ido à missa desde o casamento do Michael, mas Enda vai fazer a primeira comunhão este ano e eles são incentivados a ir para que ele não chegue no dia parecendo um turista. Pelo jeito as crianças podem brincar na missa das dez da manhã. Se eles continuarem pensando assim, a igreja católica não

vai mais ter um banco vazio.

Ela me leva até a cozinha, que deveria parecer a mesma, e deveria me fazer sentir algum tipo de ligação com o passado, mas foi totalmente alterada.

— Meu presente de aniversário de sessenta anos — diz ela, notando que ainda estou tentando assimilar a reforma. — Eles queriam me dar um cruzeiro. Eu queria uma cozinha nova. O que minha vida virou? — diz ela, jovialmente.

Eu gosto do fato de a cozinha estar diferente: assim estou imediatamente em um lugar novo, longe das lembranças de anos atrás. Ou pelo menos a cozinha me ajuda a enxergá-las sob uma nova luz, sob um ângulo diferente, menos como uma participante ativa e mais como uma observadora enquanto tento descobrir o que ficava aqui ou ali, e onde os pufes costumavam ficar.

— Não posso ficar muito tempo — digo enquanto ela se senta, um bule de chá de ervas entre nós. — Vou encontrar a Heather em uma hora. Vamos construir uma fonte no meu jardim.

— Mas que maravilha! — O rosto dela se ilumina e posso ver a surpresa.

Meu plano é dizer a ela o que se passa em minha cabeça e... acaba por aí.

— Eu vim ver a senhora porque... Tenho pensado bastante ultimamente. Estou com bastante tempo livre, como a senhora sabe.

— Que bom para você. — Nada de compaixão. Eu gosto disso.

— Eu tenho pensado na minha mãe. Bom, na verdade, em um monte de coisas. — Acabo me dando conta disso em voz alta. — Mas venho pensando especificamente em como ela era com a Heather.

Registro sua surpresa, mas ela não diz nada. Tenho certeza de que ela estava esperando que eu fosse falar sobre Kevin.

— Há algumas lacunas.

— Vou te ajudar, se eu puder — diz ela.

— Bom, é vago. Como ela era com a Heather? Quer dizer, eu sei que ela era protetora, é claro. Eu sei que ela queria que Heather fosse independente, construísse uma vida boa para ela mesma, mas não sei como ela se *sentia*. O que ela temia? Ela falava com a senhora sobre a Heather? A senhora era confidente dela? Por exemplo, o que ela queria manter bem longe da Heather? A Heather está abrindo as asas mesmo agora; ela sempre foi assim — reconheço. — Ela tem um namorado.

— Jonathan. — Ela sorri. — Nós ouvimos falar bastante dele. Ele veio jantar aqui.

— Ah, é?

— E então depois ele fez uma apresentação de taekwondo. O Billy até fez alguns movimentos, e acabou chutando minhas bonecas russas de porcelana.

Eu rio e então cubro a boca. As bonecas russas de porcelana sempre fizeram a gente rir.

— Tudo bem. — Ela ri. — Valeu a pena ver o Billy levantar a perna tão alto.

Ficamos num silêncio bem-humorado e então o clima muda.

— Sabe, Jasmine, você está fazendo um ótimo trabalho. Heather está feliz. Ela está segura. Ela está sempre ocupada, é incrível; meu Deus, ela precisa de uma assistente para ajudá-la a tomar conta de sua agenda. Eu não consigo acompanhar.

— É, eu sei. Mas... às vezes eu queria tanto ter a orientação da minha mãe.

Ela pensa com afinco.

— Certa vez, uma mulher disse algo sobre a Heather. Alguma coisa horrível. Não por querer, mas por inocência.

— Essas são as piores — digo, mas fico de orelhas em pé. Esse é o tipo de coisa que preciso ouvir.

— Bom, sua mãe pensou no assunto por um bom tempo e a convidou para nosso jogo de bridge de terça à noite.

— Jura?

— Com certeza. Ela a convidou para as sete da noite, apesar de o jogo não começar até as oito. E fingiu que havia errado o horário e a fez ficar sentada na sala de estar enquanto preparava vocês duas para dormir.

Faço cara feia.

— Esse foi o troco que ela deu? Fazer uma mulher perder uma hora de seu dia sem precisar?

Tia Jennifer sorri e sabe que não entendi a moral da história.

— Ela queria que a mulher visse Heather em casa, da maneira que ela era o tempo todo, a Heather em estado natural, com vocês três envolvidas na rotina noturna como qualquer outra família àquela hora do dia. Ela garantiu que a mulher visse e ouvisse tudo, ou a normalidade de tudo, eu acho. E você sabe quem era essa mulher?

Faço que não com a cabeça.

— Carol Murphy.

— Mas a Carol e a minha mãe eram amicíssimas.

— Exatamente. Elas ficaram amigas depois disso.

Eu me esforço para digerir essa informação. Carol era a amiga do peito da minha mãe. Elas estavam sempre grudadas, até onde consigo me lembrar. Não consigo processar essa informação, de que a Carol já havia tido esse tipo de atitude em relação à Heather. Eu sei que é possível, mas luto contra essa ideia, e meu carinho por Carol perde o lustro de repente. Em um instante. Da mesma maneira que meus sentimentos por uma pessoa se transformam quando fico sabendo que ela pisa na bola, quando não age de maneira satisfatória ou sabem exatamente o que dizer ou fazer em relação à Heather.

Como se estivesse sentindo essa agitação, tia Jennifer continua:

— Sua mãe nunca afastou ninguém, Jasmine, porque era exatamente isso que ela temia que as outras pessoas fossem fazer com a Heather.

Era isso que eu estava procurando. Meu plano é pegar essa informação e colocá-la em prática na minha vida de alguma maneira. E... acaba por aí.



Eu baixei instruções sobre como construir um chafariz. Assisti ao vídeo algumas vezes no YouTube, um cara meio aristocrático usando um colete fofinho e botas de borracha verdes e com um nariz de batata explicando o processo para mim como se eu fosse uma criança. Quando o assunto é jardinagem, gosto que falem comigo desse jeito, porque sei tanto quanto uma criança. Ele diz que o chafariz fica pronto em oito horas e prova isso ao terminar o dele dentro do prazo — editado para oito minutos de vídeo, é claro. Acho que vai me levar uma semana, apesar de Heather ter vindo me ajudar. Ou provavelmente porque Heather veio me ajudar. Espero que demore isso mesmo, porque não tenho outros planos.

— Uau, Jasmine — diz Heather assim que vê o que fiz com meu jardim. — Nem acredito que é o mesmo jardim.

— Eu sei! Você gostou?

— Adorei.

Ela olha para mim em silêncio, o que me deixa envergonhada.

— O que foi? — Eu desvio o olhar, e me ocupo com nossas ferramentas.

— Estou surpresa de que a Jasmine tenha feito isso — diz ela, como se eu não estivesse ali, mas olhando diretamente para mim. O tom dela me surpreende. — Jasmine ocupada!

— Olha só quem está falando! — Tento manter meu tom de voz leve. — Você tem uma agenda mais ocupada que a minha.

Ela tira o cabelo de cima dos meus olhos e o coloca atrás da minha orelha. Ela tem de ficar nas pontas dos pés para fazer isso.

— Estou orgulhosa de você, Jasmine.

Meus olhos se enchem de lágrimas e fico com vergonha. Não me lembro de tê-la ouvido falar aquilo antes, e não sei por que isso me deixa tão emocionada, tão repentina e profundamente emocionada.

— É, pois eu estou de licença mesmo, não é? Então — bato uma palma —, antes da gente começar, comprei uma coisa para você.

Dou para ela as roupas de jardinagem que comprei on-line. Botas de borracha verdes com flores cor-de-rosa, um macacão, um chapéu quentinho e luvas de jardinagem.

Estamos ocupadas cavando um buraco grande o bastante para a bacia do chafariz caber quando sua porta se abre. Tento não olhar para cima e consigo, meu coração pulsando com o simples pensamento de outro confronto com você, mas, quando ouço passos se aproximando, o barulho arrastado me diz que é Fionn, e não fico mais com medo de olhar para cima. O fone de ouvido dele está pendurado no

pesçoço, e ele está com as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos. É como a ilusão da maleta da Mary Poppins. As mãos dele são grandes demais para caberem em bolsos daquele tamanho; o esforço de enfiá-las ali faz com que ele empurre os ombros até as orelhas. Ele não fala nada, só fica ali e espera que eu fale com ele.

— Oi, Fionn — digo, endireitando minhas costas que já estão doendo.

Ele resmunga algo inaudível.

— Essa é minha irmã, Heather.

Esse é o teste para ver se ele é uma boa pessoa. E então me lembro de que preciso parar de apostar tanto naquele momento: a apresentação. Mas Fionn passa no teste, resmungando a mesma resposta inaudível para Heather e sem olhar nenhuma de nós nos olhos.

Heather acena.

— Meu pai está perguntando se você precisa de ajuda. — Ele examina as ferramentas e o buraco.
— Vocês estão fazendo o chafariz?

— Estamos. — Sinto-me péssima, mas, por mais que tenha sido errado dizer aquelas coisas para você na noite passada, não vou passar outro dia cuidando do seu filho. Além disso, planejei passar o dia com a Heather. Mas não consigo. Não posso rejeitá-lo. Você provavelmente ainda está dormindo, de ressaca. Fico imaginando seu quarto escuro e abafado, você como uma bola debaixo das cobertas, as cortinas grossas não deixando a luz do dia entrar, enquanto seus filhos estão lá embaixo, ainda de pijama ao meio-dia, jogando cereal pela cozinha, pisando nele, fazendo o cereal grudar no carpete. Colocando fogo nas coisas.

Assim que passo a pá para Fionn, ouço uma explosão de risadas de criança, e você e seus dois filhos loirinhos estão vindo do quintal da sua casa. Você diz alguma coisa, muito jovial, animado, brincalhão. Seu andar está diferente, e você está superbem para alguém que estava jogando copos de uísque na minha cabeça no mesmo jardim há menos de doze horas.

Você assobia. Um chamado.

Sei que é para Fionn. Fionn sabe que é para ele, mas não se vira. Nem eu olho para cima.

— Fionn, vem, menino — diz você de bom humor.

— Estou ajudando. — A voz de Fionn sai como um miado, e então desafina.

— Não está, não — diz você todo feliz, colocando algumas coisas sobre a mesa.

Quero ver o que é, mas não quero olhar para você.

— Oi, Heather — diz você, animado.

— Oi, Matt. — Heather acena de volta e fico chocada com essa conversinha.

Você me ignora. Estou com medo de olhar você nos olhos.

Fionn suspira, larga a pá e, sem dizer uma palavra para mim ou para Heather, se arrasta para o outro lado da rua, as mãos desaparecendo para dentro dos bolsos mágicos de novo, o peso dos braços compridos empurrando as calças para baixo e revelando a parte de cima da cueca.

Com uma voz animada, você começa a explicar para as crianças o que vocês vão fazer. Quero ouvir, mas Heather está falando, e não posso mandá-la parar. Então você liga o som no seu carro. As crianças estão empolgadas e a menininha que está sempre dançando começa a dançar e o outro se concentra na tarefa. Tento olhar de relance para o que vocês estão fazendo sem dar na cara; tento me posicionar de forma a ficar de frente para vocês, mas que pareça que estou envolvida em meu trabalho. Vocês estão todos reunidos ao redor da mesa no jardim. Vocês todos estão lixando, e quase interrompo o que estou fazendo, chocada. Você aceitou meu conselho.

Heather ainda está falando.

Eu finalmente escuto o que ela está dizendo. Ela quer ir falar com você sobre o passeio na estação de rádio. Ela fez uma pesquisa, e há certos tipos de estúdio que gostaria de ver. Digo a ela que não é apropriado, que é domingo e você está passando tempo com sua família.

— Vou ser educada, Jasmine — diz ela, implorando com os olhos, e isso parte meu coração porque nunca duvidei que ela seria educada e não quero que ela pense que estou preocupada por causa dela. Por fim, interrompo o que estou fazendo.

Essa é outra coisa sobre minha irmã. Ela enfia as coisas na cabeça e precisa fazê-las de qualquer jeito. De qualquer jeito. Se não pode, ela não consegue entender o que está acontecendo e seu mundo vira de cabeça para baixo. Talvez seja algo a ser considerado em relação aos desafios que a gente enfrenta na vida: eles fazem você se esforçar mais, e não aceitam “não” como resposta. Você faz mais que a maioria das pessoas geralmente faria para vencer o desafio e garantir que o medo ou seja lá o que for que ameace impedir que você não possa vencer. Quando eu terminava minha lição de casa e podia assistir à TV, Heather tinha fonoaudióloga. Quando eu podia sair para brincar com meus amigos na rua, Heather tinha aulas de reforço de leitura. Para ela, aprender a andar de bicicleta foi um esforço prolongado, enquanto eu simplesmente saí pedalando. Ela sempre teve de se esforçar mais para fazer tudo. É por isso que as reuniões são importantes, porque se ela sugere algo que não é ideal, então pelo menos, como grupo, podemos conversar sobre o assunto antes que ele domine a mente dela. Ela falou sobre a visita à estação de rádio para o grupo, todo mundo concordou que seria uma ótima ideia — todo mundo menos eu, e não pude dar minha opinião. Ao não conseguir falar, eu falhei com ela.

Certa vez, conheci uma mãe que, ao descrever os traços da personalidade do filho, disse: “típica síndrome de Down”. Eu quis dar um tapa nela. Você pode não definir uma pessoa de acordo com uma coisa em qualquer momento; todos nós somos únicos. Essa parte da personalidade de Heather não tem nada a ver com a síndrome de Down. Se tivesse, então meu pai e eu teríamos síndrome de Down também, porque não há quem nos segure quando queremos seguir em frente.

Penso em mentir. Está na ponta da língua. Sempre acho que se, de alguma forma, posso garantir pessoalmente a felicidade da Heather, então fica tudo bem. Mas minha filosofia sempre foi contar a verdade para ela; às vezes eu dou uma abrandada em certas coisas, mas só. Nunca conto uma mentira deslavada. Ao perceber que estou prestes a quebrar meu código de ética, eu paro. Um namorado meu um dia me disse que eu vivia para agradar às pessoas, mas eu sabia que não, porque não agradava a ele — eu nem tentava. Ele parecia ser a última pessoa na minha lista a quem eu tentava agradar. O que percebo agora é que vivo para agradar à Heather. Há pouquíssimas outras pessoas a quem tento

agradar; tudo gira em torno dela. Percebo que isso não me torna uma pessoa mais preocupada com o próximo. Na verdade, isso me torna egoísta, já que, como resultado final, tudo gira em torno de mim também.

Por anos eu venho dizendo a mim mesma que Heather depende de mim para consertar tudo. Mas será que é isso mesmo? Ou será que eu acho que ela queira que eu conserte tudo? Agora me dou conta de que ela nunca me pediu para resolver nada, nem deu nenhum sinal de que espera que qualquer coisa seja alterada por mim; eu é que coloco essa pressão sobre mim mesma. Estou tendo uma revelação. No meu jardim. Até os joelhos em um buraco que eu cavei.

Meu primeiro pensamento quando fui demitida foi: “Não posso contar para Heather”. Eu achei que ela fosse ficar nervosa, que eu teria de protegê-la de saber sobre as coisas ruins do mundo, que ela também ficaria com medo de ser demitida. Mas o que é que eu estava pensando? Que tipo de educação é essa? Heather sabe mais que eu sobre a crueldade do mundo. Ela ouve comentários abusivos a seu respeito, coisas degradantes ditas sobre ela por pessoas decentes comuns que não sabem como lidar com isso, tanto na cara quanto pelas costas, diariamente. Sou uma mera companhia durante tudo isso. Enquanto ouço você e seus filhos lixando e rindo nesse dia fresco, ensolarado e brilhante de primavera, com *Happy*, do Pharrell, tocando estridente em seu iPhone, tenho uma revelação. Nem tudo na minha vida precisa ser alterado para agradar à Heather e a mim. Não posso continuar protegendo-a de tudo, mas talvez possa simplesmente estar ao lado dela para ajudá-la e quando ela se machucar.

— Tá — digo, finalmente, ouvindo minha voz tremer. O que estou fazendo? Estou mandando minha irmã ali para ter o coração partido por você. *Eu* estou fazendo isso. *Eu* estou deixando isso acontecer. Estou tremendo tanto que não consigo recuperar o fôlego, então me sento no banco do jardim e a vejo atravessar a rua.

As duas crianças loiras param de lixar para olhar para ela, com cautela.

— Oi — diz Heather, feliz.

Você e Heather estão conversando. Não consigo ouvir o que vocês estão dizendo e isso me mata. Quero saber. Preciso saber para ajudar a controlar a conversa e a desviar de um caminho que possa machucá-la. Eu me sinto inútil, mas também como um carrasco. Eu a mandei lá para acabar com a fé dela nas pessoas, talvez em mim.

Vejo você explicando alguma coisa a ela, sua expressão leve, suas mãos gesticulando com cuidado para estabelecer certos pontos. Então você para de falar e a observa. Você espera para ver a reação dela, mas ela não diz nada. Você leva as mãos à cintura. Olha para ela, meio incerto. Você não tem certeza se deve estender a mão a ela; você faz contato e então não faz mais, acha melhor não fazer. E então você olha para mim. Você está preocupado. Você não sabe o que fazer com essa moça que o está encarando sem dizer nada. Você não sabe o que dizer. Você precisa da minha ajuda. Morro por dentro ao fazer isso com Heather, mas não vou ajudá-lo.

Você começa a dizer outra coisa, mas Heather te dá as costas e atravessa a rua de volta para cá. Ela parece que tomou um tapa. Um olhar tenso no rosto, olhos vidrados, o nariz rosado. Fico onde estou, observando-a, enquanto ela vem em minha direção e passa direto por mim.

É isso que acontece, Matt Marshall, quando você decepçiona as pessoas. Você vai aprender e vai se lembrar disso ao simplesmente enxergar isso no rosto de minha irmã.



Heather fica dentro de casa e ouve música em seu toca-discos, lidando silenciosamente com seu coração partido já que não vai poder visitar a estação de rádio. Ela não quer falar sobre o assunto, e tudo bem, porque eu também não quero. Continuo cavando no jardim e, quanto mais fundo chego ao solo, mais fundo também chego dentro de mim. Quando vou fundo o bastante, quando estou em carne viva e exposta, é hora de fechar a ferida. Coloco dois dedos de cascalho no buraco do qual saí e coloco a bacia no topo do cascalho. Meço a distância do buraco até a tomada mais próxima e então corto um pedaço de conduíte de PVC do mesmo comprimento. Passo um fio pelo conduíte e fecho com fita adesiva a extremidade para a bomba de água que vou adicionar depois. Puxo a tomada da bomba pelo conduíte de PVC e passo a fita na extremidade dela. Essa parte demora um pouco. Coloco o conduíte de PVC na trincheira que cavei e o cubro com solo. Posiciono a bomba no meio da bacia e coloco uma tela sobre ela. Usando minhas tesouras novas, faço um buraco no meio da tela.

Em seguida, tenho de ligar a bomba ao cano, mas não consigo. É complicado e frustrante demais, e estou resmungando e xingando quando ouço uma voz atrás de mim.

— Oi, jardineira.

Não é você. Eu sei de cara. Dou um pulo e deixo as tesouras caírem na bacia.

— Merda. Monday. Oi. Desculpe. Você me assustou. Eu só estou... Droga! Minhas tesouras. Só vou... pronto. Essa coisa... — Suspiro e enxugo meu rosto suado. — Estou tentando construir um chafariz.

Estou na terra, em um buraco, e daqui Monday parece ainda mais majestoso que o normal. Ele está usando um terno azul-marinho e, em vez de gravata, uma expressão divertida no rosto, que está fixada e é dirigida somente a mim. Olho de relance rapidamente para você. Pego você desviando o olhar, como se eu não o tivesse pegado no flagra, e você volta a se concentrar em envernizar a mesa com seus filhos, com aquela voz animada de chefe de escoteiro que você conseguiu manter por quase uma hora até agora.

— Eu te chamei algumas vezes, mas acho que você estava no seu próprio mundo — diz ele, sorrindo, e se agacha. — O que você está fazendo aqui?

— Uma bagunça. — E mostro a ele o que eu deveria estar fazendo.

— Posso?

— Por favor.

Ele estende a mão e eu a aceito, e permito que ele me puxe para fora do buraco que cavei. Não é um sinal. Nem mesmo um símbolo. Uma coisa que está acontecendo de verdade. Assim que minha pele toca a dele, não sei se é comigo, mas sinto uma energia pelo corpo todo. Ele não se afasta da beirada do buraco e me puxa para perto do corpo dele, meu nariz tocando o tecido da camisa dele, e

posso ver a pele dele por baixo dos botões abertos da camisa. Eu queria ficar ali para sempre, sentindo o corpo sarado dele contra o meu, mas me afasto toda desengonçada, sem poder observá-lo caso ele veja como me deixou corada. Ele tira o paletó e eu o levo para dentro de casa, aproveitando a oportunidade para me limpar, ajeitar meu cabelo, meu lápis de olho e minhas bochechas coradas. Quando volto, ele já arregaçou as mangas e está de joelho na grama, a testa enrugada de concentração enquanto tenta conectar a bomba de água ao encanamento. Tento puxar conversa, mas ele está ocupado, concentrado, e me sinto uma peste, então só o observo por um tempo, mas me sinto culpada por admirá-lo de todas as maneiras erradas, e então olho de relance para você e seus filhos envernizando a mesa. Exceto por Fionn, que desertou da tarefa e está sentado em uma das cadeiras brincando com seu iPad, os outros dois estão se divertindo. Você está animado, envolvido, comunicativo, engraçado. Você é um bom pai, e me sinto mal por ter dito que não era. Meu lado cínico fica pensando se tudo isso é só para me mostrar depois daquilo que eu disse ontem à noite, mas então vejo olhares e sons verdadeiros de felicidade e me sinto mal por pensar que tudo isso gira em torno de mim. Então, tenho uma discussão comigo mesma sobre me sentir mal, levando em consideração tudo o que você aprontou no passado, como você decepcionou Heather e o fato de que você jogou um copo na minha cabeça. A vencedora da discussão sou eu: você merece que eu não confie em você.

Monday está olhando para mim e saio do meu transe. Está na cara que ele disse alguma coisa e está esperando uma resposta. Espero até que ele repita, mas fico com vergonha ao ver que o olhar dele está seguindo o meu. Os olhos dele pousam sobre você.

— A voz dele é familiar. É o Matt Marshall?

— É.

Monday não fica impressionado, mas também não o contrário, e fico surpresa com a maneira como me sinto a respeito disso. Não quero que ele pule de alegria, se declare seu fã e atravesse a rua correndo para pedir um autógrafo, mas me preparo de um jeito nervoso para ele não gostar de você, como se eu estivesse pronta para defendê-lo. É uma reação peculiar, considerando o fato que devo desprezá-lo tanto, principalmente depois da maneira como você magoou Heather. Se estivéssemos em um relacionamento, eu teria de largar você e me mudar para bem longe. Justamente o que sua mulher fez, pensando bem. Talvez você tenha esse efeito nas pessoas.

— Isso aqui vai demorar mais um pouco — diz Monday, me fitando de um jeito que me faz sorrir.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei. Mas assim dou a você mais alguns minutos para pensar sobre a vaga. Pelo jeito você precisou de bastante tempo para pensar.

Mordo o lábio.

— Desculpe. Você disse que eu tinha um mês para decidir.

— No máximo. A gente pode conversar sobre isso depois que eu terminar aqui, se estiver tudo bem para você.

Olho para os fios na mão dele.

— Você sabe o que está fazendo?

— Eu comprei um chalé antigo em Skerries e reformei tudo sozinho. Telhado novo, encanamento novo, fiação nova. Levou alguns anos, mas agora é habitável. Não se preocupe, não explodi nada. Ainda não.

Tento imaginá-lo em seu chalé na cidadezinha tranquila de Skerries, usando um suéter de lã trançada e comprando peixe fresco todo dia de um pescador, mas não posso. Tudo o que consigo ver é ele nu da cintura para cima, arrancando tábuas do chão e papel de parede com ferramentas enormes nas mãos.

— Você tem tempo para conversar mais tarde? — Ao registrar meu olhar vazio, ele completa: — Nós tínhamos combinado de conversar hoje...

A ficha cai.

— Ah. Eu pensei que você tivesse dito que a gente conversaria por telefone; é por isso que estou... Nós nunca combinamos um horário, mas tudo bem.

Ele parece envergonhado por ter aparecido do nada em um domingo, ou há alguma outra razão para seu embaraço? Se há, ele disfarça rapidamente. Ou talvez eu esteja imaginando isso, me enganado ao pensar que consigo ver o lado vulnerável dele, que ele apareceu sem avisar porque queria mesmo me ver. No flash que passa entre a gente, acredito que seja uma possibilidade, mas agora são só negócios como sempre — quer dizer, não como sempre, já que ele está acabando com um terno lindo ao se inclinar sobre um buraco no meu jardim.

Meia hora depois, enquanto faço chá para mim e café para ele, Monday e Heather estão sentados à mesa da cozinha. Heather está contando a ele sobre seus empregos. Ela sempre fica orgulhosa de seu trabalho e acha que é o assunto mais fácil de discutir com estranhos. Eu gosto disso, ela é boa de conversa, apesar de eu me preocupar com a segurança dela. Não quero que ela saia contando o que faz todos os dias para caras aleatórios, caso eles apareçam onde ela está. É óbvio que não fico preocupada quando ela conta tudo para Monday. Nem ela, porque, ao terminar, ela pergunta a Monday sobre o emprego dele.

— Eu sou headhunter — diz ele. — Meu emprego é identificar candidatos adequados que estão trabalhando em outro lugar para preencher uma vaga.

— Mas isso não é trapacear?

— Na verdade, não. — Ele sorri. — Não gosto de trapacear. Eu me vejo mais como uma pessoa que resolve problemas. É como um quebra-cabeça. Eu coloco as pessoas certas nos lugares certos. Porque às vezes as pessoas não estão no lugar onde deveriam estar.

Nossos olhos se cruzam quando ele diz isso. Ele não fala devagar, como se ela não fosse capaz de entender; nem alto, como se ela fosse surda, apesar de ela usar um aparelho auditivo. As frases dele são curtas e simples, direto ao assunto.

Então Heather começa a falar sobre mim, sobre meus empregos — em uma versão simplificada, a versão que contei a ela ao longo dos anos. Não sei por que ela está fazendo isso, talvez ela não tenha entendido direito o que ele faz, então percebo que ela está tentando vender meu peixe para ele, o que

me emociona tanto que congelo e não consigo ver o que estou fazendo. Estou totalmente paralisada, sem acreditar que Heather faria isso por mim, que ela *saberia* como fazer isso por mim. Ele é uma pessoa que arruma emprego para os outros e ela está tentando arrumar um emprego para mim. Ela lista meus atributos e conta histórias para ilustrá-los. É uma coisa que ela aprendeu a fazer nas próprias entrevistas de emprego e agora está usando isso comigo.

Ela começa cada frase com “A Jasmine é...”. A primeira frase ela completa com “gentil” e então dá um exemplo de minha gentileza. Ela conta a ele que comprei o apartamento para ela.

— A Jasmine é inteligente — diz ela. — Um dia, estávamos no estacionamento do supermercado, e a Jasmine achou vinte euros perto da máquina de pagar o tíquete. Ao lado do dinheiro estava um cartão de consulta de médico, com uma consulta marcada. Então, Jasmine mandou o dinheiro e o cartão pelo correio para o médico, e disse a ele que a pessoa que ele tinha recebido naquele dia e naquela hora havia deixado cair o dinheiro no estacionamento naquela data. — Ela sorri. — Não é muita inteligência?

— É inteligência mesmo. — Ele sorri.

Espero que ela pare agora; é lindo, mas é difícil ouvir elogios. Mas ela continua.

— A Jasmine é generosa. — E faço que não com a cabeça e volto para aquilo que eu estava fazendo.

Ao olhar para Monday, sei que ele está emocionado. Ele olha atentamente para ela, vidrado nela. Ele deve sentir que estou observando porque olha para mim, dá um sorriso gentil, e tenho que começar a me mexer de novo. Ele nem sempre entende o que ela diz, e pede para ela repetir algumas coisas; mesmo após anos de fonoaudiologia, a fala dela não é muito clara, mas, apesar de eu entender tudo, me contenho para não interromper. Ela não é uma criança. Ela não precisa de um tradutor.

— A Jasmine parece uma pessoa muito legal — diz ele, olhando para mim de novo. — E eu concordo. Acho que muitas empresas teriam muita sorte em poder contar com ela.

Não estou olhando para ele, mas consigo vê-lo do canto do meu olho, o ângulo do rosto dele sobre o meu; e cada movimento meu é descuidado, enquanto meu coração palpita e tenho frio na barriga. Eu me atrapalho com a caixa de leite, derramo leite sobre o balcão ao tentar colocá-lo na jarra.

— Ela é mesmo — concorda Heather.

— E você é uma ótima irmã por dizer tudo isso sobre ela.

A próxima coisa que ela me diz me deixa tão emocionada e me catapulta para fora da sala tão rápido que até mesmo Monday tem o bom senso de ir embora, e me mandar uma mensagem de texto mais tarde — de seu celular pessoal —, para ligar para ele quando tiver um tempinho.

— Eu sou a irmã mais velha dela. Quando a nossa mãe morreu, ela me disse que eu era a irmã mais velha e que eu tinha de tomar conta da Jasmine. Eu faço todas essas outras coisas, mas proteger a Jasmine é o meu trabalho mais importante.

Capítulo 18

Na manhã de segunda-feira, acordo com o barulho de um cortador de grama bem do lado de fora de minha janela. Isso me irrita de tantas maneiras diferentes. Primeiro porque mal passa das oito horas, e geralmente é um barulho incômodo, e segundo porque tomei uma garrafa de vinho tinto antes de dormir. Talvez eu esteja mentindo sobre a quantidade, pode ser que tenha sido mais e pode ser também que tenha sido algo mais forte que vinho, mas estou sentindo as consequências hoje, um *tumtumtum* que penetra meu crânio e vai direto para meus neurônios, matando-os imediatamente, e então segue perfurando até a parte de trás da minha cabeça, que sinto pulsar no travesseiro. O dono do cortador de grama, que não está nem aí, pode ser qualquer um dos quatro casais aposentados ao nosso redor que trabalham de acordo com seus próprios horários, sem pensar em mais ninguém, especialmente agora que eles sabem que não tenho mais emprego. Poderia ser qualquer pessoa, mas já sei que é você. Já sei que é simplesmente ao levantar a cabeça do travesseiro, porque a barulheira dura mais tempo que o normal. Ninguém no mundo tem tanta grama assim; só um jardineiro sem experiência demoraria tanto para fazer isso. Quando olho lá para fora, é como se você estivesse me esperando aparecer. Você olha de relance imediatamente para cima e acena com gosto. Vejo o sarcasmo gotejando de cada poro. Então você desliga o cortador de grama, já que conseguiu fazer aquilo que queria, e atravessa a rua em direção à minha casa.

Não consigo me mexer. Estou tonta demais, eu realmente preciso me deitar de novo, mas você está à porta, apertando a campainha alto demais e por tempo demais, como se seu dedo estivesse sobre um machucado em minha pele e insistisse em apertá-lo em intervalos regulares, como tortura em código Morse. Eu me largo na cama, na esperança de que, se eu ignorá-lo, você vai embora, mas aparentemente como qualquer outro problema você não vai embora, apenas piora. Ao final, não é você que me faz me mexer, mas a visão da garrafa de vodka ao lado da cama que me catapulta dali — em ritmo de lesma — e para a porta.

Puxo a porta da frente e a luz do dia faz um buraco nos meus olhos. Faço uma careta e me encolho, volto para a segurança da sala escura com as cortinas fechadas. Você vem atrás de mim.

— Nossa — diz você ao me ver, soando demais como o dr. Jameson. — Bom dia. — Você está alegrinho demais e fala alto demais, todo animado. O que me irrita muito. Até penso que você deve ter me visto tomar todas até ficar bêbada, e então acordou cedo de propósito, o mais cedo que já vi você acordar, só para fazer uma zona do lado de fora da minha janela. Além disso, você se forçou a parecer animado de uma maneira que eu nunca tinha visto antes.

Minha intenção é dizer “oi”, mas a palavra sai como um coaxo bem grave.

— Uau — você exclama. — Noite difícil? É puro rock’n’roll no número três aqui no domingo à noite.

Minha resposta é um resmungo.

Você anda pela casa e abre as cortinas e a janela, o que me faz estremecer e pegar o cobertor de

casimira onde capotei. Eu me enrolo nele e continuo observando, desconfiada, enquanto você vai até a cozinha, que é toda em plano aberto — o andar térreo inteiro da minha casa não tem paredes —, e começa a fuçar nos armários.

— Na tigela de limão — digo ainda fraca.

Você para.

— O que foi?

— Suas chaves. Na tigela de limão.

— Não estou procurando minha chave, não me tranquei para fora.

— Aleluia.

— Por que na tigela de limão?

— Que bom que você perguntou. — Sorrio. — Porque penso em você como um limão.

— Mas você não é a pessoa mais azeda aqui? — diz você, e meu sorriso desaparece.

Você continua fuçando na cozinha. Ouço o barulho de xícaras, toalha de papel, sinto o cheiro de torrada e ouço a chaleira elétrica. Fecho os olhos e cochilo.

Quando acordo, você está segurando uma caneca de chá e torrada com manteiga em minha direção. Meu estômago está revirado, mas estou com fome.

— Coma, eu te ajudo.

— Ajuda de especialista no assunto — digo, grogue, e me sento.

Você se senta na poltrona do outro lado da sala, ao lado da janela que brilha tanto que tenho de estreitar os olhos. Você parece quase angelical com a luz sobre você, seu lado direito com o contorno borrado, como se você fosse um holograma. Você dá um suspiro preguiçoso, e não há nada santo sobre isso. Mas vejo que o suspiro não é de cansaço. Você parece rejuvenescido de alguma forma, corado com o ar fresco da manhã, suas roupas cheirando a grama recém-cortada. Você está é enjoado de mim.

— Obrigada — digo, lembrando-me das minhas boas maneiras.

— Sobre aquela noite... — você começa.

Resmungo e aceno como quem diz “deixa pra lá”, e tomo um gole de chá. É doce, mais doce do que eu geralmente tomo, mas eu gosto. É uma boa pedida. Não é vodka e meu corpo agradece. Não quero falar sobre aquela noite, sobre o que aconteceu entre a gente.

— Desculpe por ter jogado o copo em você.

E você parece extremamente sério. Até emocionado, talvez, e isso eu não aguento.

Mastigo minha torrada lentamente e a engulo.

— Nós dois estávamos errados — digo, finalmente. Quero deixar isso para trás.

Isso não é o que você quer ouvir. Você estava esperando uma desculpa minha.

— Bom, Jasmine, eu estava reagindo ao que *você* disse.

— Sim, e aceito suas desculpas — digo. Por que não consigo me fazer pedir desculpas para você, quando sei que eu deveria?

— Você disse um monte de merda — diz você.

— Você veio até aqui esperando um pedido de desculpas?

— Não. Para me desculpar.

Penso nisso de novo.

— Como eu disse, nós dois estávamos errados.

Você me encara atentamente enquanto sua mente está a mil. Você toma a decisão de não me atacar, e por isso fico grata, apesar de saber como mereço. Estou sendo horrível. Eu ofereço a você um pouquinho mais.

— Eu fiquei decepcionada por você ter deixado minha irmã na mão.

— Sinto muito por isso. Eu não sabia que ela ia ficar tão nervosa.

— Ela não gosta de promessas não cumpridas. Ela confia nas pessoas fácil demais.

Ao contrário de mim; eu não confio nas pessoas nem um pouco.

Você faz que sim com a cabeça, e digere isso.

— Eu não disse que não vai acontecer *nunca*, mas só pode demorar um pouco.

— Quais são as chances?

— No momento, não muito boas — responde você, desanimado.

Eu deveria estar pensando nas consequências de você perder o emprego, o que significa para você e sua família, e não em Heather e o passeio na rádio. Já fui considerada sensível por causa dos meus sentimentos em relação à Heather, mas com as outras pessoas parece que sou totalmente impassível.

— Parei de beber por causa do que você disse — diz você.

Arregalo os olhos para você, surpresa. Estou mais surpresa pelo fato de que eu poderia ter dito qualquer outra coisa para influenciá-lo, mas não fico nada surpresa com o fato de você admitir que parou de beber. Porque não acredito em você. Não acredito que você esteja falando sério, nem que isso vai acontecer. É como se você fosse um marido que só me trai e eu estivesse imune às suas declarações de que tudo vai mudar. O mais estranho é que ficamos confortáveis na companhia um do outro.

— Parei mesmo — diz você, lendo meu olhar perfeitamente. — Você tinha razão... O que você disse sobre as crianças.

— Ah, Matt, por favor — digo, irritada. Eu desisto. — Eu não tinha razão sobre nada. Eu não te conheço. Não sei nada da sua vida.

— Na verdade — você enrola, como se estivesse decidindo dizer isso ou não —, você sabe, sim.

Você vê tudo todos os dias. E mais que qualquer outra pessoa.

Silêncio.

— Você me conhece, sim. — Você olha para mim, pensativo. — Eu acho que você acha que me conhece mais do que realmente conhece, e está errada sobre algumas coisas, mas isso é só mais uma coisa para provar a alguém.

— Você não precisa provar nada para mim — minto. Eu bem que queria estar falando a verdade, mas não estou. Cada palavra que sai de sua boca é analisada por mim para confirmar que você é a maçã podre que estou convencida de que você seja.

— De qualquer maneira, quero que você fique com isso. — Você me dá o envelope amassado que contém a carta de sua mulher.

— Você ainda não leu? Matt!

— Não consigo — diz você simplesmente. — Não quero saber o que tem aí. Não posso.

— Ela já está falando com você?

Você faz que não com a cabeça.

— Porque ela disse tudo o que queria dizer nesta carta, e você a está ignorando! Eu não te entendo!

— Então leia para mim.

— Não! Quem tem que ler é você! — Jogo o envelope sobre a mesinha de centro.

— E se a carta disser que ela não vai voltar nunca mais?

— Então pelo menos você vai saber. Em vez de... ficar só esperando.

— Não estou esperando. Não mais. Vou provar isso para ela.

— Provar o quê?

— Provar a mim mesmo!

— Acho que você já fez isso. Foi por isso que ela foi embora — digo isso meio de brincadeira, pensando que você fosse sorrir, mas não.

Você suspira. Você olha para a carta e acho que finalmente você entendeu a importância dela. Pega o envelope e se levanta.

— Vou colocar junto com os limões.

Eu sorrio e fico feliz por você não poder me ver.

Um carro para em frente à sua casa.

— Visita — digo, aliviada por essa conversa ter chegado ao fim e por você ir embora. Minha cabeça está girando e a torrada está embolada com a vodka e o suco de cranberry, surfando em uma onda de indigestão.

Você estuda o carro pela janela, as mãos na cintura, fazendo uma careta. Mesmo assim, você ainda é bonito. Não para a sua idade — você tem quarenta e poucos anos —, mas para quem leva esse estilo de vida, ficando na rua até tarde, álcool e misturas de comprimidos para ansiedade, para dormir e seja lá o que for mais que você faz: essas coisas ainda não alteraram sua aparência tanto quanto deveriam.

— Acho que não é para mim — diz você, ainda examinando o carro. — Ele só está sentado ali.

— Por que você nunca trabalhou na TV? — pergunto de repente. Geralmente, locutores bem-sucedidos com um público como o seu fazem essa transição, e percebo agora que você é bem bonito, para algumas pessoas, e a TV sendo do jeito que é, a beleza está no topo da lista de exigências, assim como a inteligência; bom, às vezes, acima da inteligência.

— Eu trabalhei — responde você, virando-se, surpreso por eu ter feito uma pergunta sobre você, sobre sua vida, sobre seu trabalho. — Há uns cinco anos eu tinha um talk show tarde da noite, um programa de debates como no rádio. Às quartas, 11h30 da noite.

Você está me olhando como se eu devesse saber disso, mas faço que não com a cabeça.

— Nós ficávamos sentados ao redor de uma mesa com um monte de pessoas que alguém tinha convidado, falando sobre coisas que eu queria falar, mas não do jeito adequado. E aí o programa acabou. Você não pode dizer nada na TV. A gente tem muito mais liberdade no rádio.

— Como orgasmos para marcar a passagem de ano.

Você suspira e se senta.

— As mulheres não são as únicas que podem falar sobre certas coisas, você sabe disso.

Fico confusa.

— Eu tenho um amigo. Vamos chamá-lo de Joey.

— Ou podemos chamá-lo de você?

— Não. Não sou eu. — Acredito em você. — Um dia, Joey me conta que ele e a mulher têm problemas de fertilidade. Eles estão casados há sete anos e ainda não têm filhos. Saímos para tomar uma cerveja e ele me diz que finge ter orgasmo quando eles transam. Nunca tinha ouvido isso antes, pelo menos sobre um cara fazendo isso. É claro que não há problema nenhum quando uma mulher finge, mas é diferente quando é um cara e a mulher quer ter filhos; então, se torna um problema de verdade. Ele não pode contar para ela que está fingindo. Ele fica numa sinuca de bico, sabe? Ela já foi ao médico e tudo parece normal do lado dela...

Nossa, do jeito que você fala, é mesmo inspirador.

— Então ela queria que ele desse uma olhada na parte dele. Para ver se tinha problemas de fertilidade. Mas ele não queria fazer isso porque sabia que estava tudo bem. Ou pelo menos é o que ele achava. Então, em vez de admitir que ele finge tudo na maior parte do tempo, ou que preferiria fazer as coisas de um jeito diferente na cama para ajudá-lo, ele diz a ela que não quer ter filhos. Na verdade, ele quer, mas entra em pânico e não sabe mais o que dizer. Bom, eles acabam se separando. E tudo porque ele não conseguiu contar para ela. — Você nega com a cabeça. — Eu achei que valeria

a pena falar sobre isso no ar.

— Bom, e vale — respondo. — Pessoalmente, não quero ouvir cinco pessoas berrando e discutindo, falando uma sobre as outras em ligações ruins de telefone à meia-noite para debater esse assunto, mas posso ver que ele tem razão.

— Então Tony teve essa ideia de marcar a passagem de ano com a mulher. Eu disse que tudo bem. Eu não estava nem aí. Pensei que fosse engraçado. E tinha a ver com a discussão. Não era nada de mais.

— Quem é Tony?

— O produtor. Ele arranjou tudo. E trouxe essa mulher para o estúdio. Ela começou a fazer esses sons ao microfone. Não, não era de verdade — diz você para mim. — Ao contrário das matérias nos tabloides. Mas ela era uma prostituta. Esse é o problema. Tony a pagou para fazer aquilo. — Você nega com a cabeça. — Jesus. Tony é maluco. Ele tem tido problemas com a namorada há um tempo. Ela foi embora e ele... bom, ele não está indo tão bem quanto eu.

— Pelo jeito boa parte disso foi culpa do Tony.

— Não. O programa é meu. Eu deveria saber o que estava fazendo. Para falar a verdade, eu estava tão louco naquela noite, naquela semana inteira, que não sabia o que estava acontecendo. Eu já tinha ficado naquele estado várias vezes e me safado, mas dessa vez...

Você se levanta e olha pela janela de novo.

— O que esse cara está fazendo? Ele está ali de olho na minha casa.

Eu finalmente me levanto do sofá e olho pela janela. O carro está parado bem em frente à sua casa, e o homem está espreitando.

— Você tem contato com muitos fãs?

— Tenho. Tinha uma moça que era tão louca por mim que se mudou para uma casa bem em frente à minha. Ruiva. Peituda. Não aguenta ficar longe de mim.

Eu sorrio, acredite ou não.

— Talvez ele esteja esperando por você porque sabe que você não está em casa.

— E como ele saberia disso? A não ser que ele esteja me observando. Vou lá.

Posso ouvir a raiva em sua voz, e sei que isso não vai acabar bem.

— Espere, Matt, ele está saindo do carro.

Você volta para a janela e ficamos de olho no homem. Ele tem alguma coisa na mão, uma coisa preta. Uma câmera. Ele ergue a câmera e começa a tirar fotos de sua casa.

— Mas que filho...

É uma reação atrasada. O fotógrafo já tirou várias fotos antes de você perceber o que está acontecendo. Ficamos observando enquanto ele as examina na tela da câmera, e então ele anda pela rua para pegar a casa por outro ângulo.

— Não faça nenhuma besteira, Matt — aviso. — Você só vai se meter em mais confusão — grito para você, mas meus conselhos não atingem ouvidos surdos, nem ausentes, já que você sai correndo da minha casa. É como se minhas palavras tivessem te dado uma ideia, porque você faz exatamente o que eu disse para não fazer: você parte para cima do fotógrafo. Ele se vira e vê você, vê a agressividade no seu rosto e sorri de felicidade com essa oportunidade de foto. Mas você não para. Você agarra a câmera, joga-a na rua e então enfia o fotógrafo no carro. Não vejo como tudo acontece exatamente, porque cubro os olhos. Além disso, algo me diz que é melhor se não houver testemunhas.

Como resultado de seu comportamento, uma hora depois ainda estou de roupão e há mais três fotógrafos acampados do lado de fora da sua casa, em frente à minha casa, enquanto você anda para lá e para cá na minha sala de estar, bloqueando minha vista de *Diagnosis Murder* na TV e berrando com seu agente ao telefone. A notícia de que você foi demitido acabou escapando para a imprensa antes de a estação informar você, e eles o colocaram de licença por seis meses para que você não assine contrato com a rádio rival imediatamente — o que você está berrando que vai fazer.

Sei exatamente como você se sente, mas vejo também que sua vontade de trabalhar para a outra rádio é puramente uma maneira de se vingar de seu empregador atual, e não porque você quer mesmo voltar ao trabalho. Penso que talvez tirar seis meses para pensar sobre o que fazer depois poderia ser a melhor coisa para você. É um conceito interessante, no qual eu ainda não tinha pensado. Apesar de você se sentir preso, enxergo isso como uma oportunidade. Talvez eu esteja seguindo em frente.



Não consigo mexer em meu jardim por causa dos fotógrafos lá fora, apesar de o chafariz estar me chamando para terminá-lo e minha ressaca precisar desesperadamente de ar puro. Eu estava esperando que eles fossem embora para fazer um lanche no meio da manhã, mas, em vez disso, um deles some e volta com um saco cheio de pãezinhos, e eles se apoiam nos carros e tomam seu lanche lá fora. Eu bem que tentei sair enquanto eles faziam essa pausa, mas, assim que abri a porta, presunto, ovos, salada de repolho com maionese e sacos de papel pardo saíram voando quando eles deixaram a comida de lado e pegaram as câmeras. Apesar de meus protestos e de dizer que sou uma cidadã com direito à privacidade, eles continuaram tirando fotos minhas. Só quando eles perceberam que seus cartões de memória iam ficar sem espaço e que eu continuaria de joelhos trabalhando no jardim é que resolveram parar. No entanto, eu estava me sentindo desconfortável demais para continuar trabalhando sob o olhar deles, ainda mais porque não sei o que estou fazendo, então voltei para casa.

— Desculpe — diz você quando bato a porta da frente na cara de todos eles e me viro na sua frente, vermelha de raiva.

Quando os céus se abrem pelo resto do dia e todos eles voltam para o carro, apinhados com aquelas câmeras gigantes no colo, grito “A-há!” na cara deles.

— Tomara que suas câmeras enferrujem!

Você se distrai um pouco de sua fúria silenciosa e me olha de um jeito divertido.

O dr. Jameson aparece, fingindo estar irritado, mas na verdade adorando essa bagunça toda. Ele quer discutir o problema dos paparazzi na nossa rua e o que podemos fazer sobre isso. Eu vou lá

para cima me deitar.

Fico surpresa quando minha amiga Caroline liga e pergunta se pode me visitar. Quase não acredito por duas razões: ela trabalha em um banco, tomando de volta as casas e outras propriedades das pessoas, e nunca está livre no meio da semana, e, mesmo quando está livre, está ocupada transando com o novo namorado que é oito anos mais novo e que ela conheceu depois de descobrir que o marido tinha vários casos. Eu estava bem contente não podendo vê-la, sabendo que ela está num lugar melhor. Literalmente.

Ela aparece em casa, quase explodindo de tanta animação, e o único lugar onde podemos conversar é meu quarto, porque você está andando para lá e para cá e falando com seu advogado porque o fotógrafo cuja câmera você quebrou está ameaçando fazer um boletim de ocorrência contra você por danos criminais. Essa denúncia não vai levar a nada, porque ele já ganhou mais dinheiro vendendo as fotos que tirou. Elas já estão na internet, em vários sites de fofoca e entretenimento, e ele pegou você vindo em direção à câmera, como se estivesse pronto para matar alguém. Ele tirou a foto meio de baixo, então você parece o King Kong, com dois queixos duplos e uma barriga gigante, querendo destruir tudo no seu caminho.

O dr. Jameson e eu nos acotovelamos ao redor da tela do laptop para examinar as fotos.

— Puta merda — diz você. — Ainda bem que meus filhos não estão aqui.

— Meu arranjo de pedras saiu bonito — digo, dando um *zoom* no meu jardim ao fundo. — Mas bem que eu queria ter terminado o chafariz — faço beicinho.

Vou lá para cima antes que você vire o King Kong e venha para cima de mim, e o dr. Jameson continua assistindo a *Homes Under the Hammer* na TV.

— Aquele apartamento estava melhor antes da reforma — diz ele quando saio da sala.

— Esta casa está um hospício — diz Caroline, pegando a caneca de café que eu trouxe para ela.

— Seja bem-vinda ao meu novo mundo — digo, irônica.

— Então, onde eu estava?

— Ah, você estava falando sobre o negócio com a bala que estoura na boca.

— Ah, é. — Os olhos dela acendem e ela continua narrando as sessões na cama com o namorado, que há muito tempo não acontecem mais na cama. — Então, bom — ela recupera o fôlego ao terminar —, a *verdadeira* razão pela qual vim até aqui é que tive uma ideia incrível de negócio... e queria que você trabalhasse nela comigo — ela dá um gritinho. — Eu tenho essa ideia incrível, mas não sei o que fazer com ela. Você já fez isso um milhão de vezes. Você poderia me ajudar? Por favor?

— Nossa — digo, com os olhos arregalados, animada, mas um pouco ansiosa também. Trabalhar com amigos é uma coisa complicada e ainda não sei nada sobre a ideia. Eu faço um plano de fuga mental, esperando que seja uma porcaria. — Conta mais.

Ela está mais preparada do que eu pensava. Carol tinha uma pasta com uma etiqueta dizendo GÚNA NUA — “vestido novo” em gaélico irlandês. A ideia é você postar uma foto do seu vestido no site — ela já comprou o domínio com esse nome — e escolhe outro vestido para trocar pelo seu.

Então, você se desfaz do vestido e outro vestido novo chega à sua casa. Não há dinheiro envolvido, tudo vem com a promessa de ter sido lavado no tintureiro e estar em perfeitas condições.

— Vamos ter uma seleção de vestidos de estilistas, *vintage*, vestidos mais sofisticados; o que você quiser. É como ganhar um vestido de graça, e é um jeito de se livrar das coisas que você não quer mais no guarda-roupa.

— Mas como vamos ganhar dinheiro?

— Com uma taxa de inscrição. Uma assinatura. Por cinquenta euros por ano você pode pegar quantos vestidos grátis quiser. Sinceramente, Jasmine, não sei se existe um mercado para isso, mas estou vendo a situação das pessoas e é deprimente. Esse troca-troca de vestidos é o caminho a seguir, tenho certeza.

Não é uma ideia de negócio perfeita, e acho que cinquenta euros é caro demais, mas, para cada problema que vejo, há também uma solução. Estou quase interessada.

— Eu sei que você precisa de algo assim no momento também, então pense *muito* bem nisso — ela diz, se esforçando para me convencer. Na verdade, o efeito é contrário.

Parece que ela está me fazendo um favor, o que não é o caso: ela precisa da minha ajuda para levar a ideia à frente. Até agora, é uma ideia boa, mas mal desenvolvida. Ela precisa da minha ajuda para torná-la realidade. Não gosto desse lance de ser uma maneira de me ajudar. O sangue sobe com minha frustração. Mas ela não percebe nada e continua.

— Sua licença acaba quando? Em novembro? Nós podemos trabalhar quietinhas na ideia, até que o site fique pronto e seja lançado, você já vai estar no final da licença. O que é perfeito, porque acho que já não haverá lugar ali para mais narcisos amarelos. — É para ser um elogio, mas essa não é a sensação que tenho.

— Os narcisos amarelos não florescem em novembro — digo, defendendo meu jardim.

Ela faz cara feia.

— Tá — ela diz lentamente.

Fico em silêncio por um tempo.

Ela fecha a pasta com tudo.

— Se você acha que é uma merda, pode dizer. — Ela leva a pasta ao peito e a abraça.

— Não, não é a ideia. É que não estou *desesperada* por trabalho, Caroline. Eu agradeço por você ter pensado em mim, e seria bom para mim, mas já tenho uma oferta de emprego.

— Que emprego?

— Um headhunter entrou em contato comigo; um cara lindo, aliás. — Sorrio e tento ficar séria. — É para montar uma organização para lidar com mudanças climáticas e direitos humanos.

— Mudanças climáticas? Por que esse interesse de repente? As suas campânulas brancas floresceram tarde este ano? — Ela ri.

Era para ser engraçado. Meus amigos todos vêm me provocando sobre minha dedicação ao jardim.

Já recusei convites para tomar café, falei sobre o processo nas noites em que saí com eles. É a nova moda: vamos todos tirar uma da cara da Jasmine e de seu jardim. Eu entendo, de verdade, mas... A maneira como Caroline olha para mim me faz pensar até se eu deveria mesmo aceitar o emprego, mas não gosto da atitude dela, da implicação de que *preciso dela*.

— Então, você vai aceitar a oferta?

— Ainda estou pensando. — Surpreendo-me com minha própria honestidade.

— Será que você pode conhecer o Bono?

Finalmente o rosto dela relaxa e eu rio e esfrego o rosto, cansada.

— Jasmine — diz ela gentilmente. — Você quer trabalhar comigo? Sim ou não? Não vou levar isso para o lado pessoal.

Mordo o lábio, sem conseguir tomar uma decisão na hora.

— Conte de novo sobre o lance da bala que estoura na boca.

Entendendo que eu preciso de mais tempo, ela diz:

— Tudo bem, mas, se você estiver planejando fazer isso com alguém, peça a ele que raspe tudo lá embaixo porque fica meio grudento.

E, enquanto ela fala, só consigo pensar em Monday. Não por causa da bala que explode na boca, mas porque não quero deixá-lo na mão, esse homem que mal conheço e que parece ter tanta fé em mim.



— Monday — digo ao telefone, me sentindo meio tonta com o som da voz dele, e um pouco nervosa a respeito do que preciso falar para ele.

— Jasmine. Que perfeito. Eu estava mesmo pensando em você. O que não é raro esses dias.

É um sentimento lindo e pouco usual, dada a nossa relação, mas ele continua falando como se não tivesse dito nada de mais. Pelo barulho no celular, ele está na rua; posso ouvir o trânsito, pessoas, o vento. Um homem ocupado na cidade, procurando gente, enquanto estou aqui, no meu jardim, o lugar que escolhi para ligar para ele porque é o único lugar onde minha mente é capaz de encontrar paz e clareza hoje em dia. Faz três dias que os paparazzi estão no carro, se escondendo do frio, esperando que Matt venha para casa e se comporte mal de novo, colocando pressão para que ele exploda enquanto as revelações do que realmente aconteceu na véspera de Ano-Novo vêm à tona nos tabloides, uma matéria que foi perfeitamente corroborada por aquilo que ele me contou, mas que ganhou vida própria na imprensa, com a prostituta em questão vendendo a história dela e as revelações de sua “relação” com Tony vindo à tona também. É um negócio sórdido do qual qualquer estação de rádio se afastaria.

— E como anda seu chafariz? — pergunta ele.

— Está quase pronto. Estou fazendo um deque para ele. Com martelo e pregos de verdade! Se

meus antigos colegas de trabalho pudessem me ver agora...

— É melhor esses paparazzi tomarem cuidado.

Eu faço uma pausa e olho para ver se ele está por ali, apesar de saber pelo barulho ao fundo no celular que ele não está.

Com meu silêncio, ele explica:

— Eu vi as fotos on-line. Seu jardim saiu bonito.

— Mas bem que eu queria ter terminado o chafariz.

Posso ouvir o sorriso na voz dele.

— A esse ritmo, você vai terminar logo. Então, eu estava pensando em você porque li hoje que os sinos azuis vão penar para conseguir manter seu alcance por causa das mudanças climáticas. Nos períodos de frio, as flores de primavera como os sinos azuis já começaram o processo de crescimento preparando folhas e flores em bulbos debaixo da terra durante o verão e o outono.

Parece que ele está lendo isso em algum lugar, e me sento no banco novo do meu jardim e sorrio enquanto escuto.

— Elas conseguem crescer no frio do inverno ou no começo da primavera simplesmente usando os recursos guardados no bulbo. Com as primaveras mais quentes induzidas pelas mudanças climáticas, os sinos azuis vão perder essa vantagem antecipada e ser derrotados na competição para plantas mais sensíveis à temperatura que começam a crescer mais cedo do que antes.

Não sei como responder a isso.

— Que pena. Mas não tenho sinos azuis em meu jardim. — Olho ao redor, só para garantir.

— Mas seria uma pena, mesmo, não é? Não ver mais aquela explosão azul nas florestas?

É uma imagem bonita, mas por que ele acha que isso em particular me convenceria a aceitar o emprego? Isso eu já não sei.

— Monday — digo, e sinto a seriedade na minha voz. — Tem uma coisa que ainda não te contei.

Ele fica quieto por um momento, sentindo que vem perigo por aí.

— Sim?

— Eu deveria ter contado isso antes para vocês, mas... Hum hum... — pigarreio. — Estou de licença forçada. Por um ano. E acaba em novembro.

— Novembro? — pergunta ele, em um tom que sei que não é feliz. Ele é profissional demais para demonstrar sua raiva, mas deve estar nervoso. Eu desperdicei o tempo dele, vejo isso agora, me divertindo com um joguinho enquanto ele tentava fazer o trabalho dele. — Teria sido muito útil saber disso algumas semanas atrás, Jasmine. — A maneira como ele diz isso me faz estremecer. Estou tão envergonhada que não consigo dizer mais nada. Eu me sinto como se tivesse sido pega com as calças na mão e os paparazzi estão ao meu redor, tirando fotos sem parar. Pelo menos eu e Monday não estamos cara a cara.

— Eu sinto muito por não ter contado, é que... — Eu não consigo pensar em uma desculpa, mas ele me deixa sozinha no silêncio, esperando que eu me explique. Isso me diz que ele está irritado e quer uma explicação. — Eu fiquei com vergonha.

Parece que ele parou de andar.

— Mas por que você ficaria com vergonha? — pergunta ele, verdadeiramente surpreso, e a irritação já desapareceu.

— Ah, sei lá. Porque fui demitida e não posso trabalhar por um ano?

— Jasmine, isso é normal. Não há nada do que se envergonhar. Na verdade, é um elogio eles não quererem que você trabalhe para outra pessoa.

— Eu não tinha pensando nisso desse jeito.

— Bom, mas deveria. Que fique só entre nós dois, mas eu não me importaria em receber sem ter que trabalhar por um ano. — Ele ri e já me sinto bem melhor.

Há um silêncio longo. Não sei mais o que dizer. Se o emprego não é mais uma possibilidade, então não temos mais por que nos encontrarmos, mas quero tanto vê-lo de novo. Será que digo isso? Será que o convido para sair? Será que acaba aqui? Ele me salva ao falar de novo.

— Você quer aceitar a vaga, Jasmine?

Imagino o cenário em que digo que não. Ele desliga, eu nunca mais ouço falar dele de novo, volto à minha licença e ao meu futuro incerto, ao meu presente tedioso e assustador. Não quero voltar a me sentir do jeito que me senti nos últimos meses.

— Sim, eu quero um emprego — digo, e então percebo meu erro. — Quer dizer, *esse* trabalho.

— Que bom — diz ele. — Vou ter de falar com eles de novo e ver o que eles dizem, certo?

— Sim, claro. Claro. — Eu me endireito, e minha expressão profissional está de volta. — Eu sinto muito mesmo.

Escondo o rosto entre as mãos e fico em aflição por cinco minutos e então, como uma maneira de me esconder da conversa que acabei de ter, volto ao meu jardim. Por fim, todos os pensamentos desaparecem da minha mente enquanto me concentro em martelar meu deque, para colocar ao redor da bacia do chafariz.

Enquanto empilho as pedras de arenito umas sobre as outras e marco o centro com o lápis para furar um buraco ali para passar o cano, largo as ferramentas e corro para dentro de casa. Vou direto para a parede cheia de fotos ao lado da mesa da cozinha e as examino, sabendo exatamente o que estou procurando. Quando vejo, cubro a boca com as mãos e mal posso acreditar como sou dominada tão rápido pela emoção. Que a imagem significaria tanto para mim e que Monday também saberia disso.

Ao lado de onde Monday estava sentado alguns dias atrás, está uma foto minha com Heather, meu pai e minha mãe — a única foto que tenho de nós quatro juntos —, tiradas em uma das nossas visitas regulares ao Jardim Botânico. Estamos todos mostrando grandes sorrisos para a câmera, eu com uma janelinha no lugar do dente da frente, deitados em um campo cheio de sinos azuis.

Capítulo 19

A foto me faz pensar, me faz pensar por um bom tempo em um monte de coisas. Faço isso enquanto finalizo meu chafariz, e também enquanto martelo uma treliça e a pinto de vermelho em homenagem ao meu avô Adalbert Mary e prendo arames na parede da minha casa para que meu jasmim de inverno recém-plantado possa escalar. E então, quando não consigo mais pensar, e as pessoas vêm atrás de mim para tomar decisões sobre minha vida, decido colocar mais grama na lateral da casa e plantar flores do campo. Eddie volta para cavar e dessa vez não sou tão boba assim: ele termina o pequeno pedaço de terra em um dia inteiro, eu preparo a terra e, na semana seguinte, planto uma mistura de sementes incluindo papoulas, falsas-camomilas, margaridas e escovinhas. É uma área pequena, mas eu as semeio ao lado do espaço que estou reservando para minha estufa, que deve ser entregue em breve, que vai ficar apoiada contra a parede livre da minha casa geminada. Para que os passarinhos não comam as sementes, uma das minhas atividades de domingo com a Heather foi colocar uma série de barbantes com CDs por sobre a área semeada. Até isso fazemos com todo o cuidado, escolhendo músicas que nós achamos que vão assustar os passarinhos.

Eu planto e planto e planto. Enquanto planto, penso, apesar de não me dar conta de que estou pensando. Na verdade, às vezes tenho certeza de que não estou pensando e mesmo assim, de repente, um pensamento chega correndo. E chega tão repentina e inesperadamente que me levanto e fico reta, minhas costas doloridas esticadas, e olho ao meu redor para ver quem ou o que me trouxe aquele pensamento repentino, e se alguém me viu pensando. Março vira abril e ainda estou pensando. Arranco os matos. Protejo minhas novas flores do frio e, apesar de os dias estarem ficando cada vez mais quentes, ainda há ventanias e chuvas fortes. Penso nas minhas flores quando saio com meus amigos, principalmente se há uma tempestade pesada e as pessoas entram no restaurante chacoalhando os guarda-chuvas e tirando casacos encharcados. A primeira coisa que me vem à cabeça pela manhã é o meu guarda-chuva. Penso no meu jardim enquanto estou deitada nos braços de um homem que conheci em um bar e ouvindo o vento uivar do lado de fora do quarto dele, e quero voltar para casa e ficar com meu jardim, onde as coisas fazem sentido. Continuo seguindo em frente. Não quero que minha grama fique comprida demais e então pareça amarela quando é aparada. Ela não pode ser negligenciada. Eu uso o ancinho regularmente para “varrer” os galhos e folhas mortas, já que não quero que a grama morta se acumule, rezando por uma grama mais saudável, para que o musgo e o mato não se instalem ali. E, enquanto faço tudo isso, penso.

Os narcisos amarelos que tinham florescido e se tornado altos, o primeiro sinal de cor naquele começo cinzento de primavera, agora estão murchos. As flores estão caindo para o lado e, com tristeza, arranco as cabeças dela, deixando os caules intactos. Se eu deixar as flores murchas ali, a energia da planta se voltará para a produção de sementes. Ao remover essas partes mortas, a planta concentra sua energia na formação do botão da flor dentro do bulbo para o próximo ano.

No jardim sempre há movimento, sempre há crescimento. Não importa quanto eu me sinta parada no tempo, vou lá para fora e vejo tudo mudando ao meu redor. De repente há flores onde antes eu só

tinha visto botões minúsculos, e a flor aberta me encara, de pétalas abertas e orgulhosa do que fez enquanto eu dormia.

Monday confirmou que o trabalho começa em novembro, e que está procurando outros candidatos para a vaga também, então a entrevista é adiada até 9 de junho. Mal posso esperar: não vejo a hora de me sentir como o antigo “eu” de novo. Não vejo a hora de a minha licença acabar, e, apesar de ter desejado que acabasse de uma vez em tantas ocasiões, fico pensando o que vou fazer quando ela finalmente terminar. Em novembro vai ficar frio, escuro, cinza e tempestuoso de novo. É claro que tudo tem sua beleza, mas será a época de tomar decisões sobre minha vida e, espero, de começar no trabalho novo — se eu for escolhida. De repente, quero que o tempo passe mais depressa. Olho para meu jardim em transformação, o movimento do chafariz, as flores de primavera que estão erguendo suas cabeças, e me dou conta de que não posso fazer parar aquilo que está esperando por mim. Uma boa parte da jardinagem é se preparar para o que vem em seguida, para a nova estação e seus elementos, e preciso começar a fazer isso com minha vida.

Apesar do medo que tinha de nunca falar com ele de novo, conversei com Monday outras vezes; na verdade, nos encontramos em algumas ocasiões para conversar, apesar de, invariavelmente, acabarmos falando sobre tudo, menos trabalho. Eu me sinto tão confortável com ele, tão relaxada; não preciso fingir que estou trabalhando, como sinto quando estou com outras pessoas. Apesar de gostar de mexer no meu jardim, ele não acabou com os momentos em que me sinto sozinha e inútil; nem por um momento, ele não me impede que me sinta insegura sobre meu futuro; o jardim meramente me impede de ficar batendo na mesma tecla. Monday, por outro lado, leva minha solidão embora. A animação dele para a gente se encontrar e conversar pelo tempo que for leva embora minha sensação de inutilidade. A verdade é que — e eu sei que isso parece exatamente o contrário do que venho expressando — eu queria que não houvesse emprego nenhum, eu queria que Monday e eu continuássemos nos encontrando assim, falando sobre o mundo, sobre aquilo que queremos ou não, em vez da realidade.

É só uma entrevista, e não um emprego ainda, então não estou pronta para tomar uma decisão sobre a proposta de Caroline. Nós nos encontramos algumas vezes para falar sobre a Gúna Nua, e a ajudei com a ideia dela sem ainda me comprometer em longo prazo. Assim, posso sair dessa se precisar, mas, em termos de negócios, não é a situação ideal para nenhuma de nós. Eu sei que sermos amigas não é o suficiente. Pensei na mesma coisa com o Larry, que depois acabou me demitindo e me deu essa pena de “prisão” de um ano. Uma pena que, nos dias gloriosos no meu jardim, mais parece um presente — mas eu jamais diria isso a ele. E então meu presente vai se desenrolando ao ritmo do relógio, às vezes numa boa, em outras com frustração, mas meu futuro nunca foi tão incerto.

Já faz pouco mais de dois meses do incidente com Heather na casa do meu pai. Heather, como sempre, seguiu de acordo com seu jeitinho maravilhoso de perdoar ou esquecer ou não parecer afetada pelo que aconteceu, e seu relacionamento com meu pai não mudou em nada. Mas o meu mudou. Não falar com ele tem ajudado um pouco, mas de certa maneira também piorou as coisas. Não tive de lidar com ele, mas também fico cada vez mais brava com ele com as brigas que continuam em minha cabeça. Mas também quer dizer que, ao evitar meu pai, também não tenho visto minha irmãzinha Zara, o que é inaceitável. É por ela, principalmente, que pego o telefone. Marco de encontrá-los no parquinho ao lado do píer de Howth. É um dia ensolarado, apesar de a gente precisar

se agasalhar contra o vento gelado que vem do mar. Nossos guarda-roupas de inverno já abriram espaço para roupas um pouco mais leves. Casacos de primavera estão sendo deixados do lado de fora para arejar e dão seus primeiros passeios, as pessoas se deitam na grama para comer seu *fish and chips* do Beshoff, o vinagre se misturando ao ar salgado e me dando água na boca.

— Jasmine! — Ouço Zara gritar antes de vê-la, e ela vem correndo para me dar um abraço. Eu a pego no colo e a giro, imediatamente me sentindo muito mal por não ter visto a menina por tanto tempo.

Não há desculpas: meu comportamento em relação a ela tem sido imperdoável. Quanto ela cresceu desde a última vez que a vi é um sinal do nosso silêncio. Dez semanas é muito tempo para uma vida curta.

O clima deveria ser pior entre mim e meu pai, mas não é, porque começamos a falar um com o outro por meio da Zara imediatamente. Meu pai começa.

— Conte para a Jasmine como a gente deu comida para as focas.

Ela conta.

— Conte para a Jasmine como os pescadores deixaram você segurar a vara de pescar.

Ela conta.

Zara é do tipo de criança que parece atrair atenção, sempre sendo convidada para ser a assistente do mágico, para conhecer o piloto na cabine do avião, para ver a cozinha com os chefs profissionais nos restaurantes. Ela é uma daquelas crianças que transbordam de interesse pela vida, se envolvem com as pessoas e, em retorno, todo mundo quer agradar-lhes, recompensá-las, impressioná-las. Por fim, quando meu pai e eu não conseguimos mais conversar por intermédio dela, não temos escolha a não ser ficarmos lado a lado no parquinho e vê-la brincar com os novos melhores amigos que ela conheceu há dois segundos.

Ele não vai tocar no assunto, eu sei disso. Ele prefere ficar assim, nessa situação desconfortável, a se arriscar a conversar, numa situação igualmente desconfortável. Mesmo quando ele é forçado a participar de uma discussão, dificilmente não consegue se safar, e seus sentimentos sobre o assunto seriam limitados. Isso é frustrante nas raras ocasiões em que tento falar com ele sobre algo importante. Eu puxei para ele nisso. Quando há duas pessoas que não conversam sobre as coisas, a situação pode se tornar mais explosiva do que com pessoas que se falam. Ou, melhor dizendo, implosiva, porque a guerra só acontece por dentro.

— Aquele incidente com Ted Clifford não foi legal — digo de repente, incapaz de tocar no assunto ou usar uma frase melhor.

— Ele tem uma vaga para diretor de conta. Quarenta mil euros por ano. Ele queria falar diretamente com você — diz ele com raiva na voz. Ele não precisou ficar com raiva, ela já estava lá, pronta, para quando eu tocasse no assunto. — Vocês poderiam ter falado a sós. Não para todo mundo ouvir à mesa. Uma oportunidade perfeita. Você sabe quantas pessoas querem aquele emprego?

Isso não tem nada a ver com que eu quis dizer. Eu estava me referindo à maneira como ele tratou Heather, a reação dele à Heather, não sobre o emprego, que era outro problema, menos importante,

mas um que me incomodou tanto que era o próximo em minha lista.

— Eu estava falando da Heather. — Olho para ele pela primeira vez e a expressão em seu rosto revela que é um esforço entender do que é que estou falando. Finalmente ele se lembra.

— Eu falei com a Heather no dia seguinte. Está tudo resolvido, Jasmine.

— E?

— E agora eu sei como o conceito dos Círculos funciona.

— Ah, *agora* você sabe.

— Sim. Agora — diz ele, olhando intensamente para mim.

— Ela tem trinta e quatro anos. A gente vem fazendo a coisa dos Círculos há um tempão.

Eu deveria ter dito isso mais alto, mas resmungo as palavras. Nem sei se ele me escuta. Espero que sim, mas não consigo fazer isso: discutir, confrontar. Ou talvez eu não tenha problemas com confrontos, mas então tudo o que quero fazer é me afastar como se isso nunca tivesse acontecido e eu não existisse. A criança em mim estremece porque meu pai está bravo comigo, mas a adolescente em mim se rebela.

— Você a trata como se ela fosse diferente. Como se ela fosse *especial*.

— Não trato, não. Eu a trato da mesma maneira que todo mundo, e é isso que te deixa maluca. Você é que a trata de maneira diferente — diz ele. — E você deveria pensar sobre isso. E, se você não se incomoda se eu disser isso, você não pratica aquilo que prega. Há sempre uma regra para você e outra para todo mundo. O conceito dos Círculos, por exemplo, parece ser diferente para você do que para o resto das pessoas, porque qualquer um que se aproxima de você é laranja. Não, Zara, querida, não suba aí. — Ele corta a conversa e corre para ajudar a menina.

— É o seu vovô? — pergunta uma criança, e Zara dá risada como se nunca tivesse ouvido uma coisa mais ridícula na vida.

— É o meu papai!

Elas vão brincar na gangorra e meu pai mal consegue encolher a barriga para segurar na alça. Quando ele desce, posso ver a carequinha na parte de trás do cabelo dele, que já está afinando. Ele parece mesmo ser avô dela.

Fico bem chocada com aquilo que ele diz para mim. Ele falou tudo de forma tão fácil, sem raiva, o que deveria me ajudar a ignorar tudo, mas não ajuda. É a calma com que ele disse tudo que me faz escutar, que me faz ouvi-lo claramente.

O Círculo Laranja do Aceno é o círculo mais distante do Círculo Roxo Particular, que representa a pessoa em questão; nesse caso, eu. É o círculo para conhecidos distantes, para aquelas pessoas com as quais você não tem nenhum contato físico ou emocional.

Qualquer um que se aproxima de você é laranja.

Não é verdade, quero gritar para ele. Mas não sei se está certo. Heather é a única pessoa que sempre manteve próxima mesmo de mim. O laranja com certeza é um círculo em que, pelo jeito,

plantei meu pai com toda a firmeza. Eu vim aqui confrontá-lo sobre as ações dele — não, eu vim aqui ver a Zara, mas, em segundo lugar, para fazê-lo enxergar que o comportamento dele precisa mudar, e não esperava que ele fosse reverter a situação, que eu acabasse sendo apontada pelo meu próprio dedo.

No entanto, talvez o meu círculo vermelho seja o maior de todos. *Algumas pessoas continuam sendo estranhas para sempre.*

Confusa, volto para meu jardim com o rabinho entre as pernas. Volto para pensar. Preciso arrancar as flores murchas e me preparar para o verão.

Verão

A estação entre a primavera e o outono, que no Hemisfério Norte compreende os meses mais quentes do ano: junho, julho e agosto.

O período de maior desenvolvimento, perfeição e beleza antes de qualquer declínio: o verão da vida.

Capítulo 20

Eu amo junho, e junho em um jardim cultivado com amor é a maior recompensa que uma jardineira poderia receber por seu trabalho árduo. Cada mês e cada estação têm sua beleza, mas é no verão que o jardim está mais vigoroso, mais ensolarado, mais orgulhoso, mais dramático. Se a primavera é esperançosa, o verão é orgulhoso, o outono é modesto, e o inverno é resiliente. Quando penso na primavera, vejo olhos grandes e jovens como os de Bambi olhando para mim através de cílios compridos; quando penso no verão, vejo ombros para trás e um peito estufado. Quando penso no outono, vejo uma cabeça pendendo para o lado com um sorrisinho perdido na nostalgia e, para o inverno, imagino joelhos e punhos finos e machucados, uivando, prontos para a batalha.

Com junho vem a necessidade de regar as plantas sempre, cortar a grama uma vez por semana, meia dúzia de cestas de flores dependuradas, peônias cor-de-rosa, rosas cor de creme, flores perenes de todas as cores e um grande jardim de ervas, que venho cultivando em vasos do lado de fora da minha cozinha. Junho também traz visitas frequentes suas e dos seus filhos ao seu jardim, pelo qual você também vem desenvolvendo interesse ao começar a cultivar uma horta na lateral da sua casa para rivalizar com meu jardim, plantando feijões e vagem, cenouras, couves-de-bruxelas e abobrinhas. Nós competimos para ver quem consegue sair mais cedo para cuidar dos nossos jardins e, quando somos os primeiros, damos um tchauzinho convencido para quem chega mais tarde. Agora há uma competição para ver quem abre as cortinas do quarto de dormir primeiro. Então nós trabalhamos, você no seu jardim, eu no meu, enquanto os Malone sentam em frente à porta da casa deles, a sra. Malone na cadeira de rodas, pois o derrame a deixou imóvel e incapaz de falar e ler, enquanto o sr. Malone lê para ela, poemas de Patrick Kavanagh no sotaque gentil de Donegal do sr. Malone, que chegam até mim por cima das madressilvas. Você e eu passamos horas sem nos falar, sem falar a primeira coisa que vem à cabeça ou gritar perguntas de jardinagem para o outro lado da rua, mas parece que estamos trabalhando juntos. Talvez só eu pense assim. Mas há algo de bom nisso. Quando vejo você tomar um gole de água gelada, me lembro de tomar a minha. Quando alongo as costas e anuncio que vou almoçar, você concorda e vai também. Nós não almoçamos juntos, mas seguimos a mesma programação. Às vezes eu me sento no banco do meu jardim para comer minha salada, e você se senta à mesa que ainda não tirou do jardim, e fazemos companhia um ao outro, ou mais ou menos. Nós dois damos um aceno de bom-dia e boa-noite para o homem de negócios que está alugando a casa número seis, que passa por nós a bordo da BMW dele, mas até agora não notou a nossa presença e sai dirigindo totalmente inconsciente das nossas saudações de vizinhos. No começo, essa indiferença dele me irritava. Agora ela me irrita e também me faz sentir pena dele, porque sei exatamente no que ele está pensando. Ele não tem tempo para nós, para nossa intrusão mundana de vizinhos na vida dele. Ele é ocupado demais. Ele tem *coisas* em mente. Coisas de verdade. Distrações.

E está chegando a hora de eu me tornar aquela pessoa de novo, já que junho também traz minha entrevista de trabalho. Assim que Monday me informou a data, comecei a querer que ela chegasse logo, mas agora estou quase lá e quero que a semana passe bem devagar. Nove de junho, nove de

junho, estou tão nervosa e tento não pensar nisso, apesar de Monday não me dar um tempo, aparecendo à hora do jantar para discutir as perguntas que pode ser que eles façam. Não estou nervosa porque eu duvido de minha competência; estou nervosa porque eu me sinto competente. À medida que as semanas passavam, me dei conta de que quero esse emprego mais do que nunca e estou preocupada com a possibilidade de não ser escolhida. Se eu não conseguir esse emprego, o meu desemprego vai se tornar um problema, já que não depende de mim enquanto estou de licença. Não quero me sentir *oficialmente* entediada, inútil, insegura e em pânico em relação ao meu futuro. De certa maneira, essa é a calmaria antes da tempestade, e se *isso* é a calmaria...

— Tá, então me conte tudo desde o começo, srta. Butler.

— Monday — resmungo, enquanto nos sentamos à mesa da cozinha e ele revisa a entrevista pela décima vez. — Você faz isso com todo mundo que encontra?

— Não. — Ele desvia o olhar, irritado.

— Então por que estou recebendo tratamento especial?

Diga, diga, quero fazer com que ele diga o que tanto quero ouvir.

— Quero que você consiga o emprego.

— Por quê? — Deixo um silêncio longo.

— Todos os outros candidatos estão trabalhando — diz ele, finalmente. — Você merece essa vaga.

Eu suspiro. Não é a resposta que eu esperava.

— Obrigada. Mas quem são eles? Eles são melhores que eu?

— Você sabe que não posso te contar nada — diz ele, sorrindo. — Além disso, você saber dessas coisas não faria a mínima diferença.

— Pode ser que faça. Eu poderia sabotar as chances deles no dia da entrevista. Furar os pneus dos carros, colocar tinta rosa no xampu deles, esse tipo de coisa.

Ele ri, e olha para mim de um jeito que me faz derreter, como se eu o interessasse e o desconcertasse ao mesmo tempo.

— Aliás — diz ele, enquanto tiro os pratos da mesa —, os planos mudaram. A entrevista foi adiada para o dia 10.

Eu paro de jogar o resto da comida no lixo e olho para ele. Minha garganta fecha, sinto um aperto no estômago. Ele nota meu silêncio e olha para mim.

— E você só pensou em mencionar isso agora.

— É só um dia depois, Jasmine; não precisa ficar tão assustada — diz ele, sorrindo, esfregando a mão pela mandíbula enquanto me estuda.

— Não estou assustada, é que... — fico pensando se devo contar para ele ou não. Não sei por que não contaria para ele, mas o fato de não contar me mostra que não estou, neste momento, totalmente comprometida com essa entrevista e isso me assusta. Preciso dessa entrevista. Preciso do emprego. Preciso voltar aos eixos.

Dez de junho é o dia em que Heather vai embarcar na viagem de quatro dias para a ilha de Fota com Jonathan. Enquanto ela fica fora, eu só quero ficar em casa esperando, esperando o telefone tocar, esperando que um vizinho venha bater à minha porta para me contar que alguma coisa aconteceu, como eles fazem no cinema, esperando por um guarda que vai tirar o chapéu e baixar a cabeça respeitosamente. Se eu for à entrevista de emprego naquele dia, não vou conseguir me concentrar totalmente em pensar o que é que Heather está fazendo. Algumas pessoas diriam que a distração faria bem para mim, mas, não, isso significa que vou ter de desligar o celular por pelo menos uma hora, isso significa que não poderia reagir ao meu sexto sentido, a possível pontada de medo que poderia me alertar do fato de que algo está errado, me impedindo de pegar o carro e ir para Cork de uma hora para outra. Eu quero conseguir esse emprego, mas Heather deveria ser minha prioridade. Assim não dá.

— Jasmine — diz Monday, vindo até mim na cozinha. — Tudo bem?

— Tudo — minto, e ele sabe que estou mentindo.

Depois que ele vai embora, fico à mesa da cozinha e roo todas as unhas até o talo.



Monday liga para mim na quinta, dia 9, quando estou no apartamento de Heather fazendo as malas com ela para garantir que tudo esteja certinho para a viagem no dia seguinte. Ele está desconfiado e, tem todo o direito de estar: falo de um jeito vago, e apesar de estar decidida a comparecer à entrevista em minha cabeça, quando digo as palavras em voz alta, não acredito nelas. Preciso do emprego. Preciso colocar minha vida de novo nos eixos. Mas e a Heather? Meu coração está totalmente dividido, e estou sendo dominada pela preocupação.

— Até amanhã, Jasmine — diz Monday.

— Até amanhã — digo finalmente, e quase choro com a última palavra.



No dia seguinte, estou deixando Heather na estação de trem de Heuston como se ela fosse um soldado prestes a ir para a guerra, e às onze da manhã, quando eu deveria estar sentada em uma sala de reuniões vendendo meu peixe e colocando minha vida nos eixos, estou sentada em um vagão conectado ao de Heather e Jonathan, vendo os dois jogar truco, enquanto viajamos para Cork. Monday me liga quatro vezes, e ignoro todas as ligações. Ele não conseguiria entender, mas sei que estou fazendo a coisa certa.

Um homem se senta diagonalmente a mim e bloqueia minha visão de Heather. Eu sempre pensei que a natureza, fosse honesta, verdadeira, aberta. Você trabalha duro e recebe sua recompensa, mas mesmo em um jardim há decepção e trapaça. Parece natural; nós fazemos isso para sobreviver. A planta *Stapelia asterias* sabe como atrair insetos benéficos ao parecer e cheirar como carne podre. Ela emite um fedor pútrido para combinar com sua aparência nada atraente. Eu sigo o exemplo dela.

Eu assoo o nariz e tento pigarrear, fazendo o maior barulho. O moço fica levemente enjoado por minha causa e se muda para outro assento. Posso ver Heather de novo. Enganar é natural.

Monday me liga pela quinta vez. A trepadeira do maracujá desenvolve manchinhas amarelas que se parecem com ovos da borboleta helicônia para convencer borboletas fêmeas a deixar seus ovos em outro lugar para que as lagartas não tenham de competir com as outras quando os ovos se abrirem. Penso na minha amiga que, certa vez em uma balada, quando foi convidada para dançar com um cara no qual não estava interessada, mencionou o bebê que, na verdade, ela não tem, só para vê-lo sair de perto rapidinho. Ignoro a ligação de Monday. Enganar é natural.

Há um carro à espera de Heather e Jonathan na estação de trem; nós organizamos isso com o hotel e vejo o motorista com uma placa com o nome deles antes mesmo de os dois perceberem. Heather e Jonathan passam por ele, procurando na direção errada, e quero chamar os dois, mas me seguro no último minuto. E ainda bem porque eles se viram, como se tivessem ouvido meus pensamentos, e avistam o motorista na volta.

O macho da vespa *Lissopimpla excelsa* é tão atraído pela orquídea *Serapias lingua* que ejacula bem nas pétalas da flor. Flores capazes de fazer com que os insetos ejaculem têm as maiores taxas de polinização. Penso na minha amiga que ficou grávida para que o namorado se casasse com ela, e então engravidou de novo para segurá-lo quando o relacionamento estava indo mal, e me lembro de que enganar é natural. Pego um táxi e sigo o carro deles até o hotel.

Heather e Jonathan fazem o check-in e pegam dois quartos de solteiro, como discutimos. Eu não tinha percebido que estava segurando a respiração até que o ar sai de repente pela minha boca e sinto meu corpo se aliviar da tensão. Vou para o quarto que reservei do trem. Pedi para ficar no mesmo andar deles. Tudo o que trouxe comigo foi minha maleta de trabalho, e parece estranho não trazer bagagem nenhuma, mas já sobrevivi a um fim de semana “sujo” espontâneo com calcinhas fio dental descartáveis de salão de beleza, e posso fazer o mesmo aqui.

Não passo nenhum tempo no meu quarto. Volto direto para o lobby e espero não tê-los perdido de vista. Eles estão de mãos dadas e vão explorar os jardins lá fora, enquanto tento manter o máximo de distância. Mas não é o suficiente para que eu consiga ver Heather de longe, e preciso ver o rosto dela. Preciso poder interpretar o que vejo para garantir que ela está bem. Tomo coragem e me escondo atrás de umas árvores ali perto. Eles encontram um parquinho ao lado de um conjunto de casas de veraneio cheio de crianças. Heather se senta em um balanço e Jonathan a empurra. Eu me sento na grama e ergo o rosto para o sol, fechando os olhos, e ouço a risada dela, que me faz sorrir. Estou feliz por estar aqui, fiz a coisa certa.

Eles passam uma hora e meia no parquinho e então vão nadar. Fico observando a touca de natação amarela dela entrando e saindo da água, enquanto Jonathan finge ser um tubarão; depois, enquanto jogam vôlei, muito mal, e ela grita quando ele joga água nela. Ele é cuidadoso e carinhoso e toma conta dela o tempo todo, tratando-a quase como se ela fosse frágil, ou talvez preciosa, como se fosse uma honra cuidar dela. Ele abre portas, puxa cadeiras e, mesmo sendo um pouco desajeitado, consegue fazer tudo. Heather é tão independente e, mesmo assim, permite que ele faça essas coisas, e parece feliz quando ele faz. Ela passou tantos anos não querendo ser uma pessoa que precisa de assistência desnecessária que vê-la assim me surpreende.

Eles trocam de roupa para jantar, Heather usando um vestido novo que compramos juntas e batom. Ela geralmente não usa maquiagem, e batom é um caso sério. É vermelho e não combina com o vestido rosa dela, mas ela insistiu. Ela parece madura enquanto eles andam juntos e percebo que o cabelo dela tem alguns fios grisalhos nas raízes, e fico pensando quando foi que isso aconteceu. Quando eles estão a salvo no elevador, sigo o caminho que eles percorreram e sinto o perfume que ela está usando. Ao encarar a decisão impossível de qual usar, ela me perguntou qual perfume a nossa mãe usava, e o comprou. O perfume de nossa mãe preenche meus pulmões enquanto sigo a trilha de Heather.

Eles jantam no andar térreo, no salão principal. Prefiro sentar no bar, de onde posso vê-los. Heather pede a entrada com queijo de cabra, e não entendo o porquê, já que ela não gosta. Acho que ela deve ter lido errado. Eu peço a mesma coisa para ver como é; assim, se ela falar sobre isso no futuro, vou saber exatamente do que é que ela está falando. Eles pedem uma taça de vinho para cada um, o que me preocupa, já que Heather não bebe. Ela toma um gole e faz careta. Os dois dão risada e ela empurra a taça para longe. Eu peço o mesmo e bebo tudo. Estou satisfeita, sentada aqui e de olho nela, me sentindo um pouco parte disso, mas não completamente.

Ela come a maçã e a beterraba da entrada, mas deixa o queijo de cabra no prato. Eu a ouço explicar para o garçom que tinha lido errado e pensou que fosse queijo normal. — Ela não quer que ele ache que é culpa do chef. Ela está nervosa; dá para ver pela maneira como não para de prender o cabelo atrás da orelha, apesar de os fios nunca se soltarem. Quero ir até lá dizer a ela que está tudo bem, que estou aqui, e por um momento penso em revelar meu segredo, mas decido rapidamente não fazer isso. Ela precisa achar que está fazendo isso tudo sozinha.

Eles comem os três pratos, Jonathan termina seu filé inteiro e os acompanhamentos, Heather come peixe empanado com batata frita. Eles experimentam as sobremesas um do outro. Jonathan dá uma colherada de seu fondue de chocolate na boca dela, mas ele deve estar nervoso porque a mão dele treme, e ela acaba com chocolate no nariz. Ele fica vermelho e parece que vai chorar, mas Heather começa a rir e ele relaxa. Ele mergulha a ponta do guardanapo em seu copo d'água e se inclina para limpar, com todo o carinho, o chocolate no rosto dela. Heather não tira os olhos dele nem por um momento, e penso que poderia ter me sentado bem ao lado deles, e os dois jamais teriam notado minha presença.

A planta *Lithops* também é chamada de “planta pedra”. Essas plantas vivem em desertos, escondidas em montes de pedras para que, quando suas flores amarelas florescem, é como se aparecessem do nada. Surpresa! Quero fazer isso agora, mas não. Vou ficar aqui mesmo, onde eles não podem me ver. Enganar é natural.

Naquela noite, quando ligo meu celular, há mais quatro ligações não atendidas de Monday, e as mensagens de texto vão de zangadas a preocupadas.

A *Caladium steudneriifolium*, também conhecida como “planta mentirosa”, finge estar doente. As manchas em suas folhas imitam o dano causado por larvas de mariposas quando saem dos ovos e comem a planta, e isso evita que as mariposas deixem seus ovos ali. Digo a Monday que passei o dia muito doente. Enganar é natural.

Heather me liga quando ela e Jonathan e eu estamos em nossos quartos e me conta tudo o que

aconteceu hoje. É tudo o que já vi e fico feliz por ela ter compartilhado comigo, sem omitir nada.

Bebo uma garrafa de vinho do frigobar e fico de orelha em pé para o barulho de portas abrindo e fechando no corredor. A cada vez que ouço uma porta, acho que está vindo da direção deles, então dou uma olhada rápida e me escondo no quarto de novo. Eles ficam em seus respectivos quartos a noite inteira.

No dia seguinte, eles vão passear na ilha de Fota. Passam um tempão olhando e tirando fotos dos gibões-de-mãos-brancas, que cantam alto e se dependuram como malucos, para a alegria de Heather. Eles tiram fotos um do outro, e então Jonathan pede a um adolescente para tirar uma foto dos dois juntos. Não gosto do jeito do adolescente; ele não é alguém a quem confiaria meu celular, e fico irritada. Eu me aproximo, só por precaução. O grupo de amigos do garoto já está dando risadinhas dos rostos colados de Heather e Jonathan para a foto. Eu me aproximo ainda mais, pronta para pular em cima do moleque quando ele sair correndo com o celular de Jonathan. O menino tira a foto e devolve o telefone para Jonathan. Eu congelo, e então me escondo atrás de uma árvore para não ser vista. Jonathan e Heather examinam as fotos e então me surpreendem ao voltarem para minha direção, e, quando fazem isso, meu celular apita. É uma mensagem de Heather, e a fotografia dos dois. Isso me deixa triste por dentro, decepcionada comigo mesma por estar ali. É como se alguém tivesse pegado um alfinete e estourado meu balão. Por que não confiei que Heather me manteria informada e, portanto, envolvida a cada etapa da viagem? Eu queria visitar esse lugar com ela, fiquei pê da vida com minha própria sugestão de que eles viessem para cá e, mesmo assim, ela está dividindo tudo comigo. Nervosa, eu me afasto um pouco mais.

Heather e Jonathan passam quatro horas no parque. Está quente e úmido e cheio de ônibus de excursão e famílias. Querendo estar usando roupas mais apropriadas para esse tempo que o terninho preto que vesti para a entrevista, fico na sombra, mas nunca perco os dois de vista. Eles fazem uma parada para tomar sorvete e conversam por uma hora, e então voltam para o hotel. Eles se sentam, os dois tomando uma Seven Up, e continuam conversando. Acho que jamais falei tanto com uma pessoa por tanto tempo de uma vez só, mas as palavras fluem dos dois e a atenção está totalmente focada um no outro. É lindo, mas mais uma vez sinto uma pontada de tristeza, o que faz me sentir ridícula. Não estou aqui para ficar com dó de mim mesma. Eles comem no bar e vou dormir cedo, cansada do dia longo ao ar livre.

Tenho uma mensagem do Monday. *Me ligue. Por favor.*

Meu dedo para sobre o botão de ligar, mas, em vez disso, meu celular toca e falo com Heather por quarenta e cinco minutos sobre o dia que ela teve. Ela me conta absolutamente tudo o que testemunhei e a alegria que senti ontem por estar aqui e saber que ela está compartilhando tudo comigo já desapareceu. Eu me sinto uma traidora. Deveria ter confiado que ela seria capaz. Não deveria estar aqui.

É o terceiro dia. Eles vão embora amanhã e estão conversando do lado de fora do hotel. O que começou como um dia lindo mudou de repente. Todo mundo entra para se abrigar da brisa gelada, mas Heather e Jonathan, sem se darem conta do frio, continuam conversando. Às vezes eles não falam, mas parecem confortáveis na companhia um do outro, e não consigo tirar os olhos dos dois, totalmente fascinada pelo que está acontecendo entre eles.

Alguma coisa se transforma dentro de mim. Apesar de eu já ter percebido que não deveria estar aqui, me dou conta de que devo ir embora agora mesmo. Porque, se a Heather descobrir, eu sei que isso colocaria em risco meu relacionamento com ela. Essa viagem é importante para ela e minha presença aqui é desrespeitosa. Eu sei disso, mas essa verdade só me atinge agora. Eu a traí vindo aqui, e me sinto enojada e nervosa comigo mesma por causa disso. Eu traí Monday por causa disso — mais uma traição. Tenho que ir embora.

Corro para meu quarto para pegar as poucas coisas que trouxe comigo. Faço o check-out. Quando saio correndo pelo lobby, querendo escapar, quase derrubo Heather e Jonathan.

— Jasmine! — diz ela, com a expressão de choque. A princípio ela está feliz em me ver, mas então fico observando enquanto ela processa o que está acontecendo, e a alegria vira confusão. Perplexidade, e então curiosidade. Ela é educada demais para ficar brava comigo, mesmo que já tenha sacado.

Fico tão chocada ao ver os dois de perto, e me sinto tão pega no flagra que não sei o que dizer. A culpa está escrita em minha testa. Eles sabem disso e olham um para o outro, parecendo tão consternados quanto eu me sinto.

— Só queria ver se vocês estavam bem. — Minha voz vacila. — Eu estava... tão preocupada. — Minha voz desafina e eu sussurro. — Desculpem.

Heather olha para mim, chocada.

— Você me seguiu, Jasmine?

— Eu vou embora agora, juro. Desculpe. — Meus lábios roçam a testa dela rapidamente enquanto vou embora, dando um encontrão nas pessoas desajeitadamente pelos corredores ao tentar chegar à porta.

O olhar que Heather lança para mim, e a maneira como me sinto, não é natural.



Pelas próximas horas fico sentada no trem, o rosto enfiado nas mãos, repetindo o mantra. Eu decepcionei o Monday, eu decepcionei a Heather, eu decepcionei a mim mesma.



O táxi para em frente à minha casa e me arrasto para fora dele, exausta e desesperada para trocar de roupa. Olho para meu jardim, esperando sentir uma sensação familiar de alívio ou rejuvenescimento que aprendi a esperar dele. Mas não sinto. Alguma coisa não está certa. Ele perdeu aquela vibração.

A realidade me ensinou uma lição, o universo se vingou de mim. Eu deixei meu jardim sozinho durante uma onda de calor por três dias sem deixar nenhuma instrução para alguém cuidar. As flores estão com sede. E, pior ainda, as lesmas comeram metade do meu jardim. Minhas rosas cor de creme

estão caídas, minhas peônias rosas, destruídas. Consegui segurar o choro o dia inteiro, mas meu jardim me deixa em lágrimas.

Eu decepcionei o Monday, eu decepcionei a Heather, eu decepcionei a mim mesma.

Perdi uma oportunidade importante na minha vida para poder estar lá com Heather. Mas Heather não precisava de mim. Repito isso a mim mesma. Heather não precisava de mim. Talvez eu é que dependa dela, buscando ajuda, ou uma fuga do meu próprio mundo. Em vez de viver a minha própria vida para mim, assumi o papel de guiá-la e, de certa maneira, ser como uma mãe para ela. Se isso é resultado do meu carinho por ela, ou a razão pela qual escolhi fazer isso, não sei. Acho que não importa, mas agora sei que é um fato.

Ao perder o controle este ano, eu comecei a trabalhar em meu jardim para manter algum tipo de domínio, pensando que ele cederia à minha vontade. Mas ele me mostrou que não irá. Nada pode ceder à nossa vontade. Eu negligenciei meu jardim e permiti que as lesmas tomassem conta dele.

Foi exatamente isso que fiz comigo mesma.

Capítulo 21

Além de traição, junho também traz um batizado, deveres de madrinha e uma noite de sexo com meu ex-namorado Laurence, o cara com quem tive o namoro mais longo, aquele com quem todo mundo achava que eu me casaria, incluindo eu, mas que me largou no final. Dormir com ele de novo depois de dois anos de celibato-de-Laurence foi um erro, um erro gostoso, mas, que não vai acontecer de novo. Não sei o que eu estava pensando, mas, depois de um dia bebendo ao sol, os velhos sentimentos familiares voltaram, ou a lembrança deles voltou, o eco deles, então os confundi tão facilmente quanto os banheiros masculino e feminino, ou o copo d'água de o copo de vodka pura. Só mais um escorregão naquele dia longo de verão. E talvez eu estivesse em busca de um momento de segurança, quisesse me sentir amada de novo, apaixonada de novo. Mas é claro que não foi assim — óbvio. A tentativa de recriar algo nunca dá certo. Aquela coisa de “olha só o que fiz antes” nunca pode ser replicada. Crianças, não tentem isso em casa.

E é assim que vou parar do lado de fora de sua casa às duas da manhã, bêbada, jogando pedrinhas na sua janela, com uma garrafa de *rosé* e duas taças nas mãos.

Você abre as cortinas e olha aqui para fora, uma cara de sono e confusão, o cabelo espetado. Você me vê, e então desaparece de vista e eu me sento à sua mesa e espero. Momentos depois, você abre a porta, de conjunto de moletom e, morrendo de sono, vem até mim. Quando percebe o estado em que estou, o seu olhar grogue e curioso fica divertido, uma expressão que faz seus olhos azuis brilharem com jeito de quem aprontou alguma, apesar de menores e cercados por rugas que os apertam quando você sorri.

— Ora, ora, ora, mas o que temos aqui? — diz você, vindo em minha direção com um sorriso aberto. Você bagunça meu cabelo de um jeito irritante antes de se juntar a mim à mesa no jardim. — Mas como você está chique.

— Eu pensei em convocar uma reunião urgente da vizinhança — falo enrolado, e então empurro uma taça para você e me inclino para a frente para enchê-la. Quase caio da cadeira.

— Para mim, não. — Você cobre a taça com a mão.

— Você ainda não está bebendo? — pergunto, decepcionada.

— Ultimamente eu fiz você sair da sua cama para vir abrir a porta para mim?

Penso no assunto.

— Não.

— Não por quatro semanas.

Eu completo a minha taça um pouco mais.

— Estraga-prazeres.

— Alcoólatra.

— Ah, é tudo a mesma coisa — digo. E viro um pouco do vinho.

— Obrigado pelo apoio — diz você, bem-humorado.

— Você não é um alcoólatra. Você é um bêbado, há uma diferença.

— Uau. Mas que assunto controverso. Explique, por favor.

— Você é um idiota, só isso. Egoísta. Prefere dormir tarde a dormir cedo. Você não é um viciado; na verdade, você não tem um problema com a bebida, você tem um problema com a vida. Quer dizer, você vai a reuniões?

— Não. Bom, mais ou menos. Eu converso com o dr. J.

— Um clínico geral aposentado não conta.

— O dr. J é alcoólatra. Mas não bebe há mais de vinte anos. Há muita coisa sobre ele que você não sabe — diz ele, vendo minha expressão de choque. — A mulher dele disse que não teria filhos até que ele ficasse sóbrio. Quando ele parou, já tinha mais de cinquenta anos. Tarde demais. Mas ela ficou com ele até o fim.

— Bom, ela morreu. — Enxugo minha taça.

Você faz cara feia.

— É, Sherlock. Ela morreu.

— Então ela escapou no final. — Sei lá porque estou falando essas coisas. Provavelmente só para ser irritante, o que está na cara que sou. É divertido ser você, eu consigo ver por que você faz isso.

Você se levanta, sai da mesa e some para dentro de casa. Acho que você foi embora de vez, mas você volta com um saco de *nachos* de queijo.

— As crianças estão aí?

— Kris e Kylie pediram para ficar mais uma noite. Eles gostam da horta.

— Kris e Kylie. Então são esses os nomes deles. Eles até soam como gêmeos

— Eles são.

— Ah.

Você está com uma horta bem impressionante crescendo na lateral da casa. Apesar de estar escuro, examino a área.

Você dá risada.

— Você está com inveja.

— Mas por que estaria? Quando tenho aquilo. — Nós olhamos para o meu jardim. É o melhor da rua, se posso ser sincera. — Não tente competir comigo, Marshall — eu o advirto.

— Eu não me atreveria — diz ele se fazendo de sério. — Fionn ainda não entrou no espírito da

coisa.

— É bem capaz que ele nunca entre — digo, pensativa, meu dedo percorrendo a borda da taça. — Não importa o que você faça.

— Nossa, que positiva, obrigado.

— Não vim aqui para ser positiva. Vim aqui para ser realista. Se você quer uma conversinha para animar, então fale com o dr. J, sempre feliz.

— Eu falo.

— Fiquei surpresa com o que você me contou. Ainda bem que ele não matou ninguém enquanto era médico.

— Ele era um alcoólatra funcional. O pior tipo.

— Ainda bem que você não era. Sorte sua.

Você encara os insultos: de que você era alcoólatra e que não funcionava direito.

— Eu sei. Ele me ajudou a ver isso.

Ficamos quietos enquanto você mastiga os *nachos*. Eu tomo meu vinho. Percebo que estou atacando você de novo.

— Todo namorado que já tive terminou comigo. Você sabia disso?

— Não, eu não sabia. — Você está com aquela expressão divertida de novo. — Mas não posso dizer que estou surpreso — você adiciona, sarcasticamente, mas de leve.

— Porque sou difícil de conviver — digo, para sua surpresa.

— E por quê?

— Porque quero tudo feito do meu jeito. Não gosto de erros.

— Jesus, você não quer conviver comigo, então.

— Verdade. Não quero mesmo.

Silêncio.

— Onde você estava esta noite?

— Eu dormi com meu ex.

Você checa o relógio. São duas da manhã.

— Eu fui embora quando ele dormiu.

— Provavelmente ele estava fingindo que dormia.

— Não tinha pensado nisso.

— Eu costumava usar esse truque o tempo todo.

— Bom, funcionou. Ela foi embora.

Você não gosta tanto dessa piada, provavelmente porque não saiu como uma piada.

— Então foi isso que ele disse? Que você é difícil de conviver?

— Não com tantas palavras. Eu cheguei a essa conclusão sozinha. É algo que descobri desde que...

— Olho para meu jardim, em flor, lindo, minha fonte mágica de conhecimento. Quanto mais cavo o solo, mais cavo dentro de mim.

— Então como você sabe que é verdade? Talvez você não seja difícil de conviver coisa nenhuma, talvez você seja apenas uma mulher ocupada, bem-sucedida e linda que não aceita nada menos que o melhor, e por que deveria?

Isso me deixa emocionada e quase choro.

— Talvez.

Minhas lágrimas secam na hora.

— Ou talvez você seja ruim de cama e impossível de conviver.

Você começa a rir e joga um *nacho* em você.

— Esta noite ele me disse que se sentia sozinho com minha companhia. Foi por isso que ele me deixou.

Silêncio.

— Sozinho em sua companhia — diz você lentamente, pensativo.

— Sozinho em minha companhia — repito, voltando a encher a taça.

Imagine como eu me senti — imagine como ele se sentia, ficando com alguém que o fazia se sentir sozinho. É uma coisa horrível se sentir sozinho na companhia de alguém que você ama. E dizer isso em voz alta é pior ainda, é insuportável para quem tem de escutar, para a pessoa culpada em questão.

— Ele disse isso antes ou depois que você dormiu com ele? — pergunta você, se inclinando para a frente, cotovelos sobre a mesa, interessado, me estudando.

— Antes. Mas eu sei o que você está pensando. Ele não disse isso para eu ceder.

— Disse, sim — diz você, irritado. — Vamos falar sério, Jasmine, ele disse, sim. Aposto que vocês dois estavam sozinhos em algum lugar, aposto que era fim de noite, ele te leva para o canto, fala com a Jasmine, ainda solteira e sem emprego, provavelmente em um estado vulnerável, as amigas tendo milhões de filhos. Mesmo que ela diga que não quer ter filhos, ela vai pensar no assunto. E então ele tira essa frase da cartola. Ele olha para você, toda ruiva e peituda...

Eu tento não rir e quase solto um ronco alto.

— Delineador borrado...

Eu passo o dedo sob os olhos.

— Ele disse isso de propósito. E poderia ter dado em duas coisas: ou você fica brava e joga sua bebida na cara dele, ou se sente culpada e ele consegue transar com você. Funciona pelo menos nove vezes em dez.

— Parafraseando o dr. J: “Puxa vida!”. Você não tentou fazer isso dez vezes — digo, desconfiada.

— Duas vezes. Levei uma bebida na cara uma vez, e acabei com um final feliz na outra. E a bebida em questão era uma Sambuca, que ardeu mesmo na minha pele, com o grão de café ainda queimando.

Dou risada.

— Finalmente. Ela sorri — diz você baixinho.

Eu acendo um cigarro.

— Você não fuma.

— Só quando eu bebo.

— Que selvagem.

Viro os olhos.

— E o seu namorado? Você vai contar para ele o que fez hoje à noite?

— Que namorado?

— Aquele cara bonitão que vem ver você de vez em quando. Aquele que não é seu primo. — Você ergue as mãos e dá risada. — Desculpe, não consegui evitar.

— Ele não é meu namorado. Aquele é o Monday. Ele é headhunter. Ele estava tentando me convencer a aceitar um emprego.

— Monday?

— Ele nasceu numa segunda-feira.

— Beleza. E o Monday está atrás de você.

Não gosto do olhar divertido em seu rosto.

— Estava. Ou você acha que ele tinha outro objetivo também. — Estou sendo sarcástica, não espero que você analise isso também.

— Qual emprego?

— Trabalhar para a Fundação DavidGordonWhite.

— Os consultores fiscais?

— Eles têm uma nova fundação dedicada à justiça climática.

Você olha para mim com a cara séria.

— Mas seu negócio é startups.

— É nova, então seria como uma startup.

— E você está me dizendo que ele não está tentando dormir com você?

— Bem que eu queria que ele estivesse — respondo, e você ri. Deixo o cigarro cair no chão e o apago com o salto da minha sandália. Por um momento pensei em apagá-lo na mesa envernizada, mas

ao lembrar do trabalho árduo dos seus filhos desisto. — Bom, de qualquer forma, é tarde demais. Eu perdi a entrevista.

— Por quê? Ficou com medo? — Você não está me provocando desta vez.

— Não. — Mas fiquei com medo, apesar de não ser do trabalho.

Penso em contar a verdade para você. Eu teria de explicar meu medo de Heather sair por aí sozinha, e não quero reforçar sua visão estereotipada da síndrome de Down, mesmo que meu próprio raciocínio estivesse errado. Ela voltou para casa há uma semana e, apesar de termos falado ao telefone — é claro que ela está falando comigo, não poderia ser diferente com a Heather —, as coisas não são mais as mesmas. Ela anda distante. Perdi uma parte dela, aquela parte invisível que colava nós duas juntas.

— Você perdeu a entrevista porque estava bêbada? — pergunta você, preocupado.

— Não — respondo irritada.

— Tá, tá. Mas é que parece algo comum para você ultimamente, então eu achei que deveria mencionar essa possibilidade, já que você trouxe a questão do álcool tão *gentilmente* à minha atenção. — Você ergue as mãos, na defensiva.

— Está tudo bem comigo — digo, mais calma. — É que eu estou... tão... — faço um barulho de pum com a boca e então suspiro, incapaz de resumir meus sentimentos além daquilo.

— É. Eu entendo.

E, apesar da minha incapacidade de explicar, eu acho mesmo que você entende perfeitamente. Nós ficamos sentados em um silêncio confortável que me faz lembrar de como Jonathan e Heather estavam juntos, a inveja que senti, sem perceber que tenho esse conforto aqui mesmo com você.

— O homem que vem à sua casa com a menininha. É o seu pai?

Faço que sim com a cabeça.

— Ele parece ser um bom pai.

Pensei que você fosse começar a me provocar de novo, mas, enquanto passo a mão pela madeira envernizada e lisa, sei que você está pensando sobre si mesmo e sobre sua situação difícil.

— Hoje ele é — digo. Quero completar com “para outra filha”, mas não falo nada.

Você olha para mim. E me estuda do jeito que sempre faz, e que eu odeio, porque é como se você estivesse vendo, ou tentando enxergar minha alma.

— Interessante.

— Interessante. — Eu dou um suspiro. — O que tem de interessante nisso?

— Isso explica as coisas que você disse para mim, só isso.

— Eu disse que você era um pai terrível porque você era um pai terrível.

— Mas você notou. Aquilo incomodou você.

Não respondo. Em vez disso, bebo.

— Ele está tentando compensar por tudo agora?

— Não, ele está interferindo em minha vida; uma coisa totalmente diferente.

Quando você faz cara de dúvida, explico:

— Ele está tentando arrumar um emprego para mim. Na antiga empresa dele. Pedindo uns favores, esse tipo de coisa.

— Pelo jeito ele quer te ajudar.

— Isso não é ajuda. É nepotismo.

— É um emprego bom?

— Na verdade, é. Diretora de conta, para gerenciar uma equipe de oito pessoas. Quarenta mil — repito o mantra do meu pai fazendo uma imitação pobre dele.

— É um bom trabalho.

— É, é ótimo. Foi o que eu disse.

— Não é algo que ele daria para qualquer pessoa.

— É claro que não.

— Você teria de passar por uma entrevista.

— É claro. Não é mais a empresa dele. Ele só está sugerindo o meu nome.

— Então ele acredita em você. Acha que você é capaz. Tenho certeza que ele é um cara orgulhoso. Ele não gostaria de ser envergonhado por uma filha que não fosse capaz de dar conta do recado.

Não gosto do que você diz porque fico pensando se você está falando da Heather. Eu me preparo, mas percebo que não é nada disso. Não sei o que dizer para você.

— Eu aceitaria isso como um elogio.

— ã-hã.

— Você e o Fionn têm muito em comum — diz você, e sei que você está criticando minha resposta infantil, mas vou em sua jugular.

— Porque nossos pais são péssimos?

Você suspira.

— Se eu dissesse que conheço alguém que tem uma ideia ótima para uma startup, e que estivesse procurando alguém com quem trabalhar, você ficaria interessada?

— O nome dela é Caroline? — pergunto, e ouço o medo em minha voz.

— Eu quis dizer hipoteticamente.

— Sim, eu conversaria com eles.

— Mas seu pai conhece alguém que está procurando alguém e você não gosta da ideia.

Não sei o que responder, então, à moda de Fionn, só dou de ombros.

— Eu não descartaria a possibilidade se fosse você.

— Não preciso da ajuda dele.

— Precisa, sim.

Fico quieta.

— Você tem um headhunter atrás de você para um trabalho que você teria aceitado a essa altura se tivesse interessada, e uma amiga que quer que você a ajude a montar um site de vestidos. Eu estava na sua casa, ouvi a conversa — você explica ao ver minha reação. — É claro que precisa de ajuda.

Fico quieta.

— Eu sei que você não gosta da opinião das outras pessoas. Você acha que elas é que estão erradas. Que elas não têm a cabeça aberta. Não me olhe assim, você me disse isso. Às vezes (só às vezes), eu acho que você vê as coisas de um jeito totalmente errado. Não sei do que você acha que está se defendendo, mas é das coisas erradas.

Você deixa isso no ar por um tempo. Eu preferia a época quando eu te odiava e a gente não se falava. Mas, agora que você está falando sobre mim e sobre meus problemas, eu sinto que chegamos ao ponto em que posso abordar os seus.

— Qual é o lance com a música do Guns N' Roses?

Você olha para mim sem entender.

— Como assim?

— *Paradise City* — sorrio. — Está tocando no último volume na maioria das vezes quando você chega em casa.

Você olha para mim sem entender.

— Não tem nada. O CD player no jipe está quebrado. É a única música que toca.

Fico decepcionada. Eu achava que aquela música tinha um significado para você, mas estava enganada. Quando acho que tinha conseguido enxergar alguma coisa, errei.

— É melhor eu ir dormir, as crianças acordam cedo. Vamos colher as ervilhas e plantar tomates.

Faço cara impressionada de brincadeira. Na verdade, estou com inveja. Minhas ervilhas não vingaram.

— Você vai ficar bem aqui?

— ã-hã.

— Só para você saber, Jasmine: eu teria dito o oposto sobre você.

— Como assim?

— Se não fosse por você, eu teria me sentido sozinho vezes demais. Eu nunca me senti sozinho em sua companhia, nem por um segundo.

Minha respiração fica presa na garganta. Vejo você sumir para dentro de casa. De repente me sinto totalmente sóbria. Apesar de estar meio tonta, meus pensamentos são claros. Estou sentada à cabeceira da mesa, onde você geralmente se senta. A sua mesa de bar. Como as mesas viram na vida.

Capítulo 22

Na manhã seguinte, acordo com a luz do sol em meu rosto e a campainha tocando. Minha cabeça está quente, como se eu estivesse deitada no asfalto com uma lupa na minha cara, como se Deus estivesse pregando uma peça em mim. Não me dei ao trabalho de fechar as cortinas quando caí na cama. Tudo me volta em um instante, como um saco de pedras batendo em minha cabeça. O batismo, Laurence. Não me importa que eu tenha te tirado da cama ontem à noite; é Laurence que supera tudo, sem discussão.

A campainha continua tocando.

— Ela não está aqui, pai! — Ouço a voz de uma menina gritando sob a minha janela. Kylie. Ou talvez Kris, com sua voz ainda infantil.

— Ela está lá. Continue tentando. — Ouço você gritar do outro lado da rua.

Resmungo ao abrir os olhos e tentar ajustá-los à claridade da luz. Minha boca está seca e olho para minha mesinha de cabeceira em busca de água, mas, em vez disso, vejo uma garrafa vazia de vodka. Meu estômago reclama. Isso tudo está se tornando muito familiar e eu sei, só sei, que é a última vez que acontece. Não aguento mais. Cansei de ficar cansada de ser eu mesma. Agora quero voltar. O despertador diz que é meio-dia e acredito, sentindo o calor da tarde em minhas bochechas.

Tropeço nas escadas e me seguro no balaústre. Meu coração palpita com o susto, mas era a sacudida de que eu precisava para acordar. Abro a porta e me deparo com duas crianças loiras e Monday me encarando; os dois observam meu estado de cima a baixo com desgosto, e o outro acha divertido. Imediatamente fecho a porta na cara deles e ouço suas risadas.

— Vamos, crianças, deem um tempo para ela se arrumar.

Abro um pouco a porta para ele entrar e subo correndo as escadas para tomar banho e me tornar apresentável. Volto para baixo me sentindo refrescada, mas sensível. Tudo dói: minha cabeça, meu corpo...

— Noite difícil? — pergunta Monday, levemente entretido pelo meu estado. — Ou continua doente? — A última frase sai em tom de raiva e me faz estremecer.

Mal posso encará-lo, de tão culpada que me sinto por não ter aparecido para a entrevista, mas principalmente por não ter tido a decência de avisá-lo.

Ele preparou o café, está vestido casualmente e, de alguma forma, parece mais vulnerável sem aquele terno. Isso não parece um encontro profissional. Ele não pode se esconder atrás do executivo que geralmente o ofusca. De repente sinto uma culpa bem lá no fundo por causa de Laurence, como se tivesse traído Monday, apesar de nunca ter havido nada entre nós. Ele é um headhunter, estou desempregada e nunca aconteceu nada além disso, nem mesmo um sinal; mas a decepção que sinto me diz que havia alguma coisa. Escondida e silenciosa, mas sempre lá. E é claro que precisei dormir com outra pessoa para perceber isso.

— Monday. — Seguro sua mão, pegando-o de surpresa. — Sinto muito por semana passada. Por favor, não pense que foi uma decisão precipitada, porque não foi. Quero explicar tudo a você agora e espero que entenda.

— Então você não estava doente — conclui ele, sobriamente.

— Não. — Mordo o lábio.

— Acho que não vamos ter muito tempo para conversar — diz ele, olhando para o relógio. Meu coração vacila.

— Se você puder, fique. Vou explicar tudo...

— Não, não vou embora — explica ele, encostando-se na pia da cozinha, dobrando os braços e olhando para mim.

Estou confusa, mas mal posso encará-lo sem sorrir. Ele me deixa tão mole, toda derretida. Finalmente, ele sorri e faz que não com a cabeça, como se estivesse fazendo uma coisa errada.

— Você é um problema, sabia disso? — diz, carinhosamente, em tom de elogio; e eu aceito.

— Eu sei. Desculpe.

Ele observa meus lábios e engole em seco, e me pergunto quando é que isso vai acontecer, ou melhor, acho que vai mesmo acontecer, talvez eu deva dizer alguma coisa, me aproximar para beijá-lo, mas a campainha toca e ele dá um pulo, assustado, como se tivéssemos sido pegos em flagrante.

Suspiro e abro a porta. Você entra com seus filhos loiros, meu pai, Zara, Leilah, com um ar de quem quer pedir desculpas, e atrás dela está Kevin, seguido por Heather e sua ajudante Jamie. Heather parece muito orgulhosa de si. Você parece achar tudo isso hilário. Monday começa a me olhar com preocupação. Ele se afasta da pia e descruza os braços.

— Você está bem?

Meu corpo treme da cabeça aos pés. Não sei se a abstinência do álcool tem algo a ver com isso, mas a sensação de terror que toma conta de mim sobre o que está por vir certamente tem uma boa participação. O sentimento anterior de paixão dá lugar ao medo, à ansiedade, ao nervosismo.

Meu cérebro me diz para *correr*. Agora! Lute ou fuja, e a vontade de fugir está ganhando. Sei o que é isso, sei o que eles fizeram. Posso dizer pelo olhar orgulhoso estampado no rosto de Heather que ela pensa estar fazendo isso para meu próprio bem, que vou ficar feliz.

Kevin me dá um abraço caloroso que me deixa congelada com as mãos no ar, longe de seu corpo, incapazes de tocá-lo.

Você ri por entre os dentes; minha vida é o passatempo do seu fim de semana monótono de verão.

Finalmente, Kevin se afasta.

— Heather me pediu para convidar Jennifer, mas ela não estava em casa, então decidi vir eu mesmo.

Abro minha boca, mas não sai nenhuma palavra.

— Você é o jardineiro? — pergunta Kevin a você, lembrando-se do dia em que apareceu aqui em casa.

Você me olha, entretido pela situação toda.

— Matt é meu vizinho. O filho dele me ajudou com o jardim já faz um tempo.

Kevin encara-o fixamente.

— Vamos lá, não me diga que é a primeira vez que alguém empata sua vida — diz você, com um sorriso malicioso de gato de Alice.

Todos vão para a sala e se sentam, alguns levando as cadeiras da cozinha, já que faltam lugares para sentar.

Você olha à sua volta com um sorriso largo, todo animado. As crianças se juntam à mesa da cozinha, com seus livros de colorir e massinha. Dou voltas pela cozinha fingindo fazer chá ou café, mas na verdade estou traçando planos de fuga, desculpas, artimanhas. Monday manteve a distância, mas estou tão absorta em meus pensamentos que não estou mais presente.

— Você está bem? — pergunta ele.

Paro no lugar.

— Quero morrer — digo, firmemente. — Só quero morrer.

Ele abaixa a mão e observa os visitantes, mordendo o lábio com seu dente lascado. Parece estar tentando descobrir uma forma de me tirar dali. Só posso torcer.

Jamie vem até a cozinha. Posso ouvir as solas de suas sandálias grudando e desgrudando do chão enquanto anda. Acho que ainda prefiro quando ela usa aquelas meias esportivas.

— Eu trouxe biscoitos — diz ela, colocando um pacote de Jaffa Cakes [\[5\]](#) no balcão. Odeio Jaffa Cakes.

— Jamie, o que está acontecendo? O que é isso?

— Heather quis fazer isso por você — explica ela. — É o círculo de suporte para você.

— Pelo amor de Deus — retruco, alto demais, e ouço seu riso disfarçado na sala.

— Vou querer café, duas colheres de açúcar, um pouco de leite, querida — você pede.

Caroline chega, com óculos escuros pretos que cobrem metade do seu rosto.

— Ai, meu Deus, que ressaca. Esses batizados me matam. Ai, meu Deus! — Ela bate de brincadeira no meu braço e murmura: — Ovi dizer que você dormiu com Laurence ontem à noite!

Eu me encolho. Sei que Monday está bem atrás do meu ombro e que ouviu. Sinto seu olhar me fuzilando pelas costas. Fico enjoada. Olho para ele e ele desvia os olhos, ocupando-se com outra coisa. Ele leva uma bandeja de xícaras para a sala e se senta.

— Ah — diz ela, sentindo o clima. — Desculpe, eu não sabia que vocês estavam...

— Não importa. — Esfrego meu rosto, cansada. — Mas você sabia dessa reunião?

Ela assente com a cabeça, tira da bolsa uma cartela de comprimidos para dor de cabeça e engole dois com uma garrafa de água.

— Eu não podia contar. Heather queria que fosse surpresa.

Estou em pânico por dentro. Quero correr, quero mesmo, mas só de olhar para Heather — sentada como líder do círculo, vestindo sua melhor blusa e calça, parecendo tão orgulhosa, radiante, confiante e com os olhos brilhando por causa do que conseguiu organizar — já sei que não posso virar as costas para ela agora. Preciso aguentar.

Sento-me na única cadeira que foi deixada vazia para mim, e todos me olham. Seus olhos estão cintilantes de prazer, alegres por me verem desconfortável e vulnerável, típicos do abutre que você é. Os olhos de Monday são duros e frios, fixados na perna da mesa de centro; qualquer preocupação que ele tinha comigo agora estava morta e enterrada. Os olhos de Caroline estão vermelhos e ela recusa o prato de bolachas recheadas, que passa de mão em mão, como se fosse uma bomba-relógio.

Kevin me encara atentamente, inclinando-se para a frente com os cotovelos sobre os joelhos, tentando canalizar seus bons pensamentos pervertidos na minha direção. Isso é perturbador. Seus dedões peludos saltando para fora das tiras marrons apertadas do seu chinelo são perturbadores. Ele é perturbador; ponto. Leilah tem medo de olhar para mim, sei disso; ela morde os lábios e olha ao redor da sala, se perguntando por que não se casou com um homem de uma família menos complicada. Meu pai está ao lado dela, digitando uma mensagem no celular lentamente com seus dedos grandes e grossos. Monday está espremido do outro lado.

— Vocês se conheceram? — pergunto, e os dois fazem que sim com a cabeça ao mesmo tempo. Monday continua sem me olhar nos olhos.

Jamie começa.

— Obrigada pela presença de todos. Heather fez questão de contatar cada um individualmente e passou um bom tempo planejando tudo isso. São todos muito bem-vindos. Agora é com você, Heather.

Coloco os pés por cima do sofá e abraço minhas pernas, protegendo meu corpo. Tento me convencer de que estou fazendo isso pela Heather, que é um exercício para ela, que ela organizou tudo e, por mais controlador que pareça, é verdade, e isso me ajuda. Mas, assim que ouço a voz dela, tenho vontade de chorar. Tenho tanto orgulho dela.

— Obrigada a todos por virem. Por mais de quinze anos, minha irmã Jasmine tem vindo ao meu círculo de suporte e isso me ajudou muito. Agora quero proporcionar a ela a mesma experiência. Vocês são o círculo de suporte da Jasmine, seu círculo de amigos. — Ela olha ao seu redor, orgulhosa.

Vejo as pessoas que compareceram e me sinto patética. Você pisca para mim e põe um biscoito na boca. Dá vontade de te bater. Eu *vou* te bater.

— Queremos te mostrar que te amamos, te apoiamos e que estamos aqui para você — continua Heather, e começa a bater palmas.

Os outros acompanham as palmas, alguns entusiasticamente; Caroline nem tanto, porque o barulho

machuca seus ouvidos. Você manda um forte assobio. Meu pai olha como se quisesse te dar um soco. É como se Monday não estivesse ali, mas sei que está. Sinto sua energia sempre que está na sala, meus olhos são atraídos para ele sempre que está perto de mim, meu corpo procura o dele toda vez, cada parte de mim quer se mover em direção a ele.

— Minha irmã menor Jasmine está sempre ocupada. Muito, muito ocupada. Quando não está ocupada, ela cuida de mim. Mas agora ela não está ocupada e não precisa mais cuidar de mim. Precisa cuidar de si mesma.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Cubro meu corpo com braços, pernas, mãos, tudo contorcido e dobrado, como se dissesse “Fechado”.

Todos me encaram. Eu. Quero. Morrer. Agora.

Pigarreio, paro de me esconder atrás das minhas pernas e coloco-as no chão, cruzadas.

— Obrigada pela presença de todos. Com certeza todos sabem que é uma surpresa, e que eu não estava preparada, mas obrigada, Heather, por organizar isso. Sei que no fundo você tem a melhor das intenções. — Vou ser prática. Dar a eles alguma coisa e nada, não deixar ninguém entrar, mas parecer que estou participando. Ouvir todas as críticas construtivas com um sorriso. Agradecer a eles. Seguir em frente. Esse é o plano. — Perder meu emprego em novembro foi difícil mesmo. Eu *amava* aquele trabalho, e os últimos seis meses têm sido muito duros, não conseguir acordar pela manhã e se sentir... útil. — Pigarreio. — Mas agora estou percebendo, ou percebi, que não é tão ruim quanto eu pensava.

Será que contar que estou gostando de algumas partes, de forma que nunca pensei que poderia, seria entregar demais? Vejo sua cara de neurótico, depois de Kevin, tão concentrado, e Monday, que imediatamente desvia o olhar para a mesinha de centro. Decido que eles não precisam saber sobre minha terapia de jardinagem. Contar que isso tem me ajudado seria o mesmo que admitir que eu precisava de ajuda; e eu não quero fazer isso.

— Então. O plano é — eu me viro para a Heather, sabendo que preocupações dela originaram esta reunião e, portanto, sua despreocupação acabaria rapidamente com ela — continuar com minha licença pelos próximos seis meses e, depois, conseguir um emprego. Por isso, obrigada a todos pela ajuda no passado e pelo apoio agora, e por virem aqui hoje.

Encerro em tom alegre, confiante e positivo, sem motivo para preocupações ou alardes. Jasmine está bem.

— Uau. — Você quebra o silêncio. — Isso foi comovente, Jasmine. Profundo. Realmente sinto que te entendo agora — diz você, esbanjando sarcasmo. Você coloca uma batata Pringles na boca. Posso sentir o cheiro de *sour cream* e cebola daqui e meu estômago resmunga.

— Bem, o que você pretende fazer depois da *sua* licença, Matt? Compartilhe com a gente.

— Ei, este aqui não é o *meu* círculo de amigos — responde você, com seu sorriso ácido.

— Nem o meu, evidentemente — retruco.

— Vamos manter a energia positiva — aconselha Kevin, com sua voz sacerdotal, de mãos levantadas. Ele as abaixa lentamente, como se quisesse nos acalmar através da hipnose, ou imitando

alguma coreografia de uma *boyband* dos anos 1990.

— Estou calmo — diz você, pegando outra batatinha.

Você deveria ter engordado com todos os petiscos e lanches desde que parou de fumar, mas não engordou. Parece mais bonito, magro e saudável do que nunca, porque parou de beber.

— Acho que é justo dizer que, além de Peter e Heather, sou eu quem conhece Jasmine há mais tempo. — Kevin olha para mim e sorri. Eu dou de ombros. — Então, sinto que a entendo e a conheço melhor que ninguém.

— É mesmo? — diz você, virando-se para ele. — Então você pode nos dizer qual dos três empregos é melhor para ela.

Você coloca Kevin e eu numa saia-justa. Nós dois não fazemos a menor ideia, é claro que por motivos distintos.

— *Três* empregos? — repete Caroline, irritada.

Monday levanta a cabeça no mesmo instante e me olha com a testa franzida, tentando me entender, essa grande mentirosa que apareceu diante dele. Não fazia sentido discutir os outros dois empregos com ele, pois o único que eu estava considerando era o que ele me ofereceu. Mas o comentário que você gentilmente mencionou me faz parecer uma enganadora.

É irônico que seja você quem me conhece melhor dentre todas essas pessoas; e essa é a pergunta mais complicada a fazer, já que as três pessoas que me ofereceram esses empregos estão aqui e a maioria não sabe nada uma sobre a outra. Todos me olham e esperam por uma resposta.

Você sente falta desse constrangimento e por isso usa minha vida para sua própria diversão.

Percebo que estou te encarando com repugnância em um longo silêncio.

— Quais são as três opções? — pergunta Kevin, olhando-me com um sorriso doce, amável e compreensivo, como se estivesse me ajudando. — Hum?

Não gosto da forma como ele me olha. De repente quebro a tensão com uma pergunta.

— Monday, já conheceu meu primo?

Monday volta a prestar atenção quando seu nome é chamado. Não consigo imaginar como se sentem as pessoas que foram chamadas aqui, mas devem estar ainda mais constrangidas do que eu.

— Você conheceu meu primo?

— Bem, não somos realmente... — interrompe Kevin.

— Ele é meu *primo* — insisto. — Kevin, este é Monday.

Eles dão um aperto de mão por cima da mesa de centro e você sorri, sabendo exatamente o que estou fazendo.

Silêncio.

— O motivo para eu mencionar Monday é que ele está com a Diversified Search International e conseguiu um emprego para mim na DavidGordonWhite.

Meu pai se inclina para a frente e dá uma boa olhada para Monday, como se repentinamente ele tenha se tornado importante.

— Mas o emprego já era, então, Monday, acho que você deve querer ir embora agora. Ninguém vai se sentir ofendido — digo, com um riso nervoso. Quero que ele vá, não quero que o homem que adoro saiba quanto sou problemática por meio desse círculo de terror. E, depois do que ele ouviu Caroline dizer, posso senti-lo fervilhando. Deixe-o ir.

— Por que esse emprego não é mais uma opção? — pergunta meu pai.

Olho para Monday. Agora é sua chance de retrucar, mas ele não diz nada.

— Hum. Não fui à entrevista — respondo, encerrando o assunto.

Meu pai xinga.

— Peter. — Leilah dá uma cotovelada no marido e Heather arregala os olhos, surpresa.

— Bem, por que você não foi à entrevista? — insiste meu pai, desesperado.

— Ela estava doente — diz Monday, finalmente, embora eu não sinta que ele esteja me defendendo. Sua voz continua sóbria e vazia de... Monday. — Acho que devemos ouvir sobre os outros empregos — acrescenta ele. — Eu não sabia que havia outras opções para você.

A maneira como ele diz *outras opções* me faz pensar se está mesmo falando sobre o trabalho, ou se é sobre Laurence. Há tanta coisa que eu gostaria de explicar a ele quando tudo isso terminar — mas só para ele. Não me importo com o que ninguém mais pensa. Quanto a você, você é a única pessoa que já sabe de tudo.

— Doente, uma ova — resmunga meu pai, recebendo outra cotovelada de Leilah.

— Você estava doente, Jasmine? — pergunta Heather, preocupada. — Em Cork também?

— Espere aí, você estava em Cork? — pergunta Jamie, inclinando-se à frente. — Pensei que tivéssemos concordado que Heather deveria ir sozinha. Não dissemos isso? — Ela olha para Leilah, que também estivera na reunião.

Leilah se vira para mim, claramente em conflito, sem querer pisar na ferida de ninguém. Posso ver uma batalha em sua cabeça.

— Então? — pergunta meu pai a ela.

— Sim — responde ela, como se a palavra estivesse entalada em sua garganta. — Mas, com certeza, Jasmine foi por um bom motivo.

Jamie se dirige ao círculo.

— Heather fez sua primeira viagem com o namorado, Jonathan. No círculo de suporte da Heather, todos concordamos que ela era mais que capaz de ir sozinha, e que qualquer ação contrária a isso seria vista como prejudicial para Heather...

— O.k. Jamie, obrigada — interrompo, em um acesso de raiva. Esfrego o rosto, cansada.

— Então por que você foi? — pergunta Jamie, agora com a voz menos estridente.

— Ela estava preocupada — responde Kevin em meu lugar. — Obviamente.

— Quando você viajou, Heather? — pergunta Monday, carinhosamente.

— De sexta até segunda — responde ela, alegremente.

Ele faz que sim com a cabeça, absorvendo a notícia.

— Você se divertiu?

— Como nunca! — Ela sorri.

Monday me olha com uma sensibilidade inédita.

Na verdade, todo mundo, menos meu pai. Ele faz que não com a cabeça, concentrado em seu celular, esforçando-se para não falar nenhuma besteira. Isso não é bom. Sinto uma queimação por trás dos meus olhos. Não posso chorar.

— Eu estava só... ela nunca foi... foi a primeira vez que... sabe, com um... — Suspiro, todos os olhos voltados para mim. Posso ouvir minha voz tremer. Finalmente, olho para Heather. — Eu não estava preparada para te deixar ir. — Antes que eu possa fazer qualquer coisa para evitar, uma lágrima escorre em meu rosto e a enxugo antes que chegue ao meu queixo, como se nunca tivesse acontecido.

As bochechas de Heather ficam rosadas e ela responde, timidamente:

— Não vou a lugar algum, Jasmine. Não vou te deixar. Você perdeu sua entrevista por minha causa?

Com isso, mais uma lágrima. E outra. Enxugo todas rapidamente, de cabeça baixa, sem querer que ninguém me veja.

— Vocês podem me dar um tempo? — peço, parecendo uma criança.

Ninguém responde. Ninguém sente que tem autoridade para me dizer sim ou não.

— Oi, Monday. Eu já sabia sobre você — diz Caroline, repentinamente, acordando de sua ressaca para me salvar. — Sou Caroline, amiga de Jasmine.

— Oi.

— Ela está me ajudando com uma ideia para um site.

Isso me faz ranger os dentes imediatamente, mas mordo a língua.

— Qual é o problema, Jasmine? — pergunta Kevin, analisando minha reação.

— Nada — digo. Mas está na cara que tem alguma coisa errada — Bom, é só que não estou exatamente “ajudando”. Estou desenvolvendo o site com você, que é o que eu faço, desenvolver, implementar... “Ajudar” soa como... sabe...

Seu pescoço quase se desloca quando ela vira a cabeça para mim.

Ela me olha com seu jeito ofendido. Piscando lentamente, a testa esticada e brilhante — embora isso também seja culpa do Botox —, e eu geralmente pediria desculpas porque ela é minha amiga,

mas nos negócios eu persistiria; sinal de que teremos problemas.

— E depois tem meu pai — digo, mudando de assunto rapidamente.

— Espere um minuto — interrompe Kevin. — Acho que devemos continuar aqui.

— Kevin, isto não é uma sessão de terapia. — Sorrio, nervosamente. — É só uma conversa. E acho que estamos chegando perto do fim.

— Eu acho que, para tirar o máximo de proveito, você deveria...

Interrompo Kevin:

— Essa não é a hora de...

— Não tenho problemas em lavar a roupa suja. — Caroline dá de ombros, como se não tivesse uma preocupação no mundo; mas sua fala, sem contar sua expressão corporal, denuncia outra coisa. Não quero *lavar a roupa suja* com ela.

Todos nos olham. Você se acomoda para a frente de sua cadeira, com os cotovelos sobre as coxas. Tudo que falta é uma tigela de pipoca. Você soca o ar levemente e canta baixinho:

— Briga, briga, briga! — E depois cai na gargalhada.

— Nós não vamos brigar — respondo, irritada. — Tudo bem. — Pigarreio e sorrio para Heather para me centrar. — Acho que eu poderia ser mais útil do que você tem me permitido ser.

Não saiu tão ruim quanto poderia; mesmo assim, ela torceu tanto a cara que achei que fosse saltar no meu pescoço.

— Ah é? Como? — pergunta ela, em tom agudo e estridente.

— Você veio me pedir para tocar a ideia adiante, mas não aceita nenhuma das minhas sugestões.

— Você tem experiência em montar empresas. Eu não faço a mínima ideia.

— Sim, mas não se trata só de te dar a minha lista de contatos, Caroline. Quando monto empresas, participo do desenvolvimento e da implementação de estratégias. Se não posso desenvolver isso com você, então não tenho nenhum interesse pessoal nisso. Também tem de me representar — explico calmamente, mas com a voz firme.

Ficamos todos em silêncio enquanto Caroline me encara em um tipo de estado catatônico atrasado.

— Qual é a outra opção de trabalho? — pergunta Kevin. Fico agradecida por ele ter dado continuidade.

— O pai dela — diz você. Todo mundo olha primeiro para você e depois para meu pai.

Provavelmente já de saco cheio desse encontro, ele vai direto ao ponto.

— Diretora de contas numa gráfica. Equipe de oito. Quarenta mil por ano. Se o emprego ainda estiver lá.

— Está — diz Leilah, contrariando meu pai.

— Ela poderia fazer isso de olhos fechados — comunica ele à sala, olhando para o celular em sua

mão como se estivesse lendo alguma coisa, mas não está. — Se ela aparecer na entrevista.

Monday não se junta ao meu pai nessa zombaria, que é o que meu pai esperava. O sorriso dele desaparece.

— Não quero exatamente um trabalho que eu possa fazer de olhos fechados — digo, sorrindo.

— É claro que não, você quer ser diferente.

O comentário me surpreende. Você adora, mas não da mesma forma que os outros comentários. Você vira seu olhar estudioso para ele. Kevin, é claro, tomou minhas dores.

— Chega, Peter. Acho que você deve desculpas à Jasmine por esse comentário.

— Do que você está falando? — retruca ele.

Heather parece profundamente incomodada agora.

— Vocês sempre foram iguais, desde que éramos crianças — diz Kevin, com a raiva aumentando.

— Sempre que Jasmine não quer fazer sua vontade, você a afasta.

É verdade. Olho para meu pai.

— Jasmine *nunca* fez minha vontade. Nunca fez a vontade de *ninguém* além da vontade *dela* mesma. Como você acha que ela se meteu nessa confusão?

— Não é bom que ela queira seguir seu próprio caminho? — Kevin pergunta. — Você não deveria querer que ela fosse independente? A mãe dela morreu quando ela era muito jovem. Ficou doente por muitos anos antes disso. Não me lembro de você estar tão presente, exceto quando chegava para dizer a ela o que fazer e quando achava que tinha feito algo errado.

E, naquele momento, todas minhas conversas com Kevin vêm à minha memória. Todas as preocupações, medos, frustrações da minha adolescência voltam ao mesmo tempo. As conversas de madrugada com Kevin no balanço antes de ele me beijar, nas festas, a caminho da escola. Ele sempre me ouvia. Tudo o que me preocupava sobre a vida era compartilhado com ele. Eu parecia ter me esquecido de tudo isso, mas, evidentemente, ele não esqueceu.

— Com todo o respeito — diz meu pai, sem o mínimo tom de respeito. — Isso não tem nada a ver com você. Sinceramente, não sei nem o que você está fazendo aqui.

Kevin continua calmamente, como se quisesse dizer isso há anos, como se estivesse falando dele mesmo.

— A mãe dela a criou para tomar suas próprias decisões. Cuidar de si mesma. Encontrar seu próprio caminho. Ela precisaria, porque a mãe dela não estaria mais aqui. Ela montou seus próprios negócios...

— E vendeu todos eles.

— Você não vendeu o seu?

— Eu me aposentei. E ela acabou sendo demitida tentando vender o último negócio.

Meu pai está com o rosto vermelho. Leilah pousa a mão sobre o braço dele e diz algo em voz

baixa, mas ele a ignora, ou não ouve, pois continua a discussão com Kevin. Eu paro de prestar atenção.

Larry tratava o negócio como a filha dele. E se recusava a deixá-la ir. Minha mãe me criou sabendo que precisava me desapegar das coisas.

Eu crio e vendo ideias.

Não quero ter filhos. Mamãe não queria deixar Heather, e agora não posso deixar a Heather ir.

— *Você nunca termina nada que começa.* — Ouço Larry me dizer.

Eu me sinto tonta. Tem muita coisa passando pela minha cabeça.

Conversas antigas voltam à minha mente, minhas crenças pessoais me encaram com estranheza, divertimento, quase cantando: “Sempre soubemos disso, você não?”.

Criar filhos para deixá-los ir.

Kevin me disse que eu ia morrer.

Construir empresas para vendê-las.

Ficar perto de Heather porque minha mãe não pôde.

— E qual é esse seu negócio? — meu pai levanta a voz e Heather cobre os ouvidos. — Você tem problemas com todo mundo nessa família. Sempre teve. Menos com ela, é claro. Sempre tramando alguma coisa ou seja lá o que vocês dois estavam...

— Porque nenhum de nós sentia que pertencia a essa família insana, controladora...

— Ah, cale a boca e volte para a Austrália. Guarde isso para seu terapeuta...

— Escute aqui, não vou, e é exatamente por isso que ela e eu...

— Você está bem, Jasmine?

É você. Você me olha e, pela primeira vez, não está sorrindo. Não está mais dando risada. Suas palavras soam muito distantes.

Tento dizer alguma coisa.

— Você está pálida — diz você, e está quase se levantando quando me coloco de pé. Mas faço isso rápido demais. Estou desidratada da noite anterior e emocionalmente ressecada por esse espetáculo, e Monday se estica para impedir que eu caia. Eu me apoio nas costas de cadeira dele e fixo os olhos na porta da frente. Desta vez, não estou pedindo permissão.

— Com licença — sussurro.

O chão se move sob meus pés enquanto me aproximo do único alvo que permanece parado enquanto as paredes se movem à minha volta, cada vez mais estreitas, vindo em minha direção. Preciso sair antes que me esmaguem completamente. Chego até a porta, luz do sol, ar fresco, o cheiro de grama e minhas flores, e ouço os pingos do meu chafariz. Eu me sento no banco, seguro minhas pernas perto do meu corpo e inspiro e expiro profundamente.

Não sei quanto tempo passo lá fora, mas uma hora eles entendem. A porta se abre e Caroline sai, passando direto por mim para seu carro, sem dizer uma palavra, indo embora. Ela é seguida pelo meu pai, Leilah e Zara. Coloco a cabeça para baixo. Sinto o cheiro do creme de barbear de Monday e ele se agacha perto de mim, mas desiste e vai embora. Então, você aparece. Sei que é você; não sei como, mas a atmosfera me faz sentir que é você, e, quando as crianças se aproximam, tenho certeza.

— Bem, essa foi difícil — diz você.

Não respondo, só coloco minha cabeça de volta para baixo. Sinto sua mão no meu ombro. É um aperto carinhoso, mas firme, e me sinto agradecida. Você continua andando e, na metade da rua, se lembra de falar mais uma coisa.

— Ah, e obrigado por levar a carta da Amy ontem à noite. Você está certa. Talvez seja a hora de eu ler. Já se passaram seis meses e ela continua sem falar comigo. Não pode ser pior que isso, eu acho. Espero.

Enquanto você se distancia, ouço Jamie acalmando Heather dentro de casa. Corro para ela. Kevin continua por perto, sem saber o que fazer.

— Pode ir, Kevin, eu te ligo.

Ele não se mexe.

— Kevin — suspiro —, obrigada por hoje. Agradeço por tentar ajudar. Eu tinha me esquecido... de tudo aquilo, mas claramente você, não. Você sempre me apoiou.

Ele concorda com a cabeça e me dá um sorriso triste.

Coloco a mão em sua bochecha e dou um beijo suave na outra.

— Pare de brigar com todo mundo — digo baixinho.

Ele engole em seco e pensa sobre o assunto. Depois, simplesmente concorda e vai embora.

Levo Heather para o sofá e a envolvo em meus braços, com um sorriso engessado no rosto.

— Por que essas lágrimas? — Eu rio — Bobinha, não tem motivo para ficar triste. — Enxugo as bochechas dela.

— Eu só queria ajudar, Jasmine.

— E você ajudou. — Seguro sua cabeça em meu peito e balanço para a frente e para trás.

Para poder voar, é preciso limpar a merda das próprias asas.

O primeiro passo é identificar a merda. Pronto.



Quando eu era criança, talvez com oito anos, eu adorava deixar os garçons transtornados. Desde que fiquei sabendo da linguagem silenciosa dos restaurantes, quis aprendê-la. Eu gostava de saber que havia um código que eu podia comunicar a alguém, a um adulto, e que colocava a gente no

mesmo nível. Na nossa caçada cotidiana, havia um garçom em particular que eu atormentava. Eu colocava o garfo e a faca juntos, e quando via que estava chegando para retirar os pratos, rapidamente separava-os de novo. Eu adorava vê-lo mudando de direção, a poucos metros da nossa mesa, como um míssil abortado. Eu fazia isso várias vezes durante uma refeição, mas não o suficiente para ele perceber que era de propósito. Também fazia isso com o cardápio. Fechado queria dizer que já tinha escolhido o meu pedido; aberto significava que não. Eu fechava o meu, e de toda a minha família, e, assim que ele se aproximava com uma caneta e um bloco na mão, eu abria de novo, fazia cara de dúvida e fingia ainda estar decidindo.

Não sei por que pensei nisso agora. Não sei o que isso quer dizer sobre mim, além do fato de eu gostar, desde nova, de mandar sinais contraditórios para as pessoas.

Capítulo 23

Foi enquanto eu caminhava para casa depois de acompanhar Heather ao ponto de ônibus, após ela insistir que eu não dirigisse, pois eu estava, na opinião dela, “chateada”, que suas palavras entraram em minha cabeça. Finalmente, com um momento para pensar sozinha, ouço você me agradecer por deixar a carta ontem à noite. Um alarme começa a soar e paro no meio do caminho. Há algo realmente aterrorizante em ouvir que você fez algo que não fez. Primeiro, acho que você está enganado. Sei que está enganado. Eu tentei te dar a carta da sua esposa em muitas ocasiões e você a devolveu ou me pediu para lê-la. Ela está na tigela dos limões, porque você é azedo, nós dois concordamos nisso. Mas. Mas. Você disse *ontem à noite*. Você me agradeceu por entregar a carta *ontem à noite*.

Ainda acho que não era eu, porque eu estava um caco ontem, bebendo para encontrar o gênio no fundo da minha garrafa de vodca. Talvez sua esposa tenha entregado outra carta e você acha que levei para você, mas não mencionou isso quando nos encontramos ontem à noite, na mesa de seu jardim, o que me leva a pensar que foi entregue a você *depois* da nossa reunião. E eu saberia se sua esposa fosse responsável porque estava acordada até as seis da manhã, bebendo, e teria ouvido o barulho, eu a teria visto — pior, teria atravessado a rua e a convidado para assar cookies.

— Bom dia, Jasmine — cumprimenta o dr. Jameson, todo radiante. — Olha, eu estava pensando em fazer uma pequena festa no dia de Solstício de Verão. Um churrasco na minha casa para comemorar este belo verão que estamos tendo. O que você acha? Não tive resposta do rapaz do número seis, vou tentar de novo agora.

Ele me olha e faz uma longa pausa.

Minha mente acelera, bate em tique-taque, digerindo os fatos.

— Você está bem, Jasmine?

De repente, saio em disparada, começo a trotar e depois a correr, atravesso os irrigadores do sr. Malone e entro em casa. Uma vez lá dentro, com o peito ofegante, fico parada e procuro por pistas. A sala ainda é uma cena do crime daquele círculo do desastre, a cozinha é uma versão infantil de cena do crime com marcas de giz de cera e massinha seca grudada na mesa, nas cadeiras e no chão. A tigela de limão. A tigela de limão está vazia. Não de limões e de suas chaves de casa, mas da carta. Pista número um.

Subo as escadas e observo atentamente meu quarto pela primeira vez. Minha cama foi feita às pressas, mas parece normal. Na minha mesa de cabeceira está a garrafa de vodca vazia e... a carta que Amy escreveu para você, aberta. Mergulho na cama e agarro a carta. Devo ter lido em algum momento entre as duas e seis da manhã. Provavelmente mais perto de seis da manhã. Horas que agora não me lembro. Eu estava à procura de um caminho, de mim mesma. Buscando inspiração, algumas palavras de motivação e amor. Mesmo que fossem de outra pessoa. E, ao abrir a carta que Amy escreveu à mão para você, encontrei:

Matt,

Tome jeito.

Amy

Isso me enfureceu. Eu me lembro disso. Havia chorado de decepção com Amy, com o mundo. E? Não consigo lembrar o que fiz depois. Eu achava que tinha caído no sono, mas por que a carta que você diz estar aí estava aqui e não na sua casa?

Estreito os olhos e vasculho o quarto. Deve haver alguma pista. Sob minha penteadeira, vejo uma bola de papel amassado. Vejo uma lixeira cheia de bolas de papel amassado. E de repente tenho medo de olhar mais de perto. Mas preciso.

Eu me ajoelho e, suspirando, desembrulho uma bola de papel amassado.

Querido Matt,

Não posso conversar com você cara a cara sobre te deixar. Achei que você não ouviria...

— Ah, não — resmungo. — Jasmine, sua idiota. — Vasculho cada pedaço de papel, lendo diferentes versões da mesma frase de abertura, algumas completamente diferentes, e versões bêbadas horrendamente inapropriadas do que acho que Amy deveria ter dito para você, o que acho que te motivaria, e constrangedoramente meus sentimentos de ódio em relação a você. Não faço a mínima ideia de qual versão conseguiu cruzar a rua, mas estou feliz por nenhuma dessas que li freneticamente ter conseguido sair deste quarto.

O que eu quero fazer é me jogar dramaticamente na minha cama e uivar. Eu deveria atravessar a rua e admitir tudo o que fiz na minha estupidez alcoólica. Você vai entender. Mas não consigo, e não faço. Pensei que meu dia não pudesse ser pior; mas a verdade é que poderia, e foi. Preciso recuperar a carta, desfazer essa burrice, arrumar um emprego, parar de agir como uma louca.

A campainha toca e o susto é tão grande que consigo ouvir o som em minha cabeça e latejando no meu coração mesmo depois de muito tempo. Sinto como se tivesse sido pega no flagra. Imobilizada como um cervo diante dos faróis de um carro, fico parada em meu quarto, congelada, sem saber o que fazer. Você leu a carta. Fui pega.

Olho pela janela e vejo sua cabeça. Eu me recomponho e desço as escadas. Vou admitir tudo. Vou fazer a coisa certa. Abro a porta e dou um sorriso nervoso. Você está com as mãos na cintura, com uma expressão nada boa. Mas cede por um instante.

— Você está bêbada de novo? — você pergunta.

— Não.

Silêncio.

— Você está?

— Não.

Convencido, você volta à sua cara irritada.

— Você viu as pessoas entrando na casa do dr. J?

Estou confusa. O que isso tem a ver com a carta?

Eu tento encontrar a ligação.

— Se estiver bêbada, pode falar — diz você.

— Não estou.

— Não vou me importar. Só vai ficar mais fácil me comunicar com você. Posso mudar a construção das frases. Falar mais devagar.

— Não estou bêbada, caralho. — Perco a paciência.

— Tudo bem. E então? Você viu as pessoas entrando e saindo?

— Por quê? Ele está fazendo uma festa e você não foi convidado? — digo, me sentindo mais relaxada agora que não fui pega. Ainda.

— Ele está fazendo alguma coisa, até aí tudo bem. A cada meia hora. Desde o meio-dia.

— Meu Deus, você precisa mesmo arrumar um trabalho — comento, percebendo que você se parece comigo.

— Uma mulher chegou às três. Ficou meia hora. Depois saiu, então um homem chegou às três e meia, depois foi embora logo antes das quatro, e um casal chegou às quatro e meia. Aí...

— Sim, acho que já entendi o negócio da meia hora.

Ambos cruzamos os braços e observamos a casa do dr. Jameson.

Na casa ao lado, o sr. Malone lê *The Field*, do John B. Keane, para a sra. Malone, que está sentada em uma cadeira com um cobertor nos joelhos. Ele faz uma boa atuação. Todo dia, ele lê por quinze minutos, volta a cuidar do jardim e depois retorna para continuar de onde parou. Ele tem uma boa voz para a leitura. A sra. Malone sempre olha para o horizonte com um olhar distante, mas o sr. Malone continua, em seu tom bem-humorado, comentando sobre o tempo e o jardim e seus próprios devaneios, como se estivessem tendo uma conversa animada. Semana passada foi Jackie Collins; ele gosta de misturar um pouco. É lindo ver como ele lida com isso, mas me deixa triste.

Um carro embica na esquina da minha rua sem saída; meu coração acelera e meu estômago se retorce antes mesmo que eu o veja. Mas sei que é ele. Ou sinto que é ele. Ou espero que seja ele. Toda vez que alguém se aproxima de mim ou da casa, espero que seja ele. Monday abre a porta do carro.

— Bem, se esta manhã não o fez desencanar de você, nada vai fazer — diz você, e eu sorrio.

Monday sai do carro e, dando passos largos com suas pernas compridas, gira as chaves do carro em volta do dedo.

Torço para você entender o recado quando te olho pedindo para ir embora, mas você não entende. Ou entende, mas não sai. Você tem de provar uma coisa antes.

— Oi — diz Monday, aproximando-se de nós.

— Esqueceu alguma coisa? — diz você brincando, sem malícia.

Monday sorri e me olha diretamente nos olhos, agora com sua ternura e sensibilidade, meu estômago dá cambalhotas.

— Na verdade, sim.

— Estamos observando a casa do dr. J — diz você, explicando a situação da meia hora que tanto te preocupa. Monday fica ao meu lado e também assiste, com o braço encostando no meu, e não consigo me lembrar por que estamos olhando para aquela casa em vez de nos concentrarmos na eletricidade que atravessa meu corpo com um simples toque dele. Monday observa a casa e contendo meu impulso de tomar cada parte dele, roubando olhares quando posso, aqueles olhos cor de mel com manchas verdes observando a casa do dr. Jameson. Então, quando acho que estou segura para olhar um pouco mais, de repente ele se vira e põe aqueles olhos nos meus. Ele me lança um olhar provocativo, como se soubesse que me pegou no flagra, depois faz uma cara para você, testando sua intensidade nessa vigília da casa do doutor.

— Bem ali. Ali! — diz você de repente, acabando com nosso momento, e se afasta da parede — Viram?

— Humm — responde Monday, descendo a calçada para ver de perto a mulher de aparência suspeita que caminhava pela rua. — Isso não é nada bom.

— Eu te disse — diz você em concordância, aliviado por alguém estar do seu lado. — Foram todos os tipos de pessoas — informa você. — De aparência muito estranha, a maioria delas.

— Talvez ele esteja entrevistando diaristas — digo.

— Você gostaria que ela limpasse sua casa? — você pergunta.

— Ela daria um bom trato na sua casa — interfere Monday, e só posso sorrir ao ver vocês dois se unindo como os detetives da vizinhança.

— Talvez ela não esteja aqui por causa do dr. J — aponto, observando-a.

A mulher usa um agasalho da Adidas e tênis novos. Ou ela está bêbada ou usa drogas. Acho que drogas; tem cara de quem usa heroína.

— Poderia ser uma fã sua — digo.

Ela examina as casas, olhando para os números, e vai parar na casa do dr. Jameson. Monday vai até a rua para olhar mais de perto. Você o segue. Vou junto, pois o que mais eu poderia fazer? Atravessamos a rua e decidimos nos sentar à sua mesa, de onde podemos ter uma visão melhor da casa do dr. Jameson e ouvir qualquer sinal de problema. Pelo menos, é isso que vocês decidem depois de uma rápida discussão sobre arrombarem ou não a casa. Vocês planejam uma história sobre o que vão dizer se tiverem de chamar a polícia. Um plano de resgate que deixa os dois muito animados.

— Você já leu a carta? — pergunto a você, casualmente.

— Que carta?

— A que eu te dei.

— Não. Ainda não.

— Eu estava pensando. Eu quero ler para você. Sabe, se for isso que você quiser.

Você me olha pensativo, meio suspeito. Monday também.

— É melhor se você não estiver sozinho. Quem sabe como você vai reagir. Você está indo tão bem, não quero que vá direto para o pub, só isso. Você deveria ter alguém lá; senão eu, pelo menos alguém. — Sei que você não pediria isso a mais ninguém, mas isso te deixa menos desconfiado, que é o que acontece, e você parece genuinamente agradecido.

— Obrigado, Jasmine.

— Por que você não me dá a carta agora?

— Agora?

— É. — Dou de ombros, com naturalidade. — Para tirar isso da frente. — Olho para Monday para explicar. — A esposa dele o deixou. Ela deixou um bilhete. Ele não quer ler. O que está certo. — Volto a olhar para você. — *Eu* deveria ler. Você deveria me dar a carta.

Monday esconde um sorriso por trás dos dedos. Ele tem dedos compridos e lindos. Dedos de pianista.

— Bem, não agora — diz você, um pouco incomodado com a minha pressão.

— Por que não?

— Estou de olho no dr. J.

— Eu leio enquanto você observa. — Claro que não. Vou queimar assim que você me der. Vou trocar a carta falsa rapidinho pela verdadeira. Prefiro me salvar a me preocupar com você lendo aquela carta horrível.

— As crianças. Eu não quero que elas ouçam.

Estou prestes a dizer que as crianças estão bem longe, mas elas estragam meu plano. Os loirinhos surgem do jardim da casa número seis com a testa franzida.

— O que foi? — pergunta você, indo até eles.

— O que você fez? — Monday me pergunta, com a expressão divertida.

— Nada — respondo, com cara de paisagem.

Ele ri e balança a cabeça, faz um ruído como se eu fosse uma garota danada. Eu gosto e não consigo deixar de rir. Ele me conhece e gosto disso. Fazia tempo que alguém não me conhecia tão bem. Além de você, é claro, que chutava minha placa de não perturbe quando eu não estava prestando atenção.

— Ele não comprou nenhum — diz Kris.

— Ele é o único da rua — complementa Kylie.

— O que ele não comprou? — pergunto.

— Nosso perfume. Fizemos com pétalas e água.

— E grama.

— E uma aranha morta.

— Legal — digo.

— Você comprou duas garrafas — você me informa. — Você me deve cinco pratas.

Só então percebo que montaram uma barraca à porta da casa, que consiste em uma mesa dobrável e uma cadeira coberta por uma toalha de mesa quadriculada vermelha. Há garrafas de uma substância marrom com objetos flutuantes e uma placa anuncia a garrafa por cinquenta centavos. Por que te devo cinco pratas é um mistério, mas, considerando que forjei uma carta da sua mulher que te abandonou, vou deixar essa passar.

— O que ele disse? — pergunta você às crianças, nervoso.

— Quem? — pergunta Monday para mim, sem deixar sair um som.

— Número seis. Homem de Negócios. Inquilino — respondo, depois volto às crianças, completamente entretida.

— Na verdade, nada. Ele estava no telefone. Aí disse “não, obrigado”, e fechou a porta.

— Aquele atrevido de uma figa — diz você, e as crianças dão risadinhas. — Esse homem está começando a me irritar. — Você bufa, e posso ver suas mãos fechando os punhos.

— Eu também. Toda manhã o cumprimentava desde que chegou aqui, e ele nunca nem olhou para mim — acrescento.

Monday dá risada.

— Vocês precisam mesmo arrumar um emprego. Estão deixando tudo mexer demais com vocês.

— Então arrume um emprego para ela, Monday — diz você, com aquele brilho maquiavélico nos olhos.

— Essa é a ideia, Matt — responde ele, encontrando seu olhar.

— Talvez você devesse levá-la para jantar. Por causa do trabalho — sugere você, e sei o que está insinuando, assim como Monday, mas ele continua tranquilo.

— Se isso funcionar — concorda ele, porém um pouco menos confiante.

Não quero que você o faça ir embora continuando com isso. Eu me viro para você para continuar meu caso.

— E tudo o que ele tinha a fazer era dar um dinheirinho para as crianças que trabalharam tão duro para fazer o perfume. Ele ao menos pediu para sentir o cheiro?

— Não — Kris se ofende.

— Bem, isso é maldade — digo.

Isso deixa você ainda mais fúido da vida, e eu sabia que funcionaria, pois era minha intenção.

— Eu vou até lá — você comunica.

— Bom para você — eu incentivo.

— O que você vai dizer? — pergunta Monday, com um sorriso no rosto e uma perna por cima da outra, de jeans rasgado, e um buraco na coxa mostrando a pele dele.

— Só que ele deveria considerar ser mais educado se vai viver em uma vizinhança. Eles só têm sete anos — você explica.

— Acho que você está se importando mais que eles — diz Monday.

— E ele não responde ao convite do dr. J para o churrasco do Dia de Solstício — acrescento. — E o dr. J só quer fazer o bem.

Monday sorri e franze a testa para mim ao mesmo tempo, tentando me decifrar.

Isso é suficiente para convencê-lo a ir até lá.

Estou animada. Você deixou a porta da frente aberta. Enquanto discute com o Homem de Negócios, posso entrar de fininho, encontrar a carta que escrevi e destruí-la. É o plano perfeito.

— Você. Vem comigo — ordena você, de repente.

— Eu?

— Sim. Você.

— Sim, Jasmine — complementa Monday, apoiando-se na mesa com a mão no queixo enquanto me olha preguiçosamente, maliciosamente, sabendo que está destruindo qualquer que seja meu plano. Ele está jogando comigo, o que eu não me importaria se fosse de outra forma. Consigo pensar em diversas maneiras como Monday poderia brincar comigo, mas não assim.

— Você não precisa da minha ajuda — digo, ignorando Monday — São seus filhos. Você pode falar por eles sem mim.

— Vai, Jasmine — insiste Monday.

Sei que perdi minha chance de destruir a carta. Jogo um olhar de pura reprovação para Monday que o faz cair na risada. E, mesmo me irritando, isso me faz gostar ainda mais dele, porque está preparado para me contestar. Ele não pisa em ovos perto de mim, nem tenta me agradar. Ele vai me testar, revidando na mesma moeda. Monday quer jogar.

— Vou ficar de olho na casa do dr. J. — Ele pisca para mim.

— O que você vai dizer? — pergunto, nervosamente, à porta do número seis.

— Vamos dizer exatamente o que eu falei que diria. Sobre comportamento de vizinho.

— Certo. — Engulo em seco. Nenhum de nós é exatamente o candidato perfeito para pregar esse tipo de coisa.

Podemos ouvi-lo falando ao telefone dentro de casa. Você aperta a campainha de novo, segurando com força. Não é uma ligação de trabalho. Ele está rindo, parece casual. Nem é importante. Ele está falando sobre rúgbi. Alguns apelidos. Liggo e Spidey, e os caras. Ele está falando sobre um jogo. Sua raiva cresce a cada minuto, e não fico atrás. Ele nos espia pela janela e continua conversando.

— É um dos vizinhos de novo — diz ele, com as palavras vazando pela janela aberta.

Você sai furioso em direção à janela aberta e, quando parece que está prestes a entrar, o Homem de Negócios é salvo pelo chamado de Monday.

— Ei!

Olhamos para trás e vemos Monday correndo na rua, atrás da mulher que deixou a casa do dr. Jameson.

Você e eu corremos atrás dele.

— Tire suas mãos de mim! — ela grita com Monday, que se abaixa para escapar dos tapas e socos dela.

— Ai! Caramba! — grita ele, quando ela o atinge algumas vezes. — Relaxa! — diz ele, e ela se acalma e para de bater nele. Ela dá um passo afastando-se, com olhar cauteloso, mexendo a mandíbula como se fosse uma vaca ruminando capim.

— Parece que você tem algo debaixo do seu agasalho que pertence ao meu amigo — diz Monday.

— Não, não tenho.

— Acho que tem. — Ele sorri, com aqueles olhos esverdeados iluminados.

— Estou grávida.

— Quem é o pai? A Apple? A Dell? — insinua Monday. Finalmente consigo ver a barriga dela e me seguro para não rir. Há uma protuberância em formato retangular debaixo do agasalho.

— Espere um minuto — você interrompe, falando sob sussurro. — Talvez não devêssemos olhar.

— Por quê? — pergunto.

— Porque talvez — você se vira de costas para a mulher, que parece considerar uma fuga, e fala com o canto da boca — talvez ela tenha ganhado isso do dr. J, se é que me entendem.

— Você acha que ela ganhou uma caixa de drogas em formato de laptop do dr. J? — pergunto, e Monday tosse para disfarçar a risada quando você olha para ele.

O dr. Jameson aparece, com uma xícara de chá em um pires na mão.

— Iurruuu!

— Ah. O traficante em pessoa — diz Monday, com ar conspiratório, e preciso rir.

A mulher tenta sair bamboleando. Monday a alcança e segura seu braço enquanto ela grita “abuso” e o acusa de assédio sexual.

Dr. Jameson se aproxima deles, ainda segurando o chá.

— Mags! Só fui preparar um chá. Você já está indo embora?

Há um empurra-empurra entre Monday e Mags, e de repente algo cai por entre as pernas dela.

— Acho que a bolsa dela estourou — digo, enquanto todos olhamos para baixo e vemos o laptop do dr. Jameson no chão.



Você, eu e o dr. Jameson estamos sentados à mesa do seu jardim de entrada, vendo Monday consertar o laptop, que ficou um pouco arranhado, e ouvindo o dr. Jameson explicar o anúncio que colocou no jornal local.

É de partir o coração; ele colocou um anúncio no jornal buscando companhia para o Natal.

— Carol morreu com sessenta e um anos; jovem demais. Jovem demais. Nunca tivemos filhos. Como vocês sabem, não consegui tomar jeito até que fosse tarde demais. Nunca vou me perdoar por isso. — Os olhos dele estão cheios de lágrimas e sua mandíbula se esforça para controlar a emoção. Monday para de trabalhar no laptop e se concentra nele. — Tenho oitenta e um anos. São vinte anos sem ela. Dezesete Natais sozinho. Eu costumava ir à minha irmã, mas ela faleceu, que Deus a tenha. Eu não queria passar mais um Natal sozinho. Ouvi falar em um rapaz no meu clube de golfe que colocou um anúncio no jornal procurando uma diarista. Ela e ele são praticamente inseparáveis hoje. Não daquela forma, é claro, mas pelo menos ele tem alguém. Todos os dias. Agora, não quero alguém todos os dias, não necessariamente, mas pensei que, talvez, no único dia em que não posso tolerar a solidão, talvez eu pudesse encontrar companhia, alguém que se sentisse da mesma forma. Deve haver outras pessoas que não queiram estar sozinhas no Natal.

Isso é inimaginavelmente triste e ninguém na mesa tem uma palavra sábia a dizer, nem mesmo tenta convencê-lo do contrário. O homem está solitário, ele quer companhia: deixe-o encontrá-la.

Posso ver que isso te toca. É claro que sim. Sua esposa o deixou, levou seus filhos com ela e, se você não conseguir reconquistá-la de alguma forma, vai passar seu primeiro Natal sozinho. Talvez você não fique fisicamente sozinho, não como o dr. Jameson; alguém, um amigo, vai te convidar para passar em casa, mas mesmo na companhia de amigos você provavelmente vai se sentir mais sozinho do que nunca. Posso ver que está pensando nisso. Talvez sejam você e o dr. Jameson juntos, sentados na cabeceira de sua mesa de mogno, esforçando-se para conversar, ou ainda, com os pratos no colo, assistindo aos especiais de Natal na TV.

O timing de Amy não poderia ser melhor. Ela chega para buscar as crianças. Como sempre, ela não sai do carro para falar com você; permanece lá dentro, com óculos escuros, olhando para a frente, esperando as crianças entrarem no carro. Fionn está ao lado dela; ele também não reconhece sua presença. Você tenta falar com ela, mas ela não abre a porta. Suas batidas insistentes e expressão suplicante fazem com que ela abra um pouco a janela. É triste assistir. Não sei o que você está dizendo, mas não flui. É uma tentativa desconexa de começar uma conversa. Uma conversa educada com a mulher que você ama. As crianças vêm correndo, animadas, com as mochilas nas mãos. Elas dão em você um abraço rápido e, ao entrarem no carro, anunciam que prenderam uma viciada em heroína. Sua expressão é de dor. A janela sobe rapidamente. Amy vai embora.

Tento coagi-lo a pegar a carta para que eu possa ficar com ela, mas não funciona. Você está magoado demais para isso agora. Bolo um plano. A Operação Tigela de Limão será concluída assim que você apagar as luzes esta noite.

Capítulo 24

Observo sua casa a noite toda. Vigio como um falcão, mais do que nunca, o que já diz alguma coisa. Vejo você na sala de estar, com a luz acesa enquanto vê televisão. Algum programa esportivo, posso dizer pela maneira com que você se levanta da cadeira, ansioso, e depois se senta, decepcionado. Cada vez que você se levanta para andar pela casa, fico com medo de pegar a carta, mas você não pega, você honra sua palavra e respeito isso em você, apesar do que fiz e o que estou prestes a fazer não demonstrarem esse respeito. Mas você não sabe disso.

Embora fique ligada só de pensar na ideia do que estou prestes a fazer, a ressaca e a noite maldormida de ontem fazem com que seja difícil manter meus olhos abertos, ficar alerta. O remédio para dor de cabeça me deixa ainda mais sonolenta e as cinco xícaras de café me despertam, mas também me deixam enjoada e exausta. Finalmente, perto da meia-noite, as luzes da sala se apagam e vejo você subindo as escadas. Estou pronta para agir, mas então, as luzes do quarto se acendem e ficam acesas, assim como a TV, e sei que será uma longa noite. Caio no sono. Às três da madrugada, acordo, vestida, e olho pela janela para ver sua casa. As luzes estão todas apagadas.

Hora de entrar em ação.

A rua toda está quieta, todos em sono profundo, inclusive o Homem de Negócios. Especialmente o Homem de Negócios, que tinha uma reunião importante pela frente na manhã de segunda-feira. Atravesso a rua e vou direto para a sua porta com a carta original, agora manchada de vodca e Coca-Cola, e as suas chaves da tigela de limão. Pensei na possibilidade de um alarme de segurança, mas, durante os oito meses em que o vi entrar e sair, não vi nem sinal de um, e certamente haveria um código junto com as chaves. Enfio cuidadosamente a chave na fechadura e ela gira com facilidade. Estou dentro. Tiro os sapatos e fico de pé à entrada, com meus olhos se ajustando à escuridão e o coração palpitante. Não entrei simplesmente escondida na casa de alguém, tenho um plano, tive a noite toda para elaborar um plano. E trouxe uma lanterna.

Começo pela mesa do hall de entrada. O balcão está cheio de envelopes, contas abertas e fechadas, e um cartão-postal da tia Nellie, que está se divertindo à beça em Malta. Checo a gaveta, nenhum envelope.

Vou para a cozinha, que está surpreendentemente organizada. Poucas xícaras e pratos na pia que você deixou para lavar pela manhã, mas nada ofensivo. Sua fruteira tem três bananas pretas e um abacate verde. Nenhuma carta. Vasculho com calma as gavetas da cozinha. Todo mundo tem uma gaveta de inutilidades na cozinha, e encontro: toalhas de jogo americano, cardápios de delivery, pilhas, contas, novas e velhas, uma licença de TV, cartões velhos de aniversário, fotos tiradas pelas crianças. Nenhuma carta. Há uma lousa sem nada escrito, provavelmente inutilizada desde que Amy saiu de casa. Nenhum bilhete, nenhum recado, listas de compras, nenhuma comunicação necessária porque você está sozinho. Sinto muito por você, vivendo sozinho nesta casa vazia que costumava ser tão cheia de vida. Penso no homem que Amy deixou e não tenho pena nenhuma dele, ele mereceu, mas me compadeço de você. Isso me motiva a encontrar a carta.

Sigo para a sala de TV. Ela cheira a café e vinagre, o que condiz com as sacolas que vi você trazer do carro às oito da noite, quando eu estava prestes a entrar na sua casa da primeira vez. Foi uma boa lição. Isso me ensinou a esperar, a ser paciente. Acendo a lanterna na estante da sala. Livros, DVDs — você gosta de romances policiais. Vejo até *Uma dupla quase perfeita*. As prateleiras estão cheias de porta-retratos, fotos de família, bebês, férias, viagens de pesca, praia, primeiros dias de escola. Eu me pergunto por que Amy não as levou consigo e vejo isso como um sinal de que ela vai voltar, até que minha lanterna ilumina as paredes vazias com manchas encardidas e percebo que tudo *isso* foi o que ela deixou para trás, incluindo você. Fico surpresa ao ver um diploma de Psicologia em seu nome e uma foto sua emoldurada, você vestido com a beca de formatura, segurando o canudo. Mas, quando penso em como você me olha às vezes, na forma como tenta me decifrar como se enxergasse minha alma e como gosta de me analisar, e a todo mundo, até que faz sentido. Você me olha sorrindo por baixo do seu chapéu de formatura, como se tivesse acabado de dizer alguma grosseria. Seu rosto era rechonchudo, até naquela época.

Penso ouvir uma movimentação no andar de cima e congelo; desligo a lanterna, seguro minha respiração no silêncio da noite e escuto. A casa está em silêncio. Volto a acender a lanterna e continuo procurando nos buracos da escrivaninha de home-office, que dá vista para o jardim dos fundos. Fotos antigas, seguro do carro, cupons, chaves aleatórias, nenhuma carta. Quis evitar subir as escadas por motivos óbvios. É meu último recurso, minha pior das hipóteses, mas, para uma casa de família está surpreendentemente organizada, sem pilhas de papelada ou cartas acumuladas. Talvez eu deva ir para o andar de cima. Tento pensar em onde você guardaria algo assim. Não em um armário de documentos, seria clínico demais, muito impessoal. Você estava ansioso para lê-la, o que significa que a manteve guardada em algum lugar próximo, onde pudesse olhar regularmente, tocá-la, voltar para vê-la. Se não estiver no bolso de seu casaco, que está pendurado na escada, então preciso subir. Não está em seu casaco.

Respiro fundo e penso ouvir outro barulho nos fundos da casa, na cozinha, e seguro minha respiração, com medo de que alguém me ouça soltar o ar. Estou começando a ficar em pânico, preciso soltar o ar e meu pulso soa tão alto em meus ouvidos que me impede de ouvir o barulho da sala ao lado, então expiro lentamente, uma respiração longa e trêmula. Isso é ridículo, sei que é. Eu deveria estar em casa, na cama, e não escondida na sua casa. Vê-la todas essas noites, de alguma forma, me fez sentir que eu tinha esse direito; talvez eu seja uma *stalker*, talvez seja isso que todos os *stalkers* sintam, que suas ações são absolutamente normais. Mas depois penso em ter de explicar para você sobre a carta e não consigo, então subo o primeiro degrau, determinada. Ele range no mesmo instante e congelo. Dou um passo para trás. Deve haver algum lugar no andar de baixo onde eu possa encontrar a carta em vez de invadir seu quarto enquanto você dorme, o que seria um outro estágio de bizarrice. Então tenho um pensamento, uma lembrança antiga, de algo que você disse sobre como largou a bebida.

— *Tenho uma foto do meu pai na geladeira. Isso me ajuda toda vez que vou abri-la para pegar uma bebida.*

— *Que gracinha.*

— *Não mesmo. Ele era um alcoólatra descontrolado. A foto está ali para me lembrar que não quero ser como ele.*

Redireciono a lanterna para o hall de entrada e entro certeira­mente na cozinha. Acho que a geladeira é minha resposta. Estava cheia de desenhos e certificados de academia, mas não procurei pela carta. Levanto a lanterna para iluminar a porta da geladeira e vejo o envelope, o envelope verdadeiro com a carta falsa, e me encho de alegria, quando de repente, BUM! Algo forte atinge a lateral da minha cabeça, principalmente meu ouvido, bate no meu rosto e me derruba. Caio como um saco de batatas, com as pernas fracas, gemendo de dor no chão. Ouço passos nas escadas e tudo em que consigo pensar é que fui atacada por um bandido. Atrapalhei um assaltante e agora você desce as escadas, em perigo e confuso, e preciso alertá-lo, mas primeiro preciso pegar a carta da geladeira e trocá-la pela original. Eu poderia fazer isso, não fosse a dor que estou sentindo em minha cabeça e a viscosidade no meu rosto.

— Eu disse para você esperar! — Ouço você berrar, e fico confusa.

Você também está participando disso? Do assalto da sua própria casa? Penso em fraude do seguro e em como pisei num território perigoso, e se você estiver metido nisso — e deve estar, já que você se comunica com seu cúmplice que acabou comigo, que parece ter entrado na casa pela porta de trás da cozinha —, estou correndo um grande perigo. Eu deveria correr. Mas primeiro devo trocar a carta na porta da geladeira. Levanto minha cabeça do chão e sinto tudo rodar embaixo de mim. Embora a sala continue escura, a luz do luar alcança o reflexo do vidro no piso de azulejo. Ela ilumina a geladeira e tenho um lapso surreal em que acredito que a lua, que o universo está do meu lado, iluminando o caminho para mim, me guiando. Mas não consigo me mexer.

Eu gemo.

— Quem é? — pergunta você.

— Não sei. Só acertei o cara.

— Vamos acender as luzes.

— É melhor chamar a polícia primeiro.

— Não. Podemos cuidar disso sozinhos, dar uma lição nesse sujeito.

— Eu não concordo...

— Oras, dr. J, por que cargas-d'água temos uma vigília da vizinhança se não podemos...

— *Vigília*, não amarrar e *torturar*.

— Com o que você o acertou? Meu Deus, uma frigideira? Eu falei para você pegar um taco de golfe.

— Ele veio mais rápido do que eu esperava.

— Espere, ele está tentando fugir. Está escorregando...

De repente, a luz se acende. Estou no pé da geladeira, a poucos centímetros da carta. Se eu esticar meu braço, o que estou fazendo, posso quase, *quase* alcançá-la.

— Jasmine! — você grita.

— Ah, por Deus. Ah, por Deus — diz o dr. Jameson.

A luz é tão clara que não consigo ver nada, e minha cabeça... *Nossa*, minha cabeça.

— Você acertou a Jasmine?

— Bem, eu não sabia que era ela, sabia? Meu Deus do céu.

— Está tudo bem, querida — diz você, e ambos tentam me levantar e me carregar para longe da geladeira, o que me faz gemer, mas não só de dor. Posso ver a carta cada vez mais longe de mim enquanto você me carrega da cozinha para o sofá. Eu estava tão perto.

— O que ela está dizendo? — pergunta o dr. Jameson, aproximando sua orelha mole e gigante da minha boca.

— Ela está dizendo algo sobre a geladeira — explica você, colocando minha cabeça em uma almofada, cheio de preocupação.

— A geladeira, ótima ideia, Jasmine. Vou pegar gelo. — Dr. Jameson se apressa.

— Ela vai precisar de pontos?

Pontos?

Você me examina e posso ver os pelos loiros acobreados do seu nariz. Um pelo grisalho chama minha atenção e tenho vontade de puxá-lo.

— Qual frigideira você usou? — pergunta você ao dr. Jameson.

— Antiaderente, alumínio Tefal — responde ele, retornando com as provisões para minha cabeça.

— Eu tenho o conjunto inteiro. Cinco cupons do SuperValu e você só precisa de mais quinze euros. Faço a melhor rabanada nessa frigideira — diz ele, com o rosto próximo ao meu, concentrado. O hálito dele tem cheiro de bala.

— Jasmine, mas que merda você estava fazendo? — pergunta você, incrédulo.

Eu pigarreio.

— Usei as minhas chaves, pensei que tivesse alguém invadindo sua casa. Devia ser o dr. J — explico, com a voz fraca, fechando os olhos, enquanto ele cuida da minha cabeça. — Ai.

— Desculpe, querida. Não fui eu porque chamei o Matt assim que vi sua lanterna — desmente o dr. Jameson.

— Jasmine — diz você, com a voz baixa em sinal de advertência. — Desembuche.

Eu suspiro.

— Te dei a carta errada. Da Amy. A que eu te dei foi uma que eu escrevi. Para outra pessoa. Confundi as duas. Troquei os envelopes.

Abro um olho para ver se você engoliu a história.

Você está de braços cruzados, me olhando de cima a baixo, avaliando minhas palavras. Está usando uma camiseta velha das Olimpíadas de 92 em Barcelona e um calção listrado. Parece não estar convencido de minha história, mas não completamente. Ela ainda poderia funcionar. De repente, você se afasta e vai até a cozinha.

— Não abra! — grito, e isso só deixa minha cabeça pior.

— Espere, não se mexa — aconselha o dr. Jameson. — Estou quase acabando.

Você traz o envelope. Não gosto da sua cara. É aquele olhar maquiavélico. Você bate o envelope na palma da sua mão, lenta e ritmicamente, enquanto anda de um lado para o outro à minha frente. Você vai brincar comigo.

— Então, Jasmine. Você invadiu minha casa...

— Eu tinha a chave.

— ... para recuperar uma carta que você diz ter escrito para outra pessoa. Por que você simplesmente não me disse isso?

— Porque eu tinha medo de você abrir. É muito pessoal e não confio em você.

Você levanta o dedo.

— Plausível. Muito bem. Eu *teria* lido mesmo.

Dr. Jameson me instrui a segurar o saco de ervilhas congeladas na minha cabeça e, ao me sentar para te confrontar, ele se senta ao meu lado.

— Isso também é plausível para mim — concorda ele. Ele está descabelado como quem acabou de acordar, com as sobrancelhas bagunçadas, sapatos de couro e uma jaqueta de náilon que nunca vi antes, obviamente as primeiras coisas que pegou ao sair da cama.

— O quê? Estou sendo julgada aqui?

— Sim — diz você, apertando os olhos enquanto caminha. Você é tão dramático.

— Tem certeza de que minha cabeça continua no lugar? — pergunto ao dr. Jameson.

— Seu pescoço dói?

Mexo o pescoço.

— Sim.

Ele se aproxima e começa a apalpar meu pescoço.

— Está doendo aqui?

— Sim.

— Está doendo aqui?

— Sim.

— Está doendo aqui?

— Sim.

Você para de andar e me olha.

— Para quem era sua carta?

Eu faço uma pausa. Avalio a situação. Sei que você vai checar.

— Matt — digo.

Você ri.

— Matt.

— Sim.

— Mas que coincidência.

— Por isso a confusão.

Você estende o envelope para mim e tento pegá-lo. Está bem diante de mim, a milímetros dos meus dedos, quando você puxa de volta e rasga o envelope.

— Não! — resmungo, cobrindo minha cara com uma almofada.

— Leia em voz alta — pede o dr. Jameson. Jogo a almofada nele e procuro outra para me esconder.

— *Querido Matt* — você lê, com aquele seu olhar malicioso e a voz recheada de sarcasmo. Mas, à medida que você lê silenciosamente o que vem pela frente, o sarcasmo acaba. Você pausa, olha para mim e continua lendo com sua voz normal.

— *Todos nós temos momentos marcantes em nossa vida, períodos que influenciaram mudanças pequenas ou profundas dentro de nós. Posso pensar em quatro momentos transformadores para mim: o ano em que nasci, o ano em que soube que ia morrer, o ano em que minha mãe morreu e agora tenho um novo, o ano em que te conheci.*

Cubro meu rosto. Começo a me lembrar de tudo.

— *Ouvi sua voz todos os dias, escutei as palavras repulsivas que compõem seus pensamentos de mau gosto e te julguei. Eu não gostava de você. No entanto, você é prova de que é possível achar que se conhece alguém sem nunca conhecer de verdade. O que aprendi é que você é mais, mais do que finge ser, mais do que acredita ser. Você não é nada menos que terrível a maior parte do tempo, mas ser menos do que acredita ser acabou afastando as pessoas. Acho que às vezes você gosta de fazer isso e também entendo. Pessoas magoadas magoam as pessoas.*

Você pigarreia e te espio por uma frestinha entre minhas mãos, achando que talvez você possa chorar.

— *Mas, quando você pensa que ninguém está ouvindo ou que ninguém está prestando atenção, você é muito mais que isso. É uma pena que você mesmo não acredite nisso, nem demonstre isso para as pessoas que você ama.*

Na parte seguinte, sua voz falha e olho para você. Você está genuinamente comovido, e fico feliz, mas estou terrivelmente constrangida. Observo você ler.

— *No ano em que te conheci, conheci a mim mesma. Você deveria fazer o mesmo, porque acho que vai encontrar um bom homem.*

Você para de ler e há um longo silêncio na sala.

— Muito bem, muito bem — diz o dr. Jameson, com os olhos brilhando.

Você pigarreia.

— Bom, tenho certeza de que, quem quer que seja esse Matt, ele vai ficar muito agradecido com suas palavras.

— Obrigada — digo em sussurro. — Espero que sim.

Eu me levanto para tirar a carta de sua mão e, ao fazer isso, você se recusa a largá-la. Acho que você está brincando comigo, mas, quando encontro seus olhos, percebo que está sério. Sua mão acaricia a minha. Você faz que sim com a cabeça, me agradecendo, um agradecimento sincero e comovido.

Retribuo com um sorriso.

Capítulo 25

Estamos no meio da nossa segunda onda de calor neste verão. Também estamos no meio de uma seca; o governo cancelou a oferta de água por algumas horas todos os dias e, se alguém for visto usando uma mangueira para lavar o carro, o jardim, um cachorro ou a si mesmo, corre o risco de ser enforcado em praça pública. Ou algo do tipo.

Os registros de pessoas faltando ao trabalho estão em alta esta semana, com os parques lotados de corpos seminus, o cheiro de protetor solar e churrasco no ar, e ônibus lotados de pessoas alegres do centro da cidade até a costa, de ponta a ponta.

Caroline e eu nos olhamos em um silêncio longo e impaciente à mesa do jardim, ambas claramente querendo dizer algo, mas mordendo a língua. É um sábado lindo e estamos sentadas sob um guarda-sol no jardim da casa dela; é a primeira vez que a vejo desde que Heather organizou a intervenção em minha vida inerte. O que nos trouxe a este momento foi mais uma das minhas ideias que ela recusou. Eu sugeri que ela mudasse o nome da ideia dela para “Troca de Vestidos”, para dar um apelo mais internacional. Sei que ela sabe que faz sentido, mas ela tem dificuldade em abrir mão de sua logomarca inteligente e do fato de esse novo nome não ser ideia dela. Eu entendo isso, mas o que temia que acontecesse está realmente acontecendo. Ela reconheceu meu sucesso nessa área, que foi o motivo pelo qual me procurou em primeiro lugar, e não há nada errado nisso, exceto que ela está em busca apenas do sucesso. O que ela falhou em levar em consideração é o motivo pelo qual meus projetos funcionaram: porque injetei minhas sensibilidades, minha paixão, minhas ideias e meu coração, e não segui cegamente as ordens de outras pessoas. Eu sei que isso nunca vai funcionar com a gente. Hoje entendo como é que eu funciono; como quero trabalhar e como preciso trabalhar. E, apesar de provocar uma conversa desconfortável, é uma que eu poderia ter de forma madura se fosse uma pessoa com a qual eu não tivesse laços emocionais, mas não com Caroline, minha amiga de dez anos, em cujo jardim estou sentada, cuja cabeça segurei enquanto vomitava, cujos peitos ajudei a desinchar com folhas de repolho, cujas lágrimas sequei quando seu casamento terminou, e cujo cupcake feito por suas filhas estou comendo agora. Levamos esse tempo para nos encontrarmos desde o círculo de suporte na minha casa e sei que é porque nenhuma de nós quer conflito ou um confronto, mas, ao mesmo tempo, não estamos preparadas para deixar passar.

— Caroline — digo, delicadamente, e seguro sua mão. Ela se mexe desconfortavelmente na cadeira. — Acho que talvez seja melhor desfazermos essa parceria de trabalho.

Com isso, ela joga a cabeça para trás e cai na gargalhada, e sei que estamos bem.



O sol continua brilhando e parto para o Bloom, o maior evento de jardinagem, gastronomia e família na Irlanda, que acontece no Phoenix Park no fim de semana do feriado e atrai milhares de pessoas. Há shows de culinária e artesanato, dicas gratuitas de jardinagem dos especialistas,

produtos irlandeses, entretenimento ao vivo, workshops de jardinagem. Minha pequena fatia do paraíso, e fui convidada por Monday, que deixou o ingresso na minha caixa de correio junto com uma campânula roxa seca entre as páginas do convite. O único contato que tivemos desde aquele dia foi um telefonema no qual ele me permitiu falar apenas o suficiente para aceitar o convite e então me dizer, misteriosamente, que eu saberia onde encontrá-lo. Acho que a flor é uma pista. E é mesmo. Preocupado que ele passasse a noite no Phoenix Park enquanto eu rodava a cidade em busca de pistas falsas, ele me manda uma mensagem de texto dizendo “A campânula é uma pista”, o que é ridiculamente fofo.

O evento tem áreas para crianças, gastronomia, palcos principais e palcos menores com chefs fazendo demonstrações de receitas, o público reunido, degustações, dançarinos irlandeses, barracas de artesanato e shows de moda. O parque está fervilhando com evento atrás de evento, algo para todo mundo. À minha volta, paisagistas premiados criaram mundos completamente novos em seus pequenos pedaços de terra. Há um jardim escandinavo afiado e elegante, um jardim japonês, um jardim chinês, um jardim de *O Mágico de Oz*, alguns divertidos, outros esquisitos, outros de tirar o fôlego, todos me levando para outro mundo. Apesar de o meu coração estar explodindo de vontade de vê-lo, aproveito para caminhar por ali, sem querer perder nenhuma pista, e também aproveitando a atmosfera. Nesta época, no ano passado, eu não teria pensado em vir aqui, não teria considerado este evento apropriado para alguém como eu, a não ser que eu estivesse ali para trabalhar, a não ser que estivesse vendendo alguma ideia e com olhos no prêmio final. E, se eu estivesse aqui sob essas circunstâncias, teria perdido a beleza do lugar. É quase um clichê ouvir as pessoas falando sobre “desacelerar”, mas é verdade. Eu desacelerei e, desacelerando, hoje vejo muito mais.

É quando vejo uma paisagem irlandesa recriada com muros de pedra de Connemara e um trailer — passando a ideia de “passar as férias em casa”, típica das férias irlandesas no verão — que sinto estar chegando perto. Há um campo de campânulas roxas, reluzindo como um tapete, conduzindo os olhares para além das paredes de pedras, dos pântanos e do lago... e lá está ele. Monday está de pé em frente a um trailer dos anos 1960, estacionado na grama alta como se estivesse ali, abandonado, há anos. A porta está aberta e há uma persiana de flores balançando com a brisa.

Eu paro ao lado do portão enferrujado.

— *Fáilte*, Jasmine — diz ele, com um sorriso despretensioso no rosto, e também sinto certo nervosismo.

Eu rio.

— Venha, entre. — Ele faz um gesto e, quando empurro o portão para abri-lo, ele range perfeitamente, embora não seja real. Sigo por entre as campânulas roxas altas que forram o caminho, intercaladas com as flores fofas e brancas que perfumam o ar com seu aroma: salgueirinha e rainha-dos-prados. É um dia quente e, para a ocasião, estou usando um vestido de verão florido, embora a estampa seja mais pop art do que bucólica. O aroma da rainha-dos-prados dá lugar ao de alho pungente quando o alho selvagem chega ao meu nariz. Ao me aproximar, ele vê o calombo causado pela frigideira do dr. Jameson e segura meu rosto em suas mãos, preocupado e nervoso.

— O que aconteceu?

— Um acidente.

— Quem fez isso? — A expressão dele é séria, preocupada, irritada.

— O dr. J. É uma longa história...

— O quê?

— Um acidente. Tem a ver com a carta... — Mordo o lábio.

Ele sorri e faz um movimento de negação com a cabeça.

— Sinceramente, nunca conheci ninguém como vocês três... — Ele beija meu machucado carinhosamente. — Nunca conheci ninguém como você, ponto. — Ele segura minha mão, com o polegar acariciando minha palma, o que me deixa arrepiada, e me leva para o trailer. Espio lá dentro e vejo que a mesa foi posta para o almoço.

— Você faz isso para todas as pessoas que agencia?

— Depende da comissão.

— Posso imaginar o que você dá a elas quando recebe uma comissão de verdade — provoco. — Agora eu realmente queria aquele emprego.

Ele me encara com um olhar que faz meu coração palpitar e tento acalmar meu interior agitado para nos sentarmos à mesa do pequeno trailer, com os joelhos tocando a mesa dobrável.

— Então, em vez de sempre ir à sua casa, pensei em trazer você à minha e mostrar um pedaço de onde eu venho.

— Monday, isso é lindo. E incrivelmente encantador.

Ele fica vermelho, mas continua.

— E, já que estamos em clima caseiro, eu trouxe as coisas que cresci comendo. — Ele abre os potes. — Amoras, morangos silvestres. A gente costumava colher essas frutas para minha avó fazer geleia. Torta de maçã — ele revela as delícias, pote por pote. — Pesto de alho selvagem com pão preto quentinho.

Minha boca saliva.

— Você fez tudo isso?

Ele fica novamente sem graça.

— Sim, mas são receitas da Maimeó. À prova de idiotas. Minha mãe não sabe cozinhar nem em caso de vida ou morte, então para o almoço eu tinha... — Ele gesticula com uma lancheira do Super-homem. — Sanduíches de salada.

— Uau.

— Eu sei. Ela era um desastre. Ainda é. Foi Maimeó quem me criou. Mulher forte, veio das ilhas Aran quando minha mãe engravidou de mim, apesar de ser uma Aran de coração e de a distância quase tê-la matado. Ela me levava lá sempre que podia.

— Ela ainda é viva?

— Não.

— Sinto muito.

Ele não diz nada, apenas começa a dividir a comida.

— Sua casa é muito mais calma do que a minha da última vez que você esteve lá. Desculpe pela reunião...

Preciso tocar no assunto.

— Não se desculpe. Sinto muito que tenha sobrado para você. Aquela mulher que trabalha com sua irmã, Jamie, me disse que seria uma surpresa. Pensei que você fosse gostar.

— Com certeza você não achou que eu fosse gostar.

— Não te conheço muito bem, Jasmine. Mas quero conhecer. — Sem corar desta vez, apenas com seus olhos de cor de esmeralda. — Como está o seu ex?

— Ai, meu Deus. Monday. Sinto muito por isso. Sério!

— Você não precisa se desculpar. Não estávamos... Não havia nada... — Mas posso ver que isso o deixou magoado.

— E me desculpe pela entrevista. — Cubro meu rosto com as mãos. — Não comecei muito bem, não foi? Se tudo o que tenho a dizer pra você é que sinto muito.

— Eu entendo sobre a entrevista — diz ele. — Posso entender que você quis acompanhar Heather. Era só me dizer, sabe? Eu liguei várias vezes. Poderia ter tentado mudar a data.

— Eu sei. — Eu me encolho. — Eu não sabia o que te dizer.

— A verdade sempre funciona para mim. — Ele dá de ombros, com tranquilidade.

— Está bem. Sim. Desculpe.

— Pare de pedir desculpas.

Concordo com a cabeça.

— Será que você ainda quer ser meu headhunter? — Tento, fragilmente. — Sou uma pessoa confiável...

— Tenho uma ótima oportunidade para você — responde ele, servindo creme de leite sobre meus bolinhos cobertos de geleia de morango.

— É? — Eu me reacendo.

Ele para o que está fazendo e me dá aquele olhar.

— Que tal um homem negro de Connemara com um metro e oitenta e três, cabelos escuros, olhos verdes e o rosto coberto de sardas? Um em um milhão. Na verdade, um em 4,7 milhões.

Meu coração flutua.

— Eu aceito — digo, e ele se inclina para me beijar, um beijo longo e delicioso como eu sempre

imaginei que seria.

— Seu cotovelo está na geleia — digo sussurrando, com os lábios encostados nos dele.

— Eu sei — responde ele sussurrando também.

— E você não tem um metro e oitenta e três de altura.

— Shhh — sussurra ele de novo, me beijando. — Não conte para ninguém.

Rimos juntos ao final do beijo.

— Então agora é minha vez de me desculpar — diz ele, brincando com meus dedos. Não sou pequena, mas minhas mãos parecem minúsculas perto das dele. — Desculpe por ter demorado tanto para...

— Tentar alguma coisa? — completo.

— Sim. — Ele finalmente me olha nos olhos. — Sou mesmo muito tímido — diz ele, e acredito. Para alguém tão confiante quando se fala em trabalho, ele é cativantemente desajeitado para esse tipo de coisa. — Eu usava o trabalho como uma desculpa para continuar vendo você enquanto tentava criar coragem, e, toda vez que eu tagarelava sobre o trabalho, estava tentando descobrir se você diria não ou ria da minha cara. Obviamente, não costumo jantar na casa dos meus clientes.

— Ou ajudá-los com o chafariz do jardim.

Ele dá risada.

— Ou isso. Ou ajudá-los a espiar o vizinho.

— Você não foi nada tímido na hora de organizar isso — aponto.

— Estou mais para um homem de grandes gestos — explica ele, e rimos. — A história do ex-namorado me deu o empurrão de que eu precisava.

Eu me encolho novamente.

— Ele quer... você de volta?

— Sim — respondo, séria.

— Ah.

— Ele me ligou à uma da manhã esses dias cantando *Bootie Call*, do All Saints. Ele canta como um coroinha.

— Ah — diz ele, em tom leve, menos preocupado.

— Então obviamente você tem muito com o que competir — acrescento.

— Talvez um concurso de calouros — sugere ele. — Sabe, assim que vi seu cabelo vermelho coberto de adubo e folhas, eu soube que queria você. O trabalho só me deu tempo. Então nada disso foi perda de tempo, se é com isso que você está preocupada.

Nós nos beijamos de novo e eu poderia facilmente ir morar naquele trailer com ele para sempre, apesar de nenhum de nós dois conseguirmos ficar de pé sem ter de abaixar a cabeça, mas ouvimos

vozes à janela quando outro grupo contempla o jardim.

— Ei, comprei algo para você. — Ele esfrega o nariz e coça os olhos, com um nervosismo repentino, e fala de forma incoerente. Acho isso tão cativante que simplesmente fico sentada assistindo com um grande sorriso no rosto, sem fazer nada para ajudá-lo. — É para seu jardim — explica ele, envergonhado. — Mas, se você achar bobagem, posso devolver, sem problemas. Não é caro, eu vi e pensei em você, pensei que fosse gostar, quer dizer, não conheço ninguém que goste tanto de jardim quanto você, além da minha mãe, que literalmente mora em um... Enfim, posso devolver se você não gostar.

— Monday, que forma mais linda de apresentar alguma coisa — comento, sarcasticamente, colocando a mão em meu coração.

— Pode se acostumar — diz ele, delicadamente, e então alcança algo debaixo da mesa e me dá de presente para o jardim. Ele cobre o rosto com suas mãos para não ver minha reação — Você gostou? — pergunta, com a voz abafada.

Eu beijo as mãos dele. Ele as deixa cair em seu colo e sua expressão insegura dá lugar a um sorriso aliviado.

— É lindo.

— Eu não diria *lindo*.

— É perfeito. Obrigada.

Nós nos beijamos no meio do trailer de Connemara no Phoenix Park com uma placa surrada de jardim que diz:

Milagres só crescem onde você os planta.

Capítulo 26

Monday e eu estamos deitados em minha cama. É agosto. São dez da noite e as cortinas estão abertas. O céu ainda está claro. Posso ouvir as crianças ainda brincando nas ruas aqui perto. Meu jardim ainda está cheio de vida. Ainda há sons de vida e atividade ao nosso redor, um cheiro de churrasco no ar. Estou em uma bolha de felicidade, deitada ali nua com Monday, me banhando na glória e no contentamento pós-sexo. Estou olhando para o céu, maravilhada com seus tons de vermelho.

— Céu vermelho à noite — começo a dizer, e então seu rosto aparece de repente à janela. — Ahhhhh! Arrrrrrrggghhh!

Monday quase tem um ataque cardíaco, dou um pulo e tento me cobrir, ficando toda enroscada.

— Jesus Cristo! — grita Monday ao ver você.

Você começa a rir, uma risada de lunático depravado, e posso ver pelos seus olhos acesos que você está bêbado.

— Que treliça boa, viu? — você grita, batendo à janela, e estou começando a me arrepender de ter montado a treliça na parede da minha casa que leva à janela do meu quarto, da qual rosas trepadeiras, uma planta perene que dá flores vermelhas efêmeras, estão crescendo na frente da casa.

Monday resmunga.

— Acho que ele está bêbado.

— Você acha?

Olho para ele.

— Vai — diz ele, cansado. — Vai lá fazer o que quer que seja que vocês dois fazem às dez da noite de uma quinta.

Abro a porta da frente de robe e encontro você sentado à mesa em seu jardim. Você está vestindo um smoking.

Assobio.

Você me xinga.

Ao ver a porta da sua casa aberta, guardo suas chaves no bolso e me sento.

— Pelo jeito ele finalmente deu um trabalho para você — diz você, e então dá aquela risada nojenta que sai do seu peito de novo. Você também voltou a fumar esta noite.

— Você se esqueceu de cortar sua grama hoje — digo.

— Pode ficar com suas opiniões para você, Delia Smith.

— Ela é uma chef.

— Foda-se.

Você está bravo esta noite, Matt, de volta ao ponto onde tudo começou. Você termina sua garrafa de cerveja e a arremessa do outro lado da rua. Ela quebra na minha calçada. Monday olha pela janela, vê que estou bem e então some de novo.

— O que aconteceu?

— Fui ao prêmio das estações de rádio. Não fui indicado para nada. Eu estava pê da vida. E falei isso para eles. Também disse algumas coisas sobre outras pessoas que não estão me apoiando como tinham prometido. Disse tudo ao microfone, no palco, para todo mundo ouvir o que eu tinha pra dizer, bem alto. Os organizadores não gostaram do meu comportamento. Então eles me expulsaram dali.

Dois passos à frente, um para trás. É a mesma coisa para nós dois. Deve ser natural. Ninguém ou nada é perfeito. Eu não o julgo, pelo menos não em voz alta. Você continua descendo a lenha no trabalho, nas pessoas que trabalham no mundo. É difícil acompanhar; você começa e para, abandona as ideias antes que elas sejam totalmente desenvolvidas. Seu processo de pensamento é uma indicação da situação em que você se encontra agora. De certa maneira, concordo com você. Já senti parte das coisas que você diz no último ano, e ainda me esforço para encontrar meu lugar todos os dias. A sociedade é construída em torno da indústria, você diz, só as crianças e os aposentados relaxam e a porcentagem de pessoas que sofrem um infarto pouco depois de se aposentarem preocupa você. Você acha que vai morrer de tédio e deixa um alerta para o dr. J sobre isso.

Você está penando para encontrar um emprego; na verdade, essa busca está se provando impossível. Sua licença está para terminar, você está oficialmente desempregado. Você já foi disputado, mas agora está longe de ser uma mercadoria desejada. Você está na lista negra. Pelo jeito, ninguém quer contratar um cara de cabeça quente como você com o potencial para tanta notoriedade, e aqueles que demonstram interesse querem você pelos motivos errados, querem explorar seu lado sombrio, transformar você em uma paródia de você mesmo. Mas isso não vai trazer Amy de volta, e é um lado seu com o qual nem você se sente confortável. Você já teve reuniões intermináveis com seu agente, que não retorna tantas ligações quanto antes, que está passando mais tempo com uma estrela em ascensão na TV com dentes brancos. Ele é adorado por donas de casa, motoristas de caminhão são capazes de tolerá-lo. Você jogou um copo d'água nele esta noite e, quando ninguém estava olhando, ele te levou para fora, fingindo que queria ter uma discussão madura, e em vez disso deu um soco no seu queixo, arrumou o smoking Tom Ford e voltou lá para dentro com seu sorriso plástico para apresentar um prêmio. Suas palavras. Você espera que ele morra de alguma doença venérea. Você tenta fazer uma lista de todas elas.

Então você passa a falar do locutor que ganhou o seu prêmio, o prêmio que você ganhou por seis anos sem interrupção, um homem que fala sobre pássaros e jardinagem no ar. Também sei que você está tentando me magoar por causa dos meus novos interesses, mas não mordo sua isca. Agora já conheço seus truques. Quando você está magoado, quer magoar os outros. Não vai funcionar comigo.

Então você começa a falar do Homem de Negócios, que recentemente pediu que você e Amy baixassem o volume quando estavam tendo uma discussão pesada na rua à noite, e, como resultado, agora se tornou seu principal alvo de ódio. Você especula que ele adora ter reuniões sobre reuniões, adora o som da própria voz e faz discursos intermináveis sobre seu amor por plugues para o ânus e

outras coisas que você inventa na hora.

Entro em sua casa e volto com um rolo de papel higiênico.

— Tenho uma ideia — digo, interrompendo o discurso de ódio sobre o Homem de Negócios.

— Não estou chorando — diz você com raiva, ao ver o papel higiênico. — E já caguei. Nas suas rosas.

— Por favor, Matt.

Você me segue para o outro lado da rua. E finalmente sorriu ao ver o que estou fazendo e se junta a mim, animado. Passamos dez minutos desenrolando o papel higiênico por todo o jardim do Homem de Negócios, rindo tanto que quase fazemos xixi na calça, cobrindo a boca com as mãos para não fazermos barulhos demais e acordá-lo. Nós enroscamos o papel higiênico ao redor dos galhos da castanheira e deixamos pedaços pendurados como se fosse um salgueiro-chorão. Decoramos as floreiras com o papel, e tentamos amarrar um laço gigante ao redor da BMW dele. Nós enroscamos o papel ao redor do pilar da varanda da frente e então cortamos pedacinhos como confete e os espalhamos pela grama. Ao terminarmos, nós nos cumprimentamos com um *high five* e nos viramos para encontrar Monday e dr. J de olho na gente. Monday está descalço, de jeans e camiseta, lindo e levemente animado, mas tentando não dar risada. O dr. Jameson está usando seu traje de emergência para sair para a rua — um conjunto de malha meio brilhante e sapatos engraxados — e parecendo realmente preocupado com nosso bem-estar.

— Ele está bêbado, mas não sei qual é a sua desculpa — diz Monday, os braços cruzados no peito. — Estou falando sério, vocês dois precisam arrumar um emprego.

— Espero começar na segunda-feira, Monday — diz você, e então ri com sua piadinha esperta. Você olha para os pés descalços dele — Ah, então você também gosta disso.

— Disso o quê?

— Do truquezinho da Jasmine. Eu a vi fazer isso uma vez. No meio da noite. Chorando. No inverno, já que ela é uma vaca louca mesmo.

Monday dá risada.

— Eu sabia! — berro. — Eu sabia que você estava me observando naquela noite. Mas eu não estava chorando.

— Não, naquela noite, graças a você, parecia que sua casa tinha vomitado grama.

Não consigo resistir e caio na risada, mas estamos falando alto demais, então Monday e o dr. J nos levam para longe da casa do Homem de Negócios para que ele não acorde e veja como decoramos o jardim dele.

Ignorando o conselho do dr. Jameson de ficar de sapatos, você anda à nossa frente, chutando seus sapatos de couro e jogando suas meias fedidas em minha direção. Você decide se arraigar à terra, e realmente colocar os pés no chão, mas fazendo uma dancinha hippie que faz todo mundo cair na risada, querendo ou não. É tudo muito engraçado até você pisar em um caco da garrafa quebrada que você tacou do outro lado da rua.

O dr. Jameson sai correndo para socorrer.

Outono

A estação entre o verão e o inverno, e que no Hemisfério Norte compreende os meses de setembro, outubro e novembro.

Um período de maturidade.

Capítulo 27

Monday, você e eu nos sentamos em fileira no sofá, comendo waffles holandeses na sala de estar imaculada do dr. J, que cheira a manjerição e limão por causa da fileira de vasilhinhos de pés de manjerição no beiral da janela e do limoeiro no canto, que está pegando sol. O cachorro está deitado preguiçosamente e olhando para nós com um ar de tédio. Não é a primeira vez que estamos todos aqui; na verdade, é o terceiro sábado seguido que estamos presentes nas entrevistas dele para acompanhantes no dia de Natal.

Não somos tão cruéis assim: nós mesmos convidamos o dr. J para o Natal. Você convidou primeiro, embora esteja tentando ganhar pontos com a Amy, que ainda está brava com você, esperando por um sinal de que você esteja fazendo um esforço, de que é um homem mudado, de que está de volta aos eixos de novo. Esse bilhete que ela escreveu, aliás, em vez de acabar com você, como eu achei que aconteceria, na verdade, lhe deu esperança. Aparentemente é um bilhete que ela escreveu algumas vezes antes em momentos diferentes de sua vida juntos, um deles quando você tentou pedi-la em casamento três vezes, mas perdeu a coragem. Você vê o bilhete dela como uma intervenção, um tipo de círculo de apoio para seu casamento. Você lê entre as linhas esparsas que há uma pista escondida indicando que, na verdade, ela vai voltar para você, mas já é agosto e vocês ainda não conversaram direito. Você acha que ela deveria encarar o convite feito ao dr. Jameson como prova de que você mudou, mas em vez disso ela viu sua gentileza como falta de reflexão, a falha de colocar sua família em primeiro lugar, para variar, sempre pensando sobre suas próprias necessidades, um sinal de que você não queria estar com ela no dia de Natal. Ela tinha uma lista comprida de coisas a dizer, eu a ouvi gritando com você certa noite, uma noite em que até o Homem de Negócios achou melhor não reclamar. Tenho certeza de que o dr. Jameson ouviu tudo também, o que tornou seu convite mais fácil, porém mais embaraçoso, de negar. O fato de seu vizinho e amigo mais próximo não poder convidá-lo para o jantar de Natal deve ter sido um golpe ainda mais violento para ele, e vejo que o dr. J parece mais velho de uma hora para outra, mais cansado, apesar de tentar parecer que está se divertindo com tudo.

— Pelo menos ela está falando com ele — Monday havia dito enquanto estávamos acordados na cama, ouvindo a discussão à mesa do jardim, pensando, na presunção de nosso relacionamento tão novo, que jamais poderíamos falar assim um com o outro.

Mas você abordou o assunto no momento errado. Seu escândalo no prêmio de estações de rádio tinha ido parar nos jornais de novo e você acabou afundando qualquer chance de um bom emprego que esperava ser oferecido das rádios rivais. Você é um risco alto demais. Em vez de receber a oferta que esperava, você foi convidado por uma rádio local menor, que transmite seus programas apenas em Dublin, mas pelo menos para ter seu próprio programa, o *Show do Matt Marshall*, do meio-dia às três da tarde, para falar sobre os assuntos do dia. Você vai ter de se comportar direitinho. Você começou há duas semanas, e gentilmente deu um jeitinho para que Heather trabalhe em seu escritório uma vez por semana, algo que discutimos quando você veio à reunião do círculo de

apoio dela. O novo programa significa que você está ganhando bem menos e não tem aquela equipe toda ao seu redor, então voltou ao básico e Amy vai voltar a trabalhar. Apesar de você ter sido obrigado a aceitar, a mudança vai ser boa para vocês dois. Eu sei.

Não estou mais escutando o que a moça à minha frente está dizendo. Dizer que ela é uma hippie new age seria falta de educação e de consideração, mas atualmente ela mora em uma árvore para tentar impedir que a construtora a arranque de lá porque é o habitat de uma espécie rara de caracol. Eu admiro as crenças dela: os caracóis precisam de pessoas como ela para protegê-los de pessoas como eu, mas ao mesmo tempo ela está impedindo que a construtora comece a construir um hospital infantil muito necessário. Eu queria que as pessoas lutassem com tanto afinho pelas crianças quanto pelos caracóis. Não acho que o dr. Jameson sinta compaixão pelos caracóis como ela espera: eles comem a alface da horta dele. Não é por isso que não consigo me concentrar: é a presença de Monday ao meu lado, tão perto que consigo sentir o calor através da camiseta dele, que é macia e fina e quase transparente. Olho de relance para a esquerda e dou uma olhadinha para o mamilo dele. Ele me pega no flagra e me olha de um jeito que eu já conheço, cheio de desejo, e eu penso “mas que desperdício desperdiçar isso”. Ele esfrega a palma da minha mão com o polegar, só uma vez, e então de novo, e já é o suficiente. Eu quero o Monday. Ele olha para mim como se me quisesse aqui e agora. E eu aceitaria se não soubesse que você faria comentários do começo ao fim.

É setembro e o tempo está abafado, pesado, como se estivéssemos prestes a ter uma tempestade; tempo de dar dor de cabeça, do tipo que deixa os animais — e você — malucos. Espero que chova porque meu jardim precisa ser regado. Do outro lado da rua, o sr. Malone está sentado sozinho na cadeira no jardim, uma xícara de chá nas mãos que está ali faz pelo menos uma hora. Se ele não piscasse de vez em quando, eu acharia que ele estivesse morto, mas ele fica assim na maioria dos dias desde que a sra. Malone morreu; um segundo derrame arrancou a vida dela há três semanas. Eu a imagino arrancando os matinhos do jardim, ajoelhada em sua saia xadrez, e então me lembro dela depois do derrame, sentada no jardim com o sr. Malone lendo para ela, e agora eu não vejo nada, só ele sozinho, e sinto vontade de chorar.

Monday olha para mim de novo, preocupado, e aperta minha mão, e meu desejo por ele aumenta ainda mais. Ele ainda não veio morar comigo oficialmente, mas bem que poderia, já que dorme aqui a maior parte das noites, e tem até mesmo uma sessão só para ele no guarda-roupa e uma escova de dentes e barbeador ao lado da minha. Nas noites em que ele não fica comigo — quando dizemos um para o outro que precisamos ter calma, ver nossos amigos, passar algum tempo longe —, é uma tortura, e olho para essas coisas e queria que ele estivesse comigo. Ele tem um cachorro, Madra, um labrador fêmea dourada que age como se fosse a dona do pedaço, que já se apoderou da minha poltrona favorita, o que, por mim, está tudo bem enquanto me deito com Monday no sofá, e ela fica comigo mesmo nas noites em que ele não está aqui, o que meio que acaba com o propósito desse exercício. Às vezes você ainda precisa de mim à noite, mas não é como antes. Em certas noites, eu olho pela janela e espero ouvir o barulho do seu jipe chegando rasgando pela rua com Guns N’ Roses no último volume, mas nada é mais como antes.

Convido o dr. Jameson para passar o dia de Natal comigo, apesar de que, se ele quisesse me substituir naquele dia, também seria ótimo, já que devemos passar o Natal com a mãe excêntrica de Monday em Connemara e o dia 26, o dia de São Estevão, em Dublin com minha família. Nós tivemos

uma reunião esta semana para discutir como Heather gostaria de fazer a ceia de Natal, já que é a primeira vez que Jonathan vai se juntar a nós. Nós duas vamos fazer um curso de culinária juntas para aprender a preparar a ceia de Natal perfeita. Nem Monday nem eu estamos muito animados com o Natal. Se eu pudesse ter Heather só para mim, seria um sonho, mas não posso. O dr. Jameson nos lembrou de que ter aborrecimentos em família é melhor que ficar sozinho. Ao ver o que ele está passando para ter só um pouquinho de companhia em um dia em que tantas pessoas dizem querer ficar sozinhas, tendo a concordar.

— O.k. — Você bate palma bem alto, enquanto ela ainda está no meio de uma frase, incapaz de aguentar a voz dela. Monday e eu damos um pulo; estávamos tão distraídos em nossos próprios mundos. — Acho que já deu — diz você, e Monday dá risada.

A moça olha para você, horrorizada e ofendida, e eu tento acalmar a situação levando-a até a porta com toda a educação.

— E então, o que você acha? — pergunto a ele.

O dr. Jameson olha para mim:

— Eu acho que... Ela cheirava a musgo.

Monday ri de novo. Ele faz isso bastante e acha que não notamos, como se fôssemos um bando de gente esquisita na TV e ele estivesse só nos observando. Ele esquece que, na verdade, podemos vê-lo.

— Bom, falta mais uma pessoa — digo, tentando animar todo mundo. O dr. Jameson parece mais deprimido do que nunca.

— Não. Chega — diz ele baixinho, para ele mesmo. — Chega.

Ele se levanta e vai até o telefone na cozinha. A casa dele não tem o espaço aberto como a minha, e ainda está em seu estado original dos anos 1970, com os azulejos originais e o que parece ser o papel de parede original.

— Não cancele — digo, enquanto ele pega o telefone e procura o bloquinho com o número.

— Qual é o nome dela? — pergunta ele, procurando entre os nomes e números. — Rita? Não, Renagh. Ou seria Elaine? Não consigo me lembrar. — Ele folheia as páginas. — Já foram tantas.

— São quase três horas, dr. J, ela vai chegar logo. Ela já vai ter saído de casa, o senhor não pode cancelar.

— O carro está aqui — diz Monday lá da sala.

O dr. Jameson dá um suspiro cansado e fecha o bloquinho. Posso ver que ele já desistiu, e isso parte meu coração. Ele tira os óculos e deixa-os pendurados na correntinha ao redor de seu pescoço. Vamos todos para a janela da sala, como fizemos com todos os visitantes, e ficamos observando. Um Mini Cooper amarelo e pequenino está parado lá fora. Uma senhora mais velha, usando um chapéu e um cardigã de casimira lilás claro, olha fixamente à frente. Ela é gordinha e parece um urso de pelúcia, dá vontade de apertar.

— Olive — diz ele, de repente, o cansaço sumindo de sua voz e uma leveza assumindo o seu lugar.

— É o nome dela.

Olho para ele, tentando esconder meu sorriso.

Olive olha para a casa, e então dá a partida no carro.

— Ela está indo embora — diz Monday.

— Não está, não — diz você, depois que alguns segundos se passam e ela ainda não arrancou com o carro.

— Ela está só sentada ali — digo.

— Acho que ela está tomando coragem. Se a gente deixá-la ali por um momento, ela provavelmente vai ficar com medo e irá embora — você diz. Isso resolve as coisas para você.

O dr. Jameson a observa por um momento e, sem dizer uma palavra, sai de casa. Nós o vemos andar pelo caminho no jardim e se aproximar do carro.

— Ele vai dizer para ela sair daqui de uma vez — diz você. — Olha só.

Eu suspiro. Seu senso de humor é deliberadamente inapropriado e, apesar de estar acostumada com você e suas nuances, ainda fico cansada com esses comentários.

O dr. Jameson vai até a janela de Olive e dá uma batidinha leve no vidro. Ele a recebe com um sorriso doce e animador, e um olhar gentil que nunca o vi usar antes. Ela olha para ele, as mãos enroscadas no volante com tanta força que os nós dos dedos dela estão brancos. Eu a vejo soltar o volante enquanto estuda o rosto dele, e então ela desliga o motor.

— Acho que deveríamos deixar esses dois sozinhos — digo, e você e Monday olham para mim, confusos. — Vamos.

Enquanto arrasto vocês dois pela entrada da garagem, o dr. Jameson não se opõe à nossa partida. Ele faz um aceno animado enquanto a guia até a casa. Sorrio ao ver que você ficou um pouco magoado com isso.



Mais tarde naquele dia, eu me sento em uma cadeira ao lado do meu pai no nosso centro comunitário local para ver Heather receber sua faixa laranja em taekwondo. A faixa laranja significa que o sol está prestes a nascer, assim como no começo da manhã, mas apenas a beleza do nascer do sol é apreciada, em vez de seu poder incrível. Isso significa que o aluno iniciante vê a beleza da arte do taekwondo, mas ainda não experimentou o poder da técnica. Eu sinto como se merecesse uma faixa também.

Zara está sentada no colo de Leilah, do outro lado do meu pai, e pelo menos uma vez não usamos a menina como uma ponte entre nós.

Heather me vê, fica iluminada de tanta animação e acena. Ela nunca parece nervosa diante dos desafios da vida; ela os encara como uma aventura, que na maior parte do tempo ela mesma cria, o que não poderia ser mais inspirador.

— Pai — digo —, sobre o emprego...

— Tudo bem.

— Bom, eu queria te agradecer.

— Eu não fiz nada. Agora já foi. Outra pessoa aceitou a proposta.

— Eu sei. Mas obrigada. Por pensar que eu seria capaz de assumir a vaga.

Ele olha para mim como se eu fosse boba.

— Mas é claro que você seria capaz de fazer esse trabalho. E provavelmente seria melhor do que o cara que eles contrataram. Mas você não fez o trabalho de aparecer para a entrevista. Isso soa familiar?

Sorrio para mim mesma. É o maior elogio que ele já me deu.

Heather começa sua apresentação.

— Mas, pensando bem, achei isso. — Ele enfia a mão no bolso de trás e tira de lá uma foto levemente amassada nos cantos e moldada pelo formato da bunda dele. — Eu estava olhando umas fotos antigas da Zara e vi essa. Eu achei que você fosse gostar.

É uma foto minha e do meu avô Adalbert Mary. Estou plantando sementes no quintal dele e me concentrando bastante, nenhum de nós está olhando para a câmera. Eu devia ter uns quatro anos. No verso da foto, a letra da minha mãe diz: *Meu pai e Jasmine plantando girassóis. 4 de junho de 1984.*

— Obrigada — sussurro, com um nó na garganta, e meu pai desvia o olhar, desconfortável com minha emoção repentina. Leilah me passa um lenço de papel, parecendo satisfeita, e eu assisto à apresentação de Heather.

Quando vou para casa, coloco a foto em um porta-retratos e a adiciono à minha parede de lembranças na cozinha. A prova de um tempo quando minha mãe ainda estava viva, quando o vovô Adalbert Mary ainda não tinha sido plantado na terra e quando eu ainda não sabia que ia morrer.

Capítulo 28

Meu jardim em novembro não é necessariamente sem graça. Não há uma abundância de flores, mas tenho uma variedade de arbustos herbáceos com galhos coloridos que o deixam mais interessante. Meu jasmim de inverno, minha urze que floresce no inverno, arbustos de sempre-vivas e uma grama elegante que mais parece que tem penas e se mexe como ondas no mar ao menor sinal de uma brisa adicionam movimento, as frutinhas vermelhas trazem cor e a madressilva do sr. Malone é perfumada e colorida. Os ventos fortes de outono começaram a soprar, e chove bastante, então passo a maior parte dos dias recolhendo folhas mortas com o meu ancinho, que uso para fazer adubo. Limpo meu equipamento de jardinagem e guardo tudo para o inverno, com uma dor no peito, e então amarro minhas trepadeiras para protegê-las dos ventos. Meu projeto de novembro é plantar rosas com raízes expostas e minha pesquisa sobre como fazer isso é motivo de entretenimento para Monday. É um assunto sério.

— São apenas rosas — disse Monday, mas elas não são “apenas” nada. E eu disse exatamente a ele o porquê disso e, quando terminei, ele me beijou e me disse, pela primeira vez, que é exatamente por causa disso que está apaixonado por mim. E agora as rosas me fazem lembrar do amor dele por mim.

Mas rosas, como eu e você, também têm seus problemas. Rosas plantadas em solo onde outras foram plantadas por muitos anos tendem a sofrer com doenças. Se você plantar rosas novas nessa situação, é preciso trocar o máximo do solo antigo por solo fresco de outra parte do jardim onde rosas nunca foram plantadas antes. Isso me faz pensar sobre o sr. Malone, tentando crescer exatamente no mesmo lugar onde a mulher dele morreu. Isso me faz pensar sobre qualquer pessoa que está tentando crescer onde alguma coisa, mesmo uma parte delas mesmas, morreu. Todos nós acabamos sofrendo dessa doença. É melhor se mudar, arrancar as raízes e começar de novo; só então poderemos florescer.

Acordo em uma manhã de novembro ao barulho de algo se arrastando vindo lá de fora — um barulho familiar, como unhas arranhando a lousa — e pulo da cama. Isso me leva ao passado, me transporta magicamente para uma outra época da minha vida. Eu me afasto do braço de Monday, que no começo da noite parecia protetor, mas agora é simplesmente pesado e meio morto sobre meu peito, e saio da cama. Olho pela janela e vejo você, puxando a mesa do jardim pela entrada da garagem.

Meu coração para de bater por um segundo, sinto um frio no estômago, não de animação, mas de tristeza e perda, incapaz e despreparada para seguir em frente, para aceitar a mudança e me despedir. Luto instantâneo. Não posso ver você fazendo isso. Coloco um conjunto de moletom e vou lá para fora. Preciso ajudar você a fazer isso. Pego uma ponta da mesa e você olha para mim. Você sorri.

O Homem de Negócios passa correndo. Nós dois erguemos uma mão para acenar. Ele não registra nossa presença. Nós damos risada e continuamos. Nós não dizemos nada, mas mesmo assim trabalhamos bem juntos, manobrando a mesa pesada pela lateral da sua casa e para o quintal. É quase

como um funeral, como se estivéssemos carregando o caixão de um amigo querido. Fazemos isso juntos e sinto um nó na garganta.

Colocamos a mesa no jardim, na área cimentada perto da cozinha, e arrumamos as cadeiras que você já tinha trazido.

— Amy vai voltar — diz você.

— Mas que notícia maravilhosa — digo finalmente, surpresa ao conseguir falar mesmo com o nó na garganta.

— É mesmo — diz você, mas não parece muito feliz. — Não posso pisar na bola.

— Você não vai.

— Não me deixe pisar na bola.

— Não vou — digo, emocionada com a responsabilidade que você me deu.

Você faz que sim com a cabeça e voltamos para o jardim. Fionn está sentado dentro do carro mexendo no rádio, mudando de estação até encontrar uma música que quer.

— Você consertou o rádio.

— Não estava quebrado — diz você, confuso.

— Mas você disse que... Deixa pra lá.

A ficha cai quando você percebe que agora sei que você mentiu para mim.

— A música do Guns N' Roses. — Você suspira. — Meu pai batia em mim e na minha mãe. No dia em que a gente finalmente se livrou dele, no dia em que finalmente o encarei, eu e a minha mãe colocamos *Paradise City* para tocar no último volume e dançamos juntos na cozinha. Eu nunca a tinha visto tão feliz.

É a sua música de liberdade. Eu sabia que significava alguma coisa para você, eu queria que significasse alguma coisa naquelas noites frias e escuras quando você chegava esmerilhando pela rua como se estivesse fora há muito tempo e mal pudesse esperar para ver sua família, mas então sempre se sentia trancado para fora mesmo quando não estava.

— Obrigada por me contar.

— Bom, é melhor que *Love is a Battlefield* — diz você. Meu queixo cai. — O quê? Você acha que eu não escuto você ouvir essa música no talo todos os dias? Quando suas janelas estão abertas, eu consigo te ouvir, sabe, e às vezes até ver você cantando com a escova de cabelo. — Você me imita, fazendo uma dancinha ridícula dos anos 1980.

— Eu não canto com a escova de cabelo — protesto.

Você me dá um sorriso nervoso e vejo que é só uma tentativa de deixar para trás o que você acabou de me contar, é a única maneira que você sabe fazer isso.

— É um tubo de desodorante, você fique sabendo, e sou ótima dubladora.

— Tenho certeza. — Você ri.

Olho para minha casa do outro lado da rua e vejo Monday olhando para a gente da janela do quarto. Ele se afasta ao ser pego no flagra.

— Isso aí está indo bem — diz você.

Faço que sim com a cabeça.

— Hoje é o dia — digo, e ao ver sua expressão confusa, explico: — Minha licença acabou.

Você é pego de surpresa:

— Uau. Olha só.

— Eu pensei que talvez você soubesse, por causa da mesa.

— Não, só parecia a coisa certa a fazer. — Ambos ficamos olhando fixamente para onde a mesa costumava ficar. A grama está amassada onde as pernas ficavam. Dá para ver o solo. Você vai ter de replantar a grama.

— Você já encontrou alguma coisa? — pergunta você.

— Não.

— Mas vai encontrar.

— É.

— Você perdeu sua autoconfiança, mas ela vai voltar — diz você, me dando uma força. E eu sei que não são palavras vazias porque, dentre todas as pessoas, você sabe.

— Obrigada.

— Bom, foi um ano interessante. — Você estende a mão. Eu a encaro, a aceito, aperto sua mão uma vez e então me aproximo e te abraço.

Nós nos abraçamos na grama do jardim, onde a mesa ficava.

— Você nunca me contou o que eu aprontei — diz você gentilmente, no meu pescoço — que te deixou tão brava. Mas acho que sei o que é.

Eu congelo, não sabendo o que responder. Faz muito tempo que não penso em você como aquele homem, aquele homem que odiei por tanto tempo. Nenhum de nós quer sair desse abraço; eu acho que é mais fácil para a gente não ter de olhar para o outro. Você fala no meu pescoço e posso sentir seu hálito quente contra minha pele.

— Foi a sua irmã, não foi?

Meu coração pula e tenho certeza que você consegue sentir isso. Ele me entrega.

— Desculpe.

O pedido de desculpas me choca a princípio, e então não me faz sentir mais nada. E eu percebo que não é o que preciso. Você passou o ano pedindo desculpas para mim, e que não teve nenhuma má intenção para começo de conversa. Não importa mais. Você está perdoado. Eu me desvencilho do abraço, dou um beijo em sua testa, e então cruzo a rua de volta para minha casa.

Madra está cavoucando furiosamente no jardim; esse é um dos pontos nos quais não concordamos. Monday já está vestido e de pé à porta aberta. Ele acena para você, você acena de volta.

— Madra! — berro. — Não! Querido, como é que você deixou...? Ai, as minhas flores!

Ela está cavando ao pé da placa que você comprou para mim, e que diz *Os milagres só crescem onde você os planta*, e fico de joelhos para arrumar a bagunça mas, ao fazer isso, meus olhos pousam sobre uma caixinha na terra. Uma caixinha de metal, como se fosse uma pequena arca do tesouro enferrujada.

— Mas o que é...? Monday, olha só.

Olho para Monday esperando surpresa, mas ele já sabe. Ele sorri para mim. Ele fica de joelhos e acho que ele vai me ajudar a arrumar as flores, mas em vez disso ele me diz:

— Abra.

E eu abro. Ah, e como aceito.



Este ano foi a minha metamorfose. Não por fora. Por fora eu pareço a mesma, um pouco mais velha, talvez. Mas por dentro, mudei. Eu posso sentir. E é mágico. Meu jardim é o espelho de quem sou. Meu jardim, que um dia já foi vazio e estéril e agora está cheio, florescendo, maduro. Ele cresce e prospera. Talvez você possa dizer o mesmo a meu respeito. Eu perdi aquilo que achava que me definia e me senti apenas uma casca. Em vez de tentar recuperá-la, eu tive de descobrir por que não poderia fazer isso sozinha.

O mundo é fascinado por transformações instantâneas, pessoas totalmente mudadas ou pelo passe de mágica disfarçado por uma mesura. Mais rápido que um estalar de dedos, aqui e agora, não pisque ou você vai perder. Minha mudança não foi instantânea, e muitas vezes o ritmo lento da transformação pode ser doloroso, solitário e confuso, mas, mesmo sem que a gente perceba, acontece. Olhamos para trás e pensamos: “Quem era aquela pessoa?”, enquanto durante o processo, pensamos: “Quem estou virando?”. E qual foi o ponto exato em que cruzamos aquela linha, quando uma versão de nós se tornou a próxima? Mas é graças a essa lentidão que nos lembramos da jornada, que preservamos aquela sensação de quem éramos antes, e sabemos para onde estamos indo, e por quê. Quando o destino é totalmente desconhecido, nós valorizamos a travessia.

Não foi apenas minha jornada, nem tudo girou em torno de eu caindo em um abismo e um homem me salvando, apesar de eu ter tropeçado, e você ter caído, e o amor ter acontecido para mim e ter se consertado para você. Isso aqui é sobre eu e você, nossa queda e nossa ascensão com as estações do ano, e sobre o que aconteceu quando uma porta se fechou para nós dois. Não sei se eu seria esta mulher agora se não fosse por você, e pode ser que você ache que nem fez nada. A maior parte das pessoas na vida não precisa fazer *nada* ativamente para nos transformar, ela só precisa *ser*. Eu reagi a você. Você me afetou. Você me ajudou. Você foi a amizade mais improvável, e o ouvido emprestado mais gentil. Você me disse uma vez durante uma daquelas longas, escuras e frias noites de inverno à mesa no jardim, apesar de ficar com vergonha de dizer isso e provavelmente bêbado demais para se

lembrar agora, que você estava trancado para fora no frio e eu sempre te deixei entrar. Eu respondi de um jeito simples naquele momento, mas não tinha percebido o verdadeiro significado das minhas palavras: você me deu a sua chave.

Acho que você fez o mesmo por mim.

Eu te ajudei a me ajudar, você me ajudou a te ajudar, e é o jeito que tem de ser ou a própria ideia de ajudar alguém seria obsoleta. Eu sempre pensei que receber ajuda fosse uma prova de perda do controle, mas você precisa permitir que alguém te ajude, você precisa *querer* que alguém te ajude, e só então essa ação pode começar.

A transformação da crisálida pode levar semanas, meses ou até mesmo anos — a minha demorou um ano. E, apesar de ter me tornado esta pessoa, ainda estou em meio a uma transformação maior, uma que não vou reconhecer quando olhar para trás para mim agora e dizer: “Quem era *aquela* moça?”. Estamos constantemente evoluindo: eu acho que sempre soube disso, mas, porque eu sempre soube disso, eu tinha medo de parar, e é irônico que foi apenas quando parei de vez que mais evolui. Eu sei que a gente nunca para mesmo, nossa jornada nunca está completa, porque nós continuaremos florescendo — assim como a lagarta que pensou que o mundo tinha acabado, e então se tornou uma borboleta.

Conheça outros sucessos de
CECELIA AHERN



P. S. Eu te Amo

Holly e Gerry eram amigos de infância e sempre sabiam o que o outro estava pensando. Até mesmo quando brigavam eles se divertiam. Ninguém conseguia imaginá-los separados. Até que o inesperado acontece: Gerry morre, deixando Holly devastada. À medida que seu aniversário de trinta anos se aproxima, Holly descobre que Gerry havia escrito uma carta para cada mês da nova vida dela sem ele. Com a ajuda de seus amigos e de sua família, Holly consegue rir, chorar, cantar, dançar e ser mais corajosa do que nunca. Ela percebe que a vida deve ser vivida, mas que é sempre bom ter alguém para nos guiar.

Disponível em livro e e-book



A Vez da Minha Vida

Certo dia, quando Lucy Silchester volta do trabalho, encontra um envelope sobre o tapete. Dentro dele, um convite para se encontrar com a sua vida. Ela não pode comparecer ao encontro, pois está muito ocupada desprezando seu emprego, fugindo de seus amigos e evitando sua família. Mas a vida de Lucy não é o que parece, e algumas das escolhas que fez – e das histórias que contou – também não são. Desde o momento em que ela conhece o homem que se apresenta como sua vida, as meias verdades serão reveladas, a não ser que ela aprenda a ser honesta sobre o que realmente importa.

Disponível em livro e e-book



O Livro do Amanhã

Nascida em meio ao luxo, Tamara Goodwin, de 16 anos, nunca precisou pensar no amanhã até o momento em que a morte abrupta de seu pai deixa para ela e para sua mãe uma montanha de dívidas, obrigando-as a se mudar para a casa dos tios de Tamara, em um vilarejo no interior. Solitária e entediada, a única diversão da garota é uma biblioteca itinerante. Ali, ela encontra um livro misterioso. Tamara vê nesse livro anotações feitas com sua própria letra, datadas do dia seguinte. Quando tudo começa a acontecer exatamente como o livro previa, ela percebe que pode ter encontrado a solução para seus problemas. No entanto, Tamara descobre que, apesar de muito tentar, não pode mudar o destino.

Disponível em livro e e-book



O Presente

Executivo bem-sucedido e obcecado pelo trabalho, Lou Suffern é perito na arte da dissimulação. Está sempre cumprindo algum compromisso profissional e, de uma forma ou de outra, enganando sua esposa. Desde que começou a competir por uma importante promoção, mal é visto pela família. Um dia, em uma rara explosão de generosidade, ele arranja um emprego para Gabe, o sem-teto que vive próximo ao seu escritório. A partir desse momento, apesar de sua vida milimetricamente organizada, Lou passará a ver o mundo de outra forma: Gabe lhe mostrará, de maneira surpreendente, que o tempo é um bem precioso e que não deve ser desperdiçado.

Disponível em livro e e-book



Simplesmente Acontece

Desde crianças, Rosie e Alex viviam juntos. De repente foram separados, porque a família de Alex deixou Dublin para morar nos Estados Unidos. A mágica conexão entre os dois amigos permanece, mas será que a amizade conseguirá sobreviver a uma distância tão grande? Os desencontros, as circunstâncias e uma absurda falta de sorte os mantiveram longe um do outro – até agora. Resta saber se eles vão ter coragem de apostar tudo, inclusive a própria amizade que os une, num amor para a vida inteira. Que tipo de surpresa o destino reserva para eles desta vez? *Simplesmente Acontece* é uma história comovente e divertida contada inteiramente na forma de e-mails, SMS, mensagens instantâneas, cartas, cartões-postais...

Disponível em livro e e-book



A Lista

Kitty Logan tem 32 anos e aos poucos está perdendo tudo o que conquistou: sua carreira está arruinada; seu namorado a deixou sem um motivo aparente; seu melhor amigo está decepcionado com ela; e o principal: sua confidente e mentora está gravemente doente. Antes de morrer, Constance deixa um mistério nas mãos de Kitty que pode ser a chave para sua mudança de vida: uma relação de nomes de pessoas desconhecidas. É com base neles que Kitty deverá escrever a melhor matéria de sua carreira. Quando começa a ouvir o que aquelas pessoas têm a dizer, Kitty aos poucos descobre as conexões entre suas histórias de vida – e compreende por que foi escolhida para dar voz a elas.

Disponível em livro e e-book



Como se Apaixonar

Depois de não conseguir evitar que um homem acabasse com a própria vida, Christine passa a refletir sobre o quanto é importante ser feliz. Por isso, ela desiste de seu casamento sem amor e aplica as técnicas aprendidas em livros de autoajuda para viver melhor.

Adam não está em um momento muito bom, e a única saída que ele encontra para a solução de seus problemas é acabar com sua vida. Mas, para a sorte de Adam, Christine aparece para transformar sua existência, ou pelo menos tentar ajudá-lo. Ela tem duas semanas para fazer com que Adam reveja seus conceitos de felicidade. Será que ele vai voltar a se apaixonar pela própria vida?

Disponível em livro e e-book

Visite o nosso site:

www.editoranovoconceito.com.br



Notas

[1] O nome da urze em inglês. (N. T.)

[2] Tambor tradicional irlandês. (N. T.)

[3] Série produzida pela BBC nos anos 1970 sobre uma família que se muda para os subúrbios para tentar levar uma vida autossustentável. (N.T.)

[4] Antiga casa noturna no norte de Dublin, em funcionamento entre 1967 e 1997. (N. T.)

[5] Tradicionais biscoitos britânicos feitos de laranja com uma camada de chocolate por cima. (N. T.)